

4-106.03.01

Bin 14439-8

ISSN 0370-6583

ANO XXXI - NÚMERO 49

1979



IV-159,1,16

RODRIGUESIA

REVISTA DO JARDIM BOTÂNICO

RIO DE JANEIRO

BRASIL

4-106.03.04

Bin: 14439-8

ISSN 0370-6583

Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal

JARDIM BOTÂNICO

RODRIGUÉSIA

ANO XXXI - NÚMERO 49

RIO DE JANEIRO
BRASIL
1979

INVENTARIO - BN

00.206.460-0

Jardim Botânico

R. Jardim Botânico, 1008 — Rio de Janeiro, Brasil

DIRETOR

Osvaldo Bastos de Menezes

ISSN 0370-6583

RODRIGUÉSIA; revista do Jardim Botânico.

a 1 — Junho 1935 — Rio de Janeiro

V. ilust. 22 cm

1. Botânica — Periódicos. I. Rio de Janeiro — Jardim
Botânico

CDD 580.5
CDU 58 (05)

COMISSÃO DE REDAÇÃO

I. de Vattimo

C. T. Rizzini

L. E. Paes

H. de S. Barreiros

SUMÁRIO

VATTIMO-GIL, IDA DE — Contribuição ao conhecimento da distribuição geográfica das <i>Lauraceae</i> IV.	5
FROMM TRINTA, ELZA — Revisão das espécies do gênero <i>Genlisea</i> St. Hil. (Lentibulariaceae) das regiões Sudeste e Sul do Brasil	17
SCHEINER, TEREZA CRISTINA MOLETTA — Museu Kuhlmann, um plano de aproveitamento.	141
RIBEIRO, VERA MARIA LÚCIA, ELENICE DE LIMA COSTA E MARIA ALICE LIMA BARROSO — Catálogo de nomes científicos e vulgares de plantas de porte arbóreo ocorrentes no Brasil	155

CONTRIBUIÇÃO AO CONHECIMENTO DA DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DAS LAURACEAE IV

IDA DE VATTIMO – GIL
Pesquisadora – Jardim Botânico
Rio de Janeiro

Identificando material botânico de *Lauraceae* dos Herbários do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RB); do Museu Nacional do Rio de Janeiro (R); do Museu Goeldi, Belém, PA (MG); do Instituto de Botânica de São Paulo, SP (SP); do Instituto Agrônomo do Norte, Belém, PA (IAN); do Instituto de Pesquisas Agronômicas, Dois Irmãos, PE (IPA); do Naturhistoriska Riksmuseum, Estocolmo (S) e do British Museum of Natural History, Londres (BM), tivemos oportunidade de registrar novas localidades de ocorrência para 39 espécies dos gêneros *Aiouea* Aubl., *Aniba* Aubl., *Cinnamomum* Boehm., *Cryptocarya* R. Br., *Endlicheria* Nees, *Licaria* Aubl. e *Mezilaurus* Taub.

Foi também por nós estabelecida uma nova combinação para o gênero *Cinnamomum* Boehm.: *Cinnamomum stenophyllum* (Meissn.) Vattimo-Gil comb. nov. (Obs.: passamos a acrescentar nosso sobrenome civil Gil, em nossos trabalhos científicos, a fim de evitar confusão com o do Pesquisador Italo de Vattimo, que estuda o gênero *Jacaranda* Juss. – *Bignoniaceae*).

Julgando seu conhecimento de importância não só para estudos fitogeográficos relacionados com *Lauraceae*, mas também para auxílio em levantamentos florísticos, reconstituição de floras locais e trabalhos de interesse para renovação de recursos naturais, damos a seguir a relação das espécies por nós identificadas, acompanhadas das novas localidades, em que foram coletadas, assinalando sempre os herbários em que os exemplares estudados se acham depositados.

A abreviação “ant.”, que aparece às vezes entre parênteses, se refere à grafia antiga das localidades citadas.

CONTRIBUIÇÃO AO CONHECIMENTO DA DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DAS LAURACEAE IV

IDA DE VATTIMO – GIL
Pesquisadora – Jardim Botânico
Rio de Janeiro

Identificando material botânico de *Lauraceae* dos Herbários do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RB); do Museu Nacional do Rio de Janeiro (R); do Museu Goeldi, Belém, PA (MG); do Instituto de Botânica de São Paulo, SP (SP); do Instituto Agrônômico do Norte, Belém, PA (IAN); do Instituto de Pesquisas Agrônomicas, Dois Irmãos, PE (IPA); do Naturhistoriska Riksmuseum, Estocolmo (S) e do British Museum of Natural History, Londres (BM), tivemos oportunidade de registrar novas localidades de ocorrência para 39 espécies dos gêneros *Aiouea* Aubl., *Aniba* Aubl., *Cinnamomum* Boehm., *Cryptocarya* R. Br., *Endlicheria* Nees, *Licaria* Aubl. e *Mezilaurus* Taub.

Foi também por nós estabelecida uma nova combinação para o gênero *Cinnamomum* Boehm.: *Cinnamomum stenophyllum* (Meissn.) Vattimo-Gil comb. nov. (Obs.: passamos a acrescentar nosso sobrenome civil Gil, em nossos trabalhos científicos, a fim de evitar confusão com o do Pesquisador Italo de Vattimo, que estuda o gênero *Jacaranda* Juss. – *Bignoniaceae*).

Julgando seu conhecimento de importância não só para estudos fitogeográficos relacionados com *Lauraceae*, mas também para auxílio em levantamentos florísticos, reconstituição de floras locais e trabalhos de interesse para renovação de recursos naturais, damos a seguir a relação das espécies por nós identificadas, acompanhadas das novas localidades, em que foram coletadas, assinalando sempre os herbários em que os exemplares estudados se acham depositados.

A abreviação "ant.", que aparece às vezes entre parênteses, se refere à grafia antiga das localidades citadas.

AIOUEA Aublet.

- 1 — *Aiouea piauihyensis* (Meissn.) Mez
Mez, in Jahrb. Bot. Gart. Berlin V: 30, 1889; Kosterm., in Med. Bot. Univ. Utrecht 46: 76, 1938.
Sin.: *Aydendron piauihyense* Meissn., *Ajouea severini* Mez.

BRASIL — PARÁ: Rio Itacaiunas, afluente do rio Tocantins, Serra Buritirama (B5), região com minério de manganês, mata de cipó, árvore de 15m e 20cm de diâmetro, corola esverdeada, estames amarelos, cálice verde, frutos verdes, J.M. Pires e Romeu P. Belém 12353, julho 1970 (IAN).

ANIBA Aubl.

- 2 — *Aniba permollis* (Nees) Mez
Mez, l.c.: 55; Kosterm., l.c. 48: 896, 1938.
Sin.: *Aydendron permolle* Nees, *Cryptocarya?* au-üva Mart. ex Nees, *Ocotea dealbata* Poepp. ex Meissn.

BRASIL — AMAZONAS: Manaus, mata das terras altas além do Mindu, árvore pequena, flor ferrugíneo-pálido, A. Ducke 1439, novembro 1943 (R).

- 3 — *Aniba taubertiana* Mez
Mez, l.c.: 65, Kosterm., l.c. 48: 884

BRASIL — AMAZONAS: São Paulo de Olivença, árvore de 12m, Bento da Silva Pena e Antonio Silva 48, agosto 1967 (IAN, RB). PARÁ: Ilha de Mosqueiro, Furo das Marinhas, pico 2, quadra 16, mata de terra baixa úmida, árvore n.º 290, 17m x 81cm de circunferência, E. Oliveira 5435, março 1971 (IPEAN, RB).

CINNAMOMUM Boehm.

- 4 — *Cinnamomum australe* Vattimo
Vattimo, in Arq. Jard. Bot. XVII: 224, 1961.

BRASIL — SÃO PAULO: Município de Iguape, Morro das Pedras, "Injuvinha", A.C. Brade 8095, outubro 1920 (R).

- 5 — *Cinnamomum chana* Vattimo
Vattimo, in Arq. Jard. Bot. XVII: 223, 1961.

BRASIL — PARAÍBA: Areia, "chaná verdadeiro", "louro de cheiro", na mata, D. Jaime de Moraes Vasconcelos, s.n., outubro 1944 (Herb. Mus. O. Vecchi RB). CEARÁ: Serra de Baturité, Caridade, no sítio B. Inácio de Azevedo, José Eugênio S.J. 564, ano 1937 (RB); Serra de Baturité, Guaramiranga, 800 m.s.m., árvore pequena, "louro", A. Ducke s.n., setembro 1908 (Herb. Ger. M. Pará 1613, RB).

- 6 — *Cinnamomum elongatum* (Nees) Kosterm.

Kosterm., in *Reinwardtia* 6 (1): 21, 1961.

Sin.: *Phoebe elongata* Nees, *P. antillana* var. *genuina* Meissn., *P. valenzuelana* A. Rich., *P. montana* Eggers (nec Gris.), *Laurus elongata* Vahl in herb., *Ocotea elongata* Nees ap. Meissn., *Oreodaphne alba* A. Rich.

GUADALUPE — Maciço Houelmont, bosque de Bains Jaunes, 200-700 m.s.m., loureiro de madeira doce, árvore de talhe mediano, Pere Duss 3875, em 1892-1896 (RB).

- 7 — *Cinnamomum erythropus* (Mart. et Spix ex Nees) Kosterm.

Kosterm., in *Reinwardtia* 6 (1): 21, 1961.

Sin.: *Persea erythropus* Nees, Mart. et Spix ex Nees, *Phoebe erythropus* (Mart. et Spix ex Nees) Mez.

BRASIL — MINAS GERAIS: Ouro Preto, arbusto, L. Damazio s.n.; Ouro Preto, Cruzeiro, arbusto 2m alto, pedúnculos purpúreos, freqüente em carrascos, ex Herb. Schwacke 7363, novembro 1891 (RB).

- 8 — *Cinnamomum helicterifolium* (Meissn.) Kosterm.

Kosterm., in *Reinwardtia* 6 (1): 21, 1961.

Sin.: *Oreodaphne helicterifolia* Meissn., *Ocotea helicterifolia* Hemsl., *Phoebe helicterifolia* (Meissn.) Mez.

GUATEMALA — Dept. Izabal, ao longo do Rio Frio, 76m alt., árvore 20 pés alta, J. Steyermark 39954, dezembro 1941 (RB).

- 9 — *Cinnamomum microneurum* (Meissn.) Kosterm.

Kosterm., in *Reinwardtia* 6 (1): 22, 1961.

Sin.: *Persea microneura* Meissn., *Phoebe microneura* (Meissn.) Mez.

BRASIL — MINAS GERAIS: Serra do Caparaó, Macieiras, C. Angeli 227, novembro 1960 (RB).

- 10 — *Cinnamomum oleifolium* (Mez) Kosterm.

Kosterm., in *Reinwardtia* 6 (1): 22, 1961.

Sin.: *Phoebe oleifolia* Mez

BRASIL — MINAS GERAIS: perto de Sabará, árvore frondosa, perianto branco, ex Herb. Damazio s.n. (RB).

- 11 — *Cinnamomum quadrangulum* Kosterm.

Kosterm., in *Reinwardtia* 6 (1): 24, 1961.

Sin.: *Oreodaphne tetragona* Meissn. in Warm.; *Phoebe tetragona* (Meissn.) Mez.

BRASIL - MINAS GERAIS: BR3 a 15km de Belo Horizonte, arbusto do cerrado, flores esverdeadas, 1m de altura, Luiz Roth 1724, janeiro 1957 (RB); Belo Horizonte, pequeno arbusto, perianto branco, L. Damazio s.n. (RB); Serra da Piedade. 1500 m.s.m., pequeno arbusto de flores amarelo-esverdeadas, E. Pereira 2701 e Pabst 3537, março 1957 (RB); entre Congonhas e Belo Horizonte, km 386, arbusto, flores esverdeadas amareladas, E. Pereira 2406 e Pabst 3242, março 1957 (RB).

- 12 - *Cinnamomum sellowianum* (Nees et Mart.) Kosterm.
Kosterm., in *Reinwardtia* 6 (1): 23, 1961; Vattimo, in *Arq. Jard. Bot.* XVII: 222, 1961.

Sin.: *Persea sellowiana* Nees et Mart., *Phoebe sellowii* Meissn., *Phoebe sellowiana* (Nees et Mart.) Meissn.

BRASIL - MINAS GERAIS: Miguel Burnier, capão, arbusto, perianto amarelo, L. Damazio s.n. (RB).

- 13 - *Cinnamomum stenophyllum* (Meissn.) Vattimo comb. nov.
Sin.: *Persea stenophylla* Meissn., in *D.C. Prod.* XV (1): 55, 1864; *Phoebe stenophylla* (Meissn.) Mez, in *Jahrb. Bot. Gart. Berlin* V: 190, 1889.

BRASIL - MINAS GERAIS: Serra do Cipó, K 130, 1100 m.s.m., margem de rio, planta de formação ciliar, pequena árvore de 3 a 4m, inflorescências rubescentes. A. P. Duarte 2654, abril 1950 (RB). SÃO PAULO: cidade de São Paulo, Jardim Botânico, F.C. Hoehne 28317, outubro 1931 (RB).

- 14 - *Cinnamomum tomentosum* Kosterm.
Kosterm., in *Reinwardtia* 6 (1): 24, 1961.
Sin.: *Phoebe tomentosa* Meissn., *Cinnamomum tomentosum* (Meissn.) Vattimo-Gil.

BRASIL - MINAS GERAIS: Serra Sapucaia, 1000 m.s.m., campo ao lado da mata, arbusto, 1-2m de altura, flor alva, freqüente, Mendes Magalhães 17282, novembro 1959 (RB); Município de Divisópolis, entre Divisópolis e Joaina, Mendes Magalhães s.n. (RB); de Pedra Azul para divisa da Bahia, A.P. Duarte 10532, outubro 1967 (RB).

CRYPTOCARYA R. Br.

- 15 - *Cryptocarya guianensis* Meissn.
Meissn., in *D.C. Prod.* XV (1): 75, 1864.
Sin.: *Cryptocarya maroniensis* Benoist, *Cryptocarya moschata* Benoist (non Nees et Mart.).

BRASIL - PARÁ: Coqueiro, próximo a Alcobaça, Tocantins, árvore de 10-15m, terra firme, mata, flor creme, J.G. Kuhlmann 2118, abril 1924 (RB).

16 – *Cryptocarya micrantha* Meissn.

Meissn., in D.C. Prod. XV (1): 75, 1864; Vattimo, in *Rodriguesia* 37: 226, 1966.

Sin.: *Cryptocarya schwackeana* Mez

Nome vulgar: canela batalha.

BRASIL – MINAS GERAIS: Rio Novo, canela batalha, Araujo s.n., ex Herb. Schwacke 6680 (RB); Rio Novo, Araujo 24, ano 1889, canela batalha (R).

17 – *Cryptocarya saligna* Mez

Mez, in *Jahrb. Bot. Gart. Berlin* V: 13, 1889; Vattimo, in *Rodriguesia* 37: 225, 1966.

Sin.: *Cryptocarya longistyla* Mez.

Nomes vulgares: anhuvinha branca, canela sebosa, canela oiti, canela ameixa, canela branca.

BRASIL – MINAS GERAIS: Município de Tombos, Fazenda da Cachoeira, mata, “canela branca”, Mello Barreto 1784/a, julho 1935 (R); Ibidem, mata, “canela branca”, Mello Barreto 1784, julho 1935 (R).

18 – *Cryptocarya moschata* Nees et Mart. ex Nees

Nees, in *Linnaea* VIII: 37 (excl. cit. spec. Sellow), 1833; Vattimo, in *Rodriguesia* 37: 229, 1966.

Nomes vulgares: noz moscada do Brasil, canela noz moscada, batalha, canela branca, canela batalha, noz moscada, pau santo.

BRASIL – SÃO PAULO: Município de Campinas, nativa no interior do Bosque dos Jequitibás, árvore até 15m, Luiz Antonio Ferraz Mathes 462-A, setembro 1978 (RB); Serra da Cantareira, “canela branca”, Navarro de Andrade 55 (R); cidade de São Paulo, M.A. Cunhas s.n., “canela noz moscada”, “canela branca”, novembro 1951 (RB); Serviço Florestal do Estado de S. Paulo, “canela noz moscada”, abril (RB); cidade de São Paulo, Jardim Botânico, F.C. Hoehne s.n., *Arboretum* n.º 85, dezembro 1933 (RB, SP); Fazenda Água Vermelha, Vale Tietê, A.P. Duarte 5592, abril 1961 (RB); Mogimirim, árvore grande, floresce em outubro e frutifica em janeiro e março, F.C. Hoehne s.n., outubro 1931 (RB); Serra da Cantareira, Instituto Florestal de São Paulo, João Peres Chimelo s.n., julho 1974, “canela noz moscada” (RB); Loreto, S. Antonio, O. Vecchi s.n., floresce em setembro e outubro, “batalha”, “canela batalha” (Museu O. Vecchi); Loreto, O. Vecchi 204, novembro 1915, floresce em outubro e novembro, frutifica em dezembro (Herb. Mus. O. Vecchi); Loc. n. ind., Schwacke 3364 (RB); Loc. n. ind., Mosén s.n., dezembro 1875 (S, R). MINAS GERAIS: Município de Tombos, Fazenda da Cachoeira, “canela noz moscada”, mata, Mello Barreto 1805, julho 1935 (R); Rio Novo, Araujo s.n. (R); Barbacena, árvore, novembro 1928 (RB); Jardim Botânico de Ouro Preto, cultivada, L. Damazio s.n., “noz moscada” (RB); Loc. n. ind., Widgren s.n., ano 1845 (S, R). PERNAMBUCO: Gurjaú, entre o caminho e a margem direita do rio, abaixo da represa, Ducke e D.A. Lima 87, fevereiro 1952, árvo-

re mais ou menos esgalhada, flores creme claro, perfume agradável, procurada por abelhas (IPA). ALAGOAS: Loc. n. ind., A.M. Uchoa 15, "pau santo" (RB).

ENDLICHERIA Nees

19 — *Endlicheria anomala* Nees ex Meissn.

Nees ex Meissn., in D.C. Prod. XV (1): 173, 1864; Kosterm., in Med. Bot. Univ. Utrecht 42: 508, 1937.

Sin.: *Goeppertia anomala* Nees, *G. polyntha* Meissn.

BRASIL — AMAZONAS: Manaus, Igarapé da Cachoeira Grande, igapó, árvore pequena, flores verdes e ferruginosas, A. Ducke 2083, abril 1943 (R); ibidem, árvore pequena, flores verdes mais tarde avermelhadas, A. Ducke 440, março 1937 (R); Manaus, Estrada do Aleixo, km 5, ramal de Joaquim de Paula, mata de terra firme, em lugar arenoso úmido, árvore pequena, fruto brancacento, A. Ducke 1733, agosto 1945 (R). CEARÁ: Loc. n. ind., Gardner s.n. (RB).

20 — *Endlicheria bracteolata* (Meissn.) Allen

Allen, in Mem. New York Bot. Gard. 10 (5): 64, 1964

Sin.: *Goeppertia sericea* Nees var. *bracteolata* Meissn.

BRASIL — TERRITÓRIO DE RORAIMA: sub-base da Serra de Surucucu, árvore 20m alta, frutos verdes, madeira cheirosa, N.A. Rosa 285, janeiro 1975 (RB); Serra de Surucucu, árvore de 15m, 30cm de diâmetro, frutos verdes, B.G.S. Ribeiro s.n., janeiro 1975 (RB).

21 — *Endlicheria longicaudata* (Ducke) Kosterm.

Kosterm. l.c. 42: 515, 1937; id., in Bol. Tecn. Inst. Agron. Norte 28: 64, 1953.

Sin.: *Huberodaphne longicaudata* Ducke.

BRASIL — PARÁ: Vigia, mata, arbusto, flores esverdeadas, J. Murça Pires 1401, novembro 1948 (IPEAN).

22 — *Endlicheria macrophylla* (Meissn.) Mez

Mez. in Jahrb. Bot. Gart. Berlin V: 128, 1889; Kosterm., in Med. Bot. Mus. Herb. Univ. Utrecht 42: 523, 1937; id., in Bol. Tecn. Inst. Agron. Norte 28: 64, 1953.

Sin.: *Ampelodaphne macrophylla* Meissn.

BRASIL — AMAZONAS: Manaus, Igarapé da Cachoeira Grande, igapó, árvore pequena, flores adultas cárneo-róseas, A. Ducke 441, março 1937 (R); Rio Negro. Igapó cerca de 50km acima de Manaus, árvore de 10m, J.M. Pires, P.B. Cavalcante, H. Magnago, N.T. Silva s.n., abril 1974 (RB).

23 — *Endlicheria metallica* Kosterm.

Kosterm., in Med. Bot. Univ. Utrecht 42: 543, 1937.

BRASIL – AMAZONAS: Iauaretê, margem do rio Uaupés, mata de terra firme, árvore de 7m, B.G.S. Ribeiro 1054, junho 1975 (RB).

24 – *Endlicheria paniculata* (Sprg.) Macbride

Macbride, in Publ. Field Mus. Nat. Hist. 13 (2): 850, 1938; Kosterm., in Bol. Tecn. Inst. Agron. Norte 28: 64, 1953.

Sin.: *Citrosma* (*Citriosma*) *paniculata* Spg., *Siparuna paniculata* (Sprg.) D.C., *Endlicheria pannicularis* (Nees) Mez, *Goeppertia pannicularis* Nees, *Aniba hirsuta* (Nees) Pax ex Samp., *Endlicheria hirsuta* (Schott) Nees, (vide Kosterm. Med. Bot. 42: 549, 1937), *Cryptocarya hirsuta* Schott in Sprg., *Goeppertia hirsuta* Nees, *G. cantagallana* Meissn., *Nectandra lucida* Nees, *Endlicheria longifolia* (Nees) Mez, *Goeppertia longifolia* Nees, *Ocotea turbacensis* Poep. (non H.B.K.).

BRASIL – MINAS GERAIS: Viçosa, U.F.V. – E.S.F., mata da Silvicultura, pequena árvore, “canela”, nativa em mata secundária, Roberto S. Ramalho e G. Rodrigues 795, agosto 1976 (Herb. U.F.V.).

LICARIA Aubl.

25 – *Licaria amara* (Mez) Kosterm.

Kosterm., in Med. Bot. Univ. Utrecht 42: 583, 1937; id., Bol. Tecn. Agron. Norte 28: 66, 1953.

Sin.: *Acrodictidium amarum* Mez.

BRASIL – AMAZONAS: Rio Uaupés, Lago Yurupari, árvore de 8m, R.L. Froes 28230, abril 1952 (IPEAN). PARÁ: Campo de Cima, Município de Bragança, árvore pequena, flor amarelada, à margem da estrada, N.T. Silva 519, setembro 1958 (IPEAN); região do Anapu, rio Cariatuba, Portel, árvore, beira de rio, R.L. Froes 32991, maio 1956 (IPEAN); Remansão, Rio Tocantins, árvore de 10m, terra alta, mata alta, R.L. Froes 23377, setembro 1948 (IPEAN).

26 – *Licaria armeniaca* (Nees) Kosterm.

Kosterm., in Med. Bot. Univ. Utrecht 42: 584, 1937; id., in Bol. Tecn. Agron. Norte 28: 66, 1953.

Sin.: *Evonymodaphne armeniaca* Nees p.p., *Laurus armeniaca* Poep. ex Lindl., *Acrodictidium armeniacum* (Nees) Mez.

BRASIL – AMAZONAS: Lago de Badajós, igapó, árvore de 3m, flores esbranquiçadas, R.L. Froes 26359, agosto 1950 (IPEAN).

27 – *Licaria aurea* (Huber) Kosterm.

Kosterm. l.c.: 597, 1937.

Sin.: *Acrodictidium aureum* Huber.

BRASIL – PARÁ: Breves, transecto para inventário florestal, J.M. Pires, R.

L. Froes e N.T. Silva 5397, julho 1956 (IAN). TERRITÓRIO DO AMAPÁ: Cle-
velândia, casca algo encaroçada, J.M. Pires 7745, agosto 1960 (IAN).

- 28 — **Licaria brasiliensis** (Nees) Kosterm.
Kosterm. l.c.: 601.
Sin.: *Acrodiclidium brasiliense* Nees.

BRASIL — PARÁ: região do Jari, Estrada entre Planalto A e Tinguelim, km 18, mata de terra firme, árvore de 26m de altura e 40cm de diâmetro, Nilo T. Silva 3359, outubro 1970 (IPEAN); ibidem, estrada entre Braço e Bandeira km 28, "louro amarelo", mata de terra firme, árvore de 28m de altura e 35cm de diâmetro, flor creme, Nilo T. Silva 3250, julho 1970 (IPEAN, RB); região do Jari, estrada entre Tinguelim e Braço, km 12, mata de terra firme, árvore de 16m de altura 25cm de diâmetro, flor branco-amarelada, Nilo T. Silva 2742, agosto 1969 (RB, IPEAN). AMAZONAS: Parintins, "louro", campo silicoso, J.M. Pires e G.A. Black 1142, março 1946 (IPEAN); Manaus, Estrada do Aleixo, mata de terra firme, árvore pequena, flor pardo-amarelada, Ducke 1747, setembro 1945 (IPEAN).

- 29 — **Licaria caneila** (Meissn.) Kosterm.
Kosterm., in Med. Bot. Univ. Utrecht 42: 583, 1937.
Sin.: *Aydendron canella* Meissn., *Acrodiclidium canella* (Meissn.) Mez.

BRASIL — TERRITÓRIO DO AMAPÁ: Rio Oiapoque, árvore 6m de altura, ao longo da margem do rio, próximo a Mecro, Guiana Francesa, oposto a Clevelândia, ocasional, B. Maguire, J.M. Pires e C.K. Maguire 47092, julho 1960 (IPEAN). PARÁ: mata da Cia. Pirelli, Fazenda Uriboça, terra firme, árvore grande, J.M. Pires 6788, junho 1958 (IPEAN); Belém, IAN, Reserva Florestal do Mocambo, J.M. Pires e N.T. Silva 6733, janeiro 1956 (IPEAN).

Surinã — Loc. n.ind., Zanderig I, setembro 1942 (IPEAN).

- 30 — **Licaria cayennensis** (Meissn.) Kosterm.
Kosterm. l.c.: 583; id., in Bol. Tecn. Inst. Agron. Norte 28: 68, 1953.
Sin.: *Aydendron cayennense* Meissn., *Acrodiclidium cayennense* (Meissn.) Mez.

BRASIL — PARÁ: Peixe Boi, mata de terra firme, flor pequena branca, N.T. Silva 334, agosto 1949 (IPEAN). AMAZONAS: Rio Uaupés, caatinga próximo à Serra dos Tucanos, flores amareladas, J. Murça Pires 871, novembro 1947 (IPEAN); na base da Serra Tucano, acima de Trovão, rio Uaupés, entre Ipanoré e confluência com o rio Negro, Richar Evans Schultes e J. Murça Pires 9004, novembro 1947 (IPEAN).

- 31 — **Licaria mahuba** (Samp.) Kosterm.
Kosterm., in Med. Bot. Univ. Utrecht: 46: 123, 1938.
Sin.: *Acrodiclidium mahuba* A. Samp., *Clinostemon mahuba* (A. Samp.) Kuhlmann et Samp.

BRASIL – PARÁ: Belém, Igarapé Murucutu, mata da várzea do Guamá, árvore mediana, A. Ducke 2234, “maúba” (ant. mahuba), julho 1942 (IPEAN). Barra do rio Guamá, entre São Miguel e Acari (ant. Acary), árvore de 15m, folhas muito grandes, fruto verde com semente e um arilo gelatinoso, madeira vermelho-violácea, fibrosa, Black e Poster 48-3415, outubro 1948 (IPEAN); Belém, mata inundável, perto do rio Guamá, árvore mediana, flor esverdeado pálido, “maúba” (ant. mahuba), Ducke 1234, junho 1943 (IPEAN); Muaná, Ilha da Pescada, árvore de 12m, flor clara, terreno de várzea, E. Oliveira s.n., março 1970 (IPEAN); Belém, “maúba” árvore pequena de várzea, J.M. Pires 1488, janeiro 1949 (IPEAN). AMAZONAS: Esperança, mata de terra firme, árvore bastante nova, A. Ducke s.n., “maúba” (RB). TERRITÓRIO DE RORAIMA: rio Ajarani, mata de várzea, árvore pequena, J.M. Pires, P.B. Cavalcante, H. Magnago e N.T. Silva s.n., abril 1974 (RB).

- 32 – *Licaria multiflora* (Kosterm.) Kosterm.
Kosterm., in Bol. Tecn. Inst. Agron. Norte 28: 70, 1953.
Sin.: *Acroclidium multiflorum* Kosterm.

BRASIL – PARÁ: Cacaual Grande, Passagem, campina, arbusto, G.A. Black 52-15527, julho 1952 (IPEAN); Rio Moju, Fábrica, beira de igarapé, folha discolor, flor verde cheirosa, fruto azul escuro, G.A. Black 54-16234, maio 1954 (IPEAN).

- 33 – *Licaria peckii* (Johnst.) Kosterm.
Kosterm., in Med. Bot. Univ. Utrecht 42: 597, 1937.
Sin.: *Misanteca peckii* I.M. Johnston, *Chanekia peckii* (Johnst.) Lundell.

BRASIL – AMAZONAS: Rio Negro, Rio Padauri (ant. Padaury) Superior, árvore, flores escuras, Ilha Cachoeira do Itapi (ant. Itapy), R.L. Froes 22620, outubro 1947 (IPEAN).

- 34 – *Licaria puchury-major* (Mart.) Kosterm.
Kosterm. l.c.: 583; id., in Bol. Tecn. Inst. Agron. Norte 28: 71, 1953.
Sin.: *Ocotea puchury major* Mart., *Nectandra puchury major* Nees, *Acroclidium puchury-major* (Mart.) Mez.
Nomes vulgares: puchuri, pucherí, puchiri, picheri.

BRASIL – PARÁ: Belém, puxuri, cultivado, árvore de 10m, flor amarela, T. Guedes 226, dezembro 1949 (IPEAN).

MEZILAURUS Taub.

- 35 – *Mezilaurus crassiramea* (Meissn.) Taub. ex Mez.
Mez, in Arb. Bot. Gart. Breslau 1: 112, 1892.
Sin.: *Oreodaphne crassiramea* Meissn., *Misanteca crassiramea* Benth. ex Mez., *Silvia crassiramea* (Meissn.) Mez, *Mezia crassiramea* (Meissn.) O. Ktze.

BRASIL – GOIÁS: cerrado próximo de Aragarças, “cumbuquinha”, árvore de 2,50-3,50m, flor creme, A. Lima 58-3027, abril, 1958 (RB).

36 – *Mezilaurus itauba* (Meissn.) Taub. ex Mez

Mez, in Arb. Bot. Gart. Breslau 1: 112, 1892; Kosterm., in Med. Bot. Univ. Utrecht 46: 116, 1938; id., in Bol. Tecn. Inst. Agron. Norte 28: 72, 1953.

Sin.: *Acroclididium ita-uba* Meissn., *Endiandra ita-uba* (Meissn.) Benth. in Benth. et Hook., *Silvia ita-uba* (Meissn.) Pax in Engler-Prantl, *Mezia ita-uba* (Meissn.) O. Ktze., *Oreodaphne hookeriana* Meissn. p.p., *Silvia polyantha* Mez, *Silvia rondonii* Mez, *Mezilaurus anacardioides* (Spruce ex Meissn.) Taub. ex Mez, *Acroclididium anacardioides* Spruce ex Meissn., *Misanteca anacardioides* (Spruce ex Meissn.) Benth. in Hook. *Silvia anacardioides* (Spruce ex Meissn.) Mez, *Mezia anacardioides* (Spruce ex Meissn.) O. Ktze.

Nomes vulgares: itaúba, itaúba amarela, itaúba preta, itaúba verdadeira.

BRASIL – PARÁ: Santarém, “itaúba preta”, emprego em construção naval, J. Barbosa Rodrigues s.n., novembro 1872 (R), Santarém, “itaúba”, árvore do cerrado, terreno arenoso, flor esverdeada, J.G. Kuhlmann 1782, março 1924 (RB); proximidades de Santarém, R. Spruce 1, abril 1850 (RB, BM); Santarém, mato seco abaixo da cidade junto ao campo coberto, árvore pequena, “itaúba”, A. Ducke s.n., março 1926 (RB); Tapajoz, árvore de até 5m, flores esverdeadas, terreno argiloso firme, J.G. Kuhlmann 1925, abril 1924 (RB); Rio Caruaúna, cachoeira do Potão, terra firme, mata alta, região do Planalto de Santarém, árvore de 3m, R.L. Fróes 31241, outubro 1954 (RB); Rio Tapajoz, Vila Braga, mata de terra firme alta, árvore grande, flor verde, “itaúba, itaúba amarela”, A. Ducke s.n. maio 1923 (RB); Médio Tapajoz, Frechal, “itaúba”, A. Ducke s.n., junho 1918 (RB). AMAZONAS: Moura, Rio Negro, árvore 2-8m, flores castanho-amareladas. E. Ule 6055, janeiro 1902 (RB). TERRITÓRIO DO ACRE: Rio Jurupari (ant. Jurupary), em terra firme, árvore de 100 pés de altura, B.A. Krukoff 5221, julho 1933 (RB). MATO GROSSO: Três Buritis, madeira de primeira ordem, usada com os melhores resultados na posteação da Linha Telegráfica, existente em grandes formações em Três Buritis e José Bonifácio, “lorê” (nome nhambiquara), J.G. Kuhlmann 1976, maio 1918 (RB).

37 – *Mezilaurus lindaviana* Schwacke et Mez

Schwacke et Mez, in Arb. Bot. Gart. Breslau 1: 112, 1892; Kosterm., in Med. Bot. Mus. Herb. Univ. Utrecht 46: 112, 1938; id., in Bol. Inst. Agron. Norte 28: 72, 1953.

Sin.: *Misanteca duckei* A. Samp., *Silvia duckei* (Samp.) Samp.

BRASIL – TERRITÓRIO DO AMAPÁ: arredores da cidade de Macapá, árvore de 5m, flor amarela, R.L. Fróes e G.A. Black 27453, julho de 1951 (IAN, RB). AMAZONAS: Boa Vista, Rio Branco, margem do campo, árvore de 6 a 10m, flor pardo-amarelada, E. Ule 7578, outubro 1908 (RB); Retiro da Serra da Lua, Rio Branco, “Itaúba”, J.G. Kuhlmann 588, julho 1913 (RB); Boa Vista, Rio Branco, “itaúba”, J.G. Kuhlmann 588a, julho 1913 (RB). PARÁ: Rio Jutai (ant. Ju-

tahy), de Almeirim, "itaúba amarela", ilha de mato no campo firme da Fazenda Grande, A. Ducke s.n., setembro 1923 (RB); Santarém, Ipanema, raiz da serra, capoeirão seco, "itaúba abacate", árvore pequena, A. Ducke s.n., setembro 1923 (RB); Santarém, Curuai (ant. Curuay), Lago Grande, terra firme, H. Miranda Bastos, "itaúba abacate", janeiro 1938, H. Miranda Bastos s.n. (RB); Mararu, "itaúba da mata", de emprego em construção civil, J. Barbosa Rodrigues 129, junho 1872 (RB). Loc. n. ind., Francisco Guerra 3 (RB).

38 — *Mezilaurus navalium* (Allem.) Taub. ex Mez

Mez, in Arb. Bot. Gart. Breslau 1: 112, 1892; Kosterm., in Med. Bot. Univ. Utrecht 46: 114, 1938; id., in Bol. Tec. Inst. Agron. Norte 28: 72, 1953.

Sin.: *Silvia navalium* Allem., *Endiandra navalium* (Allem.) Benth. in Benth. et Hook., *Silvaea navalium* Meissn., *Mezia navalium* (Allem.) O. Ktze.

BRASIL — ESTADO DO RIO DE JANEIRO: Fazenda Rocha Negra, Monte Sinai, Governador Portela, "tapinhoã", árvore, G. Machado Nunes 113, flor em janeiro, fruto em outubro, 1935 (RB); Serra da Estrela, Estrada de Rodagem Rio-Petrópolis, brotos de árvore cortada, mata, "tapinhoã", J.G. Kuhlmann 136, junho 1937 (RB); Loc. n. ind., A. Glaziov 12125 (RB).

39 — *Mezilaurus synandra* (Mez) Kosterm.

Kosterm., in Med. Bot. Mus. Utrecht 25: 40, 1936; id., l.c. 46: 120, 1938 et Bol. Inst. Agron. Norte 28: 72, 1953.

Sin.: *Silvia synandra* Mez.

BRASIL — AMAZONAS: Rio Negro, Canundê, campo, árvore de 10m, casca queimada, G.A. Black 2397, abril 1948 (RB, IAN); Manaus, "itaúba", mata de terra firme, árvore bastante grande, flor verde, depois amarelo pardacento, A. Ducke s.n., maio 1932 (RB).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico a Bolsa, que nos permitiu a realização deste trabalho e à direção dos herbários RB, R, MG, SP, IAN, IPA, S e BM, pelo material cedido por empréstimo, para estudo.

ABSTRACT

In this paper new localities of occurrence for 39 species of *Lauraceae* and a new combination for *Cinnamomum* Boehm. are given, *Cinnamomum stenophyllum* (Meissn.) Vattimo-Gil.

LITERATURA CONSULTADA
(além da citada sob cada espécie)

- MEISSNER, J. — *Lauraceae*, in D.C. *Prod.* XV (1): 1-260, 1864.
MEZ, C. — *Lauraceae Americanae*, in *Jahrb. Bot. Gart. Berlin* V: 1-556, 1889.
VATTIMO-GIL, IDA DE — Contribuição ao conhecimento da distribuição geográfica das *Lauraceae* I, in *Rodriguésia* 44: 269-305, 1978. — Contribuição ao conhecimento da distribuição geográfica das *Lauraceae* II; in *Rodriguésia* 47, 1979.

REVISÃO DAS ESPÉCIES DO GÊNERO GENLISEA ST. – HIL. (LENTIBULARIACEAE) DAS REGIÕES SUDESTE E SUL DO BRASIL *

ELZA FROMM TRINTA
Museu Nacional – Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 – Introdução	18
2 – Histórico	19
3 – Material e Métodos	23
4 – Resultados	25
4.1 – Morfologia	25
4.1.1 – Organografia	25
4.1.2 – Palinologia	85
4.2 – Polinização	86
4.3 – Habitat	91
4.4 – Distribuição geográfica	91
4.5 – Tratamento taxinômico	95
4.5.1 – Subdivisão do gênero	95
4.5.2 – Descrição do gênero	99
5 – Fenologia	125
6 – Discussão e Conclusões	125
7 – Resumo	129
8 – Índice dos Coletores	130
9 – Índice das Espécies	135
10 – Bibliografia	136

* Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Botânica da UFRJ.

1 – INTRODUÇÃO

As *Lentibulariaceae*, atualmente situadas na ordem *Scrophulariales* (Takhtajan, 1969), são muito aproximadas das *Scrophulariaceae* às quais se assemelham pela zigomorfia floral, redução do androceu e tipo de fruto, afastando-se delas, principalmente, pela placentação central livre. A família é constituída pelos gêneros *Utricularia*, *Genlisea*, *Pinguicula* e *Polypompholyx*, ocorrendo no Brasil apenas os dois primeiros.

O gênero *Genlisea*, que foi descrito por SAINT-HILAIRE, em 1833, traz um problema nomenclatural, uma vez que, em 1828, Reichenbach havia descrito um gênero *Genlisia* (atualmente sinônimo de *Aristea* Soland.) para a família *Iridaceae*.

Para a resolução desse problema será preciso decidir, preliminarmente, se os dois nomes podem ou não ser considerados homônimos e, em caso afirmativo, se *Genlisea* St.-Hil. poderá ser considerado "Nomina Conservanda". Como o epíteto de SAINT-HILAIRE é mundialmente conhecido e aplicado para a família *Lentibulariaceae*, pensamos propor ao Comitê Internacional de Nomenclatura que *Genlisea* seja considerado "Nomina Conservanda", com base no estabelecido pelo Artigo n.º 14 do "International Code of Botanical Nomenclature" (Stafleu, 1972), na dependência da análise da literatura básica em processo de obtenção.

Por enquanto, achamos por bem manter, neste trabalho, o gênero *Genlisea* St.-Hil. conforme o que diz a recomendação 15A.

Embora, à primeira vista, as plantas de *Utricularia* e *Genlisea* possam ser confundidas pelo porte e aparência geral dos órgãos aéreos, os dois gêneros possuem caracteres muito distintos, principalmente quanto ao número de sépalas (cinco em *Genlisea* e dois em *Utricularia*) e à forma da folha utriculífera que é característica em cada gênero (fig. 1).

Em *Utricularia*, essa folha, se constitui numa simples vesícula ou utrículo, de tamanho relativamente pequeno; em *Genlisea* ela está constituída por um corpo alongado compreendendo 4 regiões bem delimitadas.

A última monografia para as espécies brasileiras foi feita por Benjamin (1847). Após essa data, com exceção de sinonimizações feitas por Taylor, em 1967 e em etiquetas de herbário, as espécies brasileiras de *Genlisea* não foram objeto de um estudo monográfico. Procurando atingir esse objetivo, iniciamos o estudo do gênero fazendo a revisão das espécies que ocorrem nas regiões sudeste e sul do Brasil, onde se concentra o maior número de espécies.

2 – HISTÓRICO

O gênero *Genlisea* foi fundado por SAINT-HILAIRE em 1833, quando descreveu cinco espécies: *G. aurea*, *G. minor*, *G. filiformis*, *G. pygmaea* e *G. violacea*.

Nesse trabalho, SAINT-HILAIRE embora considerando *G. minor* uma boa espécie, já admite que ela poderia ser uma simples variedade de *G. aurea*. Realmente, mais tarde, TAYLOR, em exemplares de herbário, considerou *G. minor* sinonímia de *G. aurea*, fato por nós aqui comprovado.

As demais espécies descritas por SAINT-HILAIRE são perfeitamente válidas.

Em 1839, SAINT-HILAIRE & GIRARD na sua monografia das Primuláceas e das Lentibulariáceas do Brasil meridional e da República Argentina, apresentam descrições resumidas das espécies e a primeira estampa para *G. aurea*.

De Candolle (1844), ao tratar do gênero *Genlisea*, manteve as espécies de SAINT-HILAIRE não trazendo nenhuma inovação e mostrando apenas a pequena discordância entre a descrição do cálice de *G. aurea* na "Obra Princeps" e a estampa apresentada por SAINT-HILAIRE & GIRARD, em 1839.

Em 1847, aparece a monografia de BENJAMIN sobre a família *Lentibulariaceae* na Flora Brasiliensis de MARTIUS, onde o autor mantém as espécies de SAINT-HILAIRE e descreve três novas espécies: *G. biloba*, *G. reflexa* e *G. repens*, das quais as duas primeiras são sinônimos de *G. violacea*. Além disso, BENJAMIN, descreve *G. ornata*, mantendo o epíteto dado anteriormente por MARTIUS em herbário, atualmente sinonimizada à *G. aurea*, por TAYLOR, nos exemplares de herbário. Benjamin ainda foi o primeiro autor a fazer referência à deiscência longitudinal do fruto generalizando-a, entretando, para o gênero.

WRIGHT (1869), descreve uma nova espécie — *G. luteoviridis*, na Flora Cubana de Sauvalle, atualmente sinônimo de *G. filiformis*.

WARMING (1874a), trata de *G. ornata* e descreve uma nova espécie para o

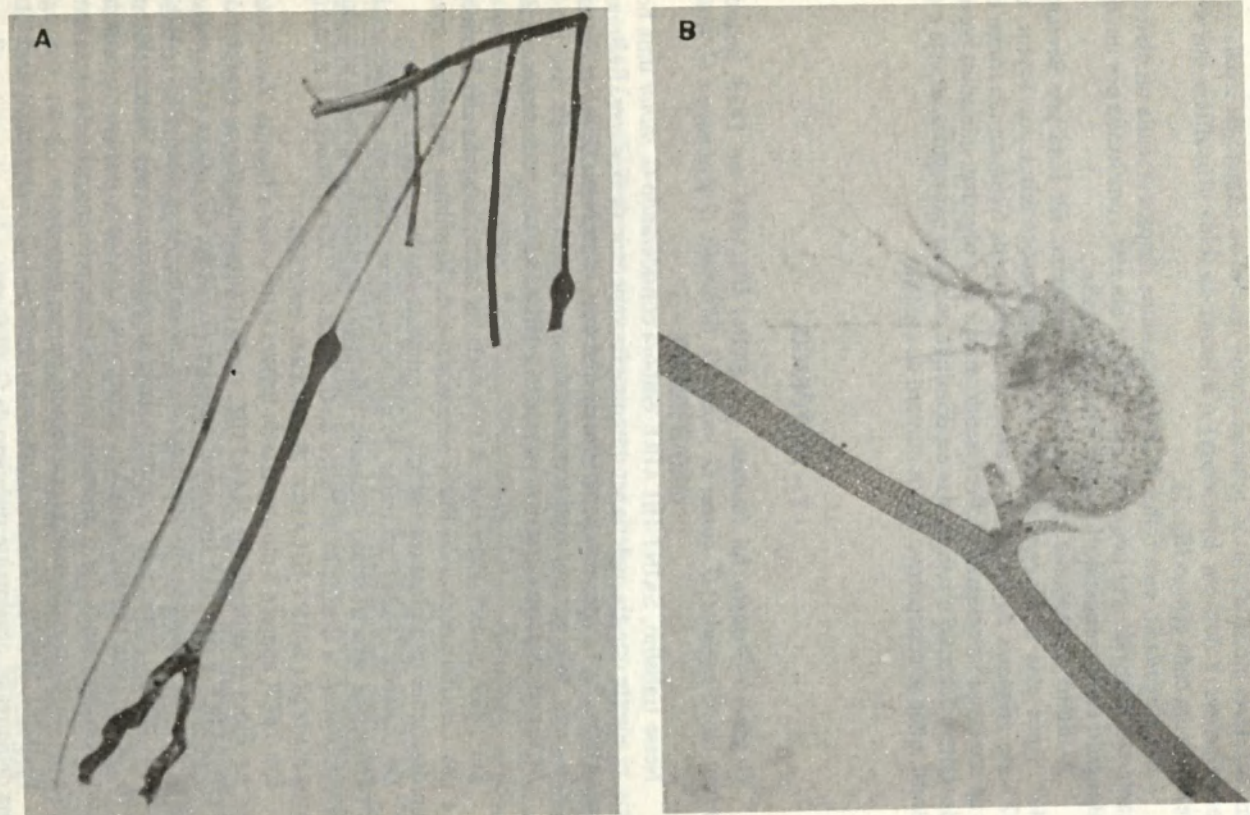


Fig. 1: *Folha utriculífera*. A: *Genlisea* (2,8X); B: *Utricularia* (31X).

Brasil — *G. pusilla*, sendo o primeiro a observar o ovário glabro. Atualmente *G. pusilla* é sinônimo de *G. repens*.

Esse mesmo autor (1874b), descreve e ilustra pela primeira vez, a morfologia interna do gênero, estudando *G. ornata*. Trata da estrutura do rizoma, do eixo da inflorescência e das folhas vegetativas, chamando atenção para o ponto vegetativo apical muito característico nessas folhas, dando, porém, maior enfoque ao estudo das folhas utriculíferas. Esse trabalho assume muita importância, não só por ter sido o pioneiro como pela grande contribuição que prestou.

Esse estudo foi continuado por DARWIN (1877, 1896) que, apesar de ter tratado da morfologia interna de *G. ornata*, *G. africana* Oliv, *G. aurea* e *G. filiformis*, não chega a esclarecer os pormenores referentes à extremidade da folha utriculífera. Nesse mesmo trabalho, DARWIN, mistura a descrição de fragmentos de *Utricularia* e *Genlisea*, sendo levado a afirmar que os rizomas de *G. filiformis* trazem utrículos semelhantes aos de *Utricularia*. Foi o primeiro autor a estudar a biologia de *Genlisea*, levantando hipóteses sobre o mecanismo e funcionamento das folhas utriculíferas.

Em 1877, DECKER afirma faltarem por completo raízes propriamente ditas nas plantas adultas de *G. ornata*, enquanto que as plantas jovens têm alguns rizóides. Afirma também que as folhas verdadeiras não possuem estômatos e que a assimilação clorofílica é quase nula, o que explicaria o “carnivorismo” dessa planta. Considera ainda duas funções para as folhas utriculíferas: alimentação e sustentação.

GOEBEL (1893a) estuda *G. ornata*, material fixado em álcool, proveniente do Rio de Janeiro, que lhe foi enviado pelo Dr. SCHWACKE.

Em seus estudos sobre essa espécie também não encontra estômatos nas folhas verdadeiras. Dedicar-se mais a pesquisa da folha utriculífera, continuando os estudos de WARMING (1874b) e DARWIN (1877, 1896) fornecendo novos dados em relação à estrutura e à biologia desse tipo de folha.

Ainda nesse mesmo ano (1893b), esse autor teve oportunidade de acompanhar o desenvolvimento e o comportamento de um indivíduo jovem de *G. violacea*, comprovando, através da germinação de sementes, a sua teoria de inexistência de raízes verdadeiras, mesmo nas plântulas. Faz comparações entre essa espécie, *G. ornata* e *Utricularia*.

KAMIENSKI (1895) faz um estudo geral sobre a morfologia e anatomia das Lentibulariáceas. Apresenta uma chave para distinção dos gêneros, distribuição geográfica e trata cada gênero isoladamente.

GOEBEL (1898 — 1901) diz que é conhecido e verificado o aparecimento de brotos sem raízes, que sobrevivem em algumas plantas aquáticas e terrestres, citando entre outros exemplos, as folhas de *Genlisea*.

SOLEREDER (1899), se dedica também ao estudo da morfologia interna da folha utriculífera de *G. ornata*, baseando-se em WARMING, DARWIN e GOEBEL fazendo ainda referências à anatomia de algumas partes aéreas: escapo, pedicelo e folhas.

SYLVÉN (1909), descreve uma nova espécie — *G. cylindrica*, atualmente sinônimo de *G. violacea*.

Em 1915, MERL faz considerações sobre a anatomia da inflorescência e da folha espatulada, observando a presença de estômatos somente na epiderme dorsal de uma espécie que supõe seja *G. repens*, de *G. filiformis* e em ambas as faces de *G. violacea*, não os encontrando, porém, em *G. ornata*.

O trabalho de MERL traz uma grande contribuição para o conhecimento do gênero, pelas detalhadas observações sobre o desenvolvimento da flor e semente. Nesse mesmo trabalho o autor faz ainda testes de regeneração.

Entre outras espécies, estuda material de *G. ornata* (conservado em álcool e coletado por GOEBEL e LUETZELBURG no Brasil), *G. cylindrica*, *G. filiformis* (do Herbário de Regnell), uma espécie menor, provavelmente, como ele diz, *G. repens* (coletada por GOEBEL em Belo Horizonte, Minas Gerais) e *G. violacea*.

Em 1916, BARNHART, ao propor a segregação do gênero *Utricularia*, faz apenas algumas considerações sobre o gênero *Genlisea* e apresenta uma figura de *G. filiformis*.

Em 1923, LUETZELBURG, cita dois epítetos de MERL, sem descrição — *G. Luetzelburgii* Merl e *G. ornata* var. *gracilis* Merl. A primeira é sinônimo de *G. guianensis* N.E. Brown e a segunda de *G. aurea*, ambas sinonimizadas posteriormente por TAYLOR em etiquetas de herbário.

GOEBEL (1928) faz uma série de ponderações, comparações e conjeturas, principalmente a respeito da estrutura e função da folha utriculífera, concluindo que muitas de suas indagações, como por exemplo, se o processo de alimentação seria um “acaso” ou uma “adaptação metódica”, só poderão ser respondidas, mediante estudo em planta viva ou através da fisiologia.

TUTIN (1934), ao estudar as *Genlisea* da Guiana Britânica, descreve duas novas espécies: *G. pulchella* e *G. anfractuosa*, ambas sinonimizadas por TAYLOR em 1967, a primeira como sinônimo de *G. repens* e a segunda como sinônimo de *G. filiformis*.

KUHLMANN (1938), chama a atenção como se deve coletar a planta para se ter os órgãos vegetativos perfeitos e faz consideração a respeito da biologia de *G. ornata* concluindo que o grande número de carcaças de pequenos animais e restos de algas, dentro das urnas, contraria a afirmação daqueles que admitem que esses órgãos se tornam invioláveis depois de capturada uma presa.

Em 1942, LLOYD publica o seu “The Carnivorous Plants” onde comenta e compara os trabalhos anteriores de WARMING, DARWIN e GOEBEL, detalhando a morfologia da folha utriculífera e adicionando novos dados aliados à elucidativas estampas. Reexaminando os exemplares de *G. filiformis*, estudados por DARWIN, verifica que os utrículos assinalados por esse autor, na realidade pertenciam a fragmentos de indivíduos do gênero *Utricularia* misturados com os exemplares de *Genlisea*.

METCALFE & CHALK (1950, 1972) desconhecem o trabalho de MERL (1915) e generalizam a ausência de estômatos para todas as espécies de *Genlisea*; acrescentam alguns dados sobre a anatomia do eixo.

Em 1955, TAYLOR descreve *G. oxycetron* mais tarde por ele mesmo sinonimizada como *G. pygmaea*.

Nesse mesmo ano, HOEHNE repete observações de autores anteriores e pondera que a folha utriculífera parece ser mais utilizada pelos pequenos animais

como esconderijo e faz considerações mais detalhadas sobre o método de coleta, montagem ou para conservação em meio líquido.

Em 1964, FERNÁNDEZ-PÉREZ publica a monografia das *Lentibulariaceae* que trata da taxinomia dos gêneros e espécies da Colômbia e Peru, incluindo *G. filiformis*, *G. anfractuosa* e uma outra espécie que ele descreve, porém, não denomina, colocando-a apenas como afim de *G. pygmaea*, mais tarde — 1967, sinonimizada por TAYLOR.

TAYLOR (1967) faz o tratamento taxinômico das espécies de *Genlisea* da Guiana Inglesa, das quais três, *G. pygmaea*, *G. repens* e *G. filiformis*, ocorrem nas regiões sudeste e sul do Brasil.

Em 1973, KOMIYA divide *Lentibulariaceae* em três subfamílias: *Pinguiculoideae*, *Utricularioideae* e *Genliseoideae* com o gênero *Genlisea*.

Ainda nesse mesmo ano, DAWSON publica uma revisão para as *Lentibulariaceae* da Flora Argentina, onde estuda a família e faz comentários gerais sobre todos os gêneros.

Admite que esse tipo de planta, captura e digere animais buscando um complemento alimentício à matéria orgânica que sintetizam normalmente.

Embora o gênero *Genlisea* não ocorra nesse país, DAWSON, em traços gerais, situa bem o gênero.

Em 1974, GIBSON publica a monografia de *Lentibulariaceae* para a Flora da Guatemala, onde, para o gênero *Genlisea*, trata apenas da espécie *G. filiformis*.

Em 1977, FROMM-TRINTA divide o gênero em duas seções: *Genlisea* e *Tayloria* com base na deiscência do fruto.

3 — MATERIAL E MÉTODOS

Todas as descrições e observações contidas no texto estão baseadas em exemplares herborizados e citados como “material examinado”, em exemplares coletados, em diversas épocas, por nós e por outros coletores e conservados em álcool, acrescidas de anotações extraídas da literatura consultada.

Para o estudo da organização morfológica da face interna da folha utriculífera, foi utilizado o seguinte método:

- 1.º — cortamos a peça transversalmente, à mão livre sob a lupa, separando-a em regiões;
- 2.º — cortamos cada região longitudinalmente, em duas partes iguais;
- 3.º — todas as peças foram diafanizadas pelo Líquido de Dakin, coradas com safranina hidroalcoólica e montadas em glicerina 50%, uma na posição ventral e a outra na posição dorsal e observadas em visão frontal.
- 4.º — os grãos de amido foram evidenciados com lugol e também sob luz polarizada.

Os detalhes de nervação e epiderme das folhas verdadeiras, brácteas, bractéolas, cálice, porção interna do cálcio, ovário, estames e pilosidade do pedicelo foram obtidos através do mesmo processo de clarificação, coloração e montagem usado para a folha utriculífera e também observados em visão frontal.

Os grãos de pólen foram tratados por 2 processos:

- 1.º — Método de montagem de Mello Filho, constituído de:

- cloral hidratado fundido: 1/3
- lactofenol de Amann: 1/3
- glicerina 50%: 1/3

Esse processo tornou-se ideal porque há aproveitamento de todo o material, é rápido e permite medir o grão de pólen em condições normais, apenas não o esvazia.

2.º — Acetólise

Como o material era muito escasso, não conseguimos, pelo processo da acetólise, o número suficiente de grãos para obter os dados numéricos; por essa razão os utilizamos para a microfotografia e observações da estrutura. Os grãos tratados pelo método de Mello Filho foram utilizados apenas para obter os dados numéricos.

As microfotografias do pólen foram obtidas ao Microscópio Orthomat com objetivas 40X e 100X.

Para cada espécie foram medidos 20 grãos, escolhidos ao acaso, com objetiva 40X do Microscópio Orthomat, tendo sido calculados a média aritmética, a faixa de variação e o intervalo de confiança.

A terminologia usada é a de Erdtman (1952), modificada por Xavier Moreira (1969) e por Walker & Doyle (1975).

As microfotografias dos detalhes das folhas utriculíferas e de outras regiões da planta, foram obtidas em Microscópio Orthomat.

As microfotografias de peças maiores como: folhas, flores, frutos, sementes, etc, foram obtidas em Microscópio estereoscópico.

A medida total da corola foi obtida medindo-se do ápice do lábio superior ao ápice do calcar.

Os exemplares estudados pertencem aos herbários das seguintes Instituições:

- Museu Botânico Municipal, Curitiba (MBM) — ex-Herbário Hatschbach.
- Botanical Museum and Herbarium, Copenhagen, Dinamarca — (C).
- Botanische Staatssammlung, München, Alemanha — (M).
- British Museum of Natural History, London, Inglaterra — (BM).
- Conservatoire et Jardin Botaniques, Geneve, Suíça — (G).
- Departamento de Botânica, Universidade de Brasília, Brasil — (UB).
- Escola Superior de Agricultura de Viçosa, Brasil — (VIC).
- Field Museum of Natural History, Chicago, U.S.A. — (F).
- Gray Herbarium of Harvard University, Cambridge, U.S.A. — (GH).
- Herbário "Barbosa Rodrigues", Itajaí, Brasil — (HBR).
- Herbário do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil — (BHMG).
- Herbarium Bradeanum, Rio de Janeiro, Brasil — (HB).
- Instituto Agrônômico do Estado, Campinas, Brasil — (IAC).
- Instituto Agrônômico do Norte, Belém, Brasil — (IAN).
- Instituto Botânico, Caracas, Venezuela — (VEN).
- Instituto de Biociências, Departamento de Botânica, Porto Alegre, Brasil — (ICN).

Instituto de Botânica de São Paulo, Brasil – (SP).
 Instituto de História Natural, Curitiba, Brasil – (IHN).
 Instituto de Pesquisas Agronômicas, Dois Irmãos, Brasil (IPA).
 Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Brasil – (RB).
 Jardin Botanique de l'État, Bruxelles, Bélgica – (BR).
 Museu Nacional do Rio de Janeiro, Brasil – (R).
 Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Brasil – (MG).
 Muséum National d'Histoire Naturelle, Laboratoire de Phanérogamie,
 Paris, France – (P).
 National Museum, Smithsonian Institution, Washington, U.S.A. – (US).
 Naturhistorisches Museum, Wien, Áustria – (W).
 New York Botanical Garden, N.Y., U.S.A. – (NY).
 Royal Botanic Garden, Edinburgh, Inglaterra – (E).
 Royal Botanic Gardens, Kew, Inglaterra – (K).
 Swedish Museum of Natural History, Stockholm, Suécia – (S).

4 – RESULTADOS

4.1 – MORFOLOGIA

4.1.1 – ORGANOGRAFIA

HABITUS: Ervas rizomáticas com folhas basais rosuladas e escapo florífero. O corpo das espécies estudadas é, em geral, muito delicado, frágil, delgado, atingindo até 25,0 cm em *G. repens*, *G. filiformis* e *G. pygmaea* ou mais robusto, até 41,0 cm, em *G. aurea* e *G. violacea*, e excepcionalmente, até 64,0 cm, nessa última espécie.

Apresentam pilosidade muito variável e a presença de glândulas torna-as superficialmente mucilaginosas.

RAÍZES: Não há qualquer vestígio de raízes ou rizóides, apenas um rizoma emaranhado a raízes de *Gramineae*, *Cyperaceae*, *Xyridaceae*, etc, que normalmente se encontram aderentes à base de *Genlisea*. Esse rizoma serve de órgão de apoio e de fixação e, provavelmente, deve ter sido objeto de interpretações errôneas.

RIZOMA: em geral horizontal, reptante, algumas vezes vertical ou oblíquo. Em qualquer dos casos, ele emite para cima um ou mais escapos floríferos e folhas verdadeiras e, para baixo, as folhas utriculíferas. A queda de qualquer um dos dois tipos de folhas, pode deixar uma cicatriz arredondada na superfície do rizoma, em cujo centro são visíveis os elementos correspondentes ao traço foliar. Em *G. aurea* o rizoma é mais engrossado e as cicatrizes podem ser vistas nitidamente (fig. 2). Às vezes, ele pode se apresentar bastante longo, como em *G. repens*, por exemplo (fig. 31).

FOLHAS: Conforme dito acima, há dois tipos de folhas: as verdadeiras, que são aéreas e as utriculíferas, que são submersas, ambas ligadas ao rizoma.

Distribuem-se ao longo do rizoma, em disposição alternada, adensando-se em direção à base do escapo, onde podem tornar-se congestas a ponto de formar uma roseta foliar (fig. 31).

Folhas verdadeiras: a lâmina sensivelmente uniforme, é sempre espatulada, obovado-espatulada ou obovado-arredondada e assenta sobre um pecíolo longo (fig. 3A-E). Em *G. violacea* há uma tendência maior para o obovado-arredondado e o pecíolo em geral é mais curto; em *G. aurea* a tendência é para a forma tipicamente espatulada.

Quanto à nervação, há, em geral, 3 nervuras principais, longitudinais e paralelas, constituídas por feixes vasculares cujos elementos traqueais se apresentam ora anelados ora espiralados. Essas nervuras apresentam muitas ramificações que se anastomosam para o ápice da lâmina (fig. 3 F-J).

METCALFE & CHALK (1950, 1972), afirmam que os estômatos estão ausentes, entretanto, pudemos comprovar a veracidade de MERL (1915), quando diz que eles estão presentes somente na epiderme dorsal de *G. filiformis*, em ambas as epidermes de *G. violacea* e ausentes em *G. ornata* onde normalmente há maior quantidade de pêlos glandulosos; esse mesmo autor ainda se refere a estômatos na epiderme dorsal de um exemplar que supõe seja *G. repens*.

Podemos acrescentar que *G. repens* e *G. pygmaea* possuem estômatos somente na epiderme dorsal (fig. 4).

Em todas as espécies das regiões sudeste e sul do Brasil, tanto a epiderme dorsal da folha quanto a ventral e pecíolo, trazem pêlos glanduloso-capitados, consistindo de uma célula basal ao nível das células epidérmicas, uma curta célula intermediária e uma cúpula esférica unicelular, responsáveis pela produção da substância mucilagínosa (fig. 5B). A epiderme ventral em consequência da projeção das paredes celulares externas, adquire aspecto papiloso (fig. 5C).

Folhas utriculíferas: foram objeto de estudo por parte de WARMING (1874b), DARWIN (1877, 1896), GOEBEL (1893a) e principalmente Lloyd (1942).

A terminologia que adotamos para esse tipo de folha é a usada por Lloyd.

Nelas distinguimos 4 regiões (fig. 6A):

R₁ — um pedicelo cilíndrico que se prende ao rizoma;

R₂ — uma região inflada, geralmente ovóide, oblonga ou um tanto globosa, chamada ampola;

R₃ — uma região cilíndrica, em geral mais alongada e mais inflada que o pedicelo, chamada tubo sobrepujante;

R₄ — dois braços helicoidais.

O crescimento da folha utriculífera é apical (WARMING 1874a, GOEBEL 1893a); ela se mantém vertical durante quase todo o desenvolvimento, apresentando o ápice fortemente recurvado (fig. 7A).

O pedicelo é sempre mais estreito do que o tubo sobrepujante, consequentemente a abertura do pedicelo para a ampola é menor do que a da ampola para o tubo sobrepujante.

Como resultado da bifurcação desse tubo, formam-se dois braços helicoidais, com torções contrárias e cujos ápices também se apresentam recurvados. Esses braços mantêm-se independentes e por efeito de sua torção, deixam, nas margens aparentemente soldadas, aberturas laterais e apicais e entre eles uma aber-

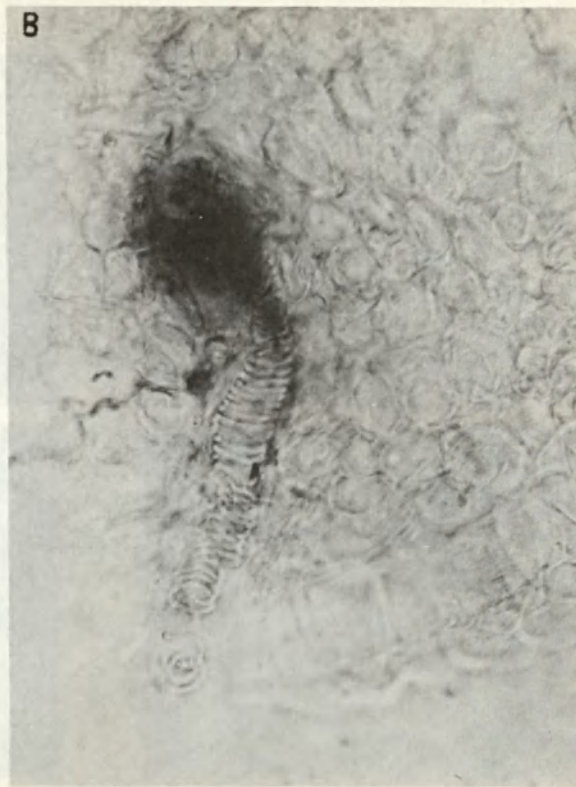
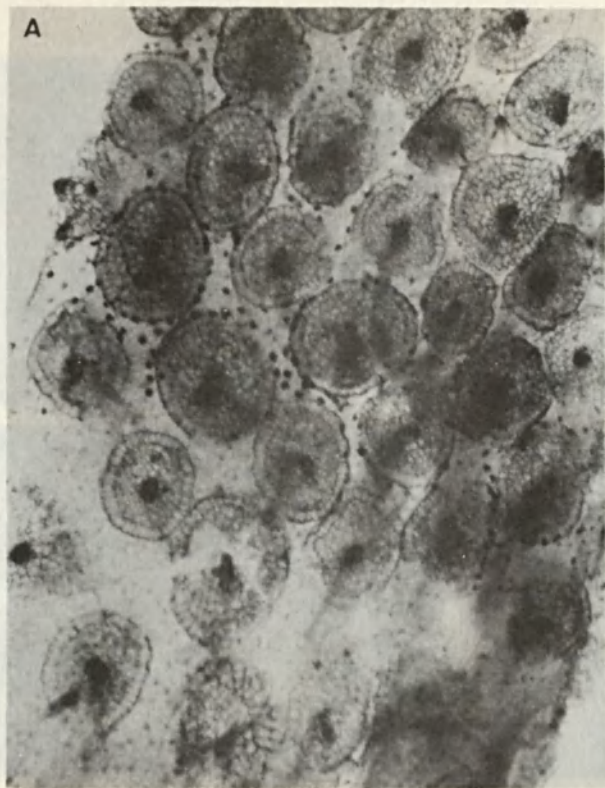


Fig. 2: *G. aurea*: A: detalhe do rizoma mostrando as cicatrizes (51X); B: detalhe de uma cicatriz mostrando elementos do traço foliar (518X).

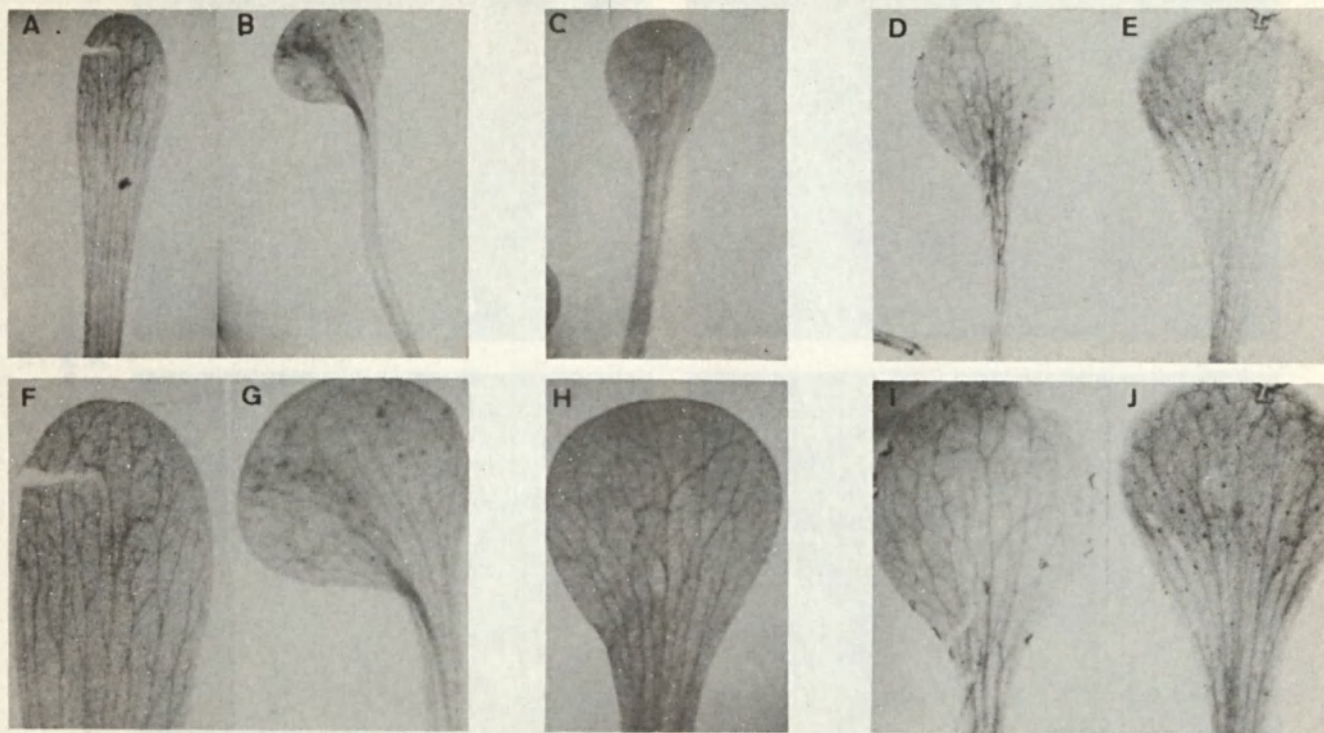


Fig. 3: Folhas. Aspecto geral. A: *G. aurea* (4,8X); B: *G. filiformis* (5,1X); C: *G. pygmaea* (3,7X); D: *G. repens* (5,4X); E: *G. violacea* (5,2X). Nervação. F: *G. aurea* (10,4X); G: *G. filiformis* (10,8X); H: *G. pygmaea* (7,7X); I: *G. repens* (8,5X); J: *G. violacea* (6,4X).

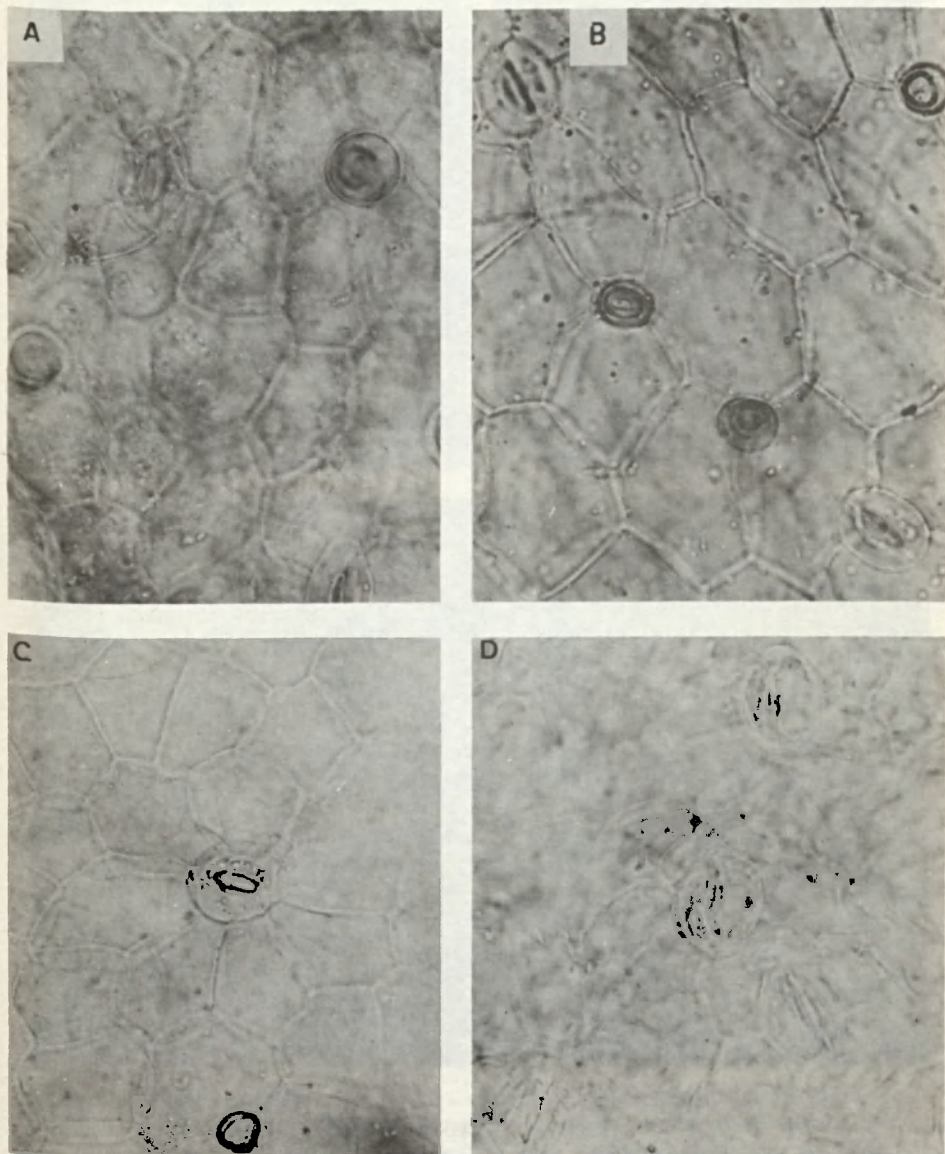


Fig. 4: *Estômatos* na epiderme dorsal das folhas. A: *G. filiformis* (416X); B: *G. pygmaea* (393X); C: *G. repens* (444X); D: *G. violacea* (454X).

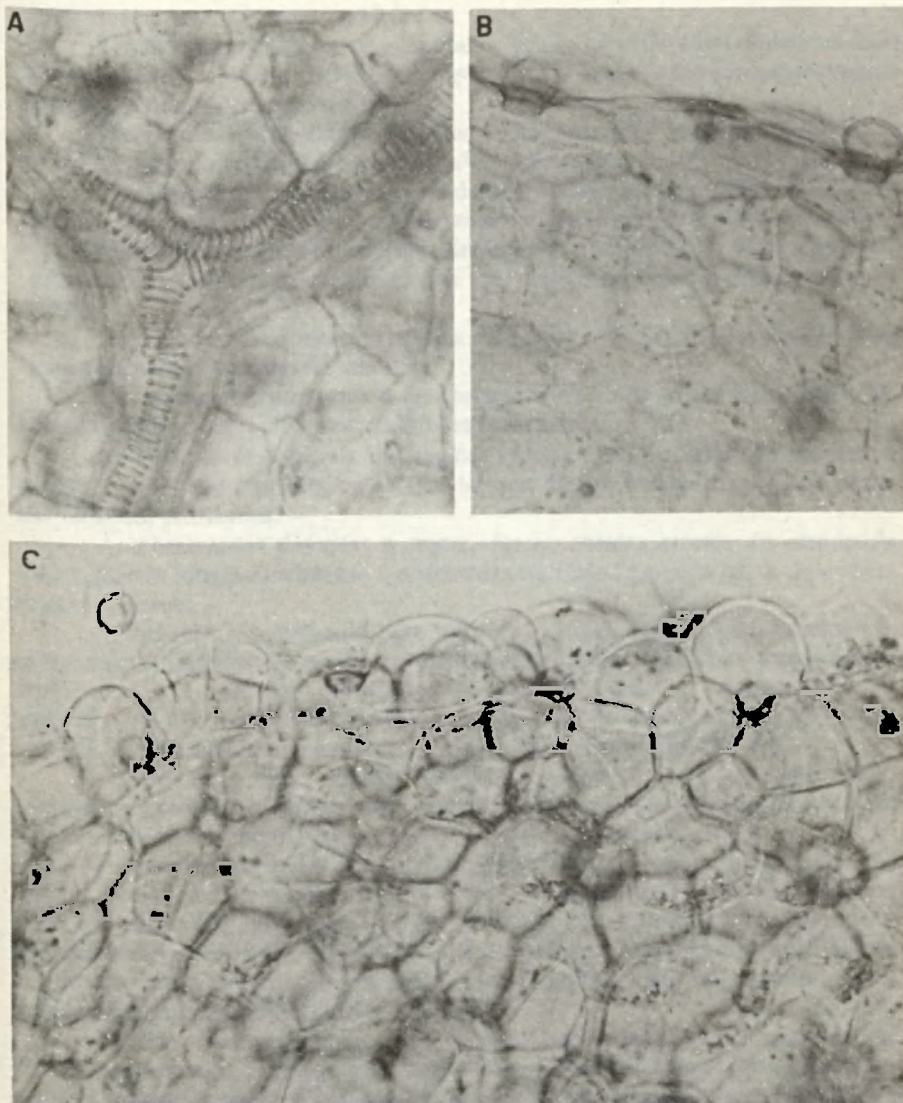


Fig. 5: *Detalhes da folha*. A: *G. repens* – epiderme dorsal mostrando os elementos traqueais anelados (444X); B: *G. pygmaea* – epiderme ventral com pêlo glanduloso de cúpula unicelular (444X); C: *G. aurea* – epiderme ventral com aparência papilosa (400X).

tura transversal; quando distendidos, apresentam o aspecto de duas lâminas planas, com as margens bastante onduladas.

Tivemos oportunidade de observar a folha utriculífera em diferentes fases de crescimento e pudemos comprovar que os dois braços crescem paralelamente atingindo o mesmo comprimento.

Em material herborizado, geralmente encontramos essa folha muito fragmentada e quando completa, em geral, os braços se apresentam sem os ápices.

O tamanho de cada região varia dentro de uma mesma espécie ou de uma espécie para outra; em *G. violacea* observamos que, em geral, o pedicelo é mínimo e a ampola muitas vezes sai quase que diretamente do ponto de inserção, apresentando-se bem mais longa e oblonga que nas demais espécies onde geralmente é ovóide.

As medidas das diferentes regiões das folhas utriculíferas das espécies aqui estudadas, estão ilustradas na tabela 1.

Externamente, por todo o comprimento da folha utriculífera, aparecem pêlos glanduloso-capitados comuns à folha verdadeira (fig. 7C).

As espécies de *Genlisea* das regiões sudeste e sul do Brasil, apresentam a mesma organização morfológica na face interna da folha utriculífera, com pequenas variações estruturais.

As observações descritas a seguir, foram obtidas através do estudo de folhas abertas longitudinalmente e observadas em visão frontal, a partir do pedicelo para os braços.

— *Pedicelo*: é semelhante para todas as espécies. Nesta região as células se apresentam alongadas; há um único feixe vascular, cujos elementos tranqueais se apresentam ora anelados espiralados, percorrendo todo o comprimento do pedicelo (fig. 6B, 8A); pode ou não apresentar grãos de amido. Em *G. repens*, por exemplo, há abundância de grãos de amido simples e compostos (fig. 8B).

— *Ampola*: o feixe vascular que vem do pedicelo, continua nessa região, onde agora as células são poligonais e irregulares (hexagonais principalmente) e em algumas espécies, como *G. repens* e *G. aurea*, ricas em grãos de amido.

Há numerosos pêlos curtamente pediculados, glanduloso-capitados, de cúpula pluricelular, cujo número de células varia, assim, em *G. aurea* encontramos de 4 à 8 células (fig. 9A), em *G. repens* de 4 à 6, em *G. pygmaea*, *G. filiformis* e *G. violacea* 4, formando verdadeiras rosetas bastante aglomeradas ou dispostas regular ou irregularmente; nesses pêlos, o material secretado se acumula entre a cutícula e a parede celular (Goebel, 1893a).

No final da ampola começam a aparecer anéis formados por uma camada de células pequenas e retangulares, dispostos em séries sucessivas. Neles estão inseridos, em geral, longos pêlos simples, bicelulares, de tamanho variável, voltados para dentro, em direção ao pedicelo, os pêlos maiores ultrapassando o anel subsequente (fig. 6C, 9B).

— *Tubo sobrepujante*: todo ele é formado pela seqüência desses anéis, visíveis mesmo externamente (fig. 9C). À princípio, os anéis são mais próximos, depois paulatinamente vão se afastando, de maneira que os intervalos variam, havendo um aumento progressivo entre eles. Encontramos um intervalo mínimo de 120 μ e um intervalo máximo de 480 μ (fig. 9D).

ESPÉCIES	PEDICELO	AMPOLA	T. SOBREPUJANTE	BRAÇOS
<i>G. aurea</i>	5,0 – 55,0mm cp	1,0 – 3,5mm cp 0,5 – 2,5mm diam.	5,5 – 25,0mm cp	5,0 – 30,0mm cp
<i>G. filiformis</i>	1,0 – 20,0mm cp	0,5 – 1,5mm cp 0,5 – 1,0mm diam.	4,0 – 9,5mm cp	2,0 – 15,0mm cp
<i>G. pygmaea</i>	5,5 – 36,0mm cp	1,0 – 1,2mm cp 0,5 – 1,0mm diam.	10,0mm cp	12,0mm cp
<i>G. repens</i>	5,0 – 65,0mm cp	0,5 – 2,0mm cp 0,3 – 1,0mm diam.	4,0 – 15,0mm cp	3,0 – 16,0mm cp
<i>G. violacea</i>	0,1 – 7,0mm cp	1,0 – 3,5mm cp 0,4 – 1,3mm diam.	3,5 – 9,5mm cp	1,0 – 25,0mm cp
TABELA 1: Medidas das diferentes regiões da folha utriculífera.				

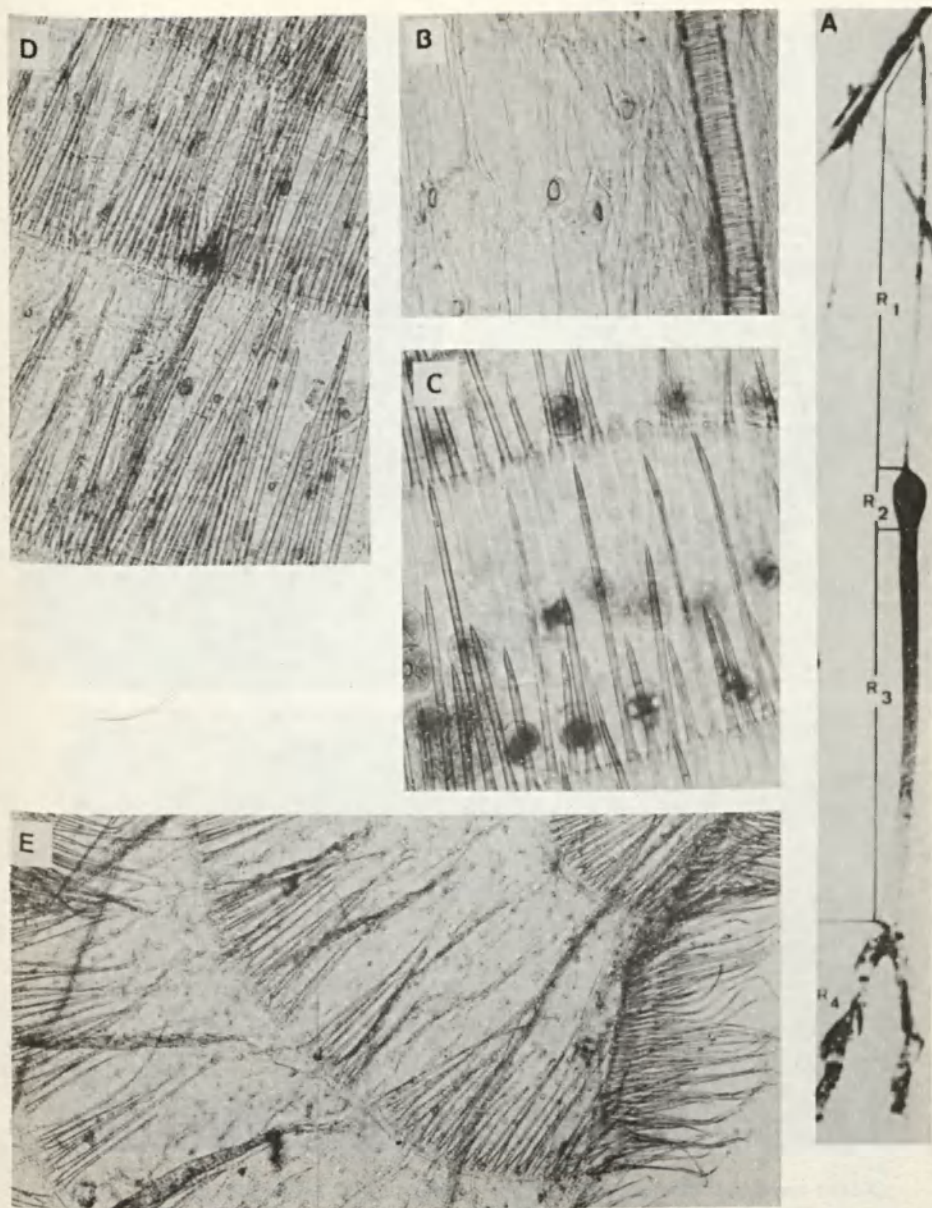


Fig. 6: *Folha utriculifera*. A: *G. repens* – aspecto geral (3,3X); B-E: *G. aurea* – detalhes da face interna. B: pedicelo (222X); C: ampola (269X); D: tubo sobrepujante (119X); E: braço (42X).

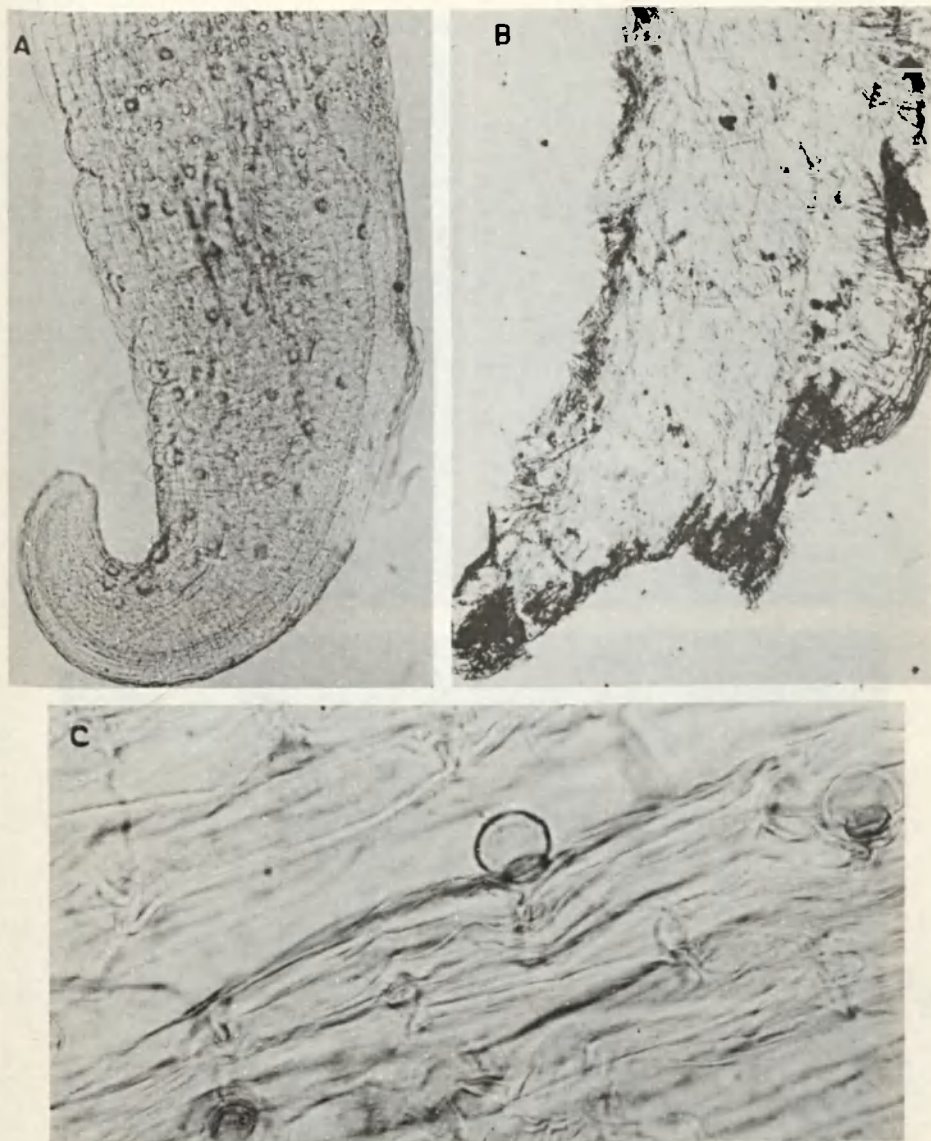


Fig. 7: *Folha utriculífera*. A: *G. repens* – ápice de um braço em fase jovem (416X); B: o mesmo, mais desenvolvido e distendido, mostrando a face interna e a margem ondulada (42,8X); C: *G. aurea* – pêlos glandulosos de cúpula unicelular, na face externa (476X).

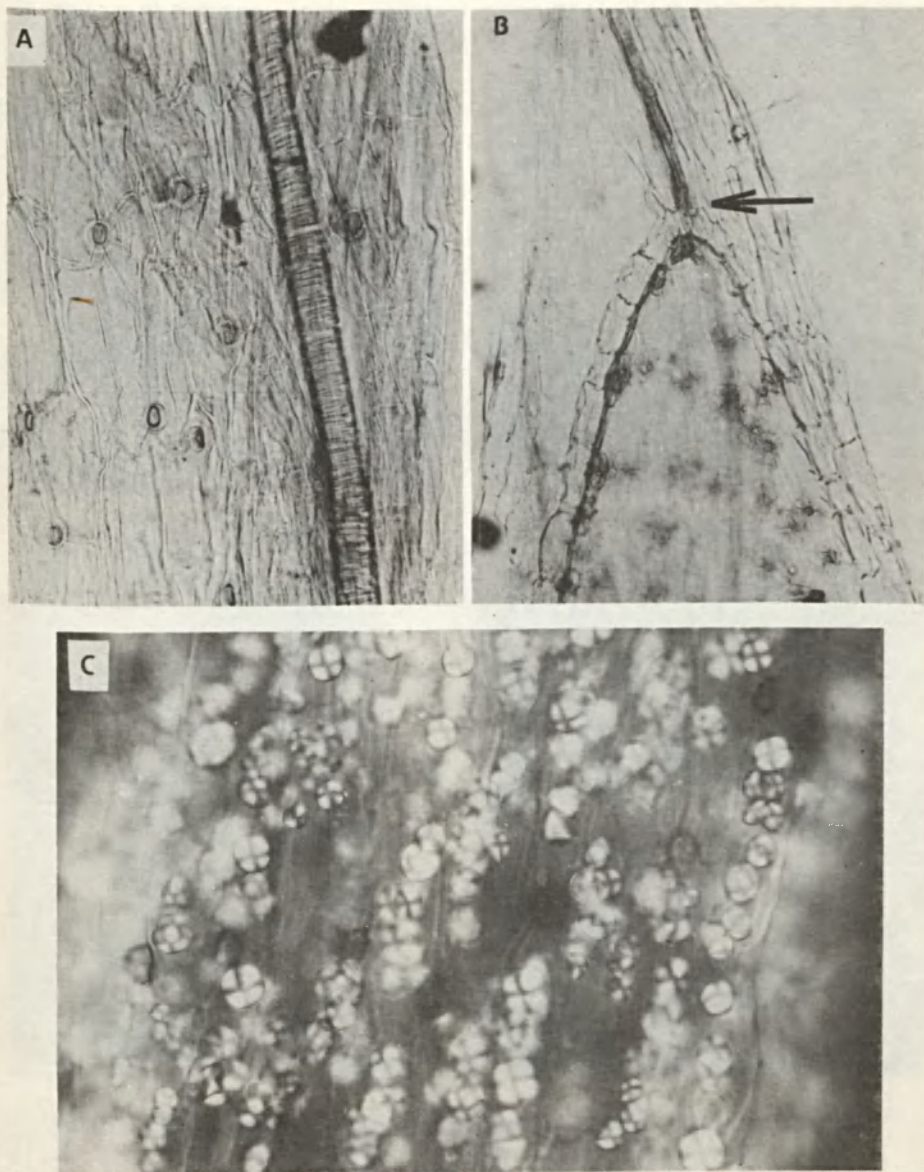


Fig. 8: *Folha utriculífera*. A: *G. aurea* – detalhe da face interna do pedicelo (222X); B: *G. violacea* – região de transição entre o pedicelo e ampola (59,5X); C: *G. repens* – grãos de amido (448X).

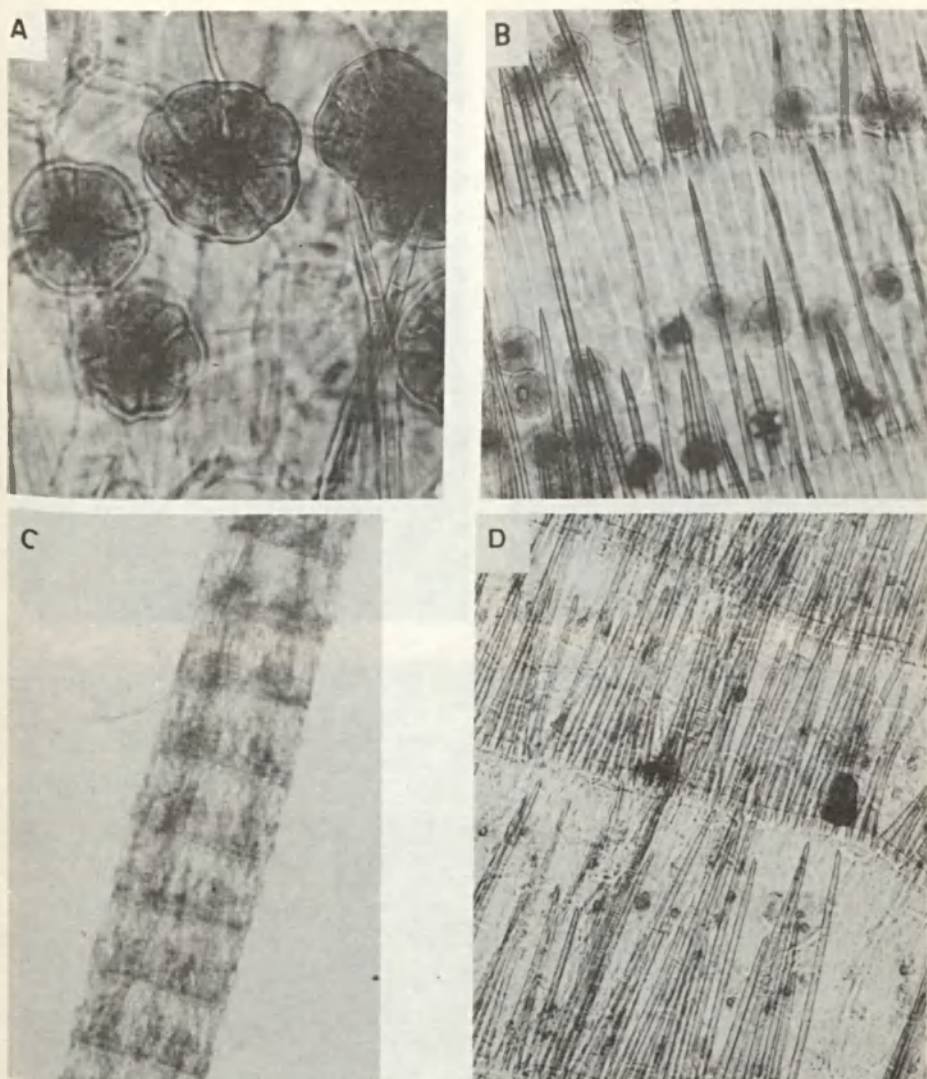


Fig. 9: *Folha utriculífera – face interna da ampola. G. aurea*. A: pêlos glandulosos de cúpula pluricelular (466X); B: detalhe da disposição dos pêlos simples e dos glandulosos (269X). *Tubo sobrepujante. C: G. repens – aspecto externo* (24X); D: *G. aurea – aspecto interno* (119X).

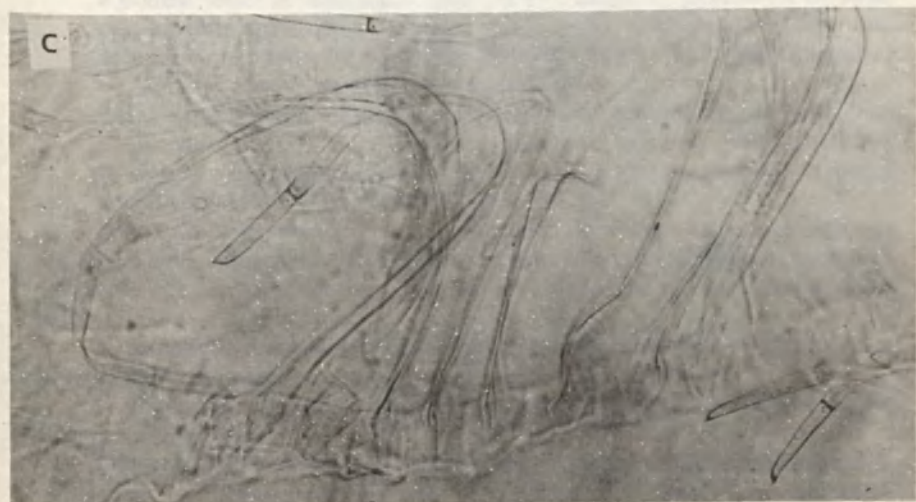
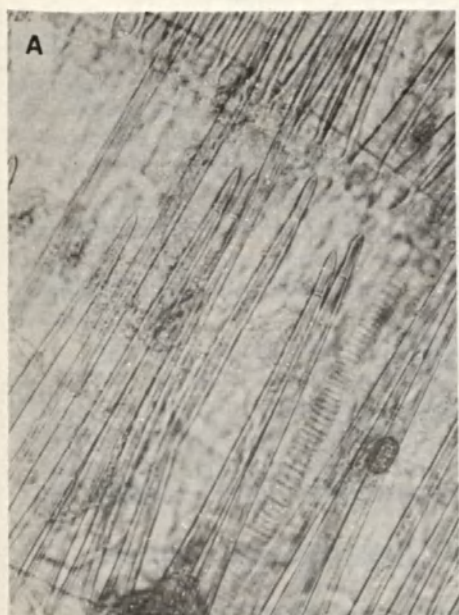


Fig. 10: *Folha utriculífera – tubo sobrepujante*: pêlos simples, bicelulares. A: *G. aurea* (300X); B: *G. violacea* (434X); C: *G. repens* (433X).

Os pêlos desses anéis podem apresentar diferenças de estrutura, assim, em *G. aurea*, *G. repens*, *G. pygmaea* e *G. filiformis* são formados por uma célula mais longa, de base dilatada, e uma acentuadamente menor, cujo ápice pode se apresentar agudo, obtuso ou em bixel, reto ou levemente encurvado (figs. 10A, C). Em *G. violacea*, no início do tubo, os pêlos são menores, espessados, oblongos e a célula apical é mínima, apiculada, com acume agudo ou obtuso (fig. 10B). Depois eles vão se alongando e a célula apical torna-se aguda ou em bixel.

Nesta região como no final da ampola, são encontradas séries de pêlos simples acompanhadas de uma ou duas fileiras de pêlos glanduloso-capitados, em rosetas, com 8-2 células, bastante numerosos e dispostos ordenadamente ou não; a primeira fileira bem junto ao anel e a outra, logo a seguir, mais para o meio do intervalo (fig. 9B).

Quanto à estruturação das paredes celulares entre os anéis, essas espécies apresentam geralmente células alongadas, estreitas, de paredes retas até quase a metade do intervalo, continuando-se com células de paredes sinuosas até o anel seguinte; entretanto em *G. violacea* e *G. filiformis*, além dessa estruturação básica, ainda podemos encontrar entre um anel e outro, um tipo algo diferente, constituído somente por uma fileira daquelas células alongadas, estreitas, de paredes retas.

No tubo sobrepujante ocorrem duas transformações, em geral, próximo à região de bifurcação do tubo:

1a: os pêlos simples, bicelulares, vão se tornando mais alongados, delgados e podem sofrer modificações, assim, em *G. aurea*, *G. pygmaea* e *G. violacea*, a célula apical vai aos poucos se dilatando, adquirindo primeiro uma forma oblonga e depois tornando-se claviforme (fig. 11A); em *G. repens* e *G. filiformis* eles se mantêm em bixel (fig. 10C).

2a: a cúpula do pêlo glanduloso-capitado (4-8 células), vai sofrendo diminuição quanto ao número de células, que se reduzem até duas. Inicialmente a cúpula é arredondada com o pé central, posteriormente ela se alonga e o pé adquire posição excêntrica (fig. 11B-C).

Ainda no tubo sobrepujante, encontramos dois feixes vasculares dispostos um da cada lado, divergindo e dividindo-se na altura da bifurcação com emissão de ramificações de curso limitado. Grãos de amido podem ser encontrados nessa região.

A disposição dos anéis de pêlos simples, aliada à presença e disposição dos pêlos glandulosos, confere a essa região um aspecto muito peculiar.

— **Braços:** as células são poligonais, de paredes um tanto sinuosas e podem conter grãos de amido.

Observamos que os anéis visíveis nos braços fechados, uma vez distendidos, correspondem a linhas curvas cuja associação assume um aspecto geral helicoidal. Em cada anel encontramos pêlos simples, bicelulares, de ápice claviforme ou em bixel, ainda mais longos e mais delgados que os observados na região do tubo sobrepujante. De cada lado, corre um feixe vascular (fig. 6E, 12A). Espalhados por toda a área, encontramos pêlos glanduloso-capitados de cúpula bicelular e pé curto, excêntrico (fig. 11B-C). Acompanhando as linhas, no trecho entre a margem e o feixe vascular, aparece uma fileira de pêlos curtos, simples, bicelulares, de tama-

nhos variáveis. formados por uma célula bem dilatada na base e uma apical, menor, aguda, terminando em ponta (fig. 12B). Em posição intermediária pode aparecer, numa das laterais, uma terceira fileira com pêlos simples, bicelulares, de tamanho mediano, formados por uma célula basal um tanto longa, oblonga e uma apical curta, oblonga, de ápice obtuso (fig. 12C).

Em *G. repens*, os pêlos curtos acima referidos acompanham as margens dos braços, de maneira ininterrupta, em geral com 2-3 fileiras ou um tanto desordenados.

Em *G. pygmaea*, não encontramos os pêlos curtos, somente a fileira intermediária acompanhando a linha anular (fig. 13A).

Os resultados aqui apresentados não devem ser considerados como definitivos e deverão ser complementados pelo estudo de exemplares vivos e mais completos.

Tratando-se de plantas destituídas de raízes e habitando ambientes úmidos, como sejam pântanos, solos arenosos úmidos, etc, e possuindo uma estrutura tão rica em pêlos simples e glandulosos na sua folha utriculífera, nos parece admissível que parte da água e sais minerais de que necessitam, seja absorvida, de alguma forma, por esses elementos.

INFLORESCÊNCIA: racemosa, geralmente pilosa, constituída por um escapo reto com flores amarelas ou violáceas, as mais inferiores um tanto distanciadas e as superiores mais congestas.

Os tipos de pêlos encontrados em todas as regiões da inflorescência são:

- simples, pluricelulares (2-9 células), com célula apical curta, geralmente aguda ou aguçada (fig. 14B), em todas as espécies, exceto *G. violacea*.
- simples, bicelulares, com célula apical longa, obtusa e um tanto mais dilatada na base (fig. 14D), apenas em *G. violacea*.
- glanduloso-capitados, de cúpula globosa ou elipsóide, com 4-muitas células. célula intermediária curta e pé longo pluricelular (2-9 células-fig. 14 A-C): encontrados em todas as espécies, exceto em *G. violacea*.
- glanduloso-capitados de cúpula em geral oblonga, pluricelular, com mais de 4 células e pé longo unicelular (fig. 14D), apenas em *G. violacea*. Excepcionalmente, em pêlos isolados, pode formar-se um septo transversal.
- glanduloso-capitados, de cúpula esférica unicelular, célula intermediária e pé curto, já encontrados nos dois tipos de folhas (fig. 5B, 7C).

Além desses tipos, podemos encontrar na corola, outros pêlos característicos:

- simples, unicelulares, cônicos, papiliformes, distribuídos uniformemente por toda a superfície, porém, maiores e mais adensados na fauce e giba (fig. 15A); comum a todas as espécies.
- simples, bicelulares, com a parede externa das células bastante ornamentada. célula apical longa e às vezes um tanto dilatada na base (fig. 15C); encontrados somente em *G. violacea*, na parte interna do calcar, desde a fauce até a região mediana.
- glanduloso-capitados de cúpula globosa com 4 células, pé longo unicelular. oblongo, mais ou menos engrossado e célula intermediária curta (fig.

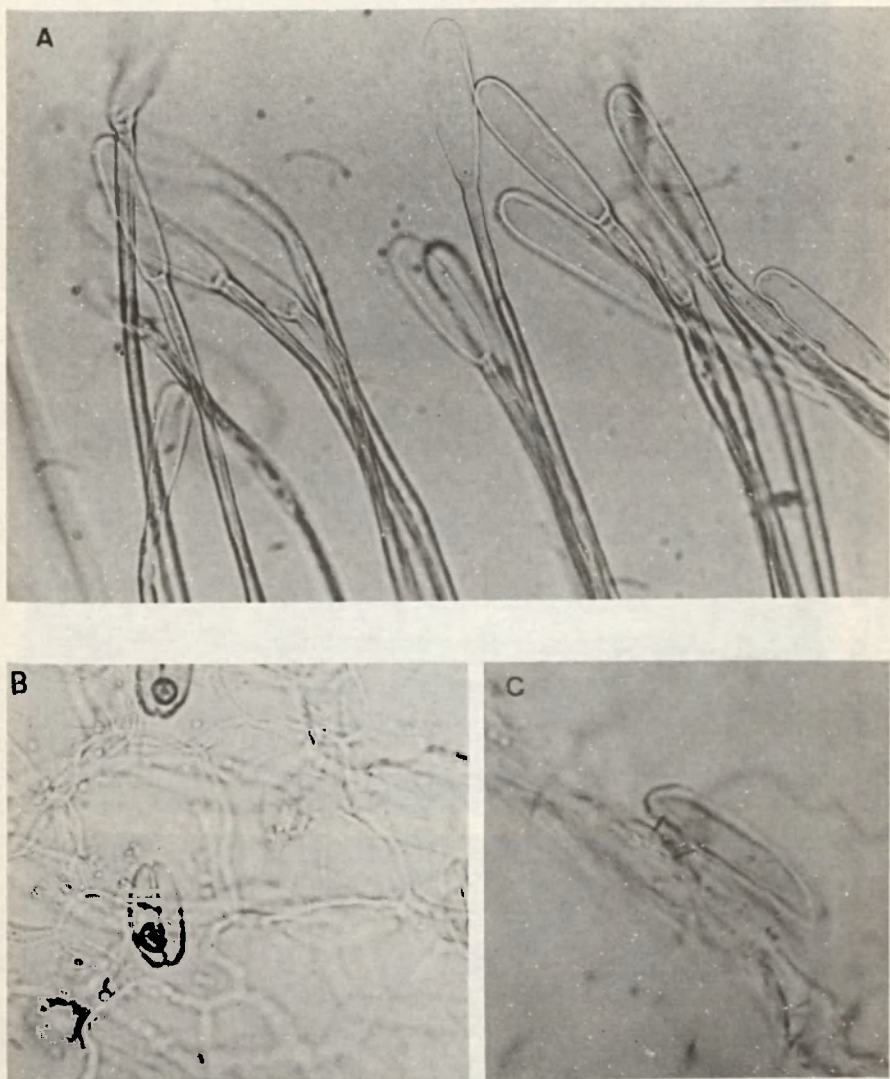


Fig. 11: *Folha utriculifera* – tubo sobrepujante. A: *G. aurea* – pêlos simples com célula apical claviforme (431X); B: *G. repens* – pêlos glandulosos com pé excêntrico (541X); C: o mesmo em visão lateral (666X).

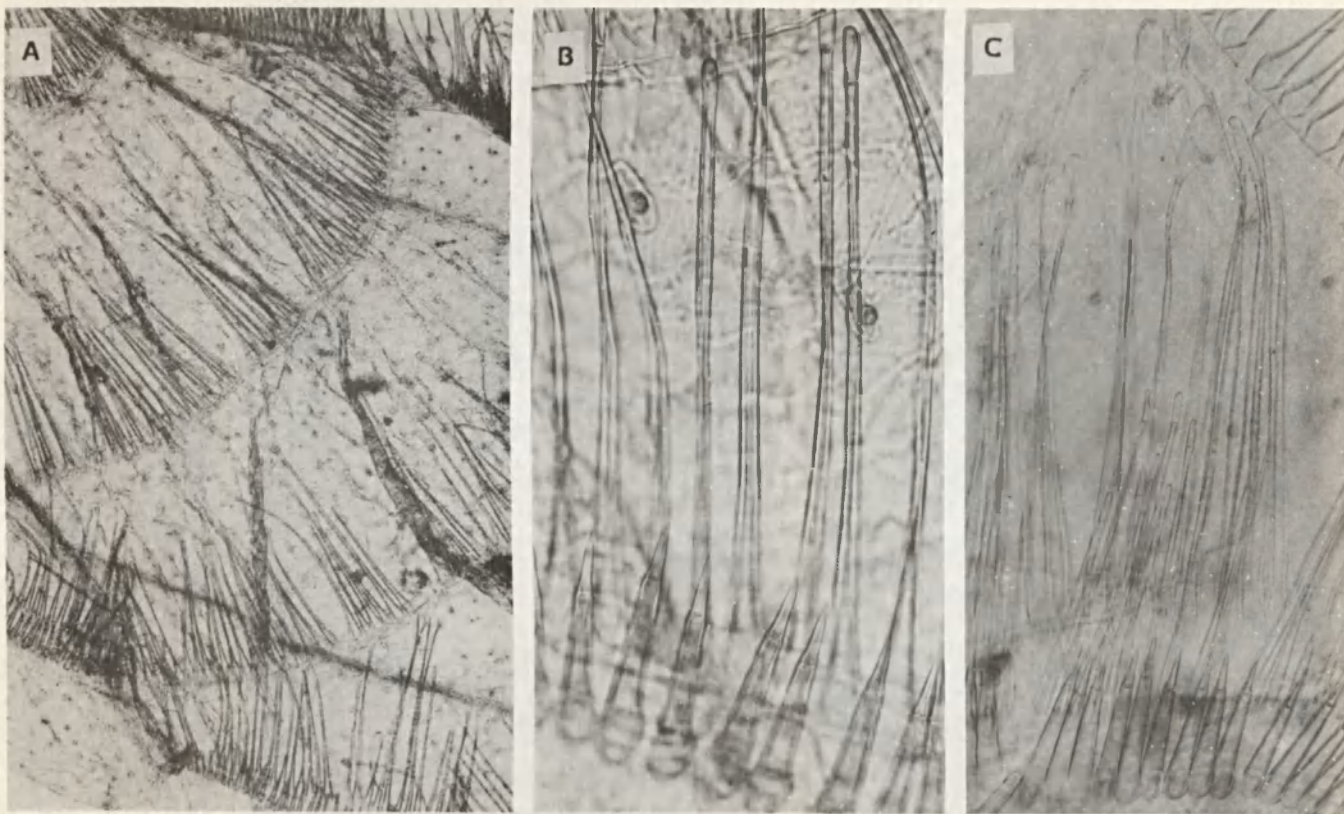


Fig. 12: *Folha utriculífera – braços. G. aurea*: A: aspecto geral (42X); B: detalhe da curvatura com as duas fileiras de pêlos (503X); C: detalhe da curvatura com as três fileiras de pêlos (177X).

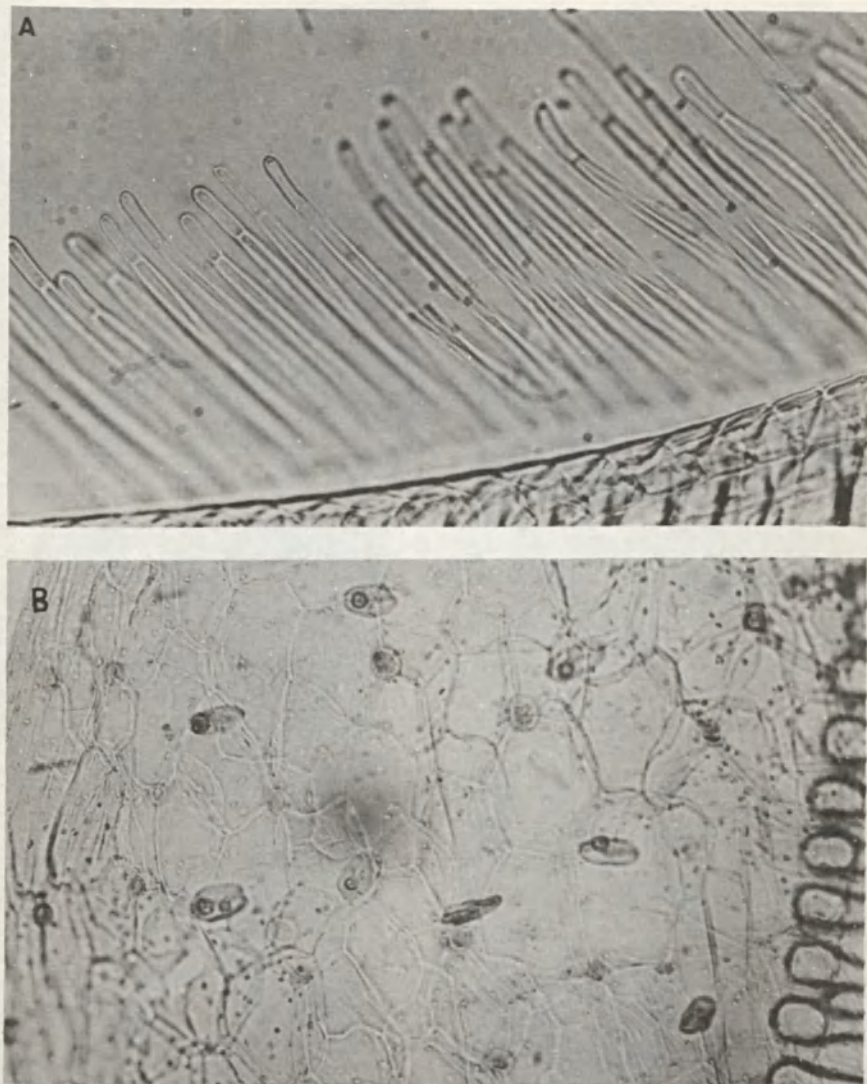


Fig. 13: *Folha utricultifera* – braços. A: *G. pygmaea* – pêlos da curvatura (444X);
B: *G. aurea* – detalhe da epiderme entre a margem e a fileira de pêlos curtos da curvatura (290X).

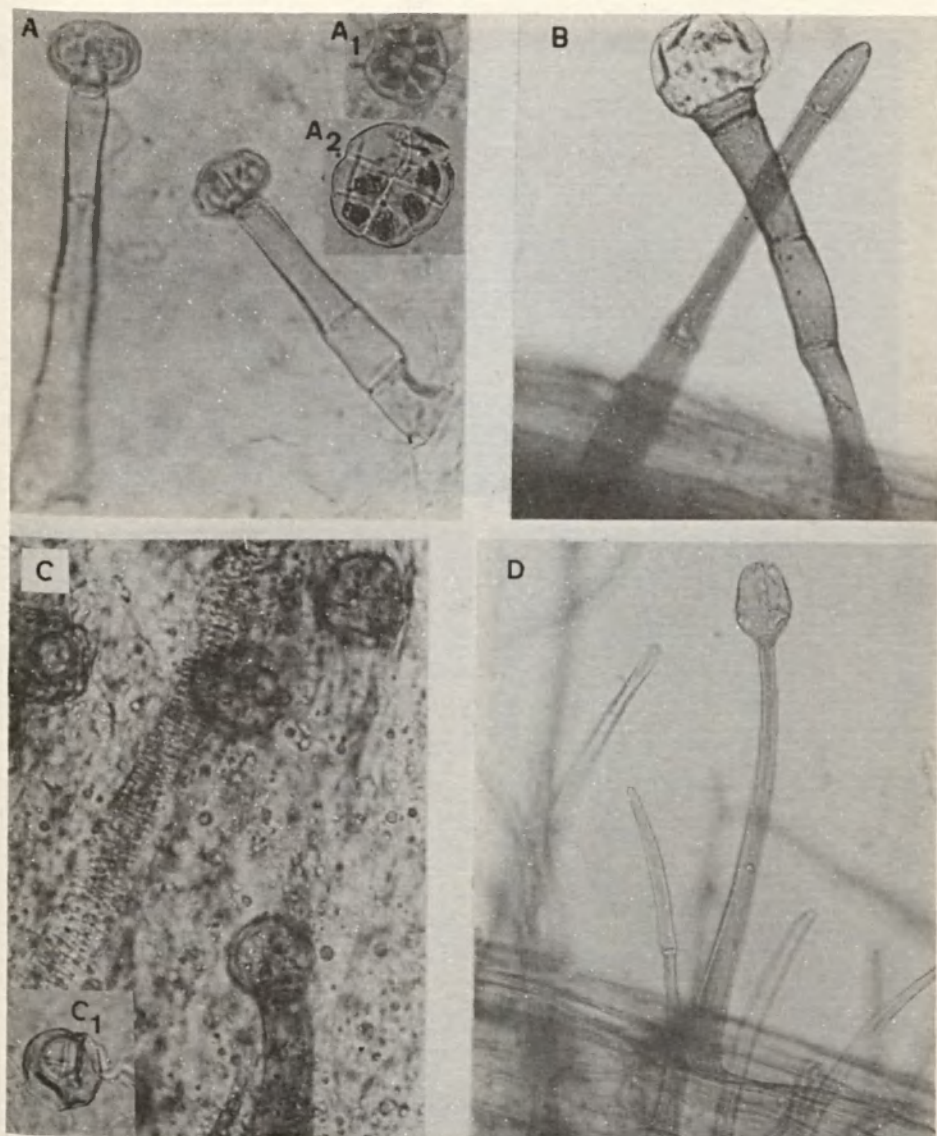


Fig. 14: *Pêlos da inflorescência*. A: *G. aurea* – pêlo glanduloso (270X) e detalhes da cúpula (A₁–407X; A₂–472X); B: *G. filiformis* – pêlos simples e glanduloso (400X); C: *G. repens* – pêlo glanduloso (432X) e detalhe da cúpula (C₁–416X); D: *G. violacea* – pêlos simples e glanduloso (257X).

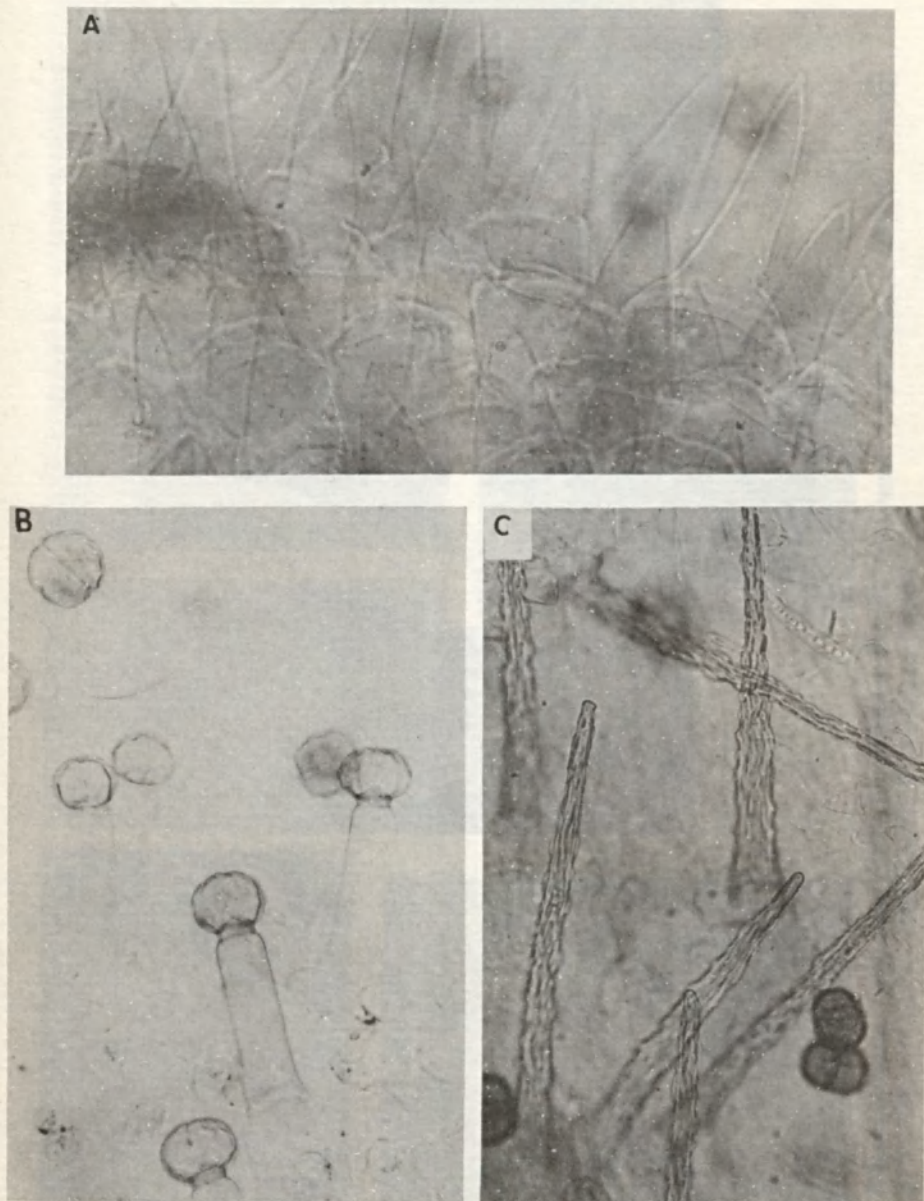


Fig. 15: *Pêlos da corola. G. aurea*: A: pêlos simples cônicos (262X); B: pêlos glandulosos (275X); *G. violacea*: C: pêlos simples ornamentados (297X).

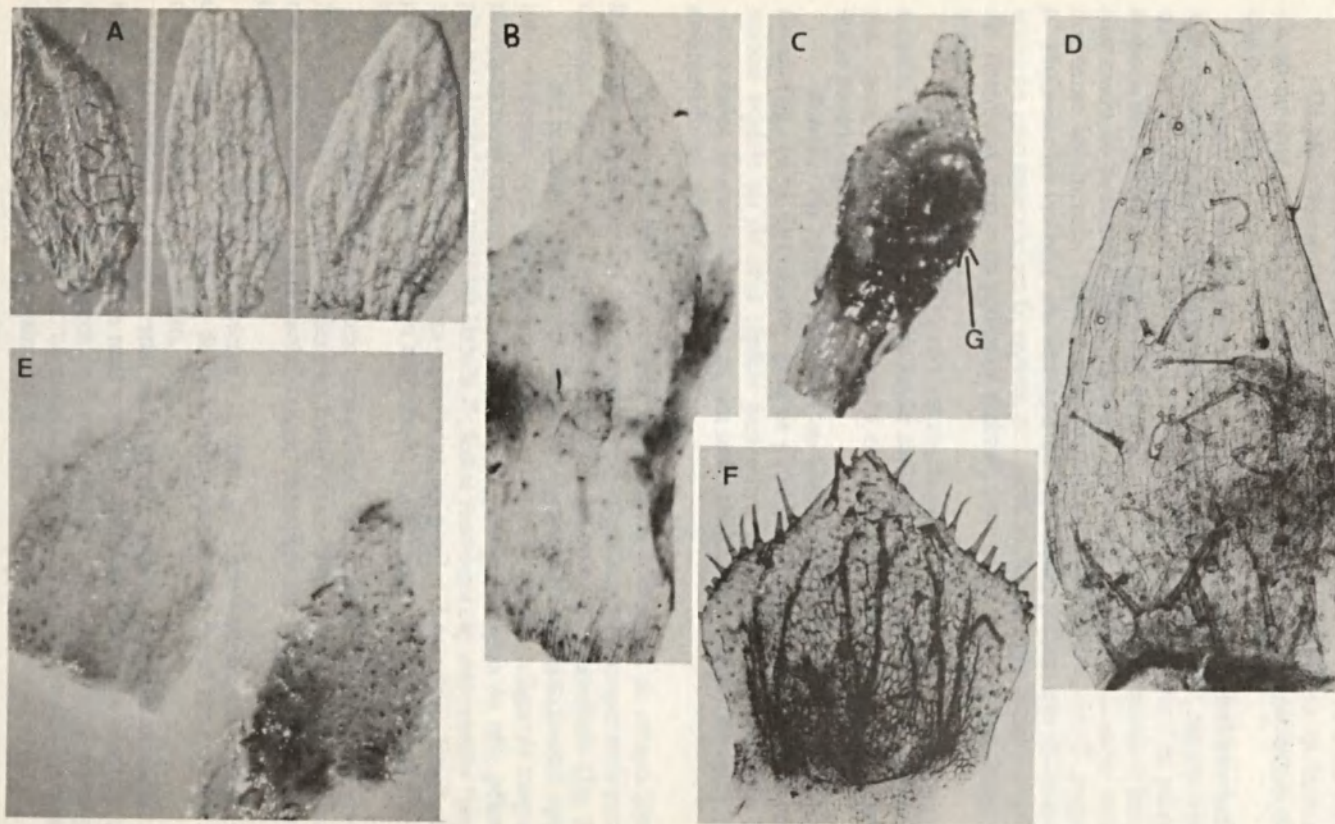


Fig. 16: *Brácteas do escapo*. A: *G. aurea* (8,6X); B: *G. filiformis* (45,8X); C: *G. repens* – bráctea com gema floral – G(32X); D: *G. violacea* (44X); E: *G. repens* (27,6X); F: *G. pygmaea* (46,2X).

15B); encontrados somente em *G. aurea*, na face ventral do lábio superior.

Os pêlos variam também quanto a distribuição e tamanho, na mesma espécie ou de uma espécie para outra; em geral, os glandulosos se apresentam maiores que os simples.

Apesar de variar muito, o tipo e grau de pilosidade da inflorescência tem importância taxinômica; em todas as espécies com exceção de *G. repens*, à medida que nos aproximamos do ápice da inflorescência há um aumento de pilosidade; embora essa diferença ocorra em todo o eixo, o grau de pilosidade é bem mais acentuado no pedicelo e cálice, de modo que, em *G. violacea* e *G. aurea* onde normalmente são hirsutos, esses órgãos se tornam hirsutíssimos; em *G. pygmaea* e *G. filiformis* há também um aumento de pilosidade, porém, não tão acentuado como no caso anterior; em *G. repens*, ao contrário, há uma diminuição de pilosidade, ficando o eixo e os pedicelos glabros, com pêlos somente nas margens das brácteas e cálice.

O escapo varia de delgado até um tanto robusto. De um modo geral ele é simples, às vezes ramificado, podendo ainda apresentar-se solitário ou não. Algumas vezes, a parte apical se apresenta acentuadamente dicotômica ou quase reta numa mesma espécie (fig. 33).

Brácteas do escapo: ausentes ou presentes, basifixas, com ou sem gemas florais (fig. 16A). O tamanho, grau de pilosidade e forma podem variar em uma mesma espécie ou de uma espécie para outra, sendo geralmente ovadas, ovado-lanceoladas, lanceoladas, às vezes, um tanto elíticas ou oblongas, de ápice inteiro, emarginado ou bidentado (fig. 16).

Brácteas da base do pedicelo: semelhantes às brácteas do escapo. *Bractéolas* geralmente do mesmo comprimento que as brácteas mas sempre mais estreitas, oblongas, lanceoladas, lineares, linear-lanceoladas ou ovado-lanceoladas (fig. 17).

As brácteas e bractéolas observadas dorsalmente em visão frontal, apresentam: epiderme com aparência papilosa, estômatos, células poligonais irregulares, principalmente retangulares e hexagonais, de paredes sinuosas ou não, pêlos simples ou glanduloso-capitados (tabela 2); feixes vasculares cujos elementos traqueais se apresentam ora anelados ora espiralados, em geral, 1-3 principais, longitudinais, paralelos que se ramificam ou não, sendo normalmente 3 nas brácteas e 1-2 nas bractéolas.

O pedicelo (fig. 18) tem importância taxinômica. Ele é sempre ereto na flor e pode ser ereto ou retroflexo no fruto. Nesse último caso, evidencia imediatamente *G. violacea*. E acrescente, o que exemplificam os pedicelos inferiores, maiores que os superiores.

Os pedicelos de *G. violacea* e *G. aurea* são hirsutíssimos; em *G. filiformis* e *G. pygmaea* há um aumento de pilosidade, porém, não como nas espécies anteriores; em *G. repens* ele é glabro.

O número de flores varia, assim em *G. violacea* podemos encontrar 1-17 flores, incluindo-se as formas mais robustas, entretanto devemos acentuar que a normalidade quanto ao número de flores nessa espécie, é de 6. Em *G. aurea* podemos encontrar de 1-11 flores, normalmente de 4-6 em *G. filiformis*, *G. pygmaea* e *G. repens*, de 1-9 flores, normalmente de 4-5.

CALICE: formado de 5 lacínios um tanto desiguais (fig. 19).

As formas mais freqüentes dos lacínios são: ovada, ovado-lanceolada, lanceolada, oblonga, elítica.

Observamos que os lacínios do cálice variam entre si, mais na largura do que no comprimento, resultando com isso as diferentes formas encontradas; assim, por exemplo, num mesmo cálice, vamos encontrar lacínios mais largos que podem ser ovados, ovado-lanceolados ou elíticos e lacínios mais estreitos que podem ser lanceolados ou oblongos. O ápice em geral, é inteiro, emarginado ou bidentado.

Nas espécies estudadas, o cálice se apresenta, de uma maneira geral, um tanto uniforme.

Os lacínios do cálice, observados dorsalmente, em visão frontal (fig. 20), apresentam: epiderme com aparência papilosa, estômatos, células poligonais irregulares de paredes sinuosas ou não, pêlos simples ou glanduloso-capitados (tabela 2); 3 feixes vasculares cujos elementos traqueais se apresentam ora anelados ora espiralados, longitudinais, paralelos, ramificados ou não.

COROLA: amarela ou violácea, bilabiada, gibosa, calcarada, papilosa, pilosa, com as margens dos lábios superior e inferior onduladas ou não.

Das cinco espécies estudadas, *G. violacea* imediatamente se destaca, não só por ser a única de cor violácea, como também, pela forma dos dois lábios. O lábio superior se apresenta obcordado ou profundamente bilobado e o lábio inferior, embora 3-lobado como nas demais espécies, é profundamente 3-lobado, com os lobos bem afastados (fig. 21A).

As quatro espécies restantes, são mais ou menos uniformes: todas têm o lábio superior inteiro, ovado, ovado-arredondado, elítico ou amplamente elítico e o lábio inferior 3-lobado, de lobos arredondados ou amplamente arredondados. O lobo mediano é sempre maior (fig. 21B).

A giba é uma proeminência, mais ou menos abobadada, que fecha a fauce ocultando o androceu e gineceu; em *G. violacea* ela pode se apresentar com um sulco mediano.

O cálcio (fig. 22), também tem valor taxinômico, em virtude das variações que pode apresentar quanto ao tamanho e ápice.

Em *G. violacea* ele é sempre menor do que o lábio inferior e nas demais espécies é sempre maior, podendo ainda apresentar-se do mesmo comprimento em *G. aurea* e *G. filiformis*.

Quanto ao ápice apresenta-se dilatado em *G. violacea*; muito engrossado e obtuso em *G. filiformis*, geralmente obtuso ou aguçado em *G. aurea*; agudo ou aguçado, raro obtuso, em *G. pygmaea* e *G. repens*; muitas vezes, nessa última espécie, o cálcio é espessado e, perto do ápice, ele atenua abruptamente.

As regiões da corola, observadas em visão frontal, apresentam a epiderme ventral com células poligonais irregulares, muitas vezes com paredes sinuosas (fig. 23A); papilas arredondadas (fig. 23B), distribuídas por toda a corola, porém mais adensadas na fauce e giba; feixes vasculares com os elementos traqueais ora anelados ora espiralados que se ramificam e alguns se anastomosam em direção ao ápice dos lábios superior e inferior; pêlos simples e glanduloso-capitados variáveis quanto ao tipo e distribuição nas diferentes espécies; presença de amido.

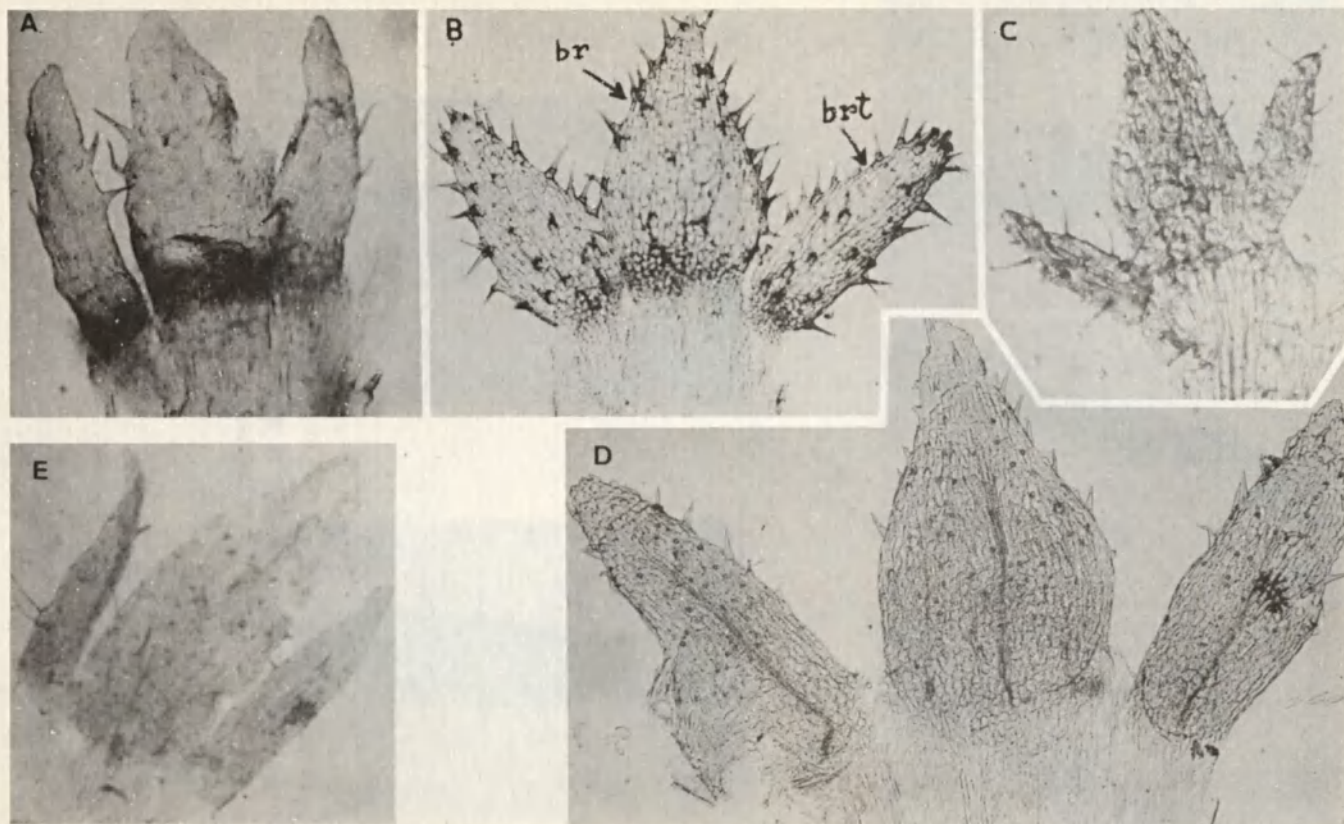


Fig. 17: Bracteas (br) do pedicelo e bractéolas (brt). A: *G. filiformis* (48,8X); B: *G. pygmaea* (45X); C: *G. aurea* (36X); D: *G. repens* (43X); E: *G. violacea* (26,6X).

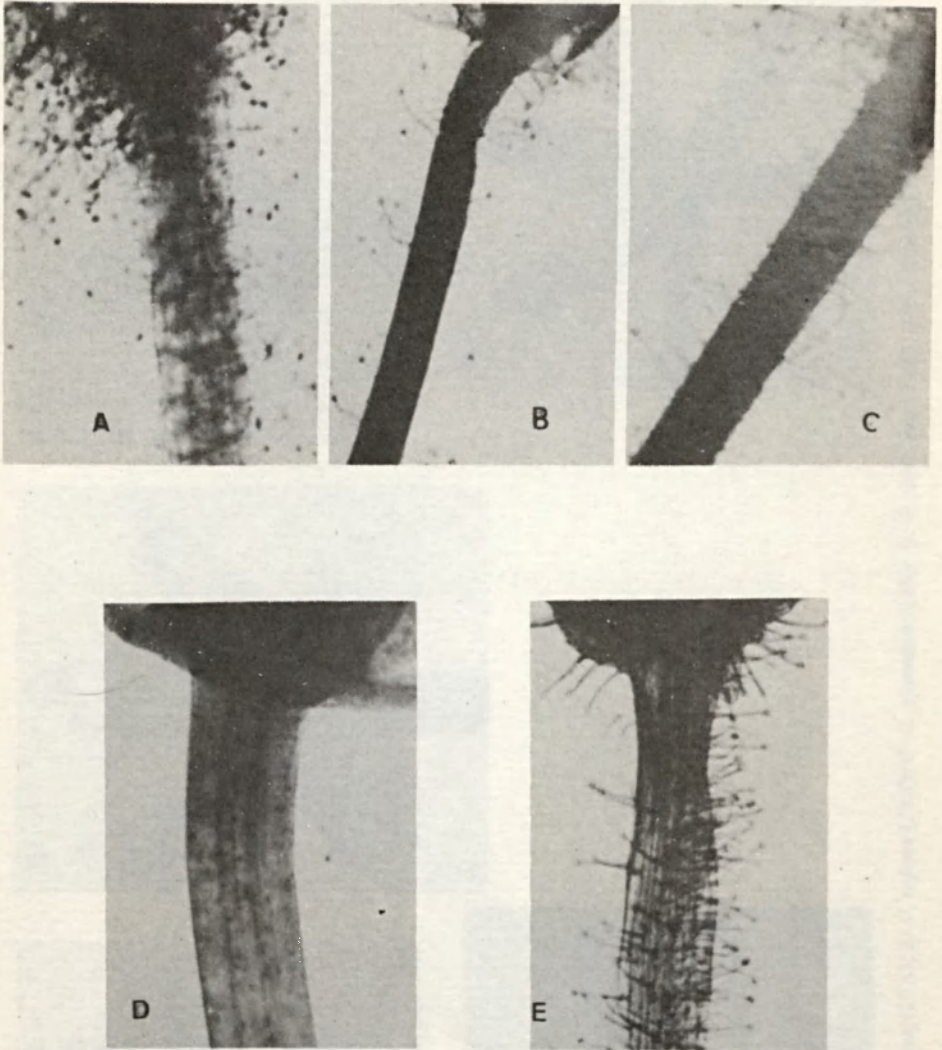


Fig. 18: *Pedicelo*. A: *G. aurea* (28X); B: *G. filiformis* (26X); C: *G. pygmaea* (28X); D: *G. repens* (28X); E: *G. violacea* (30X).

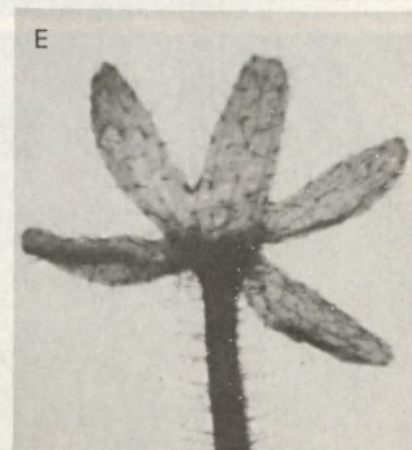
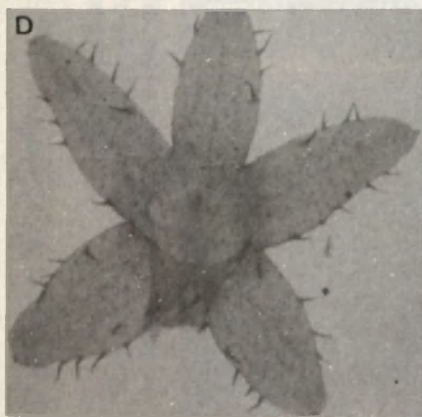
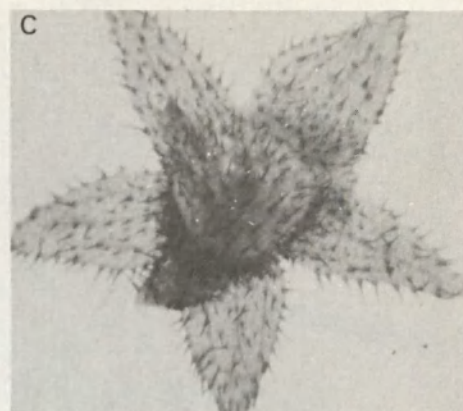
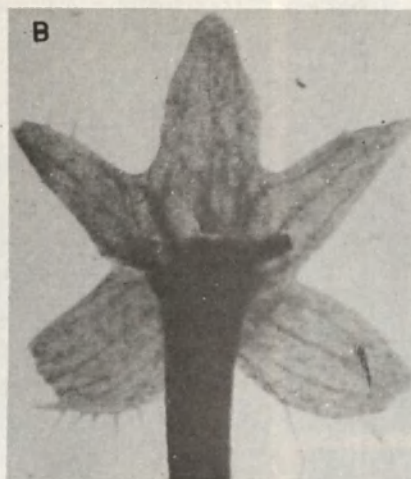
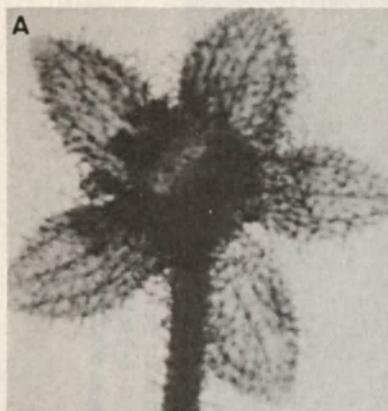


Fig. 19: *Cálce*. A: *G. aurea* (10X); B: *G. repens* (18X); C: *G. pygmaea* (22X); D: *G. filiformis* (22X); E: *G. violacea* (10X).

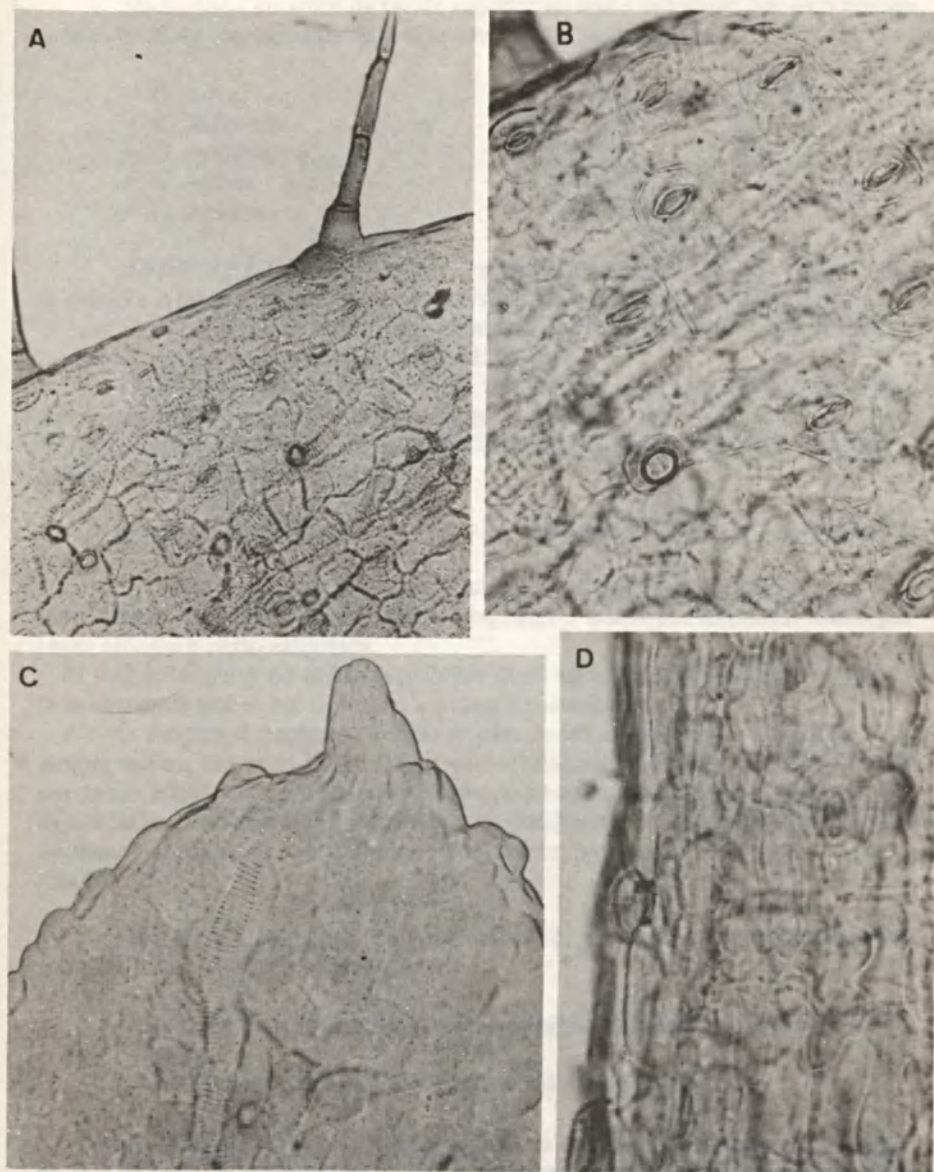


Fig. 20: *Detalhes dos lacínios do cálice (G. filiformis)* A: células da epiderme com paredes sinuosas e pêlos (216X); B: estômatos (518X); C: epiderme com aparência papilosa (294X); D: detalhe do pêlo glanduloso (518X).

Medindo-se do ápice da pétala superior ao ápice do cálcx, temos o comprimento total da corola, cujos valores se encontram no quadro abaixo:

— <i>G. aurea</i> :	16,0 — 26,0mm
— <i>G. filiformis</i> :	5,2 — 7,2mm
— <i>G. pygmaea</i> :	8,5 — 12,0mm
— <i>G. repens</i> :	6,2 — 10,5mm
— <i>G. violacea</i> :	9,5 — 14,0mm

ANDROCEU: constituído por 2 estames inseridos na base da corola, entre o ovário e o lábio superior; filêtes encurvados, de base estreita e espessados da parte mediana para o ápice; anteras confluentes, com duas tecas uniloculares, cingidas na porção mediana; deiscência transversal (fig. 21).

Os estames, observados em visão frontal, revelaram um filête com epiderme de aparência papilosa, células poligonais irregulares principalmente hexagonais e, mais internamente um único feixe vascular cujos elementos traqueais se apresentam ora anelados ora espiralados.

GINECEU: constituído de ovário globoso, estilête curto e estigma bilabiado.

O ovário é súpero, bicarpelar, unilocular, multiovulado, com placentação central livre (fig. 24A). Os óvulos são pequenos e anátropos dispostos numa placenta esférica e curto-estipitada.

O indumento no ovário (fig. 24B-F) tem valor taxinômico, uma vez que este se apresenta glabro em *G. repens* e piloso nas demais espécies.

O estigma é papiloso, uniforme para todas as espécies; o lábio inferior é sempre maior, em geral orbiculado, semi-orbiculado, flabeliforme, obovado, até um tanto elítico ou oblongo, quase sempre retroflexo, paralelo ao lábio inferior da corola; o lábio superior é sempre menor, geralmente ovado, triangular, até mais ou menos oblongo, às vezes, dobrado para frente, paralelo ao lábio superior da corola (fig. 25).

FRUTO: A deiscência do fruto tem valor taxinômico, separando as espécies estudadas em dois grupos:

- de deiscência longitudinal: caracterizando de imediato *G. violacea* (fig. 26B);
- de deiscência circuncisa: para as demais espécies (fig. 26A).

SEMENTES: pequenas, numerosas, mais ou menos irregulares, reticuladas, de 0,2—0,5mm de comprimento. São prismáticas de base aproximadamente pentagonal, hexagonal, quadrangular ou quadrangular atenuada, em *G. violacea* (fig. 26D) e piramidais, de base quadrangular ou quadrangular atenuada nas demais espécies (fig. 26C). Fixam-se à placenta pelo vértice da pirâmide ou por uma das bases do prisma em *G. violacea*.

Essas formas teriam sido originadas em consequência do grande agrupa-

	<i>G. aurea</i>					<i>G. filiformis</i>					<i>G. pygmaea</i>					<i>G. repens</i>					<i>G. violacea</i>				
	Br. esc.	Br. ped. Bract.	Ped.	Cal.	Co.	Br. esc.	Br. ped. Bract.	Ped.	Cal.	Co.	Br. esc.	Br. ped. Bract.	Ped.	Cal.	Co.	Br. esc.	Br. ped. Bract.	Ped.	Cal.	Co.	Br. esc.	Br. ped. Bract.	Ped.	Cal.	Co.
Simple unicel., cônico, papiliforme (fig. 15A)					X					X					X					X					X
Simple bicel. c/parede externa ornamentada (fig. 15C)																									X
Simple bicel. c/cél. apical longa (fig. 14D).																					X	X	X	X	
Simple pluricel. (2-9 células) c/cél. apical curta (fig. 14B)	X	X	X	X		X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X		X						
Gland. — capitado c/cúpula unicel. pé curto (fig. 5B, 7C)	X			X		X	X	X	X		X	X	X	X		X	X		X		X	X	X	X	X
Gland. — capitado, cúpula c/4 células, pé longo unicel. (fig. 15B).					X																				
Gland. — capitado, cúpula c/+ de 4 células, pé longo unicel. (fig. 14D).																					X	X	X	X	X
Gland. — capitado, cúpula c/4 — muitas células, pé longo pluricel. (fig. 14A-C).	X	X	X	X	X			X	X	X			X	X	X			X		X					

TABELA 2: Distribuição dos pêlos na inflorescência: Br. esc. — bráctea do escapo; Br. ped. — bráctea do pedicelo; Bract. — bractéola; Ped. — pedicelo; Cal. — cálice; Cor. — corola.



Fig. 21: Aspecto geral da corola. A: *G. violacea* (4,4X); B: *G. pygmaea* (6X). Estames
C: *G. violacea* (47,6X).

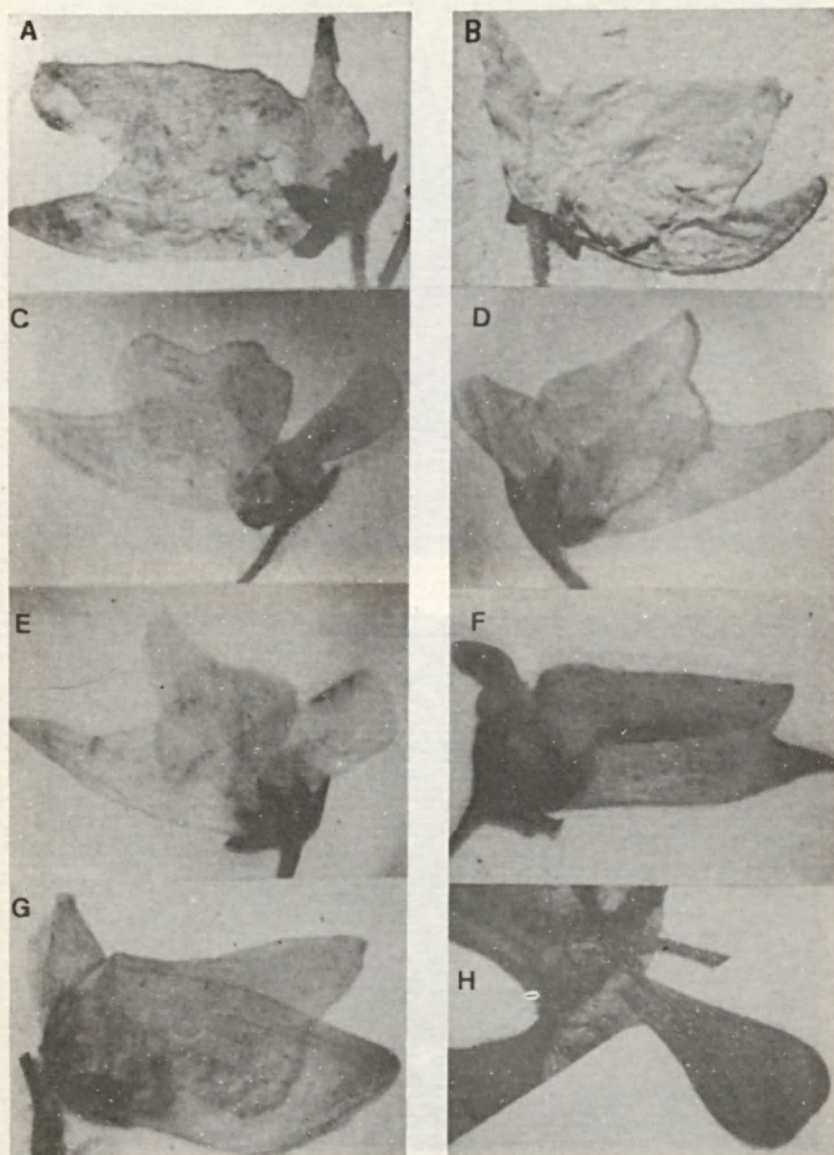


Fig. 22: *Tipos de calcar*. A-B: *G. aurea* (3,4X); C-D: *G. pygmaea* e E: *G. repens* (6,5X); F: *G. repens* (7,6X); G: *G. filiformis* (7,4X); H: *G. violacea* (8X).

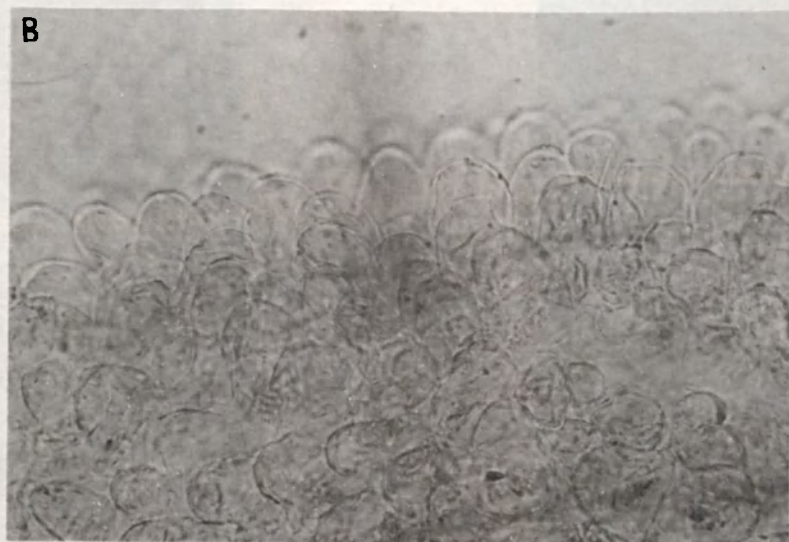


Fig. 23: *Detalhes da epiderme da corola*. A: *G. filiformis* – células com paredes sinuosas (385X); B: *G. violacea* – papilas arredondadas (370X).

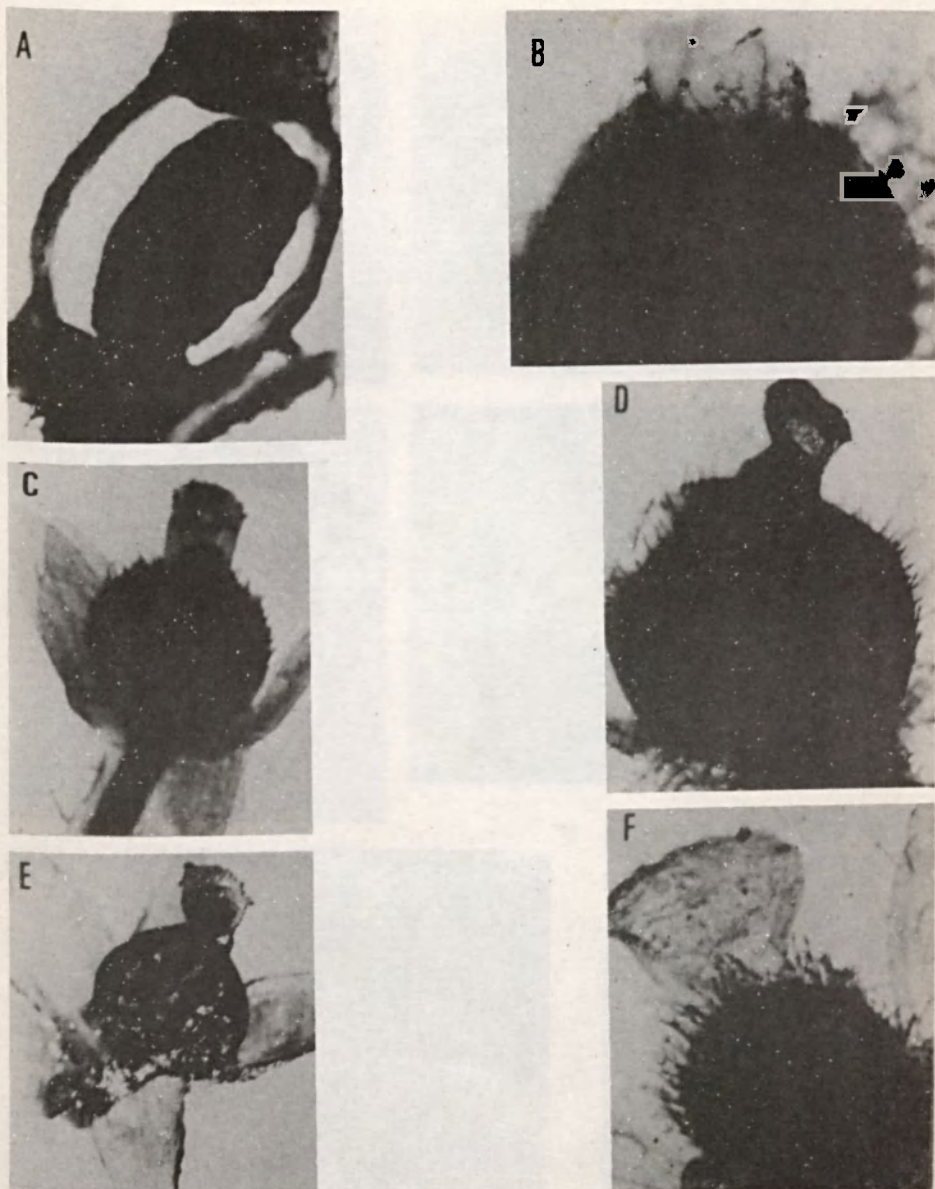


Fig. 24: Placentação central livre. A: *G. aurea* (29X). Ovários pilosos. B: *G. aurea* (27,4X); C: *G. filiformis* (26,6X); D: *G. pygmaea* (27,8X); F: *G. violacea* (30,3X). Ovário glabro. E: *G. repens* (26,2X).

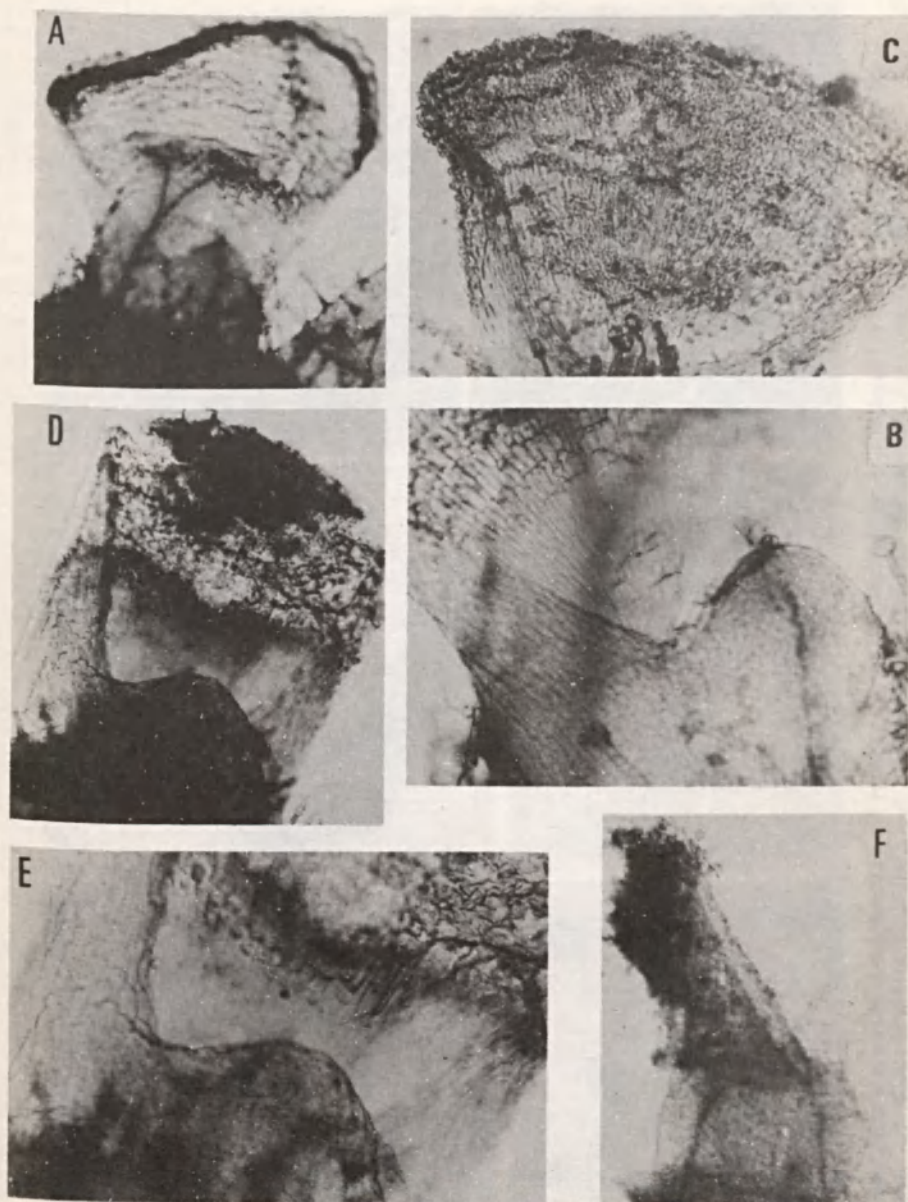


Fig. 25: *Estigmas*. *G. aurea*. A: aspecto geral (29,9X); B: detalhe do lábio superior (89,5X); C: *G. violacea* (69,4X); *G. filiformis*. D: aspecto geral (112,2X); E: detalhe do lábio superior (186X); F: *G. repens* (96X).

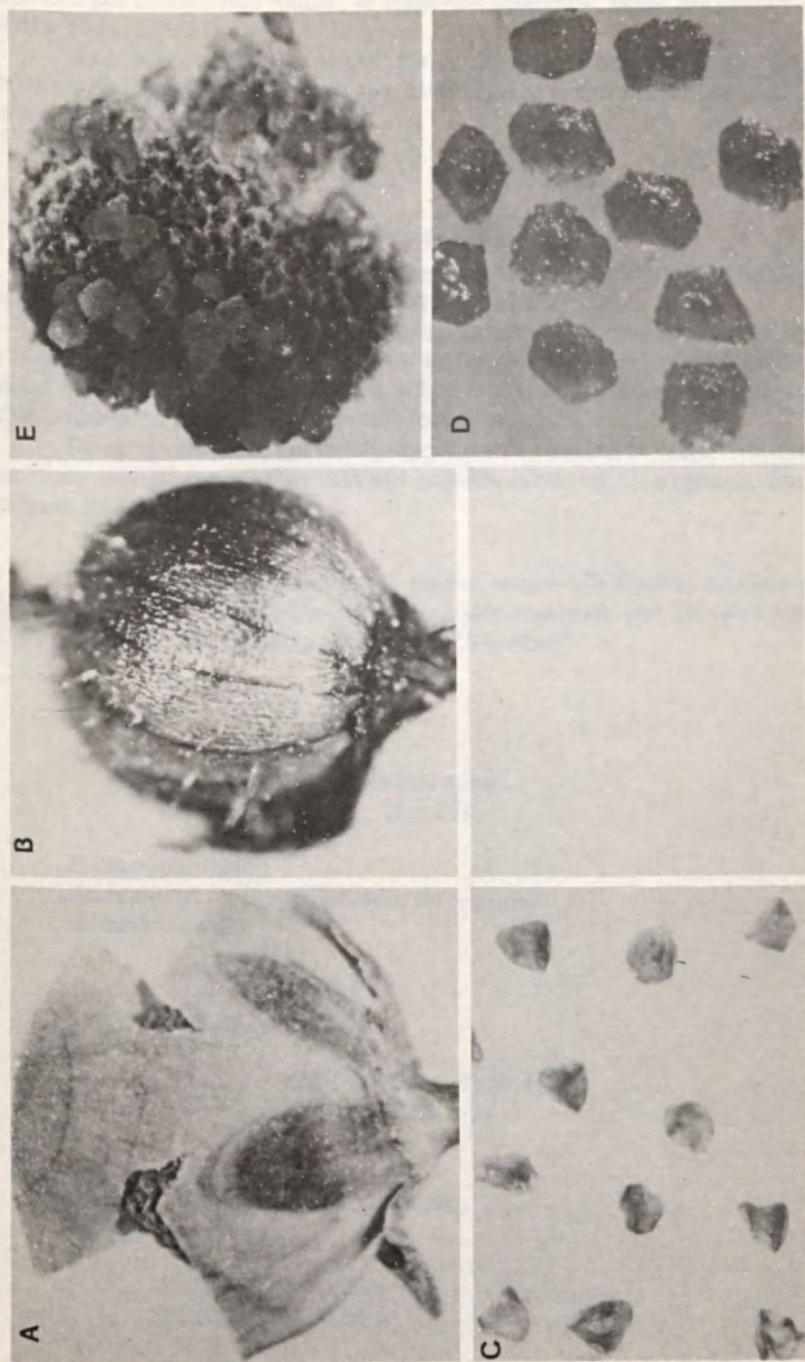


Fig. 26: *Deisrência dos frutos* A: *circinica* - *G. repens* (17,1X); B: longitudinal - *G. violacea* (19,5X). *Sementes* C: piramidais - *G. repens* (25X); D: prismáticas - *G. violacea* (37,5X). *Inserção das sementes* E: *G. violacea* (20X).

mento e por compressão mútua, se tornaram angulosas, quase hexagonais (WARMING 1874, LLOYD 1942).

Examinando material de herbário, encontramos sementes com a forma natural ou disformes. Acreditamos que estas últimas assim se apresentaram por terem sido coletadas quando imaturas.

4.1.2 – PALINOLOGIA

Descrição Geral

Até o momento, não foi feito nenhum trabalho sobre porem de *Genlisea*, existindo apenas notas esparsas em ERDTMAN (1952).

Os polens das espécies estudadas apresentam-se: isopolares (em *G. violacea* é isopolar cinturado), tricolporados ou tetracolporados, de tamanho médio (diâmetro maior de $26,17\mu$ à $42,82\mu$), subprolados; sexina tão espessa quanto a nexina, endosexina baculada e ectosexina tectada e rugosa.

De um modo geral, em visão polar, o amb é circular, às vezes, mostrando-se um tanto triangular com aberturas nos ângulos, como em *G. pygmaea*. Em visão mediana ele é sempre elítico.

Em *G. aurea*, *G. filiformis* e *G. repens*, ocorre o fenômeno do sincolpismo (figs. 27 C-D, 28 A-B, 29 A-D), que já havia sido observado por THANIKAIMONI (1966) e por HUYNH (1968) para o gênero *Utricularia*.

Genlisea aurea (fig. 27)

Forma: subprolado

Abertura: tri ou tetracolporado; sincolporado

Tamanho: médio

P: $37,57\mu \pm 2,34\mu$

E: $29,32\mu \pm 1,53\mu$

Genlisea filiformis St.-Hil. (fig. 28 A-B)

Forma: subprolado

Abertura: tricolporado; sincolporado

Tamanho: médio

P: $26,25\mu \pm 6,22\mu$

E: $20,40\mu \pm 4,84\mu$

Genlisea pygmaea St.-Hil.
(fig. 28 C-F)

Forma: subprolato

Abertura: tri ou tetracolporado

Tamanho: médio

P: $26,17\mu \pm 1,80\mu$

E: $20,62\mu \pm 1,63\mu$

Genlisea repens Benj.
(fig. 29 A-D)

Forma: subprolato

Abertura: tri ou tetracolporado; sincolporado

Tamanho: médio

P: $28,8\mu \pm 1,30\mu$

E: $23,32\mu \pm 1,74\mu$

Genlisea violacea St.-Hil.
(fig. 29 E-H)

Forma: subprolato

Abertura: tricolporado

Tamanho: médio

P: $42,82\mu \pm 2,53\mu$

E: $36,75\mu \pm 2,82\mu$

4.2 – POLINIZAÇÃO

Embora não tenhamos observado “ao vivo” a maneira pela qual se processa a polinização nas *Genliseas*, acreditamos que, pela semelhança na estrutura floral, seja idêntica àquela de *Utricularia*.

É sabido que é entomófila e segundo MICHAEL & YEO (1973) o mecanismo constituído pela conformação do lábio inferior da corola inflado e pressionado contra o lábio superior, impede a passagem de pequenos insetos, só podendo ser desarmado por aqueles de porte mais robusto como as abelhas.

Segundo RENDLE (1956), o lábio inferior serve de pouso aos insetos que, com o seu pêso provocam a abertura da flor permitindo o recolhimento do néctar no cálcx, ao mesmo tempo em que roçam nas anteras e estigma polinizando a flor. Afirma ainda que o lábio do estigma em *Utricularia* é sensitivo, fechando-se

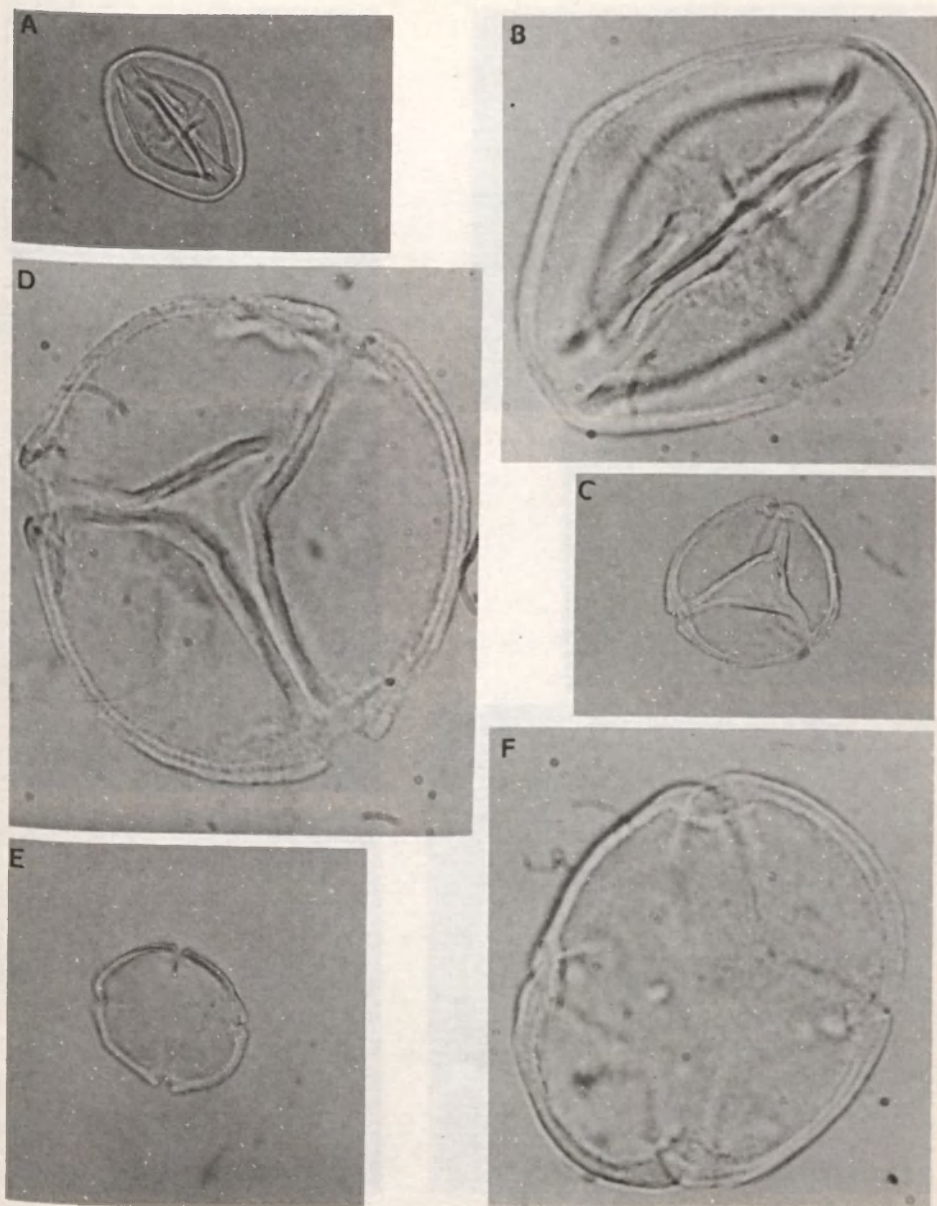


Fig. 27: *Polem. G. aurea* – visão equatorial (A-421X; B-1326X); Visão polar, polem tricolporado (C-431X; D-1239X); polem tetracolporado (E-523X; F-1348X).

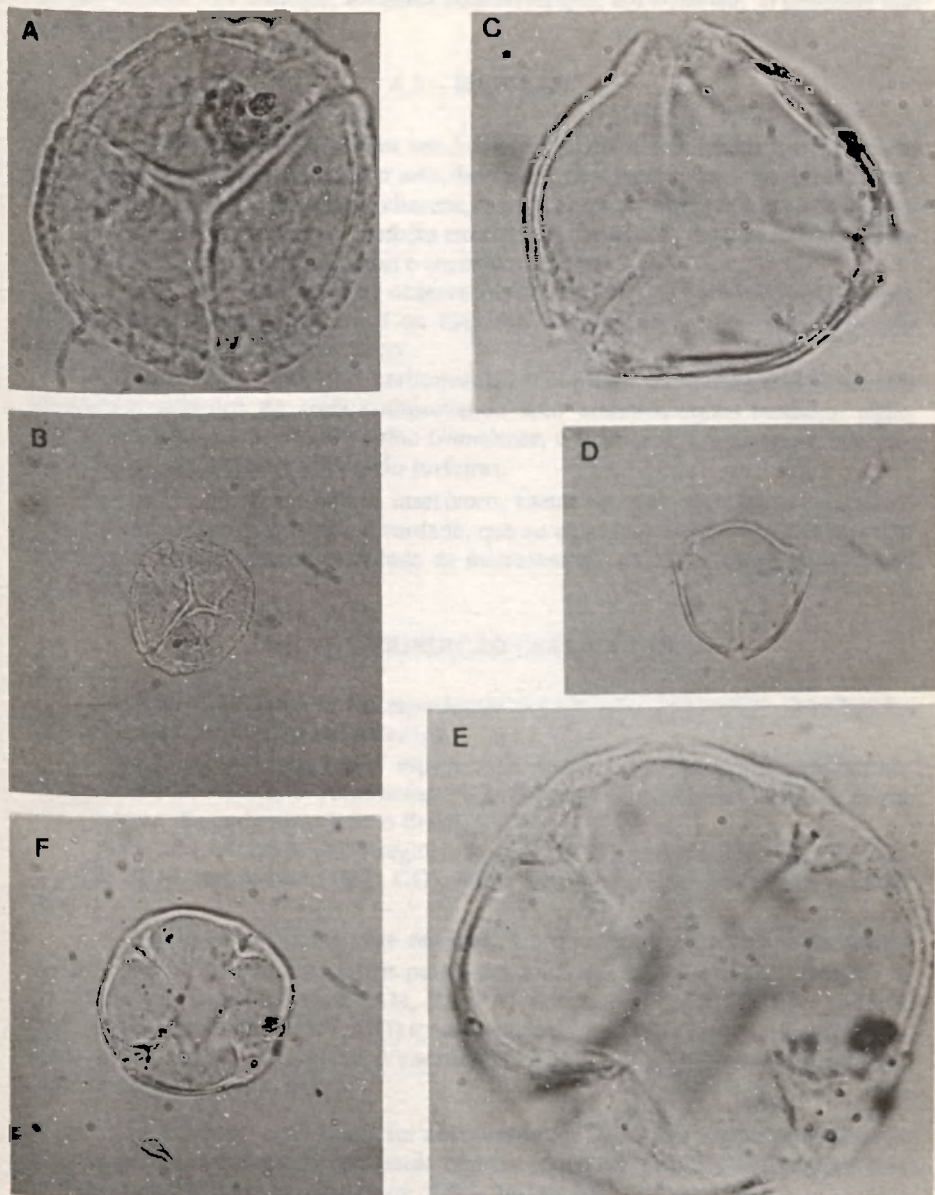


Fig. 28: *Porem. G. filiformis* – visão polar (A-1324X; B-400X). *G. pygmaea* – visão polar, polem tricolporado (C-1305X; D-288X); polem tetraplorado (E-1391X; F-403X).

ao ser tocado. Por analogia, achamos admissível que, em *Genlisea*, o processo seja o mesmo.

4.3 – HABITAT

As espécies estudadas têm um habitat semelhante. Ocorrem sempre em lugares úmidos e descampados (no alto das montanhas, acima da linha das árvores), em brejos, pântanos, banhados, charcos, lugares alagados durante a estação chuvosa, prados, campos arenosos, também em lagos e margens de regatos e outras vezes em lajes úmidas, declives, escarpas e encostas rochosas.

Ainda de acordo com as observações de material de herbário, ocorrem em solos ácidos, arenosos, calcáreos ou turfosos mas sempre úmidos, daí, tanto em substrato arenoso quanto orgânico.

Examinando espécimes herborizados, encontramos em sua parte basal, não só muitos grânulos de areia comprovando solo arenoso, como também, algas, *Sphagnum* e raízes de plantas como *Gramineae*, *Cyperaceae*, *Droseraceae*, *Xyridaceae*, *Burmaniaceae*, etc. indicando turfeiras.

Sendo plantas de hábito insetívoro, vivem em ambientes ricos em microfauna e microflora. Tanto isso é verdade, que ao examinarmos suas folhas utriculíferas encontramos grande variedade de microinsetos, microcrustáceos e algas microscópicas.

4.4 – DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

O gênero *Genlisea* se faz representar por cerca de 15 espécies, distribuídas pela África e Américas do Sul e Central.

No Brasil encontramos 7 espécies: *G. aurea*, *G. filiformis*, *G. guianensis*, *G. pygmaea*, *G. repens*, *G. roraimensis* N. E. Brown e *G. violacea*. Destas, *G. aurea* e *G. violacea* são endêmicas para o Brasil.

G. aurea — ocorre em 4 regiões: nordeste (BA), sudeste (MG, ES, RJ, SP), sul (PR, SC) e centro-oeste (MT, GO), numa altitude variável entre 800 — 2.650 m. s. m.

G. filiformis — das nossas espécies, é a que tem mais ampla distribuição tanto no Brasil quanto nos outros países das Américas do Sul e Central. No Brasil ela ocorre em 4 regiões: norte (AM, RR, PA), nordeste (CE, PB, PE, BA), sudeste (MG, SP) e centro-oeste (MT, GO) e nos demais países se faz representar em Honduras Britânicas, Cuba, Guiana, Venezuela, Colombia, Bolívia, numa altitude variável entre 32 — 1.600 m.s.m.

G. guianensis — no Brasil foi encontrada até agora, na região centro-oeste (MT, GO). Sua distribuição conhecida registra ocorrências no Brasil, Guiana e Venezuela, numa altitude variável entre 200 — 740 m.s.m.

G. pygmaea — ocorre no Brasil em 3 regiões: norte (PA), sudeste (MG) e centro-oeste (GO, DF). Além do Brasil, ocorre na Colombia, Venezuela e Guiana, numa altitude variável de 200-1.940m.s.m.

G. repens — ocorre no Brasil em 4 regiões: nordeste (BA), sudeste (MG,

		DIÂMETRO POLAR (μ)			DIÂMETRO EQUATORIAL (μ)		
		D.P.M.	F. Var.	Int. Conf. 95%	D.E.M.	F. Var.	Int. Conf. 95%
SUBPROLADO	<i>G. aurea</i>	37,57	2,34	36,56 – 38,58	29,32	1,53	28,66 – 29,98
	<i>G. filiformis</i>	26,25	6,22	23,53 – 28,97	20,40	4,84	18,29 – 22,51
	<i>G. pygmaea</i>	26,17	1,80	25,39 – 26,95	20,62	1,63	19,92 – 23,32
	<i>G. repens</i>	28,80	1,30	28,24 – 29,36	23,32	1,74	22,58 – 24,06
	<i>G. violacea</i>	42,82	2,53	41,73 – 43,91	36,75	2,82	35,52 – 37,98

TAB. 3 – Valores numéricos dos grãos de pólen: *D.P.M.* – diâmetro polar médio; *F. Var.* – faixa de variação; *Int. Conf.* – intervalo de confiança; *D.E.M.* – diâmetro equatorial médio

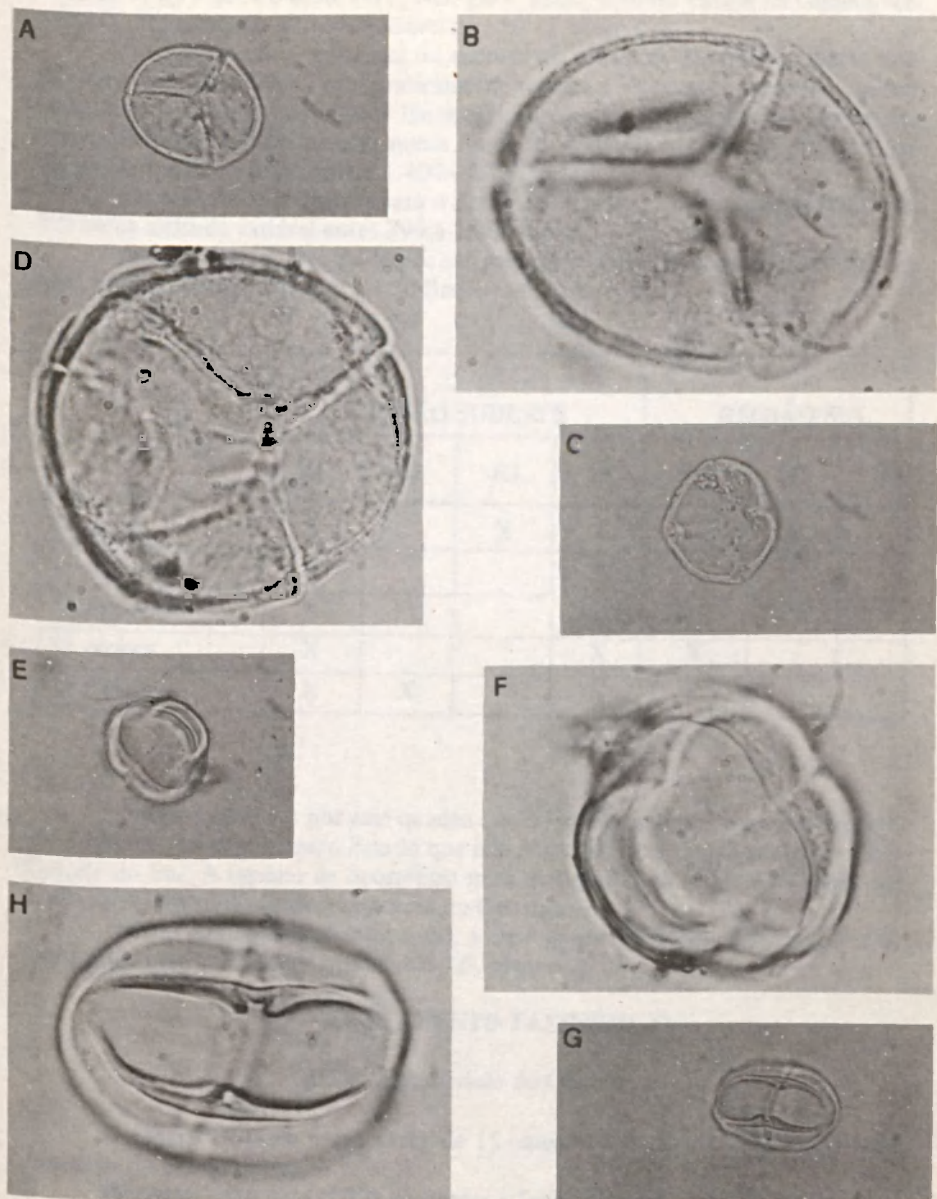


Fig. 29: *Porem. G. repens* - visão polar, polem tricolporado (A-422X; B-1309X); polem tetracolporado (C-400X; D-1289X). *G. violacea* - visão polar (E-444X; F-1366X); visão equatorial (G-404X; H-1342X).

SP), sul (PR) e centro-oeste (MT, GO, DF). Afora o Brasil ocorre na Guiana, Venezuela, Paraguai, em altitude variável de 150 - 2.180m.s.m.

G. roraimensis — no Brasil foi encontrada até agora somente na região norte (RR). Sua distribuição está praticamente restrita a Venezuela, podendo ocorrer entretanto no Brasil, nos lugares limítrofes com aquele país, como no Monte Roraima no Território do mesmo nome, onde foi coletada por Ule. A altitude que lhe corresponde é variável entre 1.400 - 2.300 m.s.m.

G. violacea — endêmica para o Brasil e somente na região sudeste (MG, ES, SP) numa altitude variável entre 399 à 2.000 m.s.m.

Pelo quadro abaixo podemos ter uma idéia mais geral da distribuição das espécies das regiões sudeste e sul do Brasil.

	REGIÃO SUDESTE				REGIÃO SUL		
	MG	ES	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>G. aurea</i>	X		X	X	X	X	
<i>G. filiformis</i>	X			X			
<i>G. pygmaea</i>	X						
<i>G. repens</i>	X			X	X		
<i>G. violacea</i>	X	X		X			

Podemos observar por esse quadro que o Estado comum a todas as espécies é o de Minas Gerais e o único Estado que não possui espécie representativa é o Rio Grande do Sul. A espécie de ocorrência mais meridional do grupo é *G. aurea* que chega até o Morro do Iquererim em Santa Catarina.

Dentro das regiões sudeste e sul, a espécie de mais ampla distribuição é *G. aurea* enquanto a de menor ocorrência é *G. pygmaea*.

4.5 – TRATAMENTO TAXINÔMICO

4.5.1 – Subdivisão do Gênero

O gênero *Genlisea* reúne cerca de 15 espécies com distribuição na África e Américas do Sul e Central.

FROMM-TRINTA (1977) ao fundar a Seção *Tayloria*, foi o primeiro autor a dividir o gênero, que ficou assim constituído:

Seção I — *Genlisea* — caracterizada pela deiscência circuncisa do fruto, compreendendo 14 espécies.

ALTITUDE	0 - 100	100 - 200	200 - 300	300 - 400	400 - 500	500 - 600	600 - 700	700 - 800	800 - 900	900 - 1000	1000 - 1100	1100 - 1200	1200 - 1300	1300 - 1400	1400 - 1500	1500 - 1600	1600 - 1700	1700 - 1800	1800 - 1900	1900 - 2000	2000 - 2100	2100 - 2200	2200 - 2300	2300 - 2400	2400 - 2500	2500 - 2600	2600 - 2700	
<i>G. aurea</i>									X	X	X	X	X	X		X		X	X	X		X	X					X
<i>G. filiformis</i>						X	X	X	X	X	X	X	X										X	X				
<i>G. pygmaea</i>									X	X																		
<i>G. repens</i>						X	X	X	X	X	X	X																
<i>G. violacea</i>				X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			X	X	X	X								

Distribuição altitudinal das espécies de *Gentisea* nas regiões sudeste e sul do Brasil!



Fig. 30: Distribuição, nas Américas do Sul e Central, das espécies estudadas.

Tipo: *G. aurea* St.-Hil.

Seção II – *Tayloria* Fromm-Trinta – caracterizada pela deiscência longitudinal do fruto, representada apenas por uma espécie.

Tipo: *G. violacea* St.-Hil.

A divisão do gênero em duas seções nos parece satisfatória pois está baseada num caráter morfológicamente significativo.

O estudo desse caráter, associado a outros taxinomicamente relevantes, nos permitiu elaborar o seguinte quadro diferencial para as seções das regiões sudeste e sul do Brasil.

4.5.2 – Descrição do Gênero

GENLISEA St.-Hil.

Genlisea St.-Hil., Voy.Diam. 2:428. 1833; St.-Hil. & Girard, C.r. hebdom. Séanc.Acad.Sci. 7 (21): 870. 1838; idem, Annls Sci. nat. 2^e ser. 11:165, tab. 5. 1839; Endl., Gen. Pl. 1: 729. 1839; DC., Prodr. 8: 25. 1844; Benj. in Mart., Fl. Bras. 10: 252, tab. 21 fig. 2, tab. 22 fig. 3. 1847; Warming, Vidensk. Meddel. 1 (1-2): 11, tab. 2 figs. 18-21. 1874; Bentham & Hooker, Gen. Pl. 2: 988. 1876; Kamienski in Engler & Prantl, Die nat. Pflanzenfam. IV. 3b: 118, fig. 50. 1895; Sylvén, Ark. Bot. 8 (6): 2, tab. 1 figs. 1-6, tab. 3 figs. 1-4. 1909; Barnhart, Mem. N.Y. bot.Gdn 6:48, fig. 5. 1916; Lemée, Dict. descr. syn.gen.pl.phanér. 3: 227. 1931; Taylor, Flora Trin. Tobago 2(5): 288. 1955; Hoehne, Pl. Aquat.: 149, tab. 78. 1955; Fernández-Pérez, Caldasia 9 (41): 73, figs. 25-26. 1964; Taylor, Mem. N.Y.bot.Gdn 17 (1): 202, fig. 26. 1967; Komiya, J.Jap.Bot. 48(5): 148. 1973; Dawson, Revta.Mus. La Plata n. s. Bot. 13 (70): 4. 1973; Gibson, Fieldiana Bot. 24, part 10 (4): 315, fig. 68. 1974; Fromm-Trinta, Bolm Mus. nac. Rio de J.n.s Bot. 44: 1, tabs. 1-2. 1977.

Ervas rizomáticas, fixas, sem raízes, habitando lugares úmidos. Folhas aéreas basais, rosuladas, na base do escapo e alternadas ao longo do rizoma, geralmente obovado-espatuladas, longo ou curtamente pecioladas; folhas utriculíferas compreendendo pedicelo, ampola, tubo sobrepujante e dois braços dispostos helicoidalmente.

Inflorescência racemosa, muitas vezes com pêlos simples ou glanduloso-capitados, com flores amarelas ou violáceas. Escapo ereto, provido ou não de brácteas basifixas; brácteas e bractéolas da base do pedicelo, também basifixas; pedicelo acrescente, ereto ou retroflexo no fruto. Cálice persistente, 5-partido, com os lacínios um tanto desiguais. Corola bilabiada, o lábio superior inteiro ou lobado e o inferior giboso, calcarado, 3-lobado. Estames 2, filetes geralmente encurvados e espessados da parte mediana para o ápice, anteras confluentes, com tecas uniloculares, cingidas na porção mediana. Ovário globoso, bicarpelar, unilocular, multiovulado, glabro ou piloso, estilete curto, estigma bilabiado com os lábios bastante desiguais, o inferior amplo e o superior mínimo; óvulos anátropos, inseridos numa placenta central livre.

CARACTERES	SEÇÃO <i>GENLISEA</i>	SEÇÃO <i>TAYLORIA</i>
Corola	amarela	Violácea
Pedicelo no fruto	sempre ereto	sempre retroflexo
Lábrio superior da corola	inteiro, às vezes emarginado	obcordado ou profundamente bilobado.
Calcar	maior que o lábio inferior da corola; nunca dilatado no ápice.	menor que o lábio inferior da corola; dilatado no ápice.
Fruto	deiscência circuncisa	deiscência longitudinal
Sementes	piramidais	prismáticas
Pilosidade do pedicelo	presente ou não. Pêlos gland. — capit. de cúpula e pé pluricel.; pêlos simples pluricel. (2-9 céls.) c/célula apical curta.	sempre presente. Pêlos gland. — capit. de cúpula pluricel. e pé unicel; pêlos simples bicel. c/célula apical longa.
Quadro diferencial para as seções do gênero com espécies das regiões sudeste e sul do Brasil.		

Fruto cápsula com deiscência circuncisa ou longitudinal. Sementes pequenas, reticuladas, prismáticas ou piramidais.

ETIMOLOGIA: em homenagem a Sra. De Genlis, mulher célebre, a quem Saint-Hilaire assim agradeceu os sábios conselhos que recebeu.

CHAVE PARA AS SEÇÕES

- Corola amarela, fruto com deiscência circuncisa Seção I – *Genlisea*
Corola violácea, fruto com deiscência longitudinal Seção II – *Tayloria*

SEÇÃO I – GENLISEA

Genlisea St.-Hil., Voy. Diam. 2:428. 1833.

Esta seção está representada nas regiões sudeste e sul do Brasil por 4 espécies que podem ser evidenciadas pela seguinte chave:

Ovário glabro, pedicelo, em geral glabro, raramente com pêlos glanduloso-capitados de pé e cúpula pluricelulares. *G. repens*
Ovário e pedicelo sempre pilosos.

Plantas relativamente robustas, de 9,0-41,0cm de altura; pedicelo hirsutíssimo com pêlos glanduloso-capitados de pé e cúpula pluricelulares, raro com pêlos simples pluricelulares. Flores vistosas, 16,0 - 26,0mm de comprimento *G. aurea*

Plantas delgadas, de 3,0 - 25,0cm de altura; pedicelo com pilosidade esparsa e laxa ou, se densamente piloso, não hirsuto. Flores discretas.

Pedicelo com pilosidade esparsa e laxa, com pêlos glanduloso-capitados de pé e cúpula pluricelulares, raro com pêlos simples pluricelulares; cálcx muito engrossado, saciforme, de ápice arredondado; flores 5,2-7,2mm de comprimento *G. filiformis*

Pedicelo, em geral densamente piloso, com pêlos glanduloso-capitados de pé e cúpula pluricelulares, misturados com pêlos simples pluricelulares; cálcx engrossado na base e se estreitando para o ápice aguçado ou agudo, raro obtuso; flores 8,5 - 12,0mm de comprimento *G. pygmaea*

***Genlisea repens* Benj.**

(figs. 3-11; 14; 16-19; 21; 23-26; 29; 31)

Genlisea repens Benj. in Mart., Fl. Bras. 10:254. 1847; Luetzelb., Est. Bot. Nordéste 3: 223. 1923; Hoehne, Pl. Aquát.: 150. 1955; Taylor, Mem. N. Y. bot. Gdn 17 (1): 205, fig. 26 P-R. 1967.

Gentlisea pusilla Warm., Vidensk. Meddel. 1 (1-2): 11, tab. 2 figs. 18-21. 1874 (TIPO – C).

Gentlisea pulchella Tutin, J. Bot. London 72: 309, fig. 1. 1934 (TIPO – BM, K, US).

Planta delgada, de 3,5 - 17,0cm de altura. Folhas utriculíferas alvas, com ampola ovóide ou quase globosa, até 9,4cm de comprimento.

Folhas verdadeiras espatuladas, obovado-espatuladas, até suborbiculares, de 5,0 - 30,0mm (3,0 - 11,0) de comprimento e 1,0 - 4,5mm de largura, de base atenuada e pecíolo longo.

Inflorescência com 1-8 (5) flores amarelo-douradas. Escapo com pêlos simples pluricelulares, geralmente densos na base do escapo, depois esparsos até mais ou menos um terço do mesmo e finalmente ausentes. Brácteas do escapo 1-6 (4), basifixas, ovadas, de ápice agudo ou denteado, em geral as inferiores com pêlos simples pluricelulares na margem e dorso, de 0,5 - 1,7mm (1,5) de comprimento e 0,3 - 1,0mm (0,5) de largura. Pedicelo sempre ereto, de 1,2 - 20,0mm de comprimento na flor e 7,0 - 20,0mm de comprimento no fruto, glabro, raríssimo com pêlos glanduloso-capitados, de pé e cúpula pluricelulares. Brácteas do pedicelo idênticas às do escapo, de 0,8 - 14,0mm de comprimento e 0,5 - 0,8mm (0,5) de largura; duas bractéolas basifixas, linear-lanceoladas ou oblongas, de ápice obtuso, aguçado, raro agudo, de 0,6 - 12,0mm de comprimento e 0,2 - 0,4mm de largura, glabras ou com pêlos simples pluricelulares na margem e dorso. Lacínios do cálice glabros ou com pêlos simples pluricelulares na margem e dorso, ovados, ovado-lanceolados, quase elípticos ou oblongos, de ápice agudo, aguçado, obtuso, às vezes, bidentado, de 1,0 - 2,0mm (1,5) de comprimento e 0,3 - 0,8mm (0,5) de largura. Corola com o lábio superior inteiro, ovado, ovado-arredondado, de ápice obtuso, de 2,0 - 4,0mm de comprimento e 1,5 - 4,0mm de largura, o inferior 3-lobado, com os lobos arredondados, o mediano maior, de 2,5 - 5,2mm de comprimento e 3,0 - 7,0mm de largura. Cálcar cilindro-cônico, maior que o lábio inferior da corola, engrossado desde a base até mais ou menos 2/3 do comprimento, estreitando-se paulatinamente ou abruptamente em direção ao ápice que é agudo, acuminado ou, às vezes, obtuso, de 3,5 - 7,0mm de comprimento e 1,5 - 3,5mm de largura. Estames com filetes encurvados e espessados da parte mediana para o ápice. Ovário sempre glabro, estigma com o lábio inferior orbiculado, obovado ou oblongo, de 0,3 - 0,5mm de comprimento e 0,3mm de largura, o superior menor, desde ovado, triangular, até mais ou menos oblongo, de 0,15mm de comprimento e 0,15mm de largura.

Fruto de deiscência circuncisa, de 2,3 - 3,5mm de diâmetro. Sementes piramidais.

TIPO: *Sellow 127* – Tipo segundo Taylor, em etiqueta (B-Holotipo, destruído ?; M-Fototipo de *G. repens*): “Habitat in Brasilia meridionali: Sellow”.

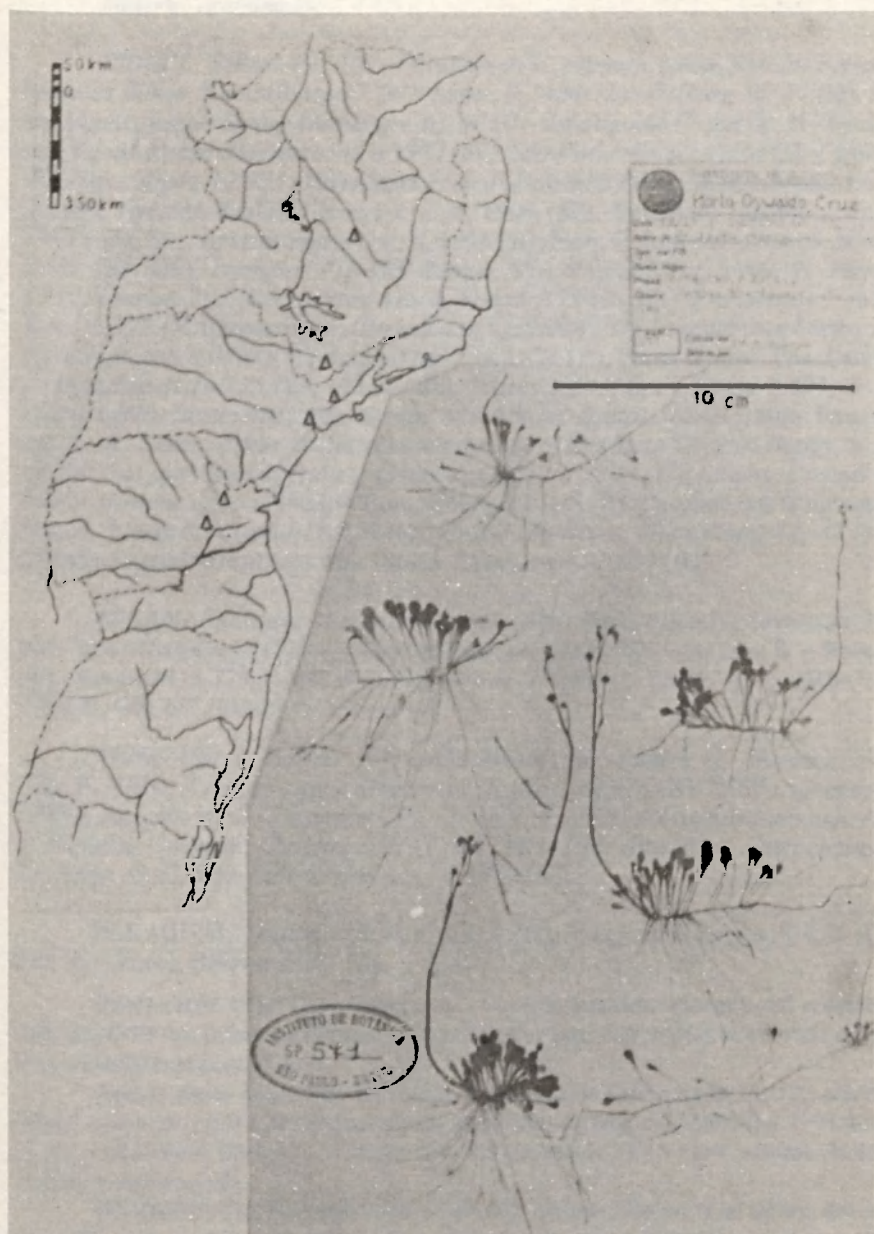


Fig. 31: *G. repens*: Habitus e distribuição nas regiões sudeste e sul.

Material examinado:

BRASIL: *Sellow* 127 (M - Fototipo de *G. repens*). Bahia, Rio das Femeas, Porto da Ponte: Luetzelburg 17 (M); Lages, S. Maria: Luetzelburg 56, 57 (M). Minas Gerais, Lagoa Santa: *Warming* s. n., a ? (C - Holotipo de *G. pusilla*; R - Fototipo); Pouso Alegre: *Hoehne* s. n., a 1927 (SP). São Paulo: *Herter* 4.364 (M - Foto); Vila Ema: *Brade* 12.963 (RB), Água Fria: *Toledo* 686 (RB), Saúde: *Brade* 5.878 (S, SP), Avenida Paulista: *Usteri* s. n. a. 1906 (SP), Butantan: *Hoehne* s. n., a. 1917 (SP), Sto. Amaro: *Brade* s. n., a. 1911 (R); Mun. S. José dos Campos: *Mimura* 61 (SP, US), *Loefgren* 410 (S). Paraná, Vila Velha: *Pabst* 5.983, *E. Pereira* 6.156, *Fromm* 383, *Em. Santos* 415 & *Flaster* 373 (R, HB), *Em. Santos* 2.169 & *Sacco* 2.375 (R); Jaguariaíva: *Hoehne* s. n., a. 1928 (SP), Estrada para Sertão Alto: *Hatschbach* 8.649 (K); Palmeira: *leg.* ?, a. 1874 (R); Ponta Grossa, Fda. Cambiju: *Hatschbach* 14.175 (K), Furnas: *Em. Santos* 3.003, *E. F. Trinta* 2.897, *Z. A. Trinta* 1.870, *Leane* 401, *Edg. Santos* 518 & *Edm. Santos* 588 (R); Mun. Pirai do Sul: *L. B. Smith*, *Klein* & *Hatschbach* 14.583 (US); Mato Grosso: *Harley* & *al.* 10.500 (K); pr. Cuiabá: *Prance*, *Lleras* & *Coelho* 19.345 (K); Cuiabá, Coxipó da Ponte: *Hoehne* s. n., a. 1911 - Com. Rondon 3.336 (R); Chapada dos Guimarães: *Prance*, *Lleras* & *Coelho* 18.975 (K). Goiás, Rio Preto: *Luetzelburg* 42, 47 (M). Distrito Federal, Brasília pr. Rio Fundo: *Castellanos* 21.847 (R).

GUIANA: *Kaieteur* (*Kaietuk*, "verissimiliter lapsu calami") Savannah, Potaro River: *Tutin* 667 (BM - Holotipo de *G. pulchella*; US - Isotipo; R - Fototipo), *Sandwith* 1.320 (IAN, NY), *Maguire* & *Fanshawe* 23.201 p. p. (RB, US, VEN, F, GH, NY, IAN).

VENEZUELA: *Bolívar*, Chimantá Massif: *Steyermark* & *Wurdack* 392 (NY, F, VEN), Toronto-tepuí: *Steyermark* & *Wurdack* 978 (NY, VEN), *idem* 630 (VEN), Apacará-tepuí: *Steyermark* 75.773 (NY, F, VEN); Cerro Guaikinima, Alto Paragua, Guayana: *Cardona* 966 (VEN). *Terr. Fed. Amazonas*, Cerro Avispa, Rio Siapa: *G. C. K. & Dunsterville* s. n., a. 1972 (K).

PARAGUAI: *Igatimi*: *Hassler* 5.313 (G); Caaguazú: *Hassler* 9.434 (G, BM; M - Foto), *Balansa* 2.075 (G).

BENJAMIN (1847) ao descrever a espécie baseado em material coletado por SELLOW no Brasil meridional, afirmou haver uma raiz reptante e tratou as folhas utriculíferas como fibras.

Apesar desse autor não ter citado o número de coleta de SELLOW, acreditamos que seja o n.º 127 do qual vimos a foto depositada em München. O Holotipo depositado em Berlim, provavelmente foi destruído. TAYLOR assume decididamente essa posição.

WARMING (1874a) publicou *G. pusilla* observando no final de sua descrição que, essa espécie não concorda perfeitamente com nenhuma espécie por ele conhecida, que *G. repens* é a que parece mais próxima diferindo pelo rizoma reptante estolonífero, brácteas um pouco hirsutas, cálice pubescente. Foi o primeiro autor a observar o ovário glabro nessa espécie.

TUTIN (1934) ao descrever *G. pulchella* a considera afim de *G. roraimensis* N. E. Brown e de *G. luteoviridis* Wright, diferenciando-as principalmente por caracteres das folhas, pedicelo e flores.

TAYLOR (1967) coloca *G. pusilla* e *G. pulchella* como sinônimos de *G. repens* e comenta em seu trabalho que não viu o Tipo desta espécie mas que a descrição concorda tão bem com os exemplares Tipos de *G. pusilla* e *G. pulchella* que ele não tem dúvida que sejam a mesma. Acrescenta que *G. repens* e *G. pygmaea* diferem por pouco mais do que a diferença no indumento, mas não tem sido observado formas intermediárias, apesar delas ocorrerem juntas na Savana de Kaie-teur.

Examinamos os exemplares Tipos de *G. pusilla* e de *G. pulchella* e concordamos que sejam *G. repens*.

Em nossos estudos, encontramos uma quantidade insignificante de indivíduos (9/300) apresentando raros pêlos glanduloso-capitados de pé e cúpula pluricelulares no pedicelo e base do cálice, que julgamos ser apenas uma ocorrência casual. Embora insignificante, tentamos esclarecer o fato, relacionando-o com o habitat, altitude, floração e frutificação e até mesmo hibridação.

Quanto ao habitat verificamos que ambos os casos ocorriam no mesmo ambiente.

Apesar de haver grande variação nas altitudes onde ocorre a espécie, não encontramos correlação entre determinadas altitudes e os exemplares raramente pilosos, pois tanto os exemplares totalmente glabros quanto àqueles com pêlos, aparecem em qualquer altitude.

Relativo a floração e frutificação, geralmente encontramos ambos os casos nos dois estágios.

Quanto a hibridação, abandonamos tão logo essa idéia, ao verificarmos que justamente os exemplares de *G. repens* que ocorriam juntos, misturados com uma espécie pilosa *G. pygmaea* (Maguire & Fanshawe 23.201) se apresentavam perfeitamente glabros, sem nenhum vestígio de pêlos glandulosos.

Os exemplares examinados de *G. repens* que apresentaram raros pêlos glandulosos foram: *Balansa* 2075 (G), *Steyermark* 75.773 (F, VEN, NY), *Cardona* 966 (VEN), *Hoehne* s. n., a. 1911 — Com. Rondon 3.336 (R) e *Sandwith* 1.320 (NY, IAN).

Genlisea aurea St.-Hil.

(figs. 2; 3; 5-19; 21; 23-25; 27; 32)

Genlisea aurea St.-Hil., Voy. Diam. 2:429. 1833; St.-Hil. & Girard, C. r. hebd. Séanc. Acad. Sci. 7 (21):870. 1838; idem, Annls Sci. nat. 2^e ser. 11:165, tab. 5. 1839; DC., Prodr. 8:26. 1844; Benj. in Mart., Fl. Bras. 10:253. 1847; Fromm-Trinta, Bolm Mus. nac. Rio de J., n. s. Bot. 44:1, tab. 1. 1977.

Genlisea minor St.-Hil., Voy. Diam. 2:430. 1833 (TIPO-P).

Genlisea ornata Mart. ex. Benj. in Mart., Fl. Bras. 10:252, tab. 21 fig. 2, tab. 22 fig. 3. 1847 (TIPO-M).

Genlisea ornata var. *gracilis* Merl ex Luetzelb., Est. Bot. Nordeste 3:223. 1923, nomen.

Utricularia superba G. Web. in Herb. Reg. Berol.

Planta um tanto robusta, de 9,0-41,0 cm de altura. Folhas utriculíferas alvas, com ampola mais ou menos ovóide, até 10,7 cm de comprimento. Folhas verdadeiras densamente rosuladas, perfeitamente espatuladas, às vezes, obovado-espatuladas ou quase flabeliformes, de ápice, em geral arredondado, algumas vezes truncado ou emarginado, de 5,0-50,0 mm (20,0) de comprimento e 0,5-4,5 mm (2,0) de largura, com a base atenuada e pecíolo longo.

Inflorescência hirsutíssima com 1-11 (4-6) flores vistosas, amarelas, amarelo-douradas ou vitelinas. Escapo desde a base com pêlos glanduloso-capitados, de pé e cúpula pluricelulares, acompanhados, algumas vezes, de raros e esparsos pêlos simples pluricelulares, os primeiros adensando-se para o ápice da inflorescência. Brácteas do escapo 1-12, basifixas, com os dois tipos de pêlos, no dorso e margem, ovadas, ovado-lanceoladas, lanceoladas, oblongas ou um tanto elíticas, de ápice geralmente agudo, aguçado, obtuso, emarginado, retuso, truncado, bidentado, de 1,5-6,5 mm (2,5-3,5) de comprimento e 0,5-1,5 mm (1,0) de largura. Pedicelo sempre ereto, de 2,0-25,0 mm (5,0) de comprimento na flor e 3,0-20,0 mm (5,0) de comprimento no fruto, hirsutíssimo, raro com pêlos simples pluricelulares entre os glanduloso-capitados, de pé e cúpula pluricelulares. Brácteas do pedicelo semelhantes às do escapo, de 1,5-4,0 mm (2,0) de comprimento e 0,5-2,3 (1,0) de largura; duas bractéolas basifixas e pilosas, em geral oblongas, ovadas, ovado-lanceoladas, lanceoladas, às vezes, linear-lanceoladas até mais ou menos elíticas, de ápice obtuso, agudo, emarginado, retuso ou truncado, de 1,2-3,5 mm (2,0) de comprimento e 0,3-1,3 mm (0,5) de largura. Lacínios do cálice hirsutíssimos, ovados, oblongos, elíticos, ovado-lanceolados, lanceolados, de ápice obtuso, agudo, simples ou duplamente emarginado, levemente retuso, mais ou menos truncado ou bidentado, de 1,8-6,5 mm (3,0) de comprimento e 0,5-2,0 mm (1,0-1,5) de largura. Corola pilosa com o lábio superior inteiro, ovado, amplamente elítico, quase arredondado ou ovado-elítico, de ápice obtuso, de 5,0-13,0 (7,0-8,0) de comprimento e 5,0-14,0 mm (7,0) de largura, o lábio inferior 3-lobado, lobos amplamente arredondados, o mediano maior, de 4,5-21,0 mm (10,0) de comprimento e 7,0-24,0 mm (1,2) de largura. Cálcar cilindro-cônico, geralmente reto ou curvado para cima, raríssimo para baixo, maior que o lábio inferior da corola, raro menor ou do mesmo comprimento, engrossado na base e estreitando-se paulatinamente em direção ao ápice que é, em geral, obtuso, aguçado, agudo, apiculado ou bidentado, de 7,0-20,0 mm (1,2) de comprimento, 2,5-8,5 mm (5,0) de largura na base e 0,5-2,5 mm (1,0) de largura perto do ápice. Estames com filetes encurvados e espessados a partir da porção mediana para o ápice. Ovário hirsutíssimo, apresentando pêlos glanduloso-capitados; estigma com o lábio inferior amplamente semi-orbiculado ou flabeliforme, às vezes, um tanto retroflexo, de 1,0-1,5 mm de comprimento e 1,3-1,5 mm de largura, o superior menor, triangular, ovado-oblongo, de 0,1-0,5 mm de comprimento.

Fruto de deiscência circuncisa, hirsuto, de 3,2-6,0 mm de diâmetro. Sementes piramidais.

TIPO: *St.-Hilaire s.n., a. ? (P-Holotipo): "Nascitur in arenosis humidis montium vulgo Serra da Caraça et Serra da Ibitipoca, provinciã Minas Geraes".*

Material examinado:

BRASIL: *Sellow s.n., a. ? (W, G, E, M), idem 47, 54 (M-Foto). Bahia:* Serra das Almas: *Luetzelburg 15 (M; NY-Foto). Minas Gerais: St.-Hilaire s.n., a. ? (P-Holotipo de G. aurea; NY, US, M, R – Fototipos), Moura 74 (M-Foto), Gardner 5.053 (W, G. GH, US, E, NY, BM; M-Foto); Diamantina pr. Milho Verde: St.-Hilaire s.n., a. ? (P-Holotipo de G. minor; M, R-Fototipos); M. Itambé: *Martius s.n., a. ? (M-Holotipo de G. ornata; R-Fototipo); Serro Frio: Martius s.n., a. ? (M); Serra da Caraça: Claussen s.n., a. 1840 (BM, G. GH, BR), entre Caldas e Samambaia, na descida para Antas: Regnell III 847 (S; M-Foto); Mun. Datas, Estribo Bandeirinha: Hataschbach 30.160 (K); Serra de Itacolumy: Ule 2.622 (R), Barboza s.n., a. ? (R), Damazio s.n., a. ? (RB), idem 1.495 (G, RB); Serra do Grão Mogol: Mello Barreto, Brade & Markgraf 3.431 (RB); Serra do Caparaó: Brade 17.022 (RB), Schwacke s.n., a. 1890 (R); Serra da Ibitipoca: II. Magalhães s.n., a. 1897 – Com. Geog. Geol. Min. 2.283 (R); Serra do Cipó: Mello Barreto 8.973 (F), Duarte 2.128 (RB), idem 2.752 (RB); Rio Grande: Sellow 460 p.p. (R). Espírito Santo: Caparaó: Y. Mexia 4.021 (G, NY, US, GH). Rio de Janeiro, Serra dos Órgãos: Gardner 5.837 (BM), Luetzelburg s.n., a. 1910 (F, M, NY), Glaziou 4.150 (C), idem 4.190 ? (IAN), idem 8.219 (C), idem 16.233 (R, C); Morro Assu: Luetzelburg s.n., a. 1915/1916 (M), Isabelloca: Luetzelburg s.n., a. 1916 (M), Campo das Antas: Brade 10.777 (R), idem 12.481 (R), Saldanha s.n., a. 1883 – Gab. Bot. Esc. Polyt. 7.399 (R). São Paulo: Sellow 226 p.p. (R); Bocaina, Lageado: Markgraf & Apparicio 10.431 (RB, R); Campos de Jordão: Campos Porto 3.335 (RB), Lutz s.n., a. 1921 (R). Paraná, Curitiba: leg. ?, a. 1928 (SP); Capivari: Dusén 6.942 (NY); Iguassu, Palma: leg. ?, a. 1883 (RB); Palmeira: Tessmann s.n., a. 1947 (IHN); Mun. Lapa: Hatschbach 999 (MBM, US)), Serrinha, Rod. do Xisto: idem 14.767 (K); Ponta Grossa, Estrada de CTBA, lado direito do rio Tibagi: Dombrowski 818, Saito 608 & M.L. Pereira 202 (K); Araucária: Leinig s.n., a. 1961 (HB). Santa Catarina, Mun. Campo Alegre, Morro do Iquererim: L. B. Smith & Klein 8.534 (R, US, HBR). Mato Grosso, Ponte de Pedra: Hoehne s.n., a. 1909 – Com. Rondon 2.279 – 2.281 (R). Goiás: Gardner 4.348 (BM); Chapada dos Veadeiros: Irwin, Grear Jr., Souza & Reis dos Santos 12.535 (US, UB), Alto do Paraíso: Irwin, Harley & G. L. Smith 32.712 (NY), idem 33.012 (NY); Cristalina: Pires & Mattos 9.839 (UB).**

SAINT-HILAIRE (1833), ao descrever a espécie considerou: os lacínios do cálice lineares, o escapo achatado e o estilete de ápice unilabiado.

Posteriormente, SAINT-HILAIRE & GIRARD (1839), publicaram a primeira tábula ilustrativa de *G. aurea* (tab. 5), onde representaram os lacínios do cálice perfeitamente ovados.

Este detalhe não passou despercebido a DE CANDOLLE (1844), que fez uma observação a esse respeito em seu trabalho.

Examinando o Holotipo depositado em P, observamos que os lacínios do

cálce são ovados ou ovado-lanceolados como estão ilustrados na tábula de SAINT-HILAIRE & GIRARD.

Quando SAINT-HILAIRE se referiu ao escapo achatado, por certo estava descrevendo material herborizado, pois, na realidade, ele é cilíndrico.

Este autor não conseguiu observar o lábio superior do estigma que, em geral, é mínimo, referindo-se provavelmente apenas ao lábio inferior, que é maior.

Ainda no mesmo trabalho, SAINT-HILAIRE (1833) descreve *G. minor* chamando a atenção para o fato de que essa espécie bem poderia ser uma simples variedade de *G. aurea*, e que a diferença entre elas seria uma consequência da variação na altitude onde elas ocorrem.

TAYLOR sinonimizou *G. minor* em etiqueta de herbário. Examinamos o Holotipo dessa espécie depositado em P e concordamos que seja sinônimo de *G. aurea*.

BENJAMIN (1847) descreve *G. ornata* mantendo o epíteto dado anteriormente por MARTIUS, em herbário, e assinala a presença de raízes incorrendo no mesmo erro de DE CANDOLLE. As tábulas apresentadas por Benjamin para *G. ornata* e o exame do Tipo, não deixam margem à dúvida de tratar-se de *G. aurea*, fato esse observado por Taylor que sinonimizou *G. ornata* nas etiquetas de herbário.

G. ornata var. *gracilis*, também é uma variação um tanto mais delgada de *G. aurea*.

Pelos resultados dos nossos estudos, concluímos que a espécie em si é bem homogênea, apresentando variações normais relativas ao tamanho, forma, grau de pilosidade, variações essas que não comprometem a sua categoria específica.

***Genlisea filiformis* St.-Hil.**
(figs. 3-4; 14; 16-25; 28; 33)

Genlisea filiformis St.-Hil., Voy. Diam. 2:430. 1833; St.-Hil. & Girard, C. r. hebdom. Séanc. Acad. Sci. 7 (21):870. 1838; idem, Annls Sci. nat. 2^e ser. 11:166. 1839; DC., Prodr. 8:26. 1844; Benj. in Mart., Fl. Bras. 10:253. 1847; Sylvén, Ark. Bot. 8 (6):3. 1909; Barnhart, Mem. N.Y. bot. Gdn 6:48, fig. 5. 1915; Sampaio, Archos Mus. nac., Rio de J. 19:98. 1916; Luetzelb., Est. Bot. Nordéste 3:223. 1923; Hoehne, Pl. Aquát.:150. 1955; Fernández-Pérez, Caldasia 9 (41):76, fig. 26. 1964; Taylor, Mem. N.Y. bot. Gdn 17 (1):206, fig. 26 S-U. 1967; Gibson, Fieldiana, Bot. 24, part 10 (4):316, fig. 68. 1974.

Genlisea luteoviridis Wrigth in Sauv., An. Acad. Cienc. Habana 6:314. 1869 (TIPO – S, NY, GH, K).

Genlisea anfractuosa Tutin, J. Bot. London 72:310, fig. 2 1934 (TIPO – BM, RB, US, K).

Planta delgada, de 3,0-25,0cm de altura. Folhas utriculíferas alvas, com ampola ovóide, até 4,5cm de comprimento. Folhas verdadeiras obovadas, espatuladas ou obovado-espatuladas, de 3,5-20,0mm de comprimento e 1,0-4,0mm de largura, de base atenuada e pecíolo longo.

Inflorescência pilosa com 1-9 (4) flores amarelas de tonalidades variáveis. Escapo em geral com pêlos simples pluricelulares desde a base até quase a metade do escapo e com pêlos glanduloso-capitados situados um pouco acima da metade, em direção ao ápice, à princípio raros, depois mais freqüentes, porém sempre esparsos e laxos. Algumas vezes os dois tipos de pêlos podem ocorrer um pouco misturados desde a base até o ápice da inflorescência. Brácteas do escapo 1-7 (3), basifixas, ovadas, ovado-lanceoladas, às vezes, elípticas ou oblongas, de ápice, em geral agudo, raro aguçado ou obtuso, quase glabras ou com pêlos simples pluricelulares geralmente na margem e às vezes no dorso, de 0,6-2,0mm (1,0-1,2) de comprimento e 0,2-1,1mm (0,5) de largura. Pedicelo sempre ereto, de 2,0-10,0mm (5,5) de comprimento na flor e 4,5-13,0mm (7,0) de comprimento no fruto, normalmente com pêlos glanduloso-capitados de pé e cúpula pluricelulares, em número variável, com disposição sempre laxa e às vezes, raros pêlos simples pluricelulares. Brácteas do pedicelo mais ou menos idênticas às do escapo, de 0,5-1,2mm (1,0) de comprimento e 0,2-0,7mm (0,5) de largura; duas bractéolas basifixas e pilosas, lanceoladas, lineares, linear-lanceoladas, ovado-lanceoladas, até quase oblongas, de ápice agudo, de 0,5-1,4mm (1,0) de comprimento e 0,1-0,3mm (0,2) de largura. Lacínios do cálice com pêlos simples pluricelulares freqüentemente na margem, às vezes, pêlos glanduloso-capitados no dorso, ovados, ovado-lanceolados, lanceolados, até um tanto oblongos ou elípticos, de ápice agudo, aguçado ou obtuso, de 0,8-2,0mm (1,0) de comprimento e 0,2-1,0mm (0,3-0,5) de largura. Corola pilosa, com o lábio superior inteiro, ovado, ovado-arredondado, arredondado, de ápice obtuso, arredondado, de 1,2-4,0mm (2,5) de comprimento e 1,0-3,0mm (1,5-2,2) de largura, o inferior 3-lobado, de lobos arredondados, o mediano maior, de 1,2-5,0mm (2,5-3,0) de comprimento e 1,5-5,5mm de largura. Cálcar muito engrossado, saciforme, de ápice obtuso, arredondado, maior ou do mesmo comprimento que o lábio inferior da corola, de 2,0-5,0mm (4,0) de comprimento, 0,9-3,0mm (2,0) de largura na base e 1,0-2,8mm de largura perto do ápice, com esparsos pêlos glanduloso-capitados de pé e cúpula pluricelulares. Estames com filêtes encurvados. Ovário piloso apresentando os dois tipos de pêlos, estigma com o lábio inferior elítico, orbiculado, até mais ou menos oblongo, um tanto retroflexo, de 0,5mm de comprimento e 0,3mm de largura e o superior, menor, oblongo, de ápice truncado ou, às vezes, levemente retuso, de 0,2mm de comprimento e 0,2mm de largura.

Fruto de deiscência circuncisa, bastante piloso, com os dois tipos de pêlos ou, às vezes, somente pêlos simples pluricelulares, de 1,5-3,2mm de diâmetro. Sementes piramidais.

TIPO: St.-Hilaire s.n., a. ? (P-Holotipo): "Inveni and scaturigines montis Serra de S. José haud longè ab urbe S. João d'El Rei, provinciâ Minas Geraes."

Material examinado:

BRASIL: Amazonas, Manaus: Schwacke 578 (R). Roraima, Retiro da Serra da Lua: Kuhlmann s.n., a. ? 1913 (RB). Pará, Trombetas, Campos do Ariramba: Ducke s.n., a. 1912 (F). Ceará: F. Allemão s.n., a. ? (R), F. Allemão & Cysneiros

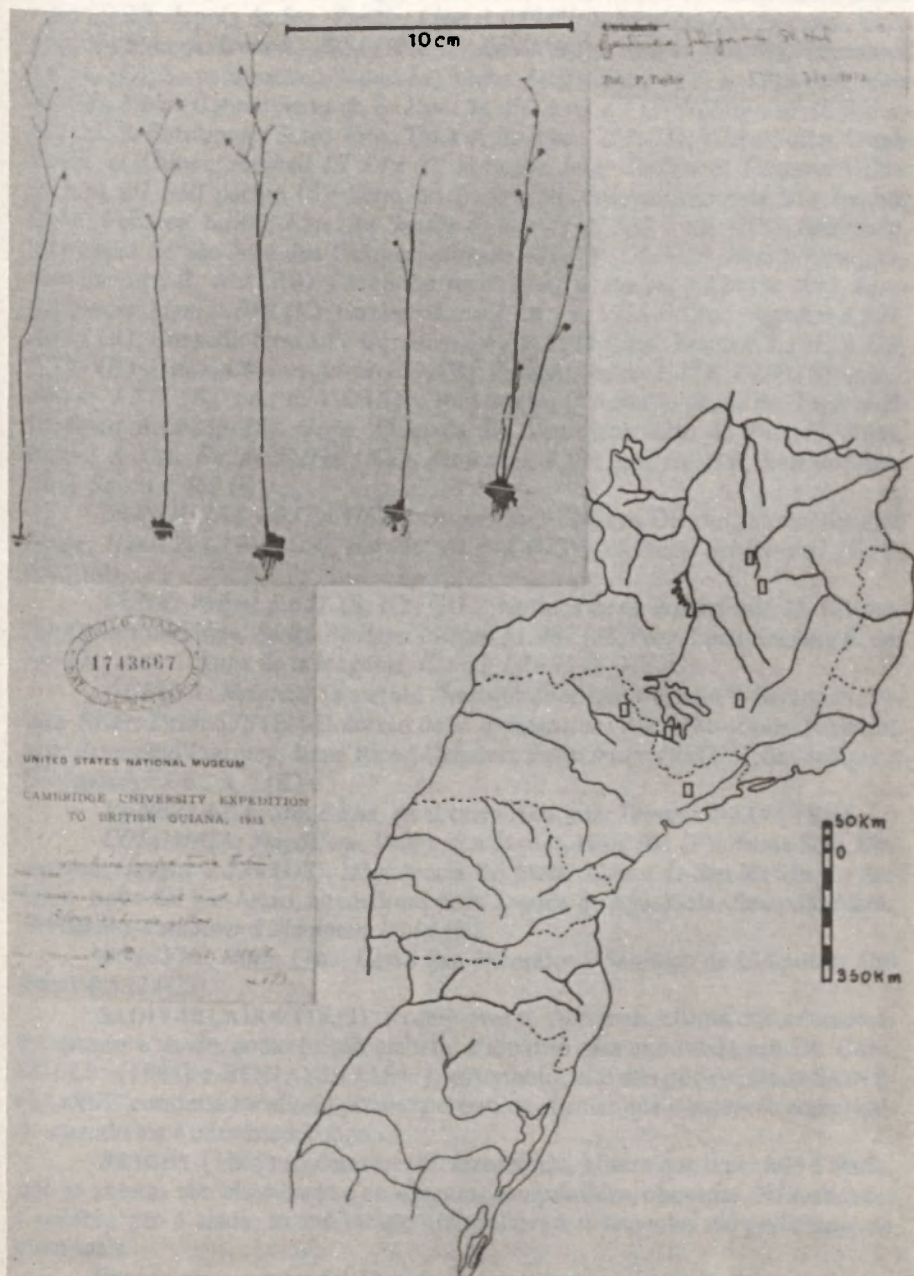


Fig. 33: *G. filiformis*: Habitus e distribuição nas regiões sudeste e sul.

915 (R). *Paraíba*, Pedras de Fogo, Fontainha, entre Aurora e Mamuabas: *Tavares* 1.033 (US), depois de Sta. Emília; *idem* 1.059 (US). *Pernambuco*, Igarassu, Campina dos Marcos: *Lima* 55-2084 (IPA, R). *Bahia*: *leg. ?*, s.n., a. ? (R, W), *Saltzman* s.n., a. (G); Serra Messalina, Minas de Contas: *Luetzelburg* 46 ?, a. 1913 (M), *idem* 50 (M). *Minas Gerais*: Serra de S. José: *St.-Hil.* s.n., a. ? (P-Holotipo de *G. filiformis*; M, R-Fototipos); Serro Frio, Tejuco: *Martius* 1213 (M); Caldas, inter Canna Verde et Cajurú: *Regnell III* 849 (S, M-Foto), inter Jardim et Fazenda Velha: *Regnell III* 850 partim (S); Serra do Espinhaço, Diamantina, near Rio Jequití: *Irwin, Fonseca, Souza, Reis dos Santos & Ramos* 27.575 b p.p. (NY). *São Paulo*, Município de São José dos Campos: *Mimura* 431 (SP, US, NY). *Mato Grosso*, Xavantina: *Sick B.* 443 (RB), Cachimbo road: *Hunt & Ramos* 5.624 (R, NY), Barra do Garças: *idem* 5.848 (K); Coxim: *Hoehne* s.n., a. 1911 – Com. Rondon 3.331-3.333 (R); Chapada Morro Podre: *idem* s.n., a. 1911-Com. Rondon 3.329, 3.330, 3.334 (R); Girau, Cáceres: *idem* 150, (R); Cuiabá: *Malme* 1.328, 3.180 (S); Aricá: *Malme* 3.278 (S), s.n., a. 1903 (S); Buritizinho (“Adão”), Serra do Tapirapuã: *Lindman A* 3.283 (S). *Goiás*, Chapada dos Veadeiros, Alto do Paraíso: *Irwin, Harley & G.L. Smith* 32.710 (NY), *Anderson, Kalin Arroyo, Hill, Reis dos Santos & Souza* 6.469 (K).

HONDURAS BRITÂNICAS: *Augustine*, El Cayo District, Mountain Pine Ridge: *Hunt* 204 (BM, US), *Bartlett* 11.674 (US); All Pines: *Schipp* 607 (G, F, NY, BM).

CUBA: *Wright* 3.621 (S, NY, GH – Isotipos de *G. luteoviridis*; M, R-Fototipos); Isla de Pinos, Santa Bárbara: *Ekman* 11.987 (S); Prov. Pinar del Rio, P. del Rio-City near Laguna de la Maguina: *Ekman* 17.895 (S, NY, G).

GUIANA: *Kaieteur* (Kaietuk, “verissimiliter lapsu calami”) Savannah, Potaro River: *Tutin* 673 (BM-Holotipo de *G. anfractuosa*; RB, US-Isotipos; R-Fototipo); Essequibo Country, Ireng River, Orinduik Falls: *Irwin* 498 (US); San Joaquim: *Schomburgk* s.n., a. ? (K).

VENEZUELA: *Sta. Elena*, en el cerro Akurimá: *Tamayo* 2.814 (VEN).

COLOMBIA: *Magdalena Valley*, La Jagua: *Allen* 705 (F); Palma Sola, Chiriguana: *Haught* 2.259 (US); Intendencia del Meta, Llanos de San Martín, La Serania, hoya del río Ariari, alrededores de la Laguna de Aguasucia: *Jaramillo-Mejía, Hernández-Camacho & Hammen* 1.114 (K).

BOLÍVIA: *Santa Cruz*, Cerro San Micerato – Santiago de Chiquitos: *Cárdenas* 4.532 (US).

SAINT-HILAIRE (1833), ao descrever *G. filiformis*, afirma que as brácteas do escapo e as do pedicelo são glabras, afirmativa essa endossada por DE CANDOLLE (1844) e BENJAMIN (1847), entretanto, elas são pilosas; ainda SAINT-HILAIRE continua incidindo no mesmo erro de afirmar que o escapo é comprimido quando ele é cilíndrico, roliço.

WRIGHT (1869) ao descrever *G. luteoviridis*, afirma que o pecíolo á alado, que as anteras são biloculares e as sementes comprimidas, obovadas. Na realidade, o pecíolo não é alado, as anteras são uniloculares e as sementes são perfeitamente piramidais.

Examinamos o material Tipo de *G. luteoviridis* e concordamos com Taylor que se trata de *G. filiformis*.

TUTIN (1934) ao descrever *G. anfractuosa* a considera afim de *G. filiformis*, diferenciando-as por variações de caracteres morfológicos. Afirma que a planta tem raízes e que os dois lábios da corola são trilobados.

Examinamos o exemplar Tipo de *G. anfractuosa* e comprovamos que o lábio superior da corola é inteiro, detalhe que já havia sido observado por FERNÁNDEZ-PÉREZ (1964).

Fernández-Pérez nesse mesmo trabalho, considera *G. anfractuosa* como uma boa espécie e a diferencia de *G. filiformis* pelo tamanho da planta, pelo número de flores e forma do escapo, entretanto concordamos com Taylor que não considera esses caracteres válidos para manter a espécie, colocando-a em sinonímia de *G. filiformis*.

Taylor (1967) afirma que *G. filiformis* se distingue imediatamente, dentre outros caracteres, pela ausência de curtos pêlos simples entre os longos pêlos glanduloso-capitados na inflorescência. Através do minucioso exame de inúmeros exemplares, temos visto que os dois tipos de pêlos podem ocorrer, algumas vezes, na inflorescência (Ekman 17.895, Mimura 431, Hunt 204, Wright 3.621, etc), entretanto, como essa ocorrência é incomum e a inflorescência, em geral, traz apenas os pêlos glanduloso-capitados, esse caráter aliado a outros, permite diferenciar a espécie.

Gibson (1974) repete as observações de Wright quanto à forma do pecíolo e das sementes.

Genlisea pygmaea St.-Hil.

(figs. 3-5; 13; 16-19; 21; 23-24; 26; 28; 34)

Genlisea pygmaea St.-Hil., Voy. Diam. 2:431. 1833; St.-Hil. & Girard, C. r. hebd. Séanc. Acad. Sci. 7 (21):870. 1838, idem, Annls Sci. nat. 2^e ser. 11:166. 1839; DC., Prodr. 8:26. 1844; Benj. in Mart., Fl. Bras. 10:254. 1847; Taylor, Mem. N.Y. bot. Gdn 17 (1):205, fig. 26M-O. 1967.

Genlisea nigrocaulis Steyermark, Bull. Torrey bot. Club 75:657. 1948 (TIPO - F, US, NY, GH).

Genlisea esmeraldae Steyermark, Fieldiana Bot. 28:534. 1953 (TIPO-F).

Genlisea oxycentron P. Taylor, Flora Trin. Tobago 2 (5):288. 1954 (TIPO-K).

Planta delgada, de 3,5-19,0cm de altura. Folhas utriculíferas com ampola globoso-ovóide, até 5,9cm de comprimento. Folhas verdadeiras espatuladas, obovado-espatuladas até suborbiculares, de 9,0-15,0mm de comprimento e 0,8-2,5mm (1,8) de largura, de base atenuada e pecíolo longo.

Inflorescência pilosa com 1-8 (4) flores amarelas variando sua tonalidade do amarelo-pálido ao dourado. Escapo com pêlos pequenos, simples pluricelulares, ocorrendo desde a base até o ápice da inflorescência e pêlos maiores, glanduloso-capitados, de pé e cúpula pluricelulares, ocorrendo nos dois terços superiores do escapo (mas podendo ocorrer desde a base), inicialmente esparsos tornando-se mais abundantes em direção ao ápice, principalmente no pedicelo e base do cálice,

formando então, os dois tipos de pêlos, um adensamento muito grande. Brácteas do escapo 1-8, basifixas, ovadas, ovado-lanceoladas, deltóides, ou raro, quase elípticas, de ápice agudo, raro obtuso, de 0,6-1,5mm de comprimento e 0,3-0,8mm de largura, com pêlos simples pluricelulares no dorso e margem. Pedicelo sempre ereto, de 3,5-16,0mm de comprimento na flor e 3,0-16,0mm de comprimento no fruto, com os dois tipos de pêlos muito adensados no ápice. Brácteas do pedicelo idênticas às do escapo, de 0,9-1,7mm (1,0) de comprimento e 0,5mm de largura; duas bractéolas basifixas e pilosas, lanceoladas, linear-lanceoladas, raro oblongas, de 0,6-1,5mm (1,0) de comprimento e 0,1-0,3mm (0,2) de largura. Lacínios do cálice densamente pilosos, trazendo os dois tipos de pêlos no dorso e margem, mas, principalmente na base, ovados, ovado-lanceolados, algumas vezes, linear-lanceolados, raro, mais ou menos elípticos, de ápice agudo, raríssimo obtuso, de 0,7-2,0mm de comprimento e 0,3-1,0mm de largura. Corola com o lábio superior inteiro, ovado, ovado-arredondado, de 2,0-4,2mm de comprimento e 1,5-4,0mm de largura, o inferior 3-lobado com os lobos arredondados, o mediano maior, de 2,5-6,0mm (3,0-4,5) de comprimento e 3,5-10,0mm de largura. Cálcar cilindro-cônico, engrossado na base, e se estreitando em direção ao ápice que é aguçado, agudo, raro obtuso, de 3,5-8,0mm de comprimento e 1,5-3,8mm de largura. Estames com filetes encurvados. Ovário bastante piloso apresentando os dois tipos de pêlos, estigma com o lábio inferior orbiculado, retroflexo, de 0,5mm de comprimento e 0,5-0,6mm de largura e o superior menor, triangular, ovado, de ápice agudo, com 0,15mm de comprimento e de largura.

Fruto de deiscência circuncisa, bastante piloso, de 1,5-3,5mm de diâmetro. Sementes piramidais.

TIPO: St.-Hil. s.n., a. ? (P-Holotipo): "Inveni in paludibus propè Tamanduá haud longè à vico *Contendas*, parte orientali desertâque provinciae *Minas Geraes* dictâ *Sertão*."

Material examinado:

BRASIL: *Kuhlmann* 695 (RB). *Pará*, Estrada da Vigia, Campina do Palha: *Cavalcante* 396 (MG); Ilha Colares: *Poeppig* 18.205 ?, a. 1832 (W), *Poeppig* 18205 (G, W). *Minas Gerais*, près Tamanduá paroisse de *Contendas*: *St.-Hil.* s.n., a. ? (P-Holotipo de *G. pygmaea*; (M, NY, R-Fototipos); Morro das Pedras, Patrocínio: *Irwin*, *Onishi*, *Fonseca*, *Souza*, *Reis dos Santos*, *Ramos* 25.647 (NY). *Goiás*, Chapada dos Veadeiros: *Harley*, *Barroso & al.* 11.390 (K), Veadeiros: *Irwin*, *Grear Jr.*, *Souza & Reis dos Santos* 12.601 (US), Alto do Paraíso: *Irwin*, *Harley & G.L. Smith* 32.709 (NY); Serra dos Pirineus, E. of Pirenópolis: *Irwin*, *Anderson*, *Stieber & Lee* 34.211 (K). *Distrito Federal*, Chapada da Contagem, Brasília: *Irwin*, *Souza & Reis dos Santos* 11.456 (UB, US); *Heringer* 10.972 (UB).

GUIANA: *Kaieteur Plateau*: *Maguire & Fanshawe* 23.201 p.p. (F-Paratipo de *G. nigrocaulis*; NY, RB, US, VEN, GH, IAN-Isoparatipos; R-Fototipo), mistura-do com *G. repens*.

VENEZUELA: *Morichal* cerca del conuco de Adreñan, Sta. Elena, Gran

Sabana: *Tamayo s.n.*, a. 1946 (VEN). *Bolívar*, Chimantá Massif, Central Section: *Steyermark & Wurdack 389* (NY, F, VEN), *idem 450* (NY, VEN); Ptari-tepuí: *Steyermark 59.644* (F-Holotipo de *G. nigrocaulis*; US, NY, GH-Isotipos; R-Fototipo), Valle Encantado, lado derecho del Salto Angel, Auyantepuy: *Foldats 7.146* (VEN). *Territorio Federal Amazonas*, margen del río Atabapo, cerca de la desembocadura del río Atacaví: *Foldats 3.827* (VEN); Cerro Duida, Río Cunucunuma: *Maguire, Cowan & Wurdack 29.743* (NY); between Esmeralda Savana and Southern base of Cerro Duida: *Steyermark 57.835a* (F-Holotipo de *G. esmeraldae*; R-Fototipo). *Alto Paragua*, Guayana, sabana fangosa del río Tonoro: *Cardona 834* (VEN).

COLOMBIA: *Vaupés*, Rio Guáinia, Puerto Colombia (opposite Venezuelan town of Maroa) and vicinity: *Schultes, Baker & Cabrera 18.184* (US).

SAINT-HILAIRE (1833) ao descrever a espécie afirmou que ela é áfila ou, pelo menos ao tempo da floração. Provavelmente, o autor examinou material desprovido de folhas, uma vez que esse órgão é bem visível em todas as espécies do gênero.

Além disso, assinalou para *G. pygmaea*, 1 raro 2 flores. Naturalmente SAINT-HILAIRE fez a descrição baseado em poucos exemplares o que não lhe permitiu ver a variação no número de flores que pode chegar a 8, embora o normal seja 1-4.

Examinando o Paratipo de *G. nigrocaulis*, observamos que há uma mistura de *G. pygmaea* e *G. repens*, aliás, já observado por TAYLOR (1967).

Provavelmente levado pela descrição de SAINT-HILAIRE, Steyermark (1953) diferencia *G. esmeraldae* de *G. pygmaea* pela presença de folhas ao mesmo tempo que as flores.

Como foi observado por FERNÁNDEZ-PÉREZ (1964) "a presença ou ausência de folhas nas exsicatas é acidental e depende do cuidado que se tenha ao colecionar o material". Por esse motivo FERNÁNDEZ-PÉREZ já considera *G. esmeraldae* como um possível sinônimo de *G. pygmaea*.

TAYLOR (1955) ao descrever *G. oxycentron* considera-a afim de *G. pusilla*, porém distinta pelo ovário hispido, citando-a ainda como endêmica para Trinidad; entretanto, este mesmo autor (1967) coloca *G. oxycentron*, *G. nigrocaulis*, *G. esmeraldae* como sinônimos de *G. pygmaea*.

Examinamos os Tipos de *G. nigrocaulis* e *G. esmeraldae* e concordamos com Taylor que sejam sinonimias de *G. pygmaea*.

SEÇÃO II – TAYLORIA Fromm-Trinta

Tayloria Fromm-Trinta, Bolm Mus. nac. Rio de J., n.s. Bot. 44: 1, tab. 2. 1977.

Esta seção está representada apenas pela espécie típica *G. violacea* St.-Hil.

Genlisea violacea St.-Hil.

(figs. 3-4; 8; 10; 14-19; 21-26; 29; 35)

Genlisea violacea St.-Hil., Voy. Diam. 2:431. 1833; St.-Hil & Girard,

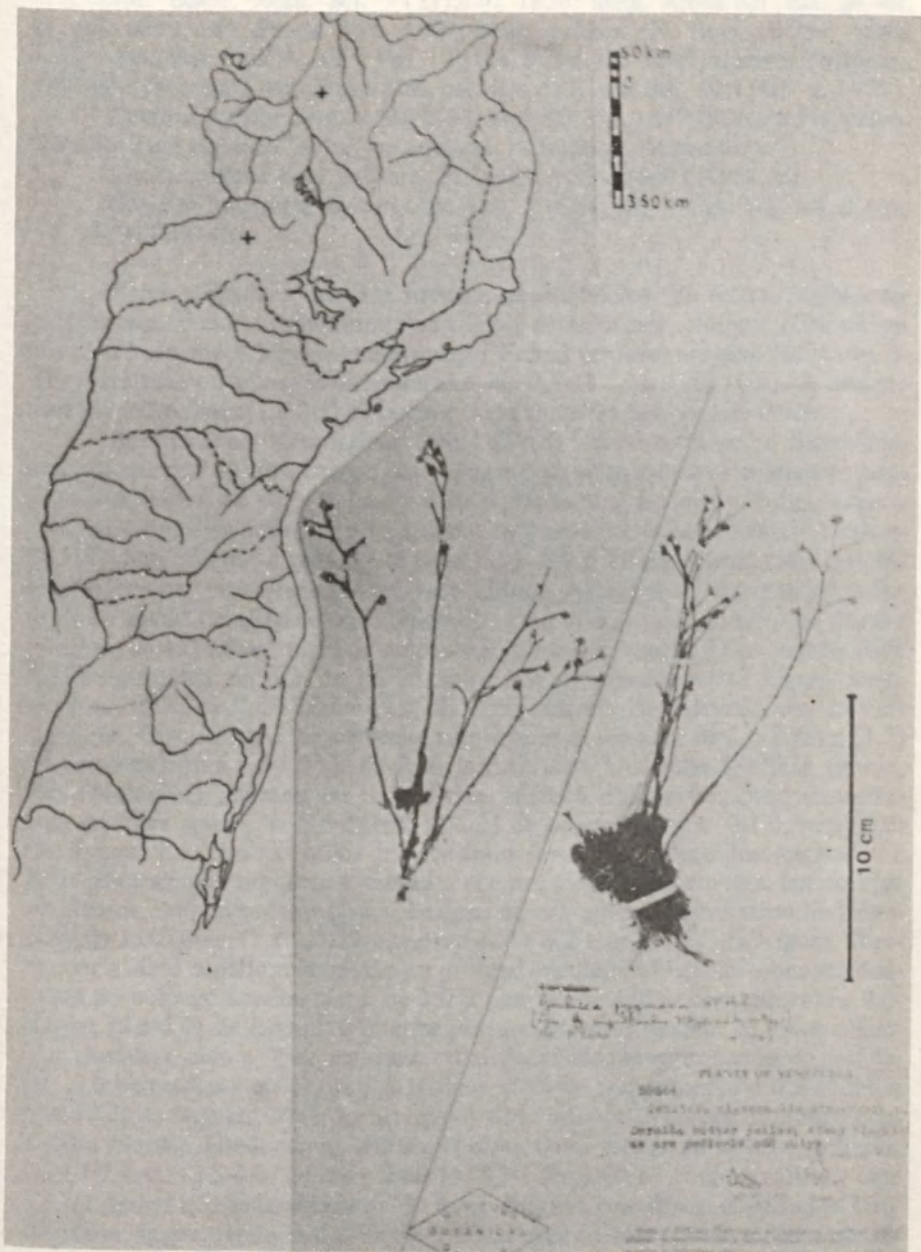


Fig. 34: *G. pygmaea*: Habitus e distribuição nas regiões sudeste e sul.

C. r. hebd. Séanc. Acad. Sci. 7 (21):870. 1838; idem, Annls Sci. nat. 2^e ser. 11:166. 1839; DC., Prodr. 8:26. 1844; Benj. in Mart., Fl. Bras. 10:254. 1847; Sylén, Ark. Bot. 8 (6):4, tab. 1 figs. 1-2; tab. 3 figs. 1-2. 1909; Hoehne, Pl.-Aquat.: 150. 1955; Fromm-Trinta, Bolm Mus. nac. Rio de J., n.s. Bot. 44:1, tab. 2. 1977.

Genlisea reflexa Benj. in Mart., Fl. Bras. 10:254. 1847 (Fototipo M, provavelmente Tipo segundo Taylor, em etiqueta; B-Holotipo, destruído?).

Genlisea biloba Benj. in Mart., Fl. Bras. 10:254. 1847 (TIPO-M).

Genlisea cylindrica Sylén, Ark. Bot. 8 (6):4, tab. 1 figs. 1-2, tab. 3 figs. 1-2. 1909 (TIPO-S).

Planta delgada à bastante robusta, de 3,0-64,0cm de altura, nigrescente quando sêca. Folhas utriculíferas com ampola desde ovóide, oblonga, elítica à um tanto globosa, até 4,0cm de comprimento. Folhas verdadeiras espatuladas, obovado-espatuladas ou obovado-arredondadas, de 2,5-18,0mm (9,0-10,0) de comprimento e 0,7-6,0mm (1,5-3,5) de largura, de base atenuada e pecíolo curto.

Inflorescência hirsutíssima, com 1-17 (6) flores violáceas ou lilases com mancha amarela na giba. Escapo desde a base com pêlos simples bicelulares e glanduloso-capitados, de pé unicelular e cúpula pluricelular, em geral oblonga, adensados para o ápice da inflorescência, sendo mais freqüentes os pêlos simples bicelulares. Brácteas do escapo geralmente nulas ou 1-2 (até 10 nas formas robustas), basifixas, ovadas, ovado-lanceoladas, raro elíticas, oblongas ou linear-lanceoladas, de ápice agudo ou aguçado, raro bidentado, com os dois tipos de pêlos no dorso e margem, de 1,0-4,0mm (1,5) de comprimento e 0,2-2,0mm (0,5) de largura. Pedicelo sempre ereto na flor, de 1,5-20,0mm (1,5) de comprimento e sempre retroflexo no fruto, de 7,0-32,0mm (1,5) de comprimento, hirsutíssimo, com os dois tipos de pêlos. Brácteas do pedicelo, idênticas às do escapo, de 1,0-2,5mm (1,5) de comprimento e 0,3-1,0mm (0,5) de largura; duas bractéolas basifixas, pilosas, linear-lanceoladas, lineares ou lanceoladas, às vezes, oblongas ou ovado-lanceoladas, de ápice agudo, de 0,6-2,0mm (1-1,5) de comprimento e 0,1-0,3mm (0,2) de largura. Lacínios do cálice hirsutíssimos, com pêlos glanduloso-capitados e raros pêlos simples no dorso e margem, oblongos, ovado-lanceolados, lanceolados ou elíticos, raro linear-lanceolados, de ápice agudo, aguçado raro obtuso ou bidentado, de 1,0-3,0mm (1,5-2,0) de comprimento e 0,2-1,2mm (0,5) de largura. Corola com o lábio superior obcordado ou profundamente bilobado, de lobos arredondados ou oblongo-arredondados, de 3,0-6,7mm (3,5 e 5,0) de comprimento e 2,6-8,0mm (3,5-5,0) de largura, o inferior profundamente 3-lobado, de lobos oblongos, afastados, com o ápice truncado ou arredondado, às vezes, um tanto ondulado, o lobo mediano maior, de 5,5-10,0mm (8,0) de comprimento e 6,5-13,0mm (8,0-13,0) de largura. Cálcar menor que o lábio inferior da corola, cilíndrico com o ápice dilatado, arredondado, obtuso, às vezes, quase retuso, paralelo ao pedicelo, de 2,3-7,5mm (3,5-4,0) de comprimento, 0,5-1,5mm (0,7-1,0) de largura na base e 1,0-1,2mm (1,5) de largura perto do ápice. Estames com filetes encurvados. Ovário piloso, apresentando os dois tipos de pêlos, estigma com o lábio inferior obovado, orbiculado, flabeliforme, de 0,5-1,0mm (0,5) de comprimento e 0,5-0,8mm de largura, o superior ovado ou triangular, com 0,1-0,2mm de comprimento.

Fruto de deiscência longitudinal, de 2,3-4,0mm de diâmetro. Sementes

são caducas, entretanto, em todos os exemplares examinados encontramos sempre esses órgãos presentes.

Assim como autores anteriores, BENJAMIN persiste no erro de assinalar a presença de raízes. Entretanto, apesar dos enganos cometidos, esse autor tem o mérito de ter sido o primeiro a observar a deiscência longitudinal do fruto, embora, generalizando-a para o gênero.

Em 1909, SYLVÉN, ao descrever *G. cylindrica* já observa que essa espécie é muito afim de *G. violacea* e posteriormente, TAYLOR, em etiquetas de herbário, coloca *G. biloba*, *G. reflexa* e *G. cylindrica* em sinonímia de *G. violacea*.

Examinamos os exemplares Tipos de *G. biloba*, *G. cylindrica* e o provável Fototipo de *G. reflexa* e concordamos com a sinonimização feita por Taylor.

5 – FENOLOGIA

De acordo com as observações extraídas de etiquetas de material herborizado e de literatura, *G. violacea* floresce e frutifica de janeiro à julho, enquanto, as demais espécies, florescem e frutificam o ano inteiro.

Genlisea aurea, por exemplo, foi coletada em flor e fruto em dezembro, fevereiro e abril na Serra do Cipó; em outubro, dezembro, janeiro, fevereiro, março e maio na Serra dos Órgãos e em fevereiro em Campos de Jordão. Isto poderia nos levar a supor que esta espécie floresce e frutifica de outubro à maio na mesma localidade, entretanto, fomos procurá-la em Campos de Jordão, no mês de maio, e não conseguimos encontrá-la, apesar de exaustiva procura.

Acreditamos que as variações altitudinais e as variações transitórias, como modificações climáticas, podem retardar ou adiantar a floração ou frutificação.

Em nossos estudos verificamos que *G. aurea*, *G. filiformis*, *G. pygmaea* e *G. repens* florescem e frutificam o ano inteiro em épocas diferentes conforme as localidades, pois devemos lembrar que as plantas herborizadas foram coletadas em lugares e épocas diferentes.

6 – DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

O gênero *Genlisea* apresenta caracteres morfológicos distintos que facilmente o separam dos outros gêneros da família *Lentibulariaceae*. Esses caracteres se resumem num cálice com cinco lacínios e numa folha utriculífera, cuja morfologia é exclusiva para este gênero.

Estudando a organografia das cinco espécies de *Genlisea* que ocorrem nas regiões sudeste e sul do Brasil, verificamos que três caracteres imediatamente as separam em dois grupos. O primeiro e mais visível, é a cor da corola – violácea, somente em *G. violacea* e amarela nas demais espécies. O segundo é o pedicelo, que se apresenta retroflexo no fruto apenas em *G. violacea*. O terceiro caráter, que individualiza a seção *Tayloria*, é a deiscência do fruto, longitudinal em *G. violacea*, enquanto que nas outras espécies ela é circuncisa.

As espécies com flores amarelas – *G. aurea*, *G. filiformis*, *G. pygmaea* e *G. repens* pertencem a Seção *Genlisea*. Dentre elas algumas se destacam pela posse de certas características particulares, assim, *G. aurea* pelo porte, flores vistosas e

por ser densamente hirsuta; *G. repens* por ser a única do grupo com ovário e pedicelo glabros e *G. filiformis* pelo cálcar saciforme e pedicelo com pilosidade frouxa esparsa.

A pilosidade, embora variável, constitui também bom caráter taxinômico auxiliando na diferenciação das espécies. No escape de *G. aurea*, *G. filiformis*, *G. pygmaea* e *G. violacea*, há um aumento de pilosidade em direção ao ápice da inflorescência, enquanto que em *G. repens*, ao contrário, há uma redução.

Em nossos estudos constatamos que as inflorescências de *G. aurea* e *G. violacea*, apresentam pêlos característicos que não foram encontrados nas outras espécies estudadas:

— Em *G. aurea*, apenas na face ventral do lábio superior da corola aparecem pêlos glanduloso-capitados, de cúpula globosa com 4 células, pé longo unicelular, oblongo, mais ou menos espessado e célula intermediária curta.

— Em *G. violacea* encontramos três tipos:

1.^o — simples bicelulares, a célula apical longa, obtusa e um tanto mais dilatada na base, ocorrendo em toda a inflorescência.

2.^o — simples bicelulares com a parede externa das células bastante ornamentada, célula apical longa e às vezes um tanto dilatada na base; encontrados somente na parte interna do cálcar, desde a fauce até a sua região mediana.

3.^o — glanduloso-capitados de cúpula em geral oblonga, pluricelular, com mais de 4 células e pé longo unicelular; encontrados em toda a inflorescência.

A presença ou ausência de raízes sempre foi um ponto de discordância entre os autores. Alguns, como SAINT-HILAIRE (1833), WARMING (1874a, b) e GIBSON (1974) preferiram omitir-se, outros, como DE CANDOLLE (1844) e BENJAMIN (1847) descrevem-nas como fibrosas e curtas e, um último grupo, reunindo GOEBEL (1893a, b; 1898-1901; 1928), SOLEREDER (1899), LLOYD (1942) e TAYLOR (1955) afirma categoricamente não haver raízes.

Estudando exemplares de *Genlisea*, observamos a ausência de raízes, comprovando a afirmativa dos diversos autores que assim se pronunciaram.

Para GOEBEL (1893b), a folha utriculífera atua como raiz e por essa razão, a falta das verdadeiras tem sentido biológico. Afirma também (1928) que embora as folhas utriculíferas se assemelhem às raízes na cor e habitat subterrâneo, as pesquisas mostram que não podem ser raízes pois delas diferem na construção e na origem.

Genlisea apresenta dois tipos de folhas: as verdadeiras e as utriculíferas. Por certo, Barnhart (1916) ao descrever 3 tipos de folhas (verdadeiras, subterrâneas semelhantes a raízes e ascídias), considerou fragmentos das folhas utriculíferas como folhas subterrâneas semelhantes a raízes.

Observamos que a queda de qualquer um dos dois tipos de folhas, pode deixar uma cicatriz arredondada na superfície do rizoma. Os resultados de nossas pesquisas comprovaram:

1.^o — a ausência de estômatos em *G. aurea* como foi assinalado por DE-

CKER (1877), GOEBEL (1893a) e MERL (1915);

2.º — a veracidade de Merl quando diz que os estômatos estão presentes somente na epiderme dorsal de *G. filiformis* em ambas as epidermes de *G. violacea*;

3.º — o êrro de METCALFE & CHALK (1950, 1972) que generalizaram a ausência de estômatos nas folhas verdadeiras de todas as espécies de *Genlisea*.

Podemos ainda acrescentar que os estômatos estão presentes na epiderme dorsal das folhas verdadeiras de *G. repens* e de *G. pygmaea*.

Apesar de termos examinado grande número de exemplares, não encontramos evidências para confirmar o fenômeno de regeneração nas folhas de *Genlisea* como afirmaram GOEBEL (1898-1901) e MERL (1915).

A face interna das folhas utriculíferas das espécies estudadas, apresenta a mesma organização geral, apenas, com algumas modificações:

— A estruturação das paredes celulares entre os anéis apresentou-se de duas maneiras: uma forma básica com células alongadas, estreitas de paredes retas até quase a metade do intervalo continuando-se com células de paredes sinuosas, até o anel seguinte, ou apenas uma fileira daquelas células alongadas, estreitas, de paredes retas, entre um anel e outro (esse último tipo também observado em *G. violacea* e *G. filiformis* além do tipo básico).

— Os pêlos do tubo sobrepujante podem apresentar diferenças na sua estrutura, assim, em *G. aurea*, *G. repens*, *G. pygmaea* e *G. filiformis* são constituídas por duas células, uma longa de base dilatada, e uma acentuadamente menor, cujo ápice pode se apresentar agudo, obtuso ou em bixel. Em *G. violacea*, na base do tubo, os pêlos são menores, espessados, oblongos e a célula apical, é mínima, apiculada, com acume agudo ou obtuso; depois eles vão se alongando e a célula apical torna-se aguda ou em bixel.

— Em geral, próximo à região de bifurcação do tubo sobrepujante, ocorrem duas transformações:

1a: os pêlos simples bicelulares vão se tornando mais alongados, delgados e podem sofrer modificações, assim, em *G. aurea*, *G. pygmaea* e *G. violacea*, a célula apical vai aos poucos se dilatando, adquirindo primeiro uma forma oblonga e depois tornando-se claviforme; em *G. repens* e *G. filiformis* eles se mantêm em bixel.

2a: a célula do pêlo glanduloso-capitado (4-8 células) vai sofrendo diminuição quanto ao número de células, que se reduzem até duas. Inicialmente a cúpula é arredondada com o pé central, posteriormente ela se alonga e o pé adquire posição excêntrica.

Ainda podemos acrescentar que:

— Em *G. aurea*, numa das laterais dos braços, entre as duas fileiras de pêlos longos e curtos, pode aparecer uma terceira com pêlos simples bicelulares, de tamanho mediano, formados por uma célula basal alongada, oblonga e uma apical curta, oblonga, de ápice obtuso.

— Em *G. repens*, os pêlos curtos acompanham as margens dos braços, de maneira ininterrupta, em geral com 2-3 fileiras ou um tanto desordenados.

— Em *G. pygmaea*, não encontramos nos braços, as fileiras de pêlos curtos, somente a fileira intermediária acompanhando a linha anular.

Para Lloyd, os pêlos glanduloso-caritados, de cúpula unicelular, situados nos ângulos das células epidérmicas das olhas utriculíferas são sésseis, porém, comprovamos a afirmativa de outros autores quanto à presença de um pé curto, ao nível das células epidérmicas.

As folhas utriculíferas têm despertado interesse, curiosidade e uma série de especulações a respeito da sua função e mecanismo, tendo sido comparada com armadilhas, as mais complicadas.

Os autores, em geral, admitem que os compridos pêlos simples, distribuídos nos anéis ao longo da folha utriculífera, teriam a função de obrigar os microorganismos a penetrar cada vez mais para o interior do tubo, até a ampola, impedindo a sua volta.

Outros, ainda, levantam a hipótese de que, além dessa função, estes pêlos poderiam absorver os microorganismos.

Alguns, admitem que os microorganismos penetrariam na folha utriculífera atraídos por alguma substância secretada por qualquer um dos tipos de glândulas, outros, julgam, que as folhas utriculíferas serviriam apenas como esconderijo; há ainda um outro grupo que admite que esse tipo de folha teria dupla função: a de alimentação e a de sustentação.

GOEBEL (1928), levanta a questão de como seria o processo de alimentação nessa planta, um “acaso” ou uma “adaptação metódica”, “concluindo que essa e outras perguntas só poderão ser respondidas, mediante estudo em plantas vivas e através da fisiologia.

Para DAWSON (1973), as *Genlisea* capturam e digerem animais, buscando um complemento alimentício à matéria orgânica que sintetizam normalmente.

Ao estudarmos a parte interna da folha utriculífera, encontramos nos seus braços, e, ao longo de todo o tubo sobrepujante e da ampola, carapaças de animais diversos e algas, o que nos leva a concluir que realmente o conteúdo desses animais tenha sido digerido através de alguma substância secretada pelas glândulas dos pêlos glandulosos.

Segundo LLOYD (1942), a função dessas glândulas, ainda é um conjunto de especulações; elas podem apenas produzir mucilagem para lubrificar o interior da folha utriculífera e facilitar os movimentos das presas ou secretar enzimas digestivas ou ter ambas as funções, mas também não se pode excluir a ação bacteriana no que concerne ao avançado grau de desintegração dessas presas.

Acreditamos que, cada pêlo tenha sua própria função, o que explicaria as modificações dos pêlos simples e glanduloso-capitados, modificações essas que seriam nada mais que adaptações para atender às necessidades da planta.

Tratando-se de plantas destituídas de raízes e habitando ambientes úmidos, como pântanos, solos arenosos úmidos, etc, e possuindo uma estrutura tão rica em pêlos simples e glandulosos na sua folha utriculífera, nos parece admissível, que parte da água e sais minerais de que tanto necessitam, seja absorvida, de alguma forma, por esses elementos.

De acordo com os nossos estudos, encontramos variações quanto ao tamanho das folhas utriculíferas dentro de cada espécie e entre as diferentes espécies, assim, *G. aurea* registrou o maior comprimento: 10,7cm e *G. violacea*, o menor comprimento: 4,0cm. Naturalmente esses resultados não podem ser considerados definitivos em virtude das poucas folhas utriculíferas completas que tivemos em mãos.

As brácteas do escapo, as da base do pedicelo, as bractéolas e lacínios do cálice podem variar quanto ao tamanho, grau de pilosidade e forma em uma mesma espécie ou de uma espécie para outra.

Esses mesmos elementos observados em visão frontal, apresentam uma estrutura epidérmica mais ou menos uniforme.

O número de flores também varia, de maneira que em *G. violacea* podemos encontrar 1-17 flores (6); em *G. aurea* 1-11 flores (4-6); em *G. filiformis*, *G. pygmaea* e *G. repens* 1-9 flores (4-5).

As corolas das espécies estudadas destacam, de imediato, dois grupos, pela forma do lábio superior:

- lábio superior obcordado ou profundamente bilobado, caracterizando *G. violacea*;

- lábio superior inteiro, caracterizando as demais espécies.

As sementes constituem um bom caráter taxinômico para as espécies das regiões sudeste e sul do Brasil, auxiliando na separação das duas seções, assim, as sementes piramidais caracterizam a seção *Genlisea* e as prismáticas, a seção *Tayloria*.

Os polens das espécies estudadas não apresentam diferenças marcantes; todos são isopolares, tri ou tetrapolporados, de tamanho médio, subprolados com a endosexina baculada e a ectosexina rugosa.

Observamos o fenômeno do sincolpismo em *G. aurea*, *G. filiformis* e *G. repens*.

O menor diâmetro polar médio foi registrado para *G. pygmaea* e o maior para *G. violacea*.

O menor diâmetro equatorial médio foi registrado para *G. filiformis* e o maior para *G. violacea*.

Os dados fenológicos mostram também alguma variação. Para *G. violacea* registramos floração e frutificação de janeiro à julho, enquanto que as demais espécies florescem e frutificam o ano inteiro.

Dentre as espécies estudadas, *G. aurea* e *G. violacea* são endêmicas para o Brasil.

7 – RESUMO

Neste trabalho é feita a revisão das cinco espécies do gênero *Genlisea* - *Lentibulariaceae*, que ocorrem nas regiões sudeste e sul do Brasil.

As espécies aí encontradas, estão distribuídas em duas seções: *Genlisea* –

caracterizada pela deiscência circuncisa do fruto e *Tayloria* – caracterizada pela deiscência longitudinal do fruto.

A seção *Genlisea* compreende, nas regiões sudeste e sul do Brasil, as seguintes espécies: *G. aurea*, *G. filiformis*, *G. pygmaea* e *G. repens* que se diferenciam pelos seguintes caracteres: forma e tamanho do cálcx, pilosidade, porte da planta e tamanho da corola. A seção *Tayloria*, está representada nessas regiões, apenas, por uma espécie. *G. violacea*.

Os caracteres mais expressivos para diferenciar as duas seções, além da deiscência do fruto, são: coloração das flores, forma do lábio superior da corola, posição do pedicelo no fruto, cálcx, sementes e pilosidade.

O estudo organográfico ressalta a morfologia da face interna da folha utriculífera, morfologia das folhas verdadeiras, brácteas do escapo e as da base do pedicelo, bractéolas, cálcx, corola e porção interna do cálcx, observados em visão frontal.

Além da organografia, são apresentados o histórico do gênero, observações palinológicas, polinização, habitat, distribuição geográfica acompanhada de mapas elucidativos, tratamento taxinômico, relação dos exemplares estudados, fenologia, discussão e conclusões, índice dos coletores e das espécies e, finalmente, referências bibliográficas.

8 – ÍNDICE DOS COLETORES

ALLEN, C.

705 (F) – *G. filiformis*.

ANDERSON, W.R. & alii.

6.469 (K) – *G. filiformis*; 35.652 (NY) – *G. violacea*.

ANÔNIMO

s.n., a. ? (R, W) – *G. filiformis*; s.n., a. ? (RB) – *G. violacea*; s.n., a. 1874 (R) – *G. repens*; s.n., a. 1883 (RB), s.n., a. 1928 (SP) – *G. aurea*.

BALANSA, B.

2.075 (G) – *G. repens*.

BARBOZA, H.

s.n., a. ? (R) – *G. aurea*.

BARTLETT, H.H.

11.674 (US) – *G. filiformis*.

BRADE, A.C.

s.n., a. 1911 (R), 5.878 (S, SP), 12.963 (RB) – *G. repens*; 10.777 (R), 12.481 (R), 17.022 (RB) – *G. aurea*; s.n., a. 1934 (RB), 13.665 (RB), 14.424 (RB, F) – *G. violacea*.

CAMPOS PORTO, P.

3.335 (RB) – *G. aurea*.

CÁRDENAS, M.

4.532 (US) – *G. filiformis*.

- CARDONA, F.
834 (VEN) – *G. pygmaea*; 966 (VEN) – *G. repens*.
- CASTELLANOS, A.
21.847 (R) – *G. repens*.
- CAVALCANTE, P.
396 (MG) – *G. pygmaea*.
- CLAUSSEN, P.
s.n., a. 1840 (BM, G, GH, BR) – *G. aurea*.
- DAMAZIO, L.
s.n., a. ? (RB), 1.495 (RB, G) – *G. aurea*; s.n., a. ? (RB), 2.068 (RB, G) – *G. violacea*.
- DOMBROWSKI, L. Th.
818 (K) – *G. aurea*.
- DUARTE, A.P.
2.128 (RB), 2.752 (RB) – *G. aurea*; 2.454 (RB), 10.385 (RB) – *G. violacea*.
- DUCKE, A.
s.n., a. 1912 (F) – *G. filiformis*.
- DUSÉN, P.
6.942 (NY) – *G. aurea*.
- EGLER, W.A.
s.n., a. 1947 (RB) – *G. violacea*.
- EKMAN, E.L.
11.987 (S), 17.895 (S, NY, G) – *G. filiformis*.
- FLASTER, B.
373 (R, HB) – *G. repens*.
- FOLDATS, E.
3.827 (VEN), 7.146 (VEN) – *G. pygmaea*.
- FREIRE ALLEMÃO, F.
s.n., a. ? (R) – *G. filiformis*.
- FREIRE ALLEMÃO, F. & M. CYSNEIROS.
915 (R) – *G. filiformis*.
- FROMM, E.
383 (R, HB) – *G. repens*.
- G.C.K. & E. DUNSTERVILLE
s.n., a. 1972 (K) – *G. repens*.
- GARDNER, G.
4.348 (BM), 5.053 (G, GH, US, E, M, NY, BM, W), 5.837 (BM) – *G. aurea*.
- GLAZIOU, A.F.M.
4.150 (C), 8.219 (C), 16.233 (C, R), 4.190 ? (IAN) – *G. aurea*; 8.218^a (R), 15.182 (R, G) – *G. violacea*.
- HARLEY, R.M. & al.
10.500 (K) – *G. repens*; 11.390 (K) – *G. pygmaea*.
- HASSLER, E.
5.313 (G), 9.434 (G, BM, M) – *G. repens*.
- HATSCHBACH, G.
999 (US, MBM), 14.767 (K), 30.160 (K) – *G. aurea*; 8.649 (K), 14.175 (K) – *G. repens*.

HAUGHT, O.

2.259 (US) – *G. filiformis*.

HERINGER, E.P.

10.972 (UB) – *G. pygmaea*.

HERTER, W.

4.364 (M) – *G. repens*.

HOEHNE, F.C.

s.n., a. 1911 – Com. Rondon 3.336 (R), s.n., a. 1917 (SP), s.n., a. 1927 (SP), s.n., a. 1928 (SP) – *G. repens*; 150 (R), s.n., a. 1911 – Com. Rondon 3.329, 3.330, 3.334 (R), s.n., a. 1911 – Com. Rondon 3.331, 3.333 (R) – *G. filiformis*; s.n., a. 1909 – Com. Rondon 2.279, 2.281 (R) – *G. aurea*; s.n., a. 1921 (SP), s.n., a. ? (SP) – *G. violacea*.

HUNT, D.R.

204 (BM, US) – *G. filiformis*.

HUNT, D.R. & J. F. RAMOS

5.624 (R, NY), 5.848 (K) – *G. filiformis*.

IRWIN, H.S.

498 (US) – *G. filiformis*.

IRWIN, H.S. & al.

12.535 (US, UB), 32.712 (NY), 33.012 (NY) – *G. aurea*; 27.575 b.p.p. (NY), 32.710 (NY) – *G. filiformis*; 11.456 (US, UB), 12.601 (US), 25.647 (NY), 32.709 (NY), 34.211 (K) – *G. pygmaea*; 20.665 (NY, UB), 22.558 (F, NY), 27.877 (NY), 29.060 (NY) – *G. violacea*.

JARAMILLO-MEJÍA, R. & alii

1.114 (K) – *G. filiformis*.

KAUTSKY, R.A.

341 (HB) – *G. violacea*.

KUHLMANN, J.G.

s.n., a. 1913 (RB) – *G. filiformis*; 695 (RB) – *G. pygmaea*; s.n., a. 1935 (VIC) – *G. violacea*.

LEANE, N.

401 (R) – *G. repens*.

LEINIG, M.

s.n., a. 1961 (HB) – *G. aurea*.

LIMA, D.A.

55-2084 (IPA, R) – *G. filiformis*.

LINDMAN, C.A.M.

A.3.283 (S) – *G. filiformis*.

LOEFGREN, A.

410 (S) – *G. repens*.

LUETZELBURG, Ph.

s.n., a. ? (M), s.n., a. 1910 (F, NY, M), s.n., a. 1915, 1916 (M), s.n., a. 1916 (M), 15 (M, NY) – *G. aurea*; 46 ?, a. 1913 (M), 50 (M) – *G. filiformis*; 17, 42, 47, 56, 57 (M) – *G. repens*.

LUTZ, B.

s.n., a. 1921 (R) – *G. aurea*.

- MAGALHÃES, H.
s.n., a. 1897 – Com. Geog. Geol. Min. 2.283 (R) – *G. aurea*; s.n., a. 1896 – Com. Geog. Geol. Min. 1.363 (R), s.n., a. 1897 – Com. Geog. Geol. Min. 2.293 (R) – *G. violacea*.
- MAGUIRE, B. & D.B. FANSHAW
23.201 p.p. (RB, GH, US, NY, VEN, F, IAN, R) – *G. pygmaea*; 23.201 p.p. (RB, GH, US, NY, VEN, F, IAN) – *G. repens*.
- MAGUIRE, B. & al.
29.743 (NY) – *G. pygmaea*.
- MALME, G.O.A.
s.n., a. 1903 (S), 1.328 (S), 3.180 (S), 3.278 (S) – *G. filiformis*.
- MARKGRAF, F. & APPARICIO
10.431 (RB, R) – *G. aurea*.
- MARTIUS, C.F.Ph.
s.n., a. ? (M, NY, R) – *G. violacea*; s.n., a. ? (M, R) – *G. aurea*; 1.213 (M) – *G. filiformis*.
- MELLO BARRETO, H.L.
1.067 (RB, F), 8.915 (BHM, F), 8.968 (R, F) – *G. violacea*; 8.973 (F) – *G. aurea*.
- MELLO BARRETO, H.L. & alii
3.431 (RB) – *G. aurea*.
- MENDES MAGALHÃES, G.
s.n., a. ? (ICN) – *G. violacea*.
- MIMURA, I.
61 (SP, US) – *G. repens*; 431 (SP, US, NY) – *G. filiformis*.
- MOSÉN, H.
1.996 (S) – *G. violacea*.
- MOURA, T.
74 (M) – *G. aurea*.
- PABST, G.
5.983 (HB, R) – *G. repens*.
- PEREIRA, E.
6.156 (HB, R) – *G. repens*.
- PEREIRA, M.L.
202 (K) – *G. aurea*.
- PIRES, J.M. & A. MATTOS
9.839 (UB) – *G. aurea*.
- POEPPIG, E.F.
18.205 (G, W) – *G. pygmaea*.
- PRANCE, G.T. & alii
18.975 (K), 19.345 (K) – *G. repens*.
- REGNELL, A.F.
III 847 (S, M) – *G. aurea*; III 848 (F, S, US, R, C, NY, M) – *G. violacea*; III 849 (S, M), III 850 partim (S) – *G. filiformis*.
- SACCO, J.C.
2.375 (R) – *G. repens*.

SAINT-HILAIRE, A.

s.n., a. ? (P, M, NY, US, R) – *G. aurea*; s.n., a. ? (P, M, NY, R) – *G. pygmaea*; s.n., a. ? (P, F, NY, R) – *G. violacea*; s.n., a. ? (P, M, R) – *G. filiformis*.

SAITO, Y.

608 (K) – *G. aurea*.

SALDANHA, J.

s.n., a. 1883 – Gab. Bot. Esc. Polyt. 7.399 (R) – *G. aurea*.

SALTZMANN, Ph.

s.n., a. 1831 (G) – *G. filiformis*.

SANDWITH, N.Y.

1.320 (NY, IAN) – *G. repens*.

SANTOS, EDG. C.

518 (R) – *G. repens*.

SANTOS, EDM. C.

588 (R) – *G. repens*.

SANTOS, EM.

415 (R, HB), 2.169 (R), 3.003 (R) – *G. repens*.

SCHIPP, W.A.

607 (G, F, NY, BM) – *G. filiformis*.

SCHOMBURGK, R.H.

s.n., a. ? (K) – *G. filiformis*.

SCHULTES, R.E. & alii

18.184 (US) – *G. pygmaea*.

SCHWACKE, C.A.W.

s.n., a. 1890 (R) – *G. aurea*; 578 (R) – *G. filiformis*.

SELLOW, F.

s.n., a. ? (W, G, E, M), 47, 54 (M), 226 p.p. (R), 460 p.p. (R) – *G. aurea*; 127 (M) – *G. repens*; s.n., a. ? (M) – *G. violacea*.

SICK, H.

B.443 (RB) – *G. filiformis*.

SILVEIRA, A.

s.n., a. 1896 – Com. Geog. Geol. Min. 1.277 (R) – *G. violacea*.

SMITH, L.B. & R. KLEIN

8.534 (R, HBR, US) – *G. aurea*.

SMITH, L.B. & alii

14.583 (US) – *G. repens*.

SIEYERMARK, J.A.

57.835 a (F, R), 59.644 (F, NY, GH, US, R) – *G. pygmaea*; 75.773 (F, VEN, NY) – *G. repens*.

SIEYERMARK, J.A. & J.J. WURDACK

389 (NY, F, VEN), 450 (NY, VEN) – *G. pygmaea*; 392 (F, NY, VEN), 630 (VEN), 978 (VEN, NY) – *G. repens*.

TAMAYO, F.

s.n., a. 1946 (VEN) – *G. pygmaea*; 2.814 (VEN) – *G. filiformis*.

TAVARES, S.

1.033 (US), 1.059 (US) – *G. filiformis*.

- TESSMANN, G.
s.n., a. 1947 (IHN) – *G. aurea*.
- TOLEDO, F.
686 (RB) – *G. repens*.
- TRINTA, E.F.
2.897 (R) – *G. repens*.
- TRINTA, Z.A.
1.870 (R) – *G. repens*.
- TUTIN, T.G.
667 (US, BM, R) – *G. repens*; 673 (RB, BM, US, R) – *G. filiformis*.
- ULE, E.
2.622 (R) – *G. aurea*; 2.624 (R, US) – *G. violacea*.
- USTERI, P.A.
s.n., a. 1906 (SP) – *G. repens*.
- WARMING, E.
s.n., a. ? (C, R) – *G. repens*.
- WILLIAMS, L.O. & V. ASSIS
6.902 (R, US) – *G. violacea*.
- WRIGHT, C.
3.621 (NY, GH, S. M, R) – *G. filiformis*.
- YNES MEXIA
4.021 (G, NY, US, GH) – *G. aurea*; 5.886 (GH) – *G. violacea*.

9 – INDICE DAS ESPÉCIES

<i>Gentlisea anfractuosa</i> Tutin	109
<i>Gentlisea aurea</i> St.-Hil.	106
<i>Gentlisea biloba</i> Benj.	121
<i>Gentlisea cylindrica</i> Sylv.	121
<i>Gentlisea esmeraldae</i> Steyermark	116
<i>Gentlisea filiformis</i> St.-Hil.	109
<i>Gentlisea luteoviridis</i> Wright	109
<i>Gentlisea minor</i> St.-Hil.	106
<i>Gentlisea nigrocaulis</i> Steyermark	116
<i>Gentlisea ornata</i> Mart. ex Benj.	106
<i>Gentlisea ornata</i> var. <i>gracilis</i> Merl ex Luetzelburg	107
<i>Gentlisea oxycetron</i> Taylor	116
<i>Gentlisea pulchella</i> Tutin	102
<i>Gentlisea pusilla</i> Warm.	102
<i>Gentlisea pygmaea</i> St.-Hil.	116
<i>Gentlisea reflexa</i> Benj.	121
<i>Gentlisea repens</i> Benj.	101
<i>Gentlisea violacea</i> St.-Hil.	118
<i>Utricularia superba</i> G. Web.	107

AGRADECIMENTOS

A autora agradece a todos os que colaboraram na elaboração desta dissertação e, em especial:

Ao Dr. Luiz Emygdio de Mello Filho, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, pela orientação prestada.

Ao Dr. Peter Taylor do Royal Botanic Gardens, Kew, pelas informações e alguma bibliografia.

Aos professores Emília Santos, Margarete Emmerich, Léa de J. Neves, Aydil G. de Andrade, Álvaro Xavier Moreira, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, à Dra. Berta L. de Morretes, da Universidade de São Paulo e Myriam M.P. Machado da Universidade Federal de Pelotas, pelas valiosas sugestões e colaboração na execução deste trabalho.

A Paula Laclete, Maria Cristina da S. Cunha, Mário César M.A. Garcia, José Augusto F. da Costa, Leda Maria da S. Santos, Marcos A. Lemos e Olga Brasiense do Museu Nacional do Rio de Janeiro, pelos diversos serviços que prestaram.

Aos Curadores e Responsáveis de todos os herbários nacionais e estrangeiros, pelo pronto atendimento.

Ao Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pelo auxílio financeiro.

10 – BIBLIOGRAFIA

- BARNHART, J.H. 1916. Segregation of genera in *Lentibulariaceae*. Mem. N.Y. bot. Gdn 6:39-64, 25 figs.
- BEAUVERD, G. 1907. *Lentibulariaceae*. Plantae Damazianae Brasiliensis. Bull. Herb. Boissier 2^o ser. 7 (2):702-704, 1 fig.
- BENJAMIN, L. 1847. *Utricularieae* in Martius, Flora Brasiliensis 10:233-256, tab. 21 fig. 2, tab. 22 fig. 3.
- BENTHAM, G. & J.D. HOOKER. 1876. *Lentibularieae*. Genera Plantarum 2:986-989.
- BROWN, P. & G.B. STRATTON. 1963-1965. World List of Scientific Periodicals published in the years 1900-1960, 4th ed., London 1:I-XXV, 1-532; 2:I-XX, 533-1186; 3:I-XXII, 1187-1824.
- CRONQUIST, A. 1968. *Scrophulariales*. The Evolution and Classification of Flowering Plants. Houghton Mifflin Co. – Boston: 294-300.
- DARWIN, C. 1877. *Genlisea*. Plantes Insectivores. C. Reinwald et C^{ie}. – Paris: 519-527, figs. 29-30 (Trad. Ed. Barbier).
- DARWIN, C. 1896. *Genlisea*. Insectivorous Plants. D. Appleton & Co. – New York: 446-453, figs. 29-30.
- DAWSON, G. 1973. *Lentibulariaceae*. Flora Argentina. Revta. Mus. La Plata n. s. Bot. 13 (70): 1-59, 9 figs.
- DE CANDOLLE, A. 1844. *Lentibularieae*. Prodrum Systematis Universalis Regni Vegetabilis 8: 1-32.
- DECKER, J.S. 1877. *Lentibulariaceae*. Aspectos Biologicos da Flora Brasileira. Rotermond & Co. – São Leopoldo: 308-315, figs. 98-99.

- EAMES, A.J. 1961. Morphology of the Angiosperms. McGraw-Hill Co. — New York: I-XIII, 1-518, 148 figs.
- ENDLICHER, S. 1839. *Utricularieae*. Genera Plantarum 1: 728-729.
- ERDTMAN, G. 1952. Pollen Morphology and Plant Taxonomy. Angiosperms. Almquist & Wiksell — Stockholm: I-XII, 1-539, 261 figs.
- ESAU, K. 1974. Anatomia das Plantas com Sementes. E. Blucher Ltda. — São Paulo: I-XVI, 1-293, 166 figs. (Trad. B.L. Morretes).
- FERNÁNDEZ-PÉREZ, A. 1964. Plantas Insectívoras. I. Lentibulariáceas de Colombia y Perú. *Caldasia* 9 (41): 5-84, 26 figs.
- FROMM-TRINTA, E. 1977. *Tayloria* Fromm-Trinta — Nova Seção do gênero *Genlisea* St.-Hil. (*Lentibulariaceae*). Bolm. Mus. nac. Rio de J. n. s. Bot. 44: 1-4, 2 tabs.
- GIBSON, D.N. 1974. *Lentibulariaceae* in Standley, Flora Guatemala. Fieldiana Bot. 24, part 10 (4): 315-328, figs. 68-70.
- GLAZIOU, A.F.M. 1911. Utriculariácees. Liste des Plantes du Brésil Central Recueillies en 1861-1895. Bull. Soc. bot. Fr. 58, mém. 3f: 511-512.
- GOEBEL, K. 1893a. *Genlisea*. Pflanzenbiologische Schilderungen (2). N.G. Elwert'sche. — Marburg: 121-127, tabs. 15-16.
- GOEBEL, K. 1893b — Zur Biologie von *Genlisea*. Flora 77: 208-212, 1 fig.
- GOEBEL, K. 1898-1901. *Genlisea*. Organographie der Pflanzen. Gustav Fischer — Jena: 441-447, fig. 298.
- GOEBEL, K. 1928. *Genlisea*. Organographie der Pflanzen 3a. ed. (1). Gustav Fischer-Jena: 1-5, figs. 1-3; 127-128, fig. 140.
- GOOD, R. 1953. *Genlisea*. The Geography of Flowering Plants 2nd ed., app. B: 386.
- HOEHNE, F.C. 1955. *Lentibulariaceae*. Plantas Aquáticas. Secret. Agric. São Paulo: 147-154, tabs. 78-80.
- HUTCHINSON, J. 1959. *Lentibulariaceae*. The families of Flowering Plants 1 2nd ed. Oxford: 492-493, fig. 328.
- HUTCHINSON, J. 1967. *Lentibulariaceae*. Key to the Flowering Plants of the World. Clarendon Press. Oxford: 71.
- HUYNH, K.L. 1968. Étude de la Morphologie du pollen du genre *Utricularia* L. Pollen et Spores 10 (1): 11-55, 32 figs.
- KAMIENSKI, F. 1895. *Lentibulariaceae* in Engler & Prantl, Die natürlichen Pflanzenfamilien IV. 3b: 108-123, figs. 46-55.
- KOMIYA, S. 1973. New subdivision of the *Lentibulariaceae*. J. Jap. Bot. 48 (5): 147-153.
- KUHLMANN, J.G. 1938. Notas Biológicas sobre Lentibulariaceas. Anais da Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica 3. Min. Agric., Rio de J.: 311-322, 4 est.
- LEMÉE, A. 1931. *Genlisea*. Dictionnaire descriptif et synonymique des genres de plantes phanérogames 3: 227.
- LEMÉE, A. 1943. Lentibulariácees. Dictionnaire descriptif et synonymique des genres de plantes phanérogames 8b: 736.
- LLOYD, F.E. 1942. *Genlisea*. The Carnivorous Plants. Waltham, Mass. — U.S.A.: 90-94, tabs. 11-12.
- LUETZELBURG, P. 1923 — Anotações sobre a familia das Utricularias. Estudo Botanico Nordeste 3: 218-223.
- MERL, E.M. 1915. Beiträge zur Kenntnis der Utricularien und Genliseen. Flora 108: 127-200, 41 figs.

– MUSEU KUHLMANN: UM PLANO DE REAPROVEITAMENTO –

Jardim Botânico do Rio de Janeiro, RJ, Brasil

TEREZA CRISTINA MOLETTA SCHEINER *

RESUMO

Este trabalho visa avaliar a presente organização do Museu Kuhlmann (situado no Jardim Botânico do Rio de Janeiro) através da identificação e da análise de suas falhas e carências; apresenta também soluções para o reaproveitamento do seu potencial físico, educativo, cultural e turístico, dentro da realidade administrativa do IBDF.

O objetivo final é dar ao Museu condições para tornar-se um estabelecimento atuante como órgão auxiliar na educação científica e conservacionista, tornando viva a memória de João Geraldo Kuhlmann e integrando-se de maneira dinâmica na comunidade.

Como ilustração, foram acrescentadas ao trabalho duas plantas: a primeira, com a localização dos problemas físicos do Museu Kuhlmann; e a segunda, com um projeto de reaproveitamento da área útil do Museu.

1 – INTRODUÇÃO

O Museu Botânico Kuhlmann, criado em 1960 e localizado dentro do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, é um dos poucos da cidade dedicados exclusivamente às Ciências Naturais, e o único do gênero situado na Zona Sul.

Tem a vantagem de ser um museu dentro de outro museu, pois de acordo

* Museóloga e Geógrafa – Técnica do Parque Nacional da Tijuca (IBDF) e Auxiliar de Ensino do Curso de Museologia da FEFIERJ (MEC).

com o Seminário Latino americano ICOM-UNESCO, 1968, *museu* é definido como:

... “uma instituição de caráter permanente, ao serviço da sociedade, administrada para satisfazer um interesse geral de adquirir, conservar, estudar, por em relevo por diversos meios e principalmente expor, para deleite e educação do público, um conjunto de elementos de valor: coleções de interesse artístico, científico, histórico e tecnológico, *jardins botânicos*, zoológicos e aquários”.

Conta o Museu Kuhlmann, portanto, com uma área verde da mais alta qualidade, que além de lhe servir de proteção e moldura constitui preciosa amostra viva de Botânica e de Ecologia Vegetal. Tal situação lhe confere *imenso potencial como veículo de informação pública* nas matérias acima citadas, principalmente se considerarmos a existência, em seus arredores, de inúmeras instituições de caráter educativo e cultural.

Acrescente-se ainda a importância turística do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e veremos que o Museu vem a servir a um público numeroso, variado e ansioso de conhecimentos a respeito da flora de nosso País.

Devido à nossa formação como técnica em museus científicos e considerando a situação acima descrita, vimos desde alguns anos observando e estudando este Museu. Realizamos, em 1972, um Diagnóstico de Museus do IBDF onde foi incluída uma análise da situação deste estabelecimento. Em 1976, assumindo a Direção do Jardim Botânico do Rio de Janeiro o Dr. OSVALDO BASTOS DE MENEZES, foi-nos solicitada a realização de trabalho mais completo sobre o Museu. Elaboramos, então o presente estudo, analisando as falhas físicas e técnicas do Museu Kuhlmann e sugerindo a adoção de medidas dentro da realidade orçamentária e de pessoal do IBDF, as quais — acreditamos — poderão ser adotadas sem problemas pela Direção do Jardim Botânico.

2 — OBJETIVOS E MÉTODOS DE TRABALHO

O presente estudo tem os seguintes objetivos:

- a) identificar e analisar as finalidades do Museu Kuhlmann;
- b) analisar o relacionamento museu x visitante, museu x estudante e museu x Jardim Botânico, em função das finalidades descritas;
- c) identificar e analisar as principais necessidades e as principais falhas do museu, tanto no plano físico (aproveitamento do espaço útil) como na parte de serviços (técnicos, administrativos e gerais);
- d) propor soluções, tanto no plano físico como no de serviços, para que o museu possa cumprir efetivamente suas finalidades, tornando-se importante veículo de difusão de conhecimentos no campo da Botânica e da Ecologia Vegetal.

O trabalho foi realizado em duas fases distintas: a primeira — análise das finalidades do museu e identificação de suas principais falhas — durou de dezembro de 1975 a março de 1976, inclusive, sendo o trabalho feito dois dias por semana. Trabalhamos diretamente no Museu Kuhlmann, observando o serviço de sua equipe, as reações do público, os problemas físicos do prédio e trocando idéias com a Diretora, Dra. Odette Travassos.

Numa segunda etapa, com 30 dias de duração (abril de 1976) elaboramos o presente relatório, que foi ilustrado com duas plantas de situação, uma localizando os problemas físicos do prédio e outra, projetando o reaproveitamento da área útil do museu (anexas no fim desta Rodriguésia).

Deixamos de realizar o Cronograma de Atividades, pois sabíamos que as soluções propostas, se adotadas, estariam fora do planejamento orçamentário do Jardim Botânico para o ano de 1976 e não tinham ainda prazo previsto de realização.

RESULTADOS

1 — ANÁLISE DA SITUAÇÃO ATUAL DO MUSEU

1.1. — LOCALIZAÇÃO E ACESSO

O Museu Kuhlmann encontra-se localizado dentro do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, sendo o seu endereço: RUA JARDIM BOTÂNICO, 1008, RJ/RJ.

O acesso é fácil de qualquer ponto da cidade, podendo ser feito pelas ruas Jardim Botânico e Pacheco Leão, em ônibus de diversas linhas. Para os que chegam de carro, existe estacionamento (na Rua Jardim Botânico, um pouco adiante do portão central) com cerca de 50 vagas, a dois cruzeiros por pessoa e mais dois por veículo.

O Museu (e conseqüentemente, o Jardim Botânico) está próximo a outros centros educativos e culturais, tais como: Parque Lage, Planetário do Rio de Janeiro, Parque e Museu da Cidade, Pontifícia Universidade Católica, escolas de diversos níveis e ainda cursos comerciais e de línguas. Tem, portanto, possibilidades de vir a ocupar posição destacada dentro de um complexo cultural Gávea — Jardim Botânico.

É, ainda, o único museu de Ciências Naturais da Zona Sul do Rio de Janeiro.

A respeito de sua localização, diremos que o Museu se encontra também próximo à sede do Parque Nacional da Tijuca, também do IBDF, podendo vir a tornar-se importante veículo auxiliar na difusão de idéias conservacionistas.

1.2 — ORGANIZAÇÃO

O Museu Kuhlmann foi criado pelo Decreto n.º 49.577, de 22 de dezembro de 1960, assinado pelo Exmo. Sr. Presidente da República do Brasil.

- manchas de umidade e de mofo nas paredes
- placas de tinta que se soltam, principalmente na parte externa do prédio
- danos irreparáveis ao acervo;
- defeitos na parte elétrica e deficiências no sistema de iluminação;
- ataque de insetos ao madeirame do prédio, principalmente às esquadrias de portas e janelas: algumas áreas encontram-se totalmente danificadas pelas formigas;
- vidros quebrados;
- janelas e portas emperradas.

O prédio não possui jardim próprio, mas conta com toda área verde do Jardim Botânico.

Ocupa cerca de 200 m² de terreno, possuindo boa aeração e razoável iluminação natural. O pé direito é alto: 4.00m/h.

O espaço útil do prédio é pequeno e está mal aproveitado; devido ao tombamento, não há também possibilidade de ampliação. A área destinada às exposições é mínima (cerca de 120 m²) e a parte administrativa e técnica ocupa de modo confuso duas pequenas salas. Não há no momento local para exposições temporárias e para coleção de estudos. Uma pequena sala, precariamente adaptada, serve para o atendimento aos estudantes.

Há dois extintores de incêndio, que precisam ser recarregados.

1.4 – ACERVO

O acervo do Museu é composto essencialmente por dois tipos de objetos:

- a) *objetos pessoais do Professor Kuhlmann*, de alto valor estimativo mas de pouca qualidade estética. Estes objetos não estão tomabados nem catalogados, não se podendo precisar a quantidade e a qualidade do acervo. Encontram-se em precário estado de conservação, sendo alguns irrecuperáveis.
- b) centenas de *espécimes vegetais, apresentados secos*. São peças perecíveis e de colorido pálido, difíceis de ressaltar e que necessitam de substituição periódica. Podem ter grande interesse científico e até didático, mas carecem de significado para o observador comum. As peças encontram-se fichadas e acompanhadas das respectivas fichas, o que foge a qualquer critério museográfico atual. A exposição torna-se, assim, uma coletânea de nomes científicos, sem o menor significado para o visitante comum.

OBS: Não existem, no Museu, os fichários técnicos indispensáveis ao seu funcionamento.

1.5 – EXPOSIÇÃO: O MUSEU E O PÚBLICO

A área dedicada à exposição (120 m²) é pequena e inadequada para tal fim.

Na Sala Kuhlmann, onde fica a coleção do ilustre botânico, o acervo foi colocado sem obedecer a qualquer critério museográfico. Não há informações sobre os objetos ali encontrados; as informações sobre Kuhlmann são precárias, deficientes e muito mal apresentadas. Como resultado, a sala não oferece atrativos para o público geral, e dificilmente poderá interessar ao público especializado. As vitrines, caixas e estantes encontram-se abertas e/ou sem chave, comprometendo seriamente a segurança do acervo.

Nas salas de Botânica, as vitrines são escuras, pesadas, antigas e totalmente contra-indicadas para o exíguo espaço em que se encontram. Dentro delas, as peças se apresentam colocadas sem o menor critério ou estética. As etiquetas – sujas – estão cientificamente corretas, mas fogem às técnicas atuais de apresentação gráfica. A circulação entre as vitrines é ruim e o efeito visual da sala é de congestionamento.

Não há no museu espaço destinado a exposições temporárias.

Quanto ao tipo de visitante que frequenta o Museu, predominam os turistas estrangeiros, seguidos pelos turistas brasileiros, de outros estados; vem a seguir os estudantes, e depois os visitantes comuns residentes no Rio de Janeiro. Pelo que podemos observar nos meses de trabalho no Museu, raros são os visitantes que demonstram interesse pela exposição. A maioria, quando interpelada a respeito, solicita informações em outros idiomas e folhetos explicativos.

1.6 – ATIVIDADES COMPLEMENTARES

O Museu preocupa-se em prestar constante auxílio didático aos estudantes que o procuram, fornecendo material e promovendo explicações e aulas em diversos níveis de conhecimento, dentro do seu próprio recinto. Tais atividades são iniciativa da Profa. Odette Travassos e tem alcançado resultados satisfatórios.

Não há convênios com escolas, clubes e outras instituições de caráter recreativo, educacional ou cultural; também não existe programação de atividades relacionando o Museu ao Jardim Botânico.

Quanto à propaganda, não existe qualquer divulgação das atividades do Museu, embora ele se encontre relacionado em jornais e revistas na Lista de “Museus do Rio de Janeiro”.

2– ESTUDO DAS POSSIBILIDADES DO MUSEU. PROVIDÊNCIAS A TOMAR

2.1 – ORGANIZAÇÃO E FINALIDADES

Estudando as possibilidades do Museu, consideramos que:

- a) a localização do Museu torna-o ponto obrigatório de visita para quase todos os visitantes do Jardim;

- b) a grande maioria destes visitantes é composta de turistas de diversas nacionalidades e que nada sabem sobre a rica flora brasileira;
- c) a quase totalidade dos visitantes ignora quem foi João Geraldo Kuhlmann;
- d) a mais moderna técnica de organização para os museus de ciências naturais é o *enfoque ecológico* (não se mostra mais as ciências em separado, porque nada ocorre isoladamente na Natureza).

Assim sendo, sugerimos que o Museu Kuhlmann se organize de modo a tornar-se uma *casa histórica*, onde se possa realmente saber quem foi e o que fez Kuhlmann e também um *museu do meio ambiente*, com ênfase na Ecologia Vegetal e que funcione como prolongamento do Jardim Botânico, este sim o *museu vivo* de maior importância.

O visitante poderá, assim, entender a organização do Jardim Botânico, aprendendo a observar o processo evolutivo das inúmeras espécies (brasileiras ou exóticas) ali existentes e a sua adaptação ao meio.

Quanto aos estudantes, poder-se-á continuar com as aulas e as explicações de Botânica, sem que entretanto o museu se desvie do seu papel de *órgão educativo auxiliar*, onde as aulas complementam a mensagem veiculada pela exposição.

Equipe: para que tais modificações sejam levadas a efeito, é preciso que o Museu constitua uma equipe homogênea e coesa, com os seguintes cargos:

– TABELA DE PESSOAL PREVISTA PARA O MUSEU –

Código	Categoria Funcional	Quantidade
DAI-110	Diretor	1
DAI-110	Assistente de Direção	1
SA-800	Agente Administrativo	1
SA-800	Datilógrafo (bilingue)	1
NS-900	Técnico em Assuntos Culturais (sendo um Professor de História Natural e um Museólogo)	2
NM-1000	Tecnologista (laboratorista)	1
NM-1000	Auxiliar em Assuntos Culturais (preparador de museu)	1
TP-1200	Agente de Portaria (sendo dois serventes e quatro porteiros)	6
TOTAL	—	14

2.2 – O PRÉDIO

Para a conservação do prédio, aconselhamos uma série de providências:

- a) eliminação das goteiras, mediante exame do telhado e calafetação das áreas afetadas;
- b) raspagem da pintura e impermeabilização das paredes, interna e externamente (para eliminar o mofo e a umidade);
- c) impermeabilização do assoalho e fixação dos tacos;
- d) eliminação de insetos do madeirame e tratamento de esquadrias e vigas com solução inseticida (aconselhamos o Pentaclorofenol diluído em querosene, na quantidade de 50 gr. para cada litro);
- e) reparação da rede elétrica do prédio, substituindo-se a fiação por nova e instalação de tomadas e focos de luz nos locais necessários (deverá ser feita, oportunamente, uma planta de eletricidade);
- f) ampliação da capacidade elétrica do Museu;
- g) substituição dos vidros quebrados, por novos;
- h) reparação de janelas e de portas emperradas;
- i) pintura geral do prédio, com tinta fosca impermeável, sendo o exterior mantido nas cores rosa e cinza e as salas de exposição pintadas em branco; aconselhamos, para o conjunto técnico/administrativo e para a parte educativa e de serviços, a cor gelo, de mais fácil conservação;
- j) limpeza e desentupimento da fossa sanitária do prédio.

Estudando a planta do museu e observando por vários dias o seu funcionamento, concluímos ser necessário o *reaproveitamento da área útil do Museu*, visando a sua utilização integral sem grandes modificações de estrutura. As principais alterações serão (Vide Anexo n.º 2):

2.2.1 – EXPOSIÇÃO

Ocupará a parte esquerda do prédio, sendo a circulação prevista da seguinte maneira: entrada do público pela Sala n.º 1, passagem pela Sala n.º 2, através de um corredor de circulação e saída pela Sala n.º 3 (Sala Kuhlmann).

Tanto na porta de entrada como na de saída deverá ficar um porteiro ou guarda.

As portas existentes entre a Sala n.º 1 e a Sala n.º 2 e entre a Sala n.º 1 e a parte educativa deverão permanecer fechadas.

2.2.2 – SALA DE ATIVIDADES EDUCATIVAS

Não deverá sofrer alterações substanciais, a não ser no mobiliário e no sistema de iluminação que passará a ser feito com spots presos ao teto, com suportes de metal, na altura de 2,80m, havendo — se possível — um foco de luz sobre cada mesa. Uma das portas, indicada em planta, deverá permanecer fechada.

Esta sala passará a ser equipada com quadro-negro, tela para projeções, projetor de slides e outros materiais de finalidade educativa (vide pág. 152).

2.2.3 – CONJUNTO TÉCNICO/ADMINISTRATIVO

A sala de administração e a sala técnica terão o mobiliário substituído, adotando-se móveis menores e de metal, mais fáceis de conservar. O laboratório e a estufa de germinação não deverão sofrer alterações.

Deverá ser construído, no local indicado em planta um tanque de 2,25m de comprimento x 1,70m de profundidade (na parte mais profunda – ver planta); este tanque servirá para experiências de ambientação de vegetais aquáticos e substituirá as banheiras ali existentes.

A entrada de pessoal administrativo e técnico, de pesquisadores e de estudantes que procurem o Museu para consulta passará a ser feita pela porta traseira do Museu, conforme indicado em planta. As duas portas de passagem, entre a sala da Administração e a sala educativa e entre esta e a Sala n.º 1 da exposição só serão abertas no caso de visitas de grupos, com aula e/ou projeção complementar.

2.2.4 – CONJUNTO DE SERVIÇOS

No *sanitário feminino* deverá ser montado, no espaço do box e da banheira, um armário-depósito, sendo a parte correspondente à banheira de 1,80m x 0,75m e a parte correspondente ao box de 0,80m x 1,10m. Servirão para estoque de material de limpeza e de consumo para os sanitários.

Como providência optativa, indicamos a retirada do “bidet” e a ampliação da pia, em bancada com armários na parte inferior (os armários deverão ser revestidos, interna e externamente, de fórmica, para facilitar o trabalho de conservação).

No *W.C. masculino* a janela deverá ser transferida para a parede externa, no local indicado em planta.

Depósito – a área onde se encontram atualmente os tanques deverá ser aproveitada para depósito de material biológico, passando a comunicar-se com a cozinha. Será fechada na parte externa, com paredes de tijolo onde serão montadas prateleiras de alvenaria e madeira, para estocagem das latas que guardam os espécimes do Museu.

OBS.: É necessário que tal depósito seja bem impermeabilizado, para evitar danos ao material biológico, que é de fácil decomposição. Aconselhamos também a desinfecção periódica do local e a manutenção permanente de naftalina e de sílica-gel no recinto.

A *cozinha* continuará como está, sendo o armário de madeira substituído por outro, preso à parede e feito em madeira e fórmica, com as seguintes dimensões: 1,5m de comprimento x 0,52m de profundidade (na parte mais profunda) e 0,30 de profundidade na parte menos profunda, conforme indicado na planta. Tal armário servirá para depósito de mantimentos e de material de limpeza e conservação do Museu.

Entre a cozinha e a sala n.º 1 da Exposição, deverá ser colocada uma porta, que permanecerá fechada.

2.3 – ACERVO

Para o acervo do Museu indicamos as seguintes providências:

- a) urgente trabalho de tombamento e catalogação da coleção Kuhlmann;
- b) organização de fichários museográficos e atualização das fichas científicas, que serão mantidas em arquivos;
- c) urgente limpeza e desinfecção da coleção de João Geraldo Kuhlmann, com restauração das peças mais danificadas (poderá ser contratado para o serviço um especialista em restauração de papel);
- d) aproveitamento das peças de carpologia para *coleções de estudo* a serem consultadas fora do recinto das exposições, por estudantes e pesquisadores;
- e) ampliação dos terráneos e aquários, dentro das técnicas modernas;
- f) organização de um depósito para acervo, no local indicado em planta como “depósito”.

2.4 – EXPOSIÇÃO – ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Em função do exíguo espaço disponível, imaginamos para o Museu a seguinte solução:

- a) exposição permanente na Sala n.º 3 (Sala Kuhlmann), com objetos pertencentes a João Geraldo Kuhlmann e renovada de dois em dois anos;
- b) exposições temporárias nas Salas n.º 1 e 2, sobre assuntos de Ecologia Vegetal, renovadas a cada seis meses;
- c) complementação educativa e cultural.

Quanto aos temas, propomos para as Salas n.º 1 e 2 uma exposição inicial com o título AS PLANTAS, mostrando ao público (como já foi proposto em trabalho anterior sobre este Museu) — em noções gerais — as características tipos e evolução dos vegetais, seu ciclo vital e relacionamento no meio ambiente. A exposição deverá ser completada pela Sala n.º 3, onde objetos de Kuhlmann (selecionados após o tombamento e a limpeza) procurarão ressaltar a importância do cientista no estudo da Botânica no Brasil.

A *montagem* da exposição deverá obedecer a uma técnica simples, clara e didática. Deverão ser usados painéis com desenhos esquemáticos, transparências com fotos ampliadas e vitrines claras e leves, com um máximo de superfícies de vidro — bem adaptadas ao ambiente. Também estarão presentes os terráneos e aquários, sendo que estes não serão alterados quando se mudar os temas das exposições. Aconselhamos a substituição de todo o mobiliário usado atualmente para as Exposições.

Como *recursos auxiliares*, deverão ser programadas aulas, conferências, ses-

sões cinematográficas e de slides, e também experiências práticas de Botânica para estudantes.

Para uma segunda etapa de organização, propomos seja instituído o sistema de *exposições itinerantes*, com vitrines-valise ou vitrines-armário, desdobráveis e portáteis. Estas serão enviadas a escolas, hospitais e outras instituições semelhantes, ajudando a divulgar a imagem do Museu.

Também poderão ser organizadas:

- palestras sobre Botânica brasileira e sobre Ecologia Vegetal, fora do recinto do Museu e destinadas a público de nível médio (uma vez que a informação de alto cunho científico compete ao Grupo de Coordenação de Pesquisas do Jardim Botânico);
- atividades livres orientadas, no recinto destinado para atividades educativas, ou nos arredores do Museu.

O Museu Kuhlmann deverá também desenvolver um *programa de divulgação* de suas atividades, junto a jornais, estações de rádio e TV e outros meios de comunicação que possibilitem ao público tomar conhecimento de sua mensagem.

Deverá ser feito posteriormente um projeto detalhado de exposição.

2.5 – MATERIAL PERMANENTE

Para o bom funcionamento do Museu e o total cumprimento de suas finalidades, será essencial a aquisição dos seguintes itens:

- a) *material de escritório*: para a Administração, a Técnica e a Secretaria.
 - móveis de aço Securit, de cor gelo, nas especificações e quantidades constantes da proposta n.º 893/76-Pon, de 5/5/76, da firma Tecnogeral S/A Ind. Com., ao Jardim Botânico do RJ;
 - 10 arquivos de 2 gavetas cada, para fichas de 10 x 15cm, cor cinza, com carrinho;
 - 3 ventiladores de pé, cor cinza;
 - 1 máquina de escrever elétrica, marca IBM;
 - 1 máquina fotográfica com lentes de aproximação e grande angular;
 - 1 mimeógrafo a álcool;
 - 1 interfone;
 - 4 tesouras, 2 grampeadores, 1 apontador de mesa, 4 furadores, 4 bases para Durex, 4 pesos para papel;
 - 1 microscópio OLYMPUS ESTUDANTE;
 - 1 micrótomo manual de RENVIER, com navalha;
 - 5 lâmpadas de mesa para arquiteto, com luz branco-azulada e branco-amarelada.
- b) *material para sala de atividades educativas*
 - 10 bancos desdobráveis de madeira e lona ou 10 banquetas empilháveis, de fibreglass;

- 1 tela para projeções;
- 1 projetor de slides;
- 1 projetor de filmes 16mm;
- 1 retroprojetor;
- 1 estante de 0,45 x 1,20m, com 0,80m/h, em madeira e fórmica.

c) *material para cozinha*

- banquetas de madeira, de 0,80m/h.

d) *material para exposições*¹

- suportes modulados com um máximo de superfícies de vidro (a serem escolhidos posteriormente);
- caixas de vidro para terráreos e aquários;
- caixas para transparência;
- spots para iluminação da sala de atividades educativas e para iluminação local, na exposição.

CONCLUSÃO

Foi com grande interesse que realizamos este estudo, não só porque tal planejamento se fazia necessário, mas principalmente porque acreditamos no Museu Kuhlmann como instituição cultural.

Sabendo-o potencialmente rico e observando a curiosidade do público a respeito de nossa flora, concluímos que *o Museu pode efetivamente vir a tornar-se um centro irradiador de cultura científica, a nível popular* — e isto nos parece de grande importância, numa cidade em que a maioria dos museus tende a enfatizar mensagens históricas ou artísticas.

Reformulada a sua organização, o Museu terá condições de tornar-se o cartão de visitas do Jardim Botânico, o local onde o visitante procura — e encontra — explicações sobre o que observou durante a visita, sedimentando assim os conhecimentos adquiridos. Deste modo o Museu Kuhlmann teria, para o Jardim Botânico, a mesma importância que tem os Centros de Visitantes para os Parques Nacionais.

Mas é preciso, para tanto, que se adote para o Museu uma forma dinâmica de apresentação e de atendimento, solução esta que virá atenuar a exiguidade de sua área de exposições; as exposições itinerantes e os cursos fora do seu recinto servirão para fazer com que o Museu ultrapasse seus limites físicos, alcançando e motivando pessoas em outros bairros da cidade; o atendimento contínuo a estudantes e visitantes em geral completará sua mensagem. Deste modo será homenageada a memória de JOÃO GERALDO KUHLMANN, para quem o estudo da flora brasileira era matéria dinâmica e atrativa.

¹ Os suportes, caixas e spots deverão ser adquiridos após a reforma do prédio e o tombamento das coleções, quando então será feito o projeto de exposição.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos:

- Ao Sr. Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Dr. Osvaldo Bastos de Menezes — Pelo total incentivo que tem dado a nosso trabalho e também pelo interesse que tem demonstrado em fazer do Museu Kuhlmann um estabelecimento atuante dentro do panorama cultural da cidade;
- à Dra. Odette Travassos, pela constância e dedicação com que nos auxiliou neste trabalho;
- aos funcionários do Parque Nacional da Tijuca que auxiliaram nos serviços de desenho e datilografia.

ABSTRACT

This work evaluates the actual situation of the Kuhlmann Museum (located inside Rio de Janeiro Botanical Gardens), thus identifying and analyzing its faults and needs. It also presents some ideas for its physical, educative and touristic reutilization, under the realities of IBDF.

Its final aim is to give the Museum conditions to effectively actuate as an aid to scientific and conservationist education; by reaching this aim, the Museum will be able to pledge the memory of João Geraldo Kuhlmann (brazilian botanist) and to become a dynamic institution in the society of Rio de Janeiro.

CATÁLOGO DE NOMES CIENTÍFICOS E VULGARES DE PLANTAS DE PORTE ARBÓREO OCORRENTES NO BRASIL

+ VERA MARIA LÚCIA RIBEIRO
++ ELENICE DE LIMA COSTA
++ MARIA ALICE LIMA BARROSO

SINOPSE

Nesse trabalho os autores apresentam um catálogo de nomes científicos e vulgares indicando suas localizações regionais e a família de cada espécie.

INTRODUÇÃO

Freqüentemente a Seção de Botânica Sistemática do Jardim Botânico do Rio de Janeiro é procurada por inúmeros estudantes de nível médio, universitários, professores, biólogos, agrônomos, engenheiros florestais, etc. que buscam o conhecimento de nomes vulgares através dos nomes científicos e vice-versa. Como nem sempre o pesquisador pode atender de imediato ao consulente, tendo em vista que os nomes científicos e seus respectivos nomes vulgares encontram-se publicados em diferentes obras, exigindo um tempo precioso para sua verificação, resolvemos catalogar num único trabalho preliminar, muitos dos nomes científicos e vulgares, que poderá ser consultado facilmente por qualquer pessoa.

As informações aqui transcritas foram obtidas (vide bibliografia) através de vários trabalhos sobre inventários florestais, anatomia da madeira, etc.

Acreditamos que a pesquisa ora apresentada facilitará aos técnicos nos trabalhos de reflorestamento, inventários, entre outros, embora com certa cautela, em respeito a muitos pontos de vista, como o de Tavares (1971) que, transcrevemos: "Consideramos errado um nome vulgar quando sugere ao Botânico espécies completamente diferentes da que foi indicada por esse nome, tendo a madeira da

+ Estagiária do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

++ Estagiárias do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e Bolsistas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

árvore indicado caracteres tecnológicos, usos e valor comercial também completamente diferente”.

Após os nomes vulgares foram usadas siglas dos diversos estados brasileiros e empregado um índice remissivo que permitirá ao interessado, achar com facilidade o nome vulgar e científico correspondente.

Assim, os nomes vulgares guardam aqui mesmo as pequenas variações de pronúncia que ocorrem nas mesmas ou diferentes regiões sendo que as palavras já incorporadas na Língua Portuguesa foram grafadas nesse trabalho de acordo com a ortografia atual.

Foram acrescentadas também as denominações vulgares sem designação da região por servirem como indicativo na identificação de espécies em Botânica Sistemática.

1. *Acacia cavenia* Hook. et Arn. — Espinilha (PR)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
2. *Acacia decurrens* Willd. — Acacia-negra (RS); Acacia
Fam. Leguminosae Mimosoideae
3. *Acacia farnesiana* (L.) Willd. — Esponjeira (PR)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
4. *Acacia riparia* H.B.K. — Unha-de-gato (PR)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
5. *Acanthosyris spinescens* Gris. — Sombra-de-touro (PR)
Fam. Santalaceae
6. *Achras zapota* L. — Sapoti (BA)
Fam. Sapotaceae
7. *Acroclidium appellii* (Mez) Kostern. — Aritu (AM, MG, MT, RJ); Louro-aritu
Fam. Lauraceae
8. *Actinostemon lanceolatus* Sald. — Canela-de-veado (PR)
Fam. Euphorbiaceae
9. *Actinostemon lanceolatus* Sald. vel aff. — Caiteté, Gonçalves-alves (MA)
Fam. Euphorbiaceae
10. *Actinostemon* sp. — Amesclão (MA)
Fam. Euphorbiaceae
11. *Adenostephanus* sp. — Carne-de-cobra (AL)
Fam. Proteaceae
12. *Aegiphila pernambucensis* Moldenke — Salgueiro (AL)
Fam. Verbenaceae
13. *Aegiphila sellowiana* Cham. — Capoeira-branca, Pau-de-gaiola (PR)
Fam. Verbenaceae
14. *Agonandra brasiliensis* Benth. et Hook. f. — Pau-marfim (AM, PA, PI); Amora-do-mato (ES); Pau-marfim-do-campo (MA); Pau-d'alho-do-campo, Marfim (MA, PI); Cerveja-de-pobre, Imbu-d'anta, Quina-de-veado, Tatu (MG); Pau-marfim-do-cerrado, Pau-marfim-verdadeiro (PA); Amarelão (PI)
Fam. Opiliaceae
15. *Agonandra* sp. — Marfim (AL)
Fam. Opiliaceae
16. *Albizia lebbek* Benth. — Coração-de-negro (PR)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
17. *Alchornea triplinervia* Muell. Arg. — Tapiaguaçu (PR)
Fam. Euphorbiaceae
18. *Aldina heterophylla* Benth. — Macucu, Macucu-de-catinga, Macucu-de-paca (AM)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae

19. *Aleurites fordii* Hemsley – Tungue (PR, SP); Nogueira
Fam. Euphorbiaceae
20. *Aleurites moluccana* (L.) Willd. – Nogueira (PR); Nogueira-de-iguape (SC)
Fam. Euphorbiaceae
21. *Alibertia* sp. – Aiaçá branco (AL)
Fam. Rubiaceae
22. *Allantoma* sp. – Jequitibá, Sapucaia, Sapucarana (AL)
Fam. Lecythidaceae
23. *Allophylus edulis* Rad. ex Warm. – Fruta-de-pombo (PR)
Fam. Sapindaceae
24. *Amaioua* sp. – Cocão (AL); Cumaru-amarelo, Marmelada, Taquipé (MA)
Fam. Rubiaceae
25. *Anacardium giganteum* Hanc. ex Engl. – Cajá-açu (AM); Cajuaçu (AM, PA), Caju-brabo (MA); Aju, Caju-da-mata, Cajuí (PA)
Fam. Anacardiaceae
26. *Anacardium occidentale* L. – Cajueiro (PE); Acaju, Oacaju
Fam. Anacardiaceae
27. *Anacardium spruceanum* Benth. ex Engl. – Cajuaçu (AM)
Fam. Anacardiaceae
28. *Andira anthelminthica* Benth. – Angelim (PR); Pau-angelim (SC)
Fam. Leguminosae Faboideae
29. *Andira fraxinifolia* Benth. – Angelim (PE); Angelim-doce (BA, PR); Angelim-araroba, Angelim-do-mato, Apu-de-mamona-do-mato, Jorgelim, Mata-baratas, Pinhão-do-mato
Fam. Leguminosae Faboideae
30. *Andira frondosa* Benth. – Angelim-coco, Angelim-roxo (PE)
Fam. Faboideae
31. *Andira nitida* Mart. ex Benth. – Jorgelim, Rajadeira (BA); Angelim, Angelim-de-morcego (PE)
Fam. Leguminosae Faboideae
32. *Andira parviflora* Ducke – Sucupira-vermelha (AM)
Fam. Leguminosae Faboideae
33. *Andira* sp. – Angelim, Barbatenon, Barbatimão, Batinga-branca, Jatobá, Maçaranduba, Pau-d'arco-roxo, Pau-santo (AL); Angelim-amargoso, Angelim-doce (AL, PE); Angelim-branco, Angelim-preto (PE)
Fam. Leguminosae Faboideae
34. *Anemopaegma arvensis* (Vell.) Stell. – Catuaba (GO, MT)
Fam. Bignoniaceae
35. *Anemopaegma mirandum* Mart. ex A. DC. – Batinga, Batinga-branca, Catuaba, Louro-pisco (AL); Ingaxixi (MA)
Fam. Bignoniaceae
36. *Anemopaegma mirandum* Mart. ex A. DC. vel aff. – Catuaba (MA)
Fam. Bignoniaceae
37. *Anemopaegma* sp. – Bom-nome-branco, Catuaba, Catuaba-branca (AL)
Fam. Bignoniaceae
38. *Aniba canelilla* (H.B.K.) Mez – Casca-preciosa, Preciosa (AM)
Fam. Lauraceae
39. *Aniba duckei* Kosterm. – Pau-rosa (AM)
Fam. Lauraceae
40. *Annona dioica* St.-Hil. – Araticum-grande, Ata, Marolinho, Pinha (PR)
Fam. Annonaceae
41. *Annona exalbida* Vell. – Araticum-alvadio, Araticum-da-mata, Araticum-santa-catarina, Fruta-de-conde-pequena (PR)
Fam. Annonaceae
42. *Annona marcgravii* Mart. – Araticum-ponhé (BA); Araticum (CE); Araticum-cação (PE)
Fam. Annonaceae

43. *Annona palustris* L. — Araticum-da-lagoa, Araticum-de-boi (PR)
Fam. Annonaceae
44. *Annona palustris* L. var. *grandifolia* Mart. — Araticum-cortiça, Araticum-do-brejo (PR)
Fam. Annonaceae
45. *Annona salzmanni* A. DC. — Aticum-apé, Mium-branco (AL); Araticum-apé (PE); Araticum-bravo, Araticum-liso, Araticum-dos-lisos
Fam. Annonaceae
46. *Annona silvestris* Vell. — Araticum-cagão, Araticum-da-mata (PR)
Fam. Annonaceae
47. *Annona* sp. — Araticum-apé, Aticum-branco, Aticum-de-paca, Aticum-pinha, Aticum-talha, Embira-preta, Embiratã, Mium, Mium-preto (AL); Estopeiro (MA); Araticum, Araticum-do-brejo (PE)
Fam. Annonaceae
48. *Annona squamosa* L. — Fruta-de-conde (PR)
Fam. Annonaceae
49. *Anthodiscus* sp. — Cutiúba (MA)
Fam. Caryocaraceae
50. *Apeiba albiflora* Ducke — Jangada (PA a CE)
Fam. Tiliaceae
51. *Apeiba macropetala* Ducke vel aff. — Pente-de-macaco (MA)
Fam. Tiliaceae
52. *Apeiba* sp. — Jangada, Jangada-fêmea, Jangada-macho (AL)
Fam. Tiliaceae
53. *Apeiba tibourbou* Aubl. — Jangada, Jangada-fêmea, Jangada-macho (AL); Pente-de-macaco (AM a GO, MT); Gameleira (DF)
Fam. Tiliaceae
54. *Apuleia ferrea* Mart. — Pau-ferro (PR)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
55. *Apuleia leiocarpa* (Vog.) Macbr. — Gitaf-amarelo, Jatobá, Louro (AL); Muirajuba (AM, BA, ES, PA); Garapa (BA, MG, NE a S); Jutaf (CE); Aricirana (MA); Gema-de-ovo, Jitaf (PE); Grapiapunha (S); Grápia (SC); Amarelinho, Barajuba, Burajuba, Cumarurana, Garapa-amarela, Garapa-branca, Grapiá, Jataí, Muirarufá, Muiratauí, Pau-cetim, Pau-mulato
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
56. *Apuleia molaris* Spruce ex Benth. — Muirajuba (AM a ES); Garapa (BA, DF); Barajuba, Muiratauí
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
57. *Apuleia praecox* Mart. — Grapiapunha (PR)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
58. *Apuleia* sp. — Rins-de-boi (AL)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
59. *Arapatiella psilophylla* (Harms) Cowan. — Arapati (BA); Faveca-vermelha
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
60. *Araucaria angustifolia* (Bert.) O. Ktze. — Curi, Pinheiro, Pinheiro-do-brasil, Pinho-do-paraná (PR); Pinheiro-do-paraná (PR, RS, SC); Cori, Pinho, Pinho-brasileiro
Fam. Araucariaceae
61. *Arecastrum romanzoffianum* (Cham.) Becc. — Coco, Coqueiro-comum, Gerivá, Palmeira-comum (PR)
Fam. Palmae
62. *Astronium fraxinifolium* Schott — Aroeira-do-campo (PR)
Fam. Anacardiaceae
63. *Aspidosperma album* (Vahl) R. Ben. — Araracanga (AM); Araraíba, Araraúba, Pequiá-marfim
Fam. Apocynaceae
64. *Aspidosperma australe* Muell. Arg. — Peroba (SC)
Fam. Apocynaceae

65. *Aspidosperma desmanthum* Benth. — Araracanga (PA); Araraíba, Araraúba
Fam. Apocynaceae
66. *Aspidosperma discolor* (A. DC.) Woods. — Canela-de-veado, Canelinha, Cumichá (AL);
Pau-falha (AL, PE); Cabo-de-machado (PE)
Fam. Apocynaceae
67. *Aspidosperma limae* Woods. — Cumichá, Cumichá-pimenta (AL); Araroba, Gararoba
(AL, PE); Pitiá-araroba, Pitiá-mandioca (PE)
Fam. Apocynaceae
68. *Aspidosperma nigricans* Handro — Pereiro-amarelo (BA, PB, PE); Pereiro-bravo
Fam. Apocynaceae
69. *Aspidosperma oblongum* A. DC. — Carapanaúba (AM)
Fam. Apocynaceae
70. *Aspidosperma obscurinervum* Azambuja — Piquiá-marfim, Piquiá-marfim-do-roxo (AM)
Fam. Apocynaceae
71. *Aspidosperma olivaceum* Muell. Arg. — Guatambu (MG a SC, RJ); Amarelão, Guatambu-
amarelo, Guatambu-branco, Guatambu-legítimo, Guatambu-rosa, Peroba (SC); Tam-
bu
Fam. Apocynaceae
72. *Aspidosperma peroba* Fr. All. — Peroba-amarela (PR)
Fam. Apocynaceae
73. *Aspidosperma polyneuron* Muell. Arg. — Peroba (BA, ES, PR); Sobro (ES); Peroba-rosa
(PR, SC); Peroba-açu, Peroba-amargosa, Peroba-rajada
Fam. Apocynaceae
74. *Aspidosperma populifolium* A. DC. — Guatambu-vermelho (BA, GO, MG, MT); Gua-
tambu, Guatambu-rosa, Pereiro, Pereiro-vermelho, Peroba, Peroba-paulista, Peroba-rosa
(MG)
Fam. Apocynaceae
75. *Aspidosperma pyricollum* Muell. Arg. — Pequiá-da-restinga (PE a RJ); Peroba-vermelha
Fam. Apocynaceae
76. *Aspidosperma ramiflorum* Muell. Arg. — Guatambu (MG a SC, RJ); Matambu, Pequiá
(SC); Guatambu-amarelo, Guatambu-grande, Peroba-amarela, Peroba-café, Tambu
Fam. Apocynaceae
77. *Aspidosperma sessilifolium* Mart. — Guatambu (PR)
Fam. Apocynaceae
78. *Aspidosperma* sp. — Cordão-de-frade, Cumichá, Estralador, Gararoba, Leiteiro, Louro-
pisco, Marfim-amarelinho, Marfim-verdadeiro, Murta, Pau-falha, Pindaíba-branca, Pitiá,
Pitiá-gararoba, Pitiá-mandioca, Pitiá-marfim (AL); Pau-pereira, Tambu (DF); Guatam-
bu, Peroba (DF, PR); Ameiju-branco, Caneleiro, Catingueiro, Mangue, Paururu (MA)
Fam. Apocynaceae
79. *Astrocaryum ayri* Mart. -- Airi (MG)
Fam. Palmae
80. *Astrocaryum murumuru* Mart. — Murumuru (AC, AM)
Fam. Palmae
81. *Astrocaryum tucuma* Mart. — Tucum (N)
Fam. Palmae
82. *Astronium concinum* Schott — Aderno, Gonçalves-alves, Guatambu-preto (PR)
Fam. Anacardiaceae
83. *Astronium fraxinifolium* Schott — Gomável, Jejuíra, Pau-gonçalo (AM); Gonçalves-alves
(AM, DF, PA); Sete-cascas (PE); Guarabu-branco, Guarabu-rajado (PR); Chibatã (PR,
SP); Aroeira vermelha, Ubatã (SP)
Fam. Anacardiaceae
84. *Astronium gracile* Engl. — Aderno, Gibatão (PR)
Fam. Anacardiaceae
85. *Astronium lecointei* Ducke — Muiraquatiara (AM, PA); Aroeira, Maracatiara, Muiraca-
tiara, Saguessugueira (PA)
Fam. Anacardiaceae

86. *Astronium lecointei* Ducke vel aff. — Baracatiara (MA)
Fam. Anacardiaceae
87. *Astronium macrocalyx* Engl. — Gonçalves-alves, Mirueira (BA); Aderno-preto, Gibarão-rajado, Gibata, Gibata-preto, Gibatão-rajado, Guarabu-marcineiro, Guarabu-rajado, Guaribu-preto (ES)
Fam. Anacardiaceae
88. *Astronium* sp. — Gonçalves-alves (AL, MA); Amesclinha, Mangue-branco, Mururé-branco (MA)
Fam. Anacardiaceae
89. *Astronium urundeva* (Fr. All.) Engl. — Aroeira-do-sertão (CE, MG, MT, PE); Arceira (DF, PE); Urundeva (MG, RJ); Aroeira-preta (SP); Arindeúva, Aroeira-da-serra, Aroeira-do-campo, Urindeúva, Urundeúva
Fam. Anacardiaceae
90. *Ateleia glaziouviana* Baill. — Timbé (PR)
Fam. Leguminosae Faboideae
91. *Attalea funifera* Mart. — Piaçava (BA)
Fam. Palmae
92. *Auxemma glaziouviana* Taub. — Pau-branco-louro (CE, RJ)
Fam. Boraginaceae
93. *Auxemma oncocalyx* (Fr. All.) Baill. — Pau-branco-preto (CE, RN); Pau-branco
Fam. Boraginaceae
94. *Avicennia nitida* Jacq. — Siriúba (PR)
Fam. Verbenaceae
95. *Bactris lindmanniana* Drude ex Lindm. — Tucum (PR)
Fam. Palmae
96. *Bagassa guianensis* Aubl. — Bagaceira (AM); Amapá-rana, Tatajuba (AM, PA)
Fam. Moraceae
97. *Bagassa* sp. — Inharé (MA)
Fam. Moraceae
98. *Balfourodendron riedelianum* (Engl.) Engl. — Pau-marfim (BA, SP a RS); Marfim (PR); Guatambu (PR, SC); Farinha-seca, Gramixinga, Guataia, Pau-liso
Fam. Rutaceae
99. *Balfourodendron* sp. — Pau-marfim (PR)
Fam. Rutaceae
100. *Bathysa australis* (St.-Hil.) Hook. — Pau-de-macaco (PR)
Fam. Rubiaceae
101. *Bauhinia* sp. — Cumichá, Mororó (AL); Miroró (DF)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
102. *Belangera glabra* Camb. — Maria-preta (DF); Salgueiro-do-mato (PR)
Fam. Cunoniaceae
103. *Bertholletia excelsa* H.B.K. — Castanha, Castanha-do-brasil, Castanha-do-pará, Castanha-verdadeira, Castanheiro (AM); Castanheira (RO)
Fam. Lecythidaceae
104. *Bignonia longiflora* Vell. — Pjúva (PR)
Fam. Bignoniaceae
105. *Bixa orellana* L. — Urucu (PR)
Fam. Bixaceae
106. *Bombax gracilipes* Schum. — Munguba (AL)
Fam. Bombacaceae
107. *Bombax* sp. — Algodão, Jaracatiá, Maçaranduba-de-igreja, Munguba, Urucuba (AL); Catuaba-branca, Embiratanha, Pente-de-macaco (MA); Carolina (PE)
Fam. Bombacaceae
108. *Bowdichia major* (Mart.) Benth. — Pau-terra (MT); Sucupira
Fam. Leguminosae Faboideae
109. *Bowdichia nitida* Spruce — Supupira (PA, RO); Sapupira-da-mata, Sebepera
Fam. Leguminosae Faboideae

110. *Bowdichia* sp. – Sucupira-mirim, Sucupira-verdadeira (AL); Macanaíba (ES)
Fam. Leguminosae Faboideae
111. *Bowdichia virgilioides* H.B.K. – Angelim-amargoso, Canafístula-da-mata, Jatobá, Sucupira-acari, Sucupira-açu, Sucupira-verdadeira (AL); Sucupira-preta (AL, AM, BA, CE, DF, PB, PE); Sucupira (AL, AM, BA, CE, GO, MT, PB, PE); Sucupira-mirim (AL, AM, PE); Sucupira-amarela (AL, DF); Cutiúba, Paricá-rana, Sapupira-do-campo (AM); Sucupira-do-cerrado (AM, BA, CE, GO, PB, PE); Chocopires, Fava-de-sucupira, Paracarana, Paricarana, Sacupira, Sapupira, Sebapira, Sebipira, Sebupira, Sepipira, Sepipiraúna, Sepopira, Sepupira-acari, Sucupira-miúda, Sucupira-parda (AM, BA, CE, PB, PE)
Fam. Leguminosae Faboideae
112. *Britoa* sp. – Cascudinho, Embiriba, Guabiju (MA)
Fam. Myrtaceae
113. *Brosimopsis acutifolia* (Huber) Ducke – Mururé-branco (MA)
Fam. Moraceae
114. *Brosimopsis* sp. – Bálsamo-de-tapume (AL)
Fam. Moraceae
115. *Brosimum angustifolium* Ducke – Muirapiranga (PA)
Fam. Moraceae
116. *Brosimum angustifolium* Ducke vel aff. – Inharé (MA)
Fam. Moraceae
117. *Brosimum gaudichaudii* Tréc. – Mama-cadela (GO, MG, MT)
Fam. Moraceae
118. *Brosimum guianense* (Aubl.) Huber – Muirapinima (AM)
Fam. Moraceae
119. *Brosimum lanciferum* Ducke – Muirapiranga (PA)
Fam. Moraceae
120. *Brosimum ovatifolium* Ducke – Amapá-doce (AM)
Fam. Moraceae
121. *Brosimum paraense* Huber – Pau-rainha (AM); Conduru, Conduru-de-sangue (AM, BA); Muirapiranga (AM a BA, PA, PE)
Fam. Moraceae
122. *Brosimum parinarioides* Ducke – Amapá (AM); Amapá-doce, Amapá-rana, Mururé-rana (PA)
Fam. Moraceae
123. *Brosimum potabile* Ducke – Amapá-doce (AM)
Fam. Moraceae
124. *Brosimum* sp. – Amora, Baba-de-boi, Batinga-branca, Bordãozinho, Carne-d'anta, Ingá, Louro-cheiroso, Quiri, Quiri-de-leite, Quiri-preto, Quiri-verdadeiro (AL); Conduru (AL, PE); Pau-cuia (MA)
Fam. Moraceae
125. *Buchenavia capitata* (Vahl) Rich. – Miringuiba (AL)
Fam. Combretaceae
126. *Buchenavia lleinii* Exell – Garajuba (SC)
Fam. Combretaceae
127. *Butia capitata* (Mart.) Becc. Butiá (PR)
Fam. Palmae
128. *Byrsonima sericea* DC. – Amescla-de-cheiro, Barbatimão, Cupiúba, Fuguitiã, Louro-malhado, Murici-acari, Murici-branco (AL); Murici (AL, AM); Burici, Fruta-de-perdiz, Mantimento-de-pobre, Murici-da-folha-miúda, Murici-das-capoeiras, Muriti, Muriúba, Murixi, Pau-de-curtir, Pau-de-semana (AM); Murici-pinima (PA)
Fam. Malpighiaceae
129. *Byrsonima* sp. – Cocão, Goitizinho, Mucuri, Murici, Murici-boi, Murici-vermelho. Oitizinho (AL)
Fam. Malpighiaceae
130. *Cabralea cangerana* Sald. Gam. – Canjerana (PR)
Fam. Meliaceae

131. *Cabralea glaberrima* Juss. — Canjarana (PR)
Fam. Meliaceae
132. *Cabralea multijuga* C. DC. — Canjerana (MG a S); Canjerana-vermelha, Pau-de-santo
Fam. Meliaceae
133. *Cabralea oblongifolia* C. DC. — Canjerana (MT, PR, RS); cedro-macho (PR)
Fam. Meliaceae
134. *Cabralea* sp. — Cajá-catinga (AL); Canjerana (PR)
Fam. Meliaceae
135. *Caesalpinia echinata* Lam. — Pau-brasil (RN a RJ); Ibirapitanga, Orabutã, Pau-pernam-buco
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
136. *Caesalpinia peltophoroides* Benth. — Sibipiruna (RJ, SP)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
137. *Caesalpinia* sp. — Castanheiro (AL)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
138. *Calliandra* sp. — Quebra-foice (DF)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
139. *Calophyllum angulare* A.C.Sm. — Jacareúba (MT)
Fam. Guttiferae
140. *Calophyllum brasiliense* Camb. — Jacareúba (AM, GO, SC); Casca-d'anta, Landinho (DF); Landim (GO, MT); Guarandi-carvalho (PR); Guanandi-rosa, Jacareúba-guanandiladium, Olandi-carvalho, Uaiandi (S); Guanandi, Olandi (SC); Aca, Bálsamo-Jacareúba, Cedro-do-pântano, Cupia, Golandi, Guanambi, Guanambi-carvalho, Guanambi-cedro, Guanambi-de-leite, Guanambi-landium, Guanambi-vermelho, Guanandi-carvalho, Guanandi-cedro, Guanandi-piolho, Guanantium, Gulande, Gulandi, Guldium, Inglês, Irairandira, Jacarioba, Jacurandi, Landi, Landium, Landium-do-brejo, Landium-jacareiba, Lantim, Manguê, Olandim, Pau-de-azeite, Pau-de-santa-maria, Pau-sândalo, Urandi
Fam. Guttiferae
141. *Calophyllum lucidum* Benth. — Jacareúba (AM)
Fam. Guttiferae
142. *Calophyllum* sp. — Ferrerinho (AL)
Fam. Guttiferae
143. *Calotropis procera* R. Br. — Hortência (CE); Algodão-de-seda, Seda (PE)
Fam. Asclepiadaceae
144. *Calycophyllum acreanum* Ducke — Pau-mulato-da-terra-firme (AM)
Fam. Rubiaceae
145. *Calycophyllum obovatum* Ducke — Pau-mulato-da-várzea (AM)
Fam. Rubiaceae
146. *Calycophyllum* sp. — Genipaparana (AL); Guabiju (MA)
Fam. Rubiaceae
147. *Calycophyllum spruceanum* Benth. — Pau-mulato (AM, RO); Mirindiba (MA); Pau-mar-fim (PA); Pau-mulato-da-várzea
Fam. Rubiaceae
148. *Calyptranthis obscura* DC. — Pitanga-de-cachorro (PR)
Fam. Myrtaceae
149. *Campomanesia caerulea* Berg. — Guabiroba (PR)
Fam. Myrtaceae
150. *Campomanesia maschalantha* (Berg.) Kiarsk — Guabiroba (PR)
Fam. Myrtaceae
151. *Campomanesia* sp. — Goiabeira, Guabiroba (DF)
Fam. Myrtaceae
152. *Campsiandra laurifolia* Benth. — Acapu, Comandá, Comandá-açu, Faveiro, Gapo, Manaira (AM); Acapurana (AM, AP); Acapurana-vermelha, Acuparana, Acuparana-da-várzea, Acuparana-do-igapó, Capoeira (PA)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae

153. *Campsiandra laurifolia* Benth. vel aff. — Canela-de-veado, Caneleiro (MA)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
154. *Campsiandra* sp. — Cangaieiro, Mangue (MA)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
155. *Caraipa densifolia* Mart. — Bacupari (AL); Camaçari (AL, PE); Tamaquaré (AM); Camaçari-da-bahia (BA); Camaçari-do-caruncho, Camaçari-vermelho, Tamaquarembo
Fam. Guttiferae
156. *Carapa guianensis* Aubl. — Andiroba (AM, MA, PA, RO); Aboridan, Andiroba-do-igapó, Andiroba-saruda, Andiroba-vermelha, Andirobeira, Andirova, Angiroba, Carapinha, Caropá, Comaçari, Gendiroba, Mandiroba, Penaíba, Purga-de-santo-inácio, Yandiroba (PA); Carapá, Iandiroba, Iandirova
Fam. Meliaceae
157. *Carapa* sp. — Andiroba, Caçador, Cedro-brabo (MA)
Fam. Meliaceae
158. *Cariniana brasiliensis* Casar. — Pau-carga (AL); Jequitibá (AL, RO)
Fam. Lecythidaceae
159. *Cariniana estrellensis* (Raddi) O. Ktze. — Jequitibá-rosa (AC, BA a RS, GO, MT); Estopeira (RS); Jequitibá, Jequitibá-rei
Fam. Lecythidaceae
160. *Cariniana legalis* (Mart.) O. Ktze. — Pau-carga, Sapucaia-de-apito (PE); Jequitibá-branco (PE a SP); Jequitibá, Jequitibá-vermelho
Fam. Lecythidaceae
161. *Cariniana micrantha* Ducke — Castanha-de-macaco, Tauari, Taanuari (AM); Tanari (RO)
Fam. Lecythidaceae
162. *Cariniana* sp. — Jequitibá (AL); Estopeiro (MA)
Fam. Lecythidaceae
163. *Carpotroche brasiliensis* Endl. — Sapucainha (RN a RS); Fruta-de-babado, Papo-de-anjo
Fam. Flacourtiaceae
164. *Caryocar barbinerve* Miq. — Pequi (BA, ES); Pequi-merindiba
Fam. Caryocaraceae
165. *Caryocar brasiliense* Camb. — Pequi-do-cerrado (GO, MT); Pequizeiro (RO); Pequi
Fam. Caryocaraceae
166. *Caryocar coriaceum* Wittm. — Pequizeiro (PE); Pequi (PI a BA)
Fam. Caryocaraceae
167. *Caryocar glabrum* (Aubl.) Pers. — Piquiarana, Piquiarana-vermelha (AM); Piquiarana-da-terra (PA)
Fam. Caryocaraceae
168. *Caryocar glabrum* (Aubl.) Pers. vel aff. — Piquirana (MA)
Fam. Caryocaraceae
169. *Caryocar gracile* Wittm. — Pequiá-rana (AM)
Fam. Caryocaraceae
170. *Caryocar villosum* (Aubl.) Pers. — Piquiarana (AM); Piquiá (AM, PA); Pequiá (MA); Amêndoa-de-espinho, Amêndoa-do-peru, Grão-de-cavalo, Pequi, Petiá, Piqui (PA); Pequiá-bravo, Pequiá-etê
Fam. Caryocaraceae
171. *Casearia silvestris* Swartz. — Bom-nome-branco, Carrapatinho, Folha-larga, Ingá (AL); Caiubim (AL, PE); Saritan (AM); São-gançalinho (BA); Língua-de-tiu, Pau-de-lagarto (CE); Guaiubim (PE); Cafezeiro-do-mato (PR); Guaçatunga (PR, SP); Chá-de-bugre, Erva-de-bugre (PR, RS); Café-do-diabo (SP); Erva-de-pontada (RS); Acamoçu, Apiá, Café-do-mato, Marmelada-vermelha, Marmelinho-do-campo, Pau-de-veado, Petimba, Pioya, Vassatonga
Fam. Flacourtiaceae
172. *Casearia* sp. — Açaita-cavalo, Cafezinho, Fruta-preta (AL); Assa-peixe, Guabiju (MA); Guaçatunga (PR)
Fam. Flacourtiaceae

173. *Cassia apoucouita* Aubl. – Cabatã-de-leite (AL); Coração-de-negro (AL, PE); Irari, Jitaí-preto, Memby, Pixuneirana (AM); Coração (PE); Pau-ferro (RN)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
174. *Cassia ferruginea* Schrad. – Chorão, Guaruaia (CE); Canafístula (CE a PR); Canjiquinha (MG); Acácia-dourada, Canafístula-preta, Chuva-de-ouro, Tapirira-coiana
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
175. *Cassia multijuga* Rich. – Amarelinho, Canafístula (PR)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
176. *Cassia scleroxylon* Ducke – Muirapixuna (AM, PA); Coração-de-negro
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
177. *Cassia* sp. – Baba-de-boi, Canafístula, Coração-de-negro, Gitaí-amarelo, Gitaí-dourado, Gitaí-preto (AL); Candeia (DF)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
178. *Cassia speciosa* Schrad. – Canafístula (PR)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
179. *Castilla ulei* Warb. – Caucho (MT, PA)
Fam. Moraceae
180. *Cecropia concolor* Willd. – Guaraúva (PR)
Fam. Moraceae
181. *Cecropia juraniana* Rich. vel aff. – Embaúba (MA)
Fam. Moraceae
182. *Cecropia obtusa* Tréc. – Embaúba (PR)
Fam. Moraceae
183. *Cecropia sciadophylla* Mart. var. *Juraniana* (Rich.) Sneth. – Ambaíba, Ambaíba-tinga, Árvore-da-preguiça, Embaúba, Imbaúba, Imbaúba-da-mata, Imbaúba-roxa, Imbaúba-verde, Imbaubão, Mapatjirana (AM); Imbabaúba-da-mata (PA)
Fam. Moraceae
184. *Cecropia* sp. – Embaúba-branca, Embaúba-da-mata, Embaúba-de-capoeira (AL); Embaúba (AL, DF)
Fam. Moraceae
185. *Cedrela angustifolia* S. et Moc. – Cedro-vermelho (BA, PA); Cedro-rosa (ES, MG, PR, RJ, SP); Cedro-branco (PA)
Fam. Meliaceae
186. *Cedrela balansae* C. DC. – Cedro, Cedro-rosado (PR)
Fam. Meliaceae
187. *Cedrela brasiliensis* Vell. – Cedro-branco (PR)
Fam. Meliaceae
188. *Cedrela fissilis* Vell. – Cedro-batata (BA); Cedro (DF, MG a RS, PA, PE); Cedro-rosa (SC); Cedro-amarelo (SP); Acaju-catinga, Cedro-branco, Cedro-da-bahia, Cedro-da-várzea, Cedro-de-carangola, Cedro-do-rio, Cedro-vermelho
Fam. Meliaceae
189. *Cedrela glaziouvii* C. DC. – Cedro-cheiroso (BA); Cedro-vermelho (PE); Cedro-rosa (RJ, SP); Cedro-branco, Cedro-fêmea
Fam. Meliaceae
190. *Cedrela lilloi* C. DC. – Cedro-baio, Cedro-branco, Cedro-peludo (PR)
Fam. Meliaceae
191. *Cedrela mexicana* M. J. Roemer – Cedro, Cedrinho (PR)
Fam. Meliaceae
192. *Cedrela odorata* L. – Cedro (AM, BA, ES, NO, PA, RO); Cedro-vermelho (AM, BA, PA); Cedro-cheiroso, Cedro-fêmea (BA); Cedro-rosa (RJ, SP)
Fam. Meliaceae
193. *Cedrela odorata* L. var. *xerogeiton* Rizz. et Her. – Cedro-do-brejo (DF, MG, SP)
Fam. Meliaceae
194. *Cedrela odorata* Vell. – Cedro-rosa (DF); Cedro (PR)
Fam. Meliaceae

195. *Cedrela* sp. – Ingá (MA); Cedro (PE)
Fam. Meliaceae
196. *Cedrela tubiflora* Bertoni – Cedro, Cedro-branco, Cedro-colorado, Cedro-fofo. Cedro-rosado (PR)
Fam. Meliaceae
197. *Cedrelinga catanæformis* Ducke – Cedrorama (AM)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
198. *Ceiba erianthos* (Cav.) Schum. – Barriguda, Paineira (PE)
Fam. Bombacaceae
199. *Ceiba pentandra* (L.) Gaertn. – Sumaúma (AM, MA); Sumaúma-da-várzea
Fam. Bombacaceae
200. *Ceiba summa* (Mart. et Zucc.) K. Sch. – Sumaúma (AM)
Fam. Bombacaceae
201. *Celtis tala* Gil. ex Planch. – Espora-de-galo (PR)
Fam. Ulmaceae
202. *Centrolobium paraense* Tul. – Pau-rainha (AM)
Fam. Leguminosae Faboideae
203. *Centrolobium robustum* (Vell.) Mart. – Arariba, Putumuju (BA, CE, ES); Araribá (S)
Fam. Leguminosae Faboideae
204. *Centrolobium tomentosum* Guill. – Araribá (GO, MG, PR, RJ, SP); Araribá-rosa, Araribá-vermelho, Araruba, Baracutiara, Guararoba, Óleo-amarelo
Fam. Leguminosae Faboideae
205. *Cephaelis ipecacuanha* Rich. – Ipecacuanha, poaia (RO)
Fam. Rubiaceae
206. *Cereus* sp. – Cordeiro (PE)
Fam. Cactaceae
207. *Chlorophora tinctoria* (L.) Gaud. – Amoeira-brava, Amoeira-de-espinho, Limão-rana, Limão-rana-amarelo, Moratana, Pau-amarelo, Runa, Tataíba, Tatajuba, Tatajuba-de-espinho, Tatayba, Tatayuba, Tatayuba, Taúba (AM);; Taiúva (AM a RS); Tatajiba (AM, BA); Amoeira (BA, MG); Tajava, Tajuba (PR); Tajuva (PR, RS, SC); Amoreira, Fustic, Taxaúva
Fam. Moraceae
208. *Chorisia speciosa* St.-Hil. – Paineira (PR)
Fam. Bombacaceae
209. *Christiana africana* DC. – Gargaúba, Gargaúba-preta (AL)
Fam. Tiliaceae
210. *Chrysophyllum ramiflorum* (DC.) Camb. – Guaraitá, Uacá (PR)
Fam. Sapotaceae
211. *Chrysophyllum* sp. – Batinga-branca, Guapeba, Leiteiro-vermelho (AL); Aguay (PR)
Fam. Sapotaceae
212. *Chuquiragua glabra* Bak. var. multiflora Bak. – Espinho-de-agulha (PR)
Fam. Compositae
213. *Citharexylon cinereum* L. – Pau-de-viola (RJ a SP); Açacu, Marupá, Pombeira, Ucuuba-branca
Fam. Verbenaceae
214. *Citharexylon myrianthum* Cham. – Pimenteira, Tarumã, Tucaneiro (PR)
Fam. Verbenaceae
215. *Citharexylon* sp. – Algodão-de-velho (AL)
Fam. Verbenaceae
216. *Clarisia racemosa* Ruiz et Pav. – Bordãozinho, Gameleiro (AL); Oiticica (AL, BA, RJ); Guariúba-amarela (AM); Guariúba (AM, PA); Oiticica-da-mata (PE); Catruz, Janitá, Oiticica-amarela, Quariúba, Tatajuba-amarela
Fam. Moraceae
217. *Clethra brasiliensis* Cham. et Schl. – Carne-de-vaca (PR)
Fam. Clethraceae

218. *Clusia criuva* Camb. – Criúva (PR)
Fam. Guttiferae
219. *Clusia nemorosa* (G. F. W.) Mey. – Camaçari, Orelha-de-burro (AL)
Fam. Guttiferae
220. *Clusia* sp. – Bacupari, Pororoca (AL)
Fam. Guttiferae
221. *Cnidoscolus phyllacanthus* (Mart.) Pax et Hoffm. – Favela (NE)
Fam. Euphorbiaceae
222. *Coccoloba latifolia* Lam. – Cabaçu, Crauassú (AL)
Fam. Polygonaceae
223. *Coccoloba* sp. – Cabatá-de-rego, Jatobá (AL); Cabaçu (AL, PE); Cauaçu (PB, PE, RN)
Fam. Polygonaceae
224. *Cochlospermum* sp. – Algodãozinho, Algodoeiro (DF); Algodão-brabo (PE)
Fam. Cochlospermaceae
225. *Cocos eriospatha* (Mart.) Becc. – Butiá (PR)
Fam. Palmae
226. *Cocos nucifera* L. – Coqueiro (PE)
Fam. Palmae
227. *Colubrina rufa* Reiss. – Falso-pau-brasil, Guaxumbo, Sagaraji, Saguari, Sobrasil, Sucurujuba (CE); Sobraji (CE, GO, MG, MT, RJ a RS); Sagaraci (PR); Jucuruju (PR, SC); Socurujuba (SC); Caçoca, Sabiá-da-mata
Fam. Rhamnaceae
228. *Connarus* sp. – Mata-cachorro (DF)
Fam. Connaraceae
229. *Connarus suberosum* Planch. – Cabelo-de-negro (PR)
Fam. Connaraceae
230. *Copaifera guianensis* Desf. vel aff. – Copaíba (MA)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
231. *Copaifera langsdorffii* Desf. – Pau-d'óleo (AL, DF, PR); Copaíba (DF, PR)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
232. *Copaifera multijuga* Hayne – Copaíba, Copaíba-angelim, Copaíba-marimari (AM)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
233. *Copaifera officinalis* Vell. – Copaíba (PR)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
234. *Copaifera reticulata* Ducke – Copaíba (AM)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
235. *Copaifera* sp. – Pau-de-óleo (AL)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
236. *Copaifera trapezifolia* Hayne – Óleo, Copaíba (SC)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
237. *Copernicia alba* Morong. – Carandá (MT)
Fam. Palmae
238. *Copernicia cerifera* (Arr. Cam.) Mart. – Palmeira-de-cera (BA); Carnaubeira (CE, PB, PE, RN); Carnaúba (PE); Árvore-de-vida, Árvore-providência, Carnaíba, Carandaí, Carandataí, Carnaíba
Fam. Palmae
239. *Copernicia prunifera* (Mill.) Moore – Carnaúba (CE a BA)
Fam. Palmae
240. *Cordia excelsa* DC. – Louro-pardo (PR)
Fam. Boraginaceae
241. *Cordia goeldiana* Huber – Freijó (PA); Frei-jorge
Fam. Boraginaceae
242. *Cordia hypoleuca* DC. – Louro (PR)
Fam. Boraginaceae
243. *Cordia salicifolia* Cham. – Laranjeira-do-mato (PR)
Fam. Boraginaceae

244. *Cordia* sp. – Frei-jorge (AL); Amescla (MA)
Fam. Boraginaceae
245. *Cordia trichotoma* (Vell.) Arrab. ex Steud. – Louro-mutamba, Mutamba (BA); Louro-pardo (CE a RS); Frei-jorge, Freijó (CE, PE); Maria-preta (PR); Louro (SC); Ajuí, Cascudinho, Louro-amarelo, Louro-batata; Louro-da-serra, Louro-do-sul
Fam. Boraginaceae
246. *Couepia longipendula* Pilger – Castanha-de-galinha, Castanha-pêndula (AM)
Fam. Rosaceae
247. *Couepia* sp. – Bom-nome-preto, Cabatã-cega-machado, Carrapeta, Carrapeta-tataburá, Casca-dura, Facheiro, Goiti, Louro, Malhado, Mel-de-furo, Oiti-de-morcego, Oiti-verdadeiro, Oiticica, Oitizinho (AL); Amescla, Coco-pau, Jatobá-do-lago, Mangue, Murici, Serrote, Taquipé, Tauari (MA)
Fam. Rosaceae
248. *Couma guianensis* Aubl. – Sorva (AM)
Fam. Apocynaceae
249. *Couma macrocarpa* B. Rodr. – Sorva, Cunã-áçu (AM); Sorva-grande (AM, PA)
Fam. Apocynaceae
250. *Couma macrocarpa* B. Rodr. vel aff. – Tauari-branco (MA)
Fam. Apocynaceae
251. *Couma rigida* Muell. Arg. – Mucugê (BA)
Fam. Apocynaceae
252. *Couma utilis* Muell. Arg. – Sorveira (AM)
Fam. Apocynaceae
253. *Coumarouna odorata* Aubl. – Coração-de-negro, Cumaru, Sapucaia, Sucupira, Sucupira-mirim (AL); Catinga-de-boi, Sacupembinha (MA)
Fam. Leguminosae Faboideae
254. *Coumarouna odorata* Aubl. vel aff. – Cumaruzinho (MA)
Fam. Leguminosae Faboideae
255. *Couratari guianensis* Aubl. vel aff. – Caçador, Cachimbeira (MA)
Fam. Lecythidaceae
256. *Couratari* sp. – Envira-cheirosa (MA)
Fam. Lecythidaceae
257. *Couropita guianensis* Aubl. – Castanha-de-macaco (AM, PA); Abricó-de-macaco, Cuia-de-macaco (PA)
Fam. Lecythidaceae
258. *Coussapoa schottii* Miq. – Figueira-mata-pau (PR)
Fam. Moraceae
259. *Coutarea* sp. – Quinaquina (AL)
Fam. Rubiaceae
260. *Crataeva tapia* L. – Pau-d'alho (PR)
Fam. Capparidaceae
261. *Cryptocarya luteola* L. – Louro (PR)
Fam. Lauraceae
262. *Cryptocarya moschata* Nees et Mart. – Noz-moscada-do-brasil (MG, RJ, SP)
Fam. Lauraceae
263. *Cryptocarya* sp. – Louro-amarelo (AL)
Fam. Lauraceae
264. *Croton salutaris* Casar. – Sangue-de-drago (PR)
Fam. Euphorbiaceae
265. *Croton* sp. – Marmeleiro (AL, DF); Sangra-d'água (DF); Santa-maria, Urucurana-preta (MA)
Fam. Euphorbiaceae
266. *Croton urucurana* Baill. – Urucurana (PR)
Fam. Euphorbiaceae
267. *Cupania* sp. – Amescla-de-cheiro, Amora, Cabatã, Cabatã-de-rego, Cabatã-de-suia, Cabatã-lisa, Cabatã-preta, Caboatã-preta, Casca-dura, Cascudo, Coração-de-negro, Jatobá,

- Louro (AL); Amesclinha, Macaxeira, Pau-de-arapuça, Pau-de-rego (MA); Caboatã-de-rego
Fam. Sapindaceae
268. *Cupania vernalis* Camb. — Camboatã (PR)
Fam. Sapindaceae
269. *Curatella americana* L. — Caimbé (AM); Sambaíba (CE); Cajueiro brabo (CE, PE, RN); Lixa (PE, RN); Lixeira (RO)
Fam. Dilleniaceae
270. *Curupira tefeensis* Black — Castanha-curupira (AM)
Fam. Olacaceae
271. *Cynometra* sp. — Amesclão (MA)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
272. *Dalbergia cearensis* Ducke — Violeta (BA, CE, PE); Jacarandá-violeta, Pau-violeta, Violeta
Fam. Leguminosae Faboideae
273. *Dalbergia decipularis* Rizz. et Matt. — Sebastião-de-arruda (BA); Bastião-de-arruda
Fam. Leguminosae Faboideae
274. *Dalbergia frutescens* (Vell.) Britt. — Pau-de-estribo (RJ); Cipó-violeta (SC)
Fam. Leguminosae Faboideae
275. *Dalbergia nigra* (Vell.) Fr. Ali. — Jacarandá-da-baía (BA a SP); Jacarandá-caviúna (PR); Cabiúna, Caviúna, Jacarandá, Jacarandá-preto, Jacarandá-rajado, Jacarandá-roxo
Fam. Leguminosae Faboideae
276. *Dalbergia* sp. — Caviúna (DF)
Fam. Leguminosae Faboideae
277. *Dalbergia spruceana* Benth. — Saboarana (AM); Jacarandá-do-pará (AM, AP, PA); Jacarandá (AM, AP, PA, RO); Jacarandá-preto (PA)
Fam. Leguminosae Faboideae
278. *Dalbergia violacea* (Vog.) Malme. — Cabiúna-do-cerrado (CE a PR); Jacarandá-do-cerrado
Fam. Leguminosae Faboideae
279. *Derris* sp. — Piaca (AL)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
280. *Dialium guianense* (Aubl.) Sandw. — Ingaí, Pau-manteiga (AL); Pau-ferro (AL, PE); Cururu, Jutaf, Pororoca (AM); Jitaf (AM a MG, MT); Beiju-de-coco (BA); Sacupembinha (MA); Durinho, Ipu, Itu, Jataí-mirim, Jutaf-poba, Jutaf-poca, Jutaf-pororoca, Jutaf-rana, Parajuba, Quebra-machado (PE)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
281. *Diatenopterix sorbitifolia* Radlk. — Maria-preta (SC)
Fam. Sapindaceae
282. *Dicorynia ingens* Ducke — Tapaiúna (AM)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
283. *Dicorynia paraensis* Benth. — Angélica (AM); Angélica-do-pará
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
284. *Dicypellium caryophyllum* Nees — Cravo-do-maranhão (AM); Cravo-amarelo (MA)
Fam. Lauraceae
285. *Dicypellium caryophyllum* Nees vel aff. — Louro-amarelo (AL)
Fam. Lauraceae
286. *Dicypellium* sp. — Louro amarelo (AL)
Fam. Lauraceae
287. *Didymopanax morototoni* (Aubl.) Decne. et Planch. — Louro-sambaquim, Sambaquim (AL); Sambacuim (AL, PE, PR); Morototó (AM); Mandioca, Mandioqueira (BA); Marupaíba-falso, Matataúba, Mucututu, Parapará (PA); Pixixica (SP)
Fam. Araliaceae
288. *Didymopanax* sp. — Sambacuim-branco, Sambaquim, Sambaquim-branco (AL)
Fam. Araliaceae

289. *Dimorphandra gardneriana* Tul. – Faveira (MA a GO)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
290. *Dimorphandra mollis* Benth. – Barbatimão-de-folha-miúda (GO, MG, MT, SP); Barbatimão-folha-miúda (RO); Faveira
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
291. *Dinizia excelsa* Ducke – Angelim-pedra (AM); Angelim (AM, AP, PA); Angelim-falso, Faveira-grande (PA)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
292. *Diospyros ebenum* Lam. – Ébano (PR)
Fam. Ebenaceae
293. *Diplotropis incensis* Rizz. et Matt. – Sucupira (BA, ES)
Fam. Leguminosae Faboideae
294. *Diplotropis martiusii* Benth. – Sucupira, Sucupira-preta (AM); Sapupira, Sapupira-davarzea, Sapupira-do-igapó, Sapupira-preta (PA)
Fam. Leguminosae Faboideae
295. *Diplotropis purpurea* (Rich.) Amsh. – Bom-nome, Sucupira-açu, Sucupira-amarela, Sucupira-preta (AL); Sucupira-da-terra-firme (AM); Sapupira (AM, PA); Catiúba, Cutiubeira, Sapupira-da-mata, Sapupira-da-várzea, Sapupira-do-campo (PA); Paricarana (RO); Sapupira-preta, Sebipira-sicupira (S)
Fam. Leguminosae Faboideae
296. *Diplotropis purpurea* (Rich.) Amsh. var. *brasiliensis* (Tul.) Amsh. – Sucupira-açu (AL)
Fam. Leguminosae Faboideae
297. *Diplotropis triloba* Gleason – Sucupira (MT)
Fam. Leguminosae Faboideae
298. *Dipterix alata* Vog. – Baru (DF)
Fam. Leguminosae Faboideae
299. *Dipterix odorata* (Aubl.) Willd. – Cumaru, Cumaru-da-folha-grande, Cumaru-roxo, Cumbari, Fava-tonca (AM)
Fam. Leguminosae Faboideae
300. *Discophora* sp. – Batinga-branca (AL)
Fam. Icacinaceae
301. *Dodecastigma* sp. – Copaíba (MA)
Fam. Euphorbiaceae
302. *Drymis winteri* Forst. – Casca-de-anta (PR)
Fam. Magnoliaceae
303. *Duckeodendron cestroides* Kuhlman. – Pincel-de-macaco, Pupunharana (AM)
Fam. Solanaceae
304. *Duguetia lanceolata* St.-Hil. – Pindaíba (AL); Pindabuna (PR)
Fam. Annonaceae
305. *Duguetia* sp. – Aticum, Aticum-apé, Aticum-talha, Banha-de-galinha, Louro-verdadeiro, Mium, Mium-branco, Mium-preto, Murta-branca, Pindaíba-preta (AL); Açoiça-cavalo, Pindaíba (AL, MA); Ameiju, Ameiju-branco, Ameiju-preto (MA)
Fam. Annonaceae
306. *Ecclinusa balata* Ducke – Ucuquirana (AM); Coquirana
Fam. Sapotaceae
307. *Ecclinusa cyrtobotryum* Miq. – Balata-rosada (AM)
Fam. Sapotaceae
308. *Ecclinusa ucuquirana-branca* Aubrév. et Pellegr. – Ucuquirana-branca, Ucuquirana-brava (AM)
Fam. Sapotaceae
309. *Elaeis guineensis* L. – Dendezeiro (AM, ES, NE, SP)
Fam. Palmae
310. *Elaeis melanococca* Gaertn. – Palmeira-caiaué (PA)
Fam. Palmae
311. *Elizabetha* sp. – Amesclinha (MA)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae

312. *Emmotum jagifolium* Desv. — Muiraximbé (AM); Marachimbé, Pau-de-remo (PA); Carauçu (RO)
Fam. Icacinaceae
313. *Endlicheria paniculata* (Spreng.) Macbr. — Cafeeira-do-mato, Canela-branca, Canela-caroba, Canela-cernuta, Canela-cheirosa, Canela-de-cantagalo, Canela-de-folha-miúda, Canela-de-papagaio, Canela-guajaba, Canela-peluda, Canela-preta, Louro, Louro-preto, Madeira-de-rei (PR)
Fam. Lauraceae
314. *Enterolobium contortisiliquum* (Vell.) Morong. — Favinha, Tambor (AL); Timbouva (CE a RS, MT); Orelha-de-negro, Tamboril, Timbaúba
Fam. Leguminosae Mimosoideae
315. *Enterolobium contortisiliquum* (Vell.) Morong. vel aff. — Tamburi (MA)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
316. *Enterolobium ellipticum* Benth. — Saboeiro (MG); Boizinho, Corticeira, Orelha-de-negro
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
317. *Enterolobium schomburgkii* Benth. — Paricana, Paricarana, Sucupira-amarela (AM); Fava-de-roscas, Faveira-dura, Faveira-uing, Orelha-de-gato, Timbaúba, Timbó-da-mata, Timbó-rana (PA); Orelha-de-negro (PA, RJ); Timboíba, Vinhático-cabeleira (RJ)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
318. *Enterolobium* sp. — Timbaúba (DF); Timbaúva (PR)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
319. *Enterolobium timbouva* Mart. — Tamboril (PR)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
320. *Eperua oleifera* Ducke — Copaíba-jacaré (AM)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
321. *Eperua schomburgkiana* Benth. — Muirapiranga (AM)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
322. *Erisma lanceolatum* Stapf. — Quarubarana (AM, PA); Bruto (MA); Jaboti, Jaboti-da-terra-firme, Quaruba, Quaruba-de-flores-roxas, Quaruba-vermelha (PA)
Fam. Vochysiaceae
323. *Erythrina crista-galli* L. — Bico-de-papagaio, Corticeira (PR)
Fam. Leguminosae Faboideae
324. *Erythrina falcata* Benth. — Mutuqueira (PR)
Fam. Leguminosae Faboideae
325. *Erythrina glauca* Willd. — Assacuruna, Mulungu, Suinã (AM)
Fam. Leguminosae Faboideae
326. *Erythrina speciosa* Tod. — Mulugu (DF)
Fam. Leguminosae Faboideae
327. *Erythroxylum frangulaefolium* St.-Hil. — Arco-de-pipa (PR)
Fam. Erythroxylaceae
328. *Erythroxylum ovatum* Cav. — Cocão (PR)
Fam. Erythroxylaceae
329. *Erythroxylum pelleterianum* St.-Hil. — Fruta-de-pombo (PR)
Fam. Erythroxylaceae
330. *Erythroxylum pulchrum* St.-Hil. — Sobraji (PR)
Fam. Erythroxylaceae
331. *Erythroxylum* sp. — Caneleiro (MA)
Fam. Erythroxylaceae
332. *Eschweilera coriacea* (DC.) Mart. — Matamatá (AM)
Fam. Lecythidaceae
333. *Eschweilera coriacea* (DC.) Mart. vel aff. — Tauari (AM); Tauari-branco, Tauari-preto (MA)
Fam. Lecythidaceae
334. *Eschweilera luschnathii* Miers — Cabatã-de-leite, Carrapeta, Cupiúba, Embiriba, Fruta-preta, Louro-cascudo, Pau-birro (AL)
Fam. Lecythidaceae

335. *Eschweilera odora* (Poepp.) Miers – Matamatá (AM); Matamatá-brando, Morrão-vermelho (PA)
Fam. Lecythidaceae
336. *Eschweilera rhodogonoclada* Rizz. et Matt. – Inhaíba (BA, ES); Inaíba, Inhaíba-de-rego
Fam. Lecythidaceae
337. *Eschweilera* sp. – Embiriba-açu (AL); Burangica, Mangue, Quiriba (MA)
Fam. Lecythidaceae
338. *Esenbeckia grandiflora* Mart. – Pau-de-padre (PR)
Fam. Rutaceae
339. *Esenbeckia leiocarpa* Engl. – Goiabeira (BA); Guarantã (BA a SP, GO, MT, PR) · Antã-forte, Guarataia, Pau-duro (ES)
Fam. Rutaceae
340. *Esenbeckia nigra* St.-Hil. – Tambetaru (PR)
Fam. Rutaceae
341. *Eugenia campestris* Vell. – Uvaia (PR)
Fam. Myrtaceae
342. *Eugenia crenata* Vell. – Cambuí (PR)
Fam. Myrtaceae
343. *Eugenia feijoi* Berg. vel aff. – Araçá-branco, Araçá-mulato, Murta (AL)
Fam. Myrtaceae
344. *Eugenia salicina* Ridley – Pitanga (DF)
Fam. Myrtaceae
345. *Eugenia* sp. – Araçá, Araçá-birro, Araçá-branco, Araçá-vermelho, Batinga, Batinga-branca, Batinga-preta, Batinga-roxa, Carrapatinho, Carrapeta, Guabiraba, Leiteiro-preto, Murici, Ubaia (AL); Murta (AL, MA); Pitombeira (DF); Camucá, Embiriba, Jitó, Jandiá, Mamaluco, Mameluco, Murta-branca, Murta-cabocla, Murta-preta, Murta-roxa, Piquirana, Rogé, Vermelhinho (MA); Camboim (PE)
Fam. Myrtaceae
346. *Eugenia uvalha* Camb. – Uvajú (PR)
Fam. Myrtaceae
347. *Eupatorium itaiyense* Hieron. – Chilca (PR)
Fam. Compositae
348. *Euphorbia tirucalli* L. – Avelós (CE, RJ)
Fam. Euphorbiaceae
349. *Euplassa cantareirae* Sleumer – Carvalho-da-serra (SC)
Fam. Proteaceae
350. *Euplassa incana* (Klotz.) Johnst. – Carne-de-vaca (MG, RJ a SP); Carvalho-paulista (SP)
Fam. Proteaceae
351. *Euterpe edulis* Mart. – Içara, Juçara, Palmito (PR)
Fam. Palmae
352. *Euxylophora paraensis* Huber – Pau-amarelo (AM, GO, PA); Amarelo, Amarelo-cetim, Cetim (PA); Limãoarana, Muirataúá, Pau-cetim, Pequiá-cetim
Fam. Rutaceae
353. *Fagara hymenale* (St.-Hil.) Engl. – Coentrilho (PR)
Fam. Rutaceae
354. *Fagara rhoifolia* (Lam.) Engl. – Mamica-de-porca (DF); Mamica-de-cadela (PR)
Fam. Rutaceae
355. *Fagara* sp. – Arruda, Mamoninha (DF); Limãozinho (DF, MA); Jangada (MA)
Fam. Rutaceae
356. *Ficus doliaria* Mart. – Figueira (PR)
Fam. Moraceae
357. *Ficus* sp. – Gameleiro, Gameleiro-branco, Gameleiro-preto, Trepadeira (AL)
Fam. Moraceae
358. *Fusaea longifolia* (Aubl.) Saff. – Envira-dura, Envira-preta (AM)
Fam. Annonaceae

359. *Galipea alba* St.-Hil. – Guarapoca (PR)
Fam. Rutaceae
360. *Galipea jasminifolia* St.-Hil. – Guamixinga (PR)
Fam. Rutaceae
361. *Geissospermum laeve* (Vell.) Baill. – Pau-pereira (NE a S)
Fam. Apocynaceae
362. *Geissospermum sericeum* Benth. et Hook. – Acariquara-branca, Acariúba-rana (AM);
Acari-rana, Pau-forquilha, Pau-pereira, Pereira, Quina-rana (PA)
Fam. Apocynaceae
363. *Geissospermum* sp. – Pau-marfim, Pau-para-tudo (MA)
Fam. Apocynaceae
364. *Genipa americana* L. – Genipapo (AM a SP)
Fam. Rubiaceae
365. *Genipa caruto* H.B.K. – Genipapo (AM)
Fam. Rubiaceae
366. *Genipa* sp. – Genipapo (AL)
Fam. Rubiaceae
367. *Geonoma elegans* Mart. – Guaricana (PR)
Fam. Palmae
368. *Geonoma schottiana* Mart. – Guaricana, Palheira (PR)
Fam. Palmae
369. *Gleditschia amorphoides* Taub. – Espinilho (PR)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
370. *Gochnatia gardneri* (Baker) Cabrera – Camará-do-campo (PR)
Fam. Compositae
371. *Gochnatia paniculata* (Less.) Cabrera – Camará-de-folha-miúda (PR)
Fam. Compositae
372. *Gochnatia velutina* (Bong.) Cabrera – Candieiro (PR)
Fam. Compositae
373. *Goniorrhachis marginata* Taub. – Itapicuru (BA, ES, MG); Guarabu, Guarabu-amarelo,
Tapicuru
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
374. *Gossypium barbadense* L. var. *peruvianum* (Cav.) H. Mont. – Algodão-verdão (NE); Ri-
queza, Rompe-letras, Verde-grande
Fam. Malvaceae
375. *Goupia glabra* Aubl. – Cupiúba (AM, PA)
Fam. Celastraceae
376. *Goupia paraensis* Hub. – Cupiúba (PR)
Fam. Celastraceae
377. *Guarea pohlii* C. DC. – Cedro-grande (PR)
Fam. Meliaceae
378. *Guarea* sp. – Cajarana, Jitó (AL)
Fam. Meliaceae
379. *Guarea spiciflora* A. Juss. – Cedro (PR)
Fam. Meliaceae
380. *Guarea trichilioides* L. – Itaubarana (AM); Jitó (AM, PE, RJ); Cedro-rana, Cedrorana
(PA); Jatuaúba, Jatuaúba-branca (PA, RJ); Bilreiro (PE, RJ); Açafroa, Canjerana-
miúda, Carrapeta, Carrapeta-vermelha, Cedrão, Cedro-branco, Cedroí, Guaré, Jité, Ma-
caqueiro, Marinheiro, Nogueira-do-mato, Pau-bala, Pau-de-sabão, Taúva (RJ); Árvore-
carrapera, Birreira, Calcanhar-de-cutia, Camboatá, Itaúba, Itó, Macaqueiro, Marinheiro-
do-mato, Pau-sândalo, Utu-ambe
Fam. Meliaceae
381. *Guazuma ulmifolia* Lam. – Mutamba (NE)
Fam. Tiliaceae
382. *Guettarda* sp. – Angélica (AL, PE); Angélica-braba (PE)
Fam. Rubiaceae

383. *Guettarda uruguensis* Cham. et Schlecht. — Veludinha (PR)
Fam. Rubiaceae
384. *Gustavia augusta* L. — Geniparana (MA)
Fam. Lecythidaceae
385. *Hancornia speciosa* Gomez — Mangabeira (NE, RO)
Fam. Apocynaceae
386. *Hecatostemon* sp. — Louro-cheiroso (AL)
Fam. Flacourtiaceae
387. *Helicostylis podogyne* Ducke — Inharé (AM)
Fam. Moraceae
388. *Helicostylis* sp. — Amora (AL)
Fam. Moraceae
389. *Helicostylis tomentosa* (Poepp. et Endl.) Rusby — Cajá-catinga, Casca-dura, Conduru (AL); Amora (AL, PE); Amora-da-mata (PE)
Fam. Moraceae
390. *Helicostylis tomentosa* (Poepp. et Endl.) Rusby vel aff. — Mururé-preto (MA)
Fam. Moraceae
391. *Hevea brasiliensis* Muell. Arg. — Seringueira (RO)
Fam. Euphorbiaceae
392. *Hevea guianensis* Aubl. — Seringa-da-terra-firme, Seringa-itaúba, Seringa-maúba (AM); Seringa-amarela, Seringa-mangue, Seringa-rana, Seringa-vermelha (PA)
Fam. Euphorbiaceae
393. *Hibiscus tiliaceus* L. — Algodão-da-praia (PE)
Fam. Malvaceae
394. *Hieronima alchorneoides* Fr. All. — Pequide-zoada (BA); Urucurana (ES, PR, SP); Licurana (PR, SC); Aricurana, Magonçalo, Margonçalo, Muiragonçalo, Pau-quina-vermelha, Uricurana, Urucurana-de-leite, Urucurana-mirim, Urucurana-parda, Urucurana-roxa
Fam. Euphorbiaceae
395. *Himatanthus articulatus* (Vahl.) Woods. — Sucuba (AM)
Fam. Apocynaceae
396. *Himatanthus bracteatus* (DC.) Woods. — Angélica, Banana-de-papagaio, Pinga-orvalho, Sapucarana (AL)
Fam. Apocynaceae
397. *Himatanthus* sp. — Banana-de-papagaio (AL)
Fam. Apocynaceae
398. *Himatanthus sucuba* (Spr.) Woods. vel aff. — Janaúba (MA)
Fam. Apocynaceae
399. *Hippocratea* sp. — Bacupari (DF)
Fam. Celastraceae
400. *Hirtella americana* Aubl. — Macuco, Macucurana (BA); Azeitona-do-mato (PR)
Fam. Chrysobalanaceae
401. *Hirtella* sp. — Amescla-seca, Carrapeta-amarela, Casca-dura, Cega-machado, Estalador, Oitizinho (AL)
Fam. Chrysobalanaceae
402. *Holocalyx balansae* Mich. — Alecrim-de-campinas (SP)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
403. *Holocalyx glaziouvi* Taub. — Alecrim (PR)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
404. *Holopyxidium jarana* (Huber) Ducke — Jarana (AM, ES)
Fam. Lecythidaceae
405. *Holopyxidium latifolium* (A.C.Sm.) R. Knuth. — Jarana (AM)
Fam. Lecythidaceae
406. *Hortia arborea* Engl. — Laranjinha (AL, PE); Coronel, Paratudo (BA)
Fam. Rutaceae
407. *Humiria balsamifera* (Aubl.) St.-Hil. var. *floribunda* (Mart.) Cuatr. — Umiri (AM)
Fam. Humiriaceae

408. *Humiria floribunda* (Mart.) Cuatr. — Leiteiro, Louro, Louro-pimenta, Murta (AL)
Fam. Humiriaceae
409. *Humiria* sp. — Casca-dura, Catuaba, Oitizinho (AL)
Fam. Humiriaceae
410. *Hura crepitans* L. — Açacu, Asascu, Assaçu (AM); Areeiro
Fam. Euphorbiaceae
411. *Hymenaea courbaril* L. Jataí (AM a BA, PR); Jatobá (AM, BA); Jataí-açu, Jataí-grande, Jataí-mondé, Jataí-peba, Jataí-uba, Jataí-uva, Jataíba, Jataizinho, Jateí, Jatioba, Jatobá-de-anta, Jatobá-de-porco, Jatobá-roxo, Jatobá-trapuca, Jatobá-verdadeiro, Jatubá (BA); Jutai (NE, PA, S); Cataqui-iamani (MT); Abati, Abati-copal-do-brasil, Abatimbatá, Árvore-copal, Copal, Copal-americano, Ibiúva, Jassai, Jataúba, Jatel, Jatuba, Jetaí, Jetaí-de-pernambuco, Jetaípeba, Jetaíba, Jetaíbo, Jetaici, Jetaiúba, Jupati, Óleo-de-jataí, Quebra-machado, Taici, Trapuca (NE); Jutai-açu, Jutai-grande (PA); Jatobeiro (RO); Comer-de-arara (S); Jutai-branco, Jutai-café, Jutai-catinga, Jutai-da-várzea, Jutai-do-campo, Jutai-do-igapó, Jutai-mirim, Jutai-peba, Jutai-pororoca, Jutai-roxo, Óleo-jutai, Yatayba, Yutahi
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
412. *Hymenaea palustris* Ducke vel aff. — Jatobá-do-lago (MA)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
413. *Hymenaea* sp. — Jatobá-branco, Jatobá-da-folha-larga, Pau-d'arco-roxo (AL); Jatobá (AL, MA)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
414. *Hymenaea stigonocarpa* Mart. — Jatobá-capão (BA); Jatobá-de-casca-fina (CE); Jatobá-do-cerrado (CE a BA); Jatobá (DF)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
415. *Hymenaea stilbocarpa* Hayne — Burandá, Farinheira, Imbiúva, Jataí, Jataí-amarelo, Jataí-peba, Jataí-vermelho, jataíba, Jatobá-miúdo (CE); Jatobá (PI a SP)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
416. *Hymenolobium excelsum* Ducke — Angelim-da-mata (AM); Angelim (AM, PA); Angelim-pedra
Fam. Leguminosae Faboideae
417. *Hymenolobium petraeum* Ducke — Angelim-pedra (AM); Murarena (AP, RR)
Fam. Leguminosae Faboideae
418. *Hymenolobium* sp. — Angelim-amargoso, Angelim-doce (AL); Angelim (AL, RO)
Fam. Leguminosae Faboideae
419. *Hypericum laxiusculum* St.-Hil. — Alecrim-bravo (PR)
Fam. Guttiferae
420. *Ilex domestica* Reiss. var. *pubescens* Reiss. — Erva-mate, Mate (PR)
Fam. Aquifoliaceae
421. *Ilex gigantea* Bonpl. — Caúna (PR)
Fam. Aquifoliaceae
422. *Ilex grandis* Reiss. — Caúna (PR)
Fam. Aquifoliaceae
423. *Ilex integerrima* (Vell.) Reiss. — Caúna (PR)
Fam. Aquifoliaceae
424. *Ilex macoucoua* Pers. vel aff. — Abacate-brabo (MA)
Fam. Aquifoliaceae
425. *Ilex ovalifolia* Bonpl. — Caúna, Erva-caúna (PR)
Fam. Aquifoliaceae
426. *Ilex paraguariensis* St.-Hil. — Erva-mate, Mate (PR)
Fam. Aquifoliaceae
427. *Ilex pseudo-buxus* Reiss. — Caúna (PR)
Fam. Aquifoliaceae
428. *Ilex* sp. — Burangica, Pé-de-galinha (MA)
Fam. Aquifoliaceae

429. *Inga cinamomea* Spruce – Ingá (PR)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
430. *Inga heterophylla* Willd. vel aff. – Ingaxixi (MA)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
431. *Inga* sp. – Cega-machado, Embaúda-da-mata, Favinha, Folha-larga, Ingá-açu, Ingá-cabeludo, Ingá-caixão, Ingá-cipó, Ingá-da-mata, Ingá-de-porco, Ingá-de-suia, Ingaí, Ingazeira, Jaguarana, Louro-pisco (AL); Ingá (AL, DF); Ingá-branco, Ingá-roxo (DF); Alho-brabo, Cedro, Cedro-amarelo, Ingá-de-macaco, Jalapa, Pau-ponga (MA)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
432. *Inga thibaudiana* DC. – Embaúba-da-mata, Ingá, Ingá-cabeludo, Ingá-caixão, Ingá-mole, Ingazeira (AL); Ingá-branco, Ingá-de-alagadiço, Ingá-xixiba (MA)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
433. *Inga thibaudiana* DC. vel aff. – Pau-de-formiga, Pau-ponga (MA)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
434. *Iryanthera juruensis* Warb. – Ucuubarana (AM)
Fam. Myristicaceae
435. *Iryanthera paraensis* Hub. – Ucubarana (AM)
Fam. Myristicaceae
436. *Isertia* sp. – Banha-de-galinha, Piracuí (AL)
Fam. Rubiaceae
437. *Jacaranda brasiliiana* (Lam.) Pers. – Caroba (DF)
Fam. Bignoniaceae
438. *Jacaranda caroba* DC. vel aff. – Caroba (MA)
Fam. Bignoniaceae
439. *Jacaranda copaia* (Aubl.) D. Don. – Caranaúba, Caroba, Caroba-do-mato, Caroba-macacá, Marupá-falso, Parapará (AM)
Fam. Bignoniaceae
440. *Jacaranda micrantha* Cham. – Caroba (SC)
Fam. Bignoniaceae
441. *Jacaranda* sp. – Folha-larga (AL); Caroba (AL, PE)
Fam. Bignoniaceae
442. *Jacaratia dodecaphylla* A. DC. – Mamoeiro-do-mato (PR)
Fam. Caricaceae
443. *Jatropha oligandra* Muell. Arg. – Cansação (BA a S)
Fam. Euphorbiaceae
444. *Joannesia princeps* Vell. – Andaçu, Indaiçu (PR)
Fam. Euphorbiaceae
445. *Kielmeyera* sp. – Malva (DF)
Fam. Guttiferae
446. *Lacmellea pauciflora* (Kuhlm.) Monac. – Chamarrão (BA)
Fam. Apocynaceae
447. *Lafoensia* sp. – Cabelo-de-cutia (AL)
Fam. Lythraceae
448. *Laguncularia racemosa* Gaertn. – Mangue-branco (RN a RS)
Fam. Combretaceae
449. *Lecointea amazonica* Ducke – Paracuuba (AM, PA); Paracuuba-cheirosa-da-várzea (PA)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
450. *Lecythis pisonis* Cambess. – Chapéu-de-sol, Embiratã, Jequitibá, Pau-d'arco-branco, Sapucaia-de-pilão, Sapucaia-verdadeira, Sapucarana (AL); Sapucaia (AM, CE a RJ); Cambuca-de-macaco, Castanha-sapucaia, Marmitta-de-macaco (BA); Árvore-de-caçamba, Arvore-de-cambuca, Caçamba-do-mato, Combuca-de-macaco, Embira-de-jacuibá, Fruta-de-macaco, Fruto-de-caçamba, Jaçapucaia, Jaçapucam, Jaçapucari, Jecuibá, Juquetibá, Pau-carga, Pau-de-caixão, Quetelê, Ruchuchu, Sapucaí, Sapucaia-açu, Sapucaia-de-castanha, Sapucaia-grande
Fam. Lecythidaceae

451. *Lecythis sp.* — Açoita-cavalo, Embiratã, Pereiro, Pininga, Sapucaia, Sapucaia-de-pilão, Sapucarana, Sapucarana-verdadeira
Fam. Lecythidaceae
452. *Lecythis usitata* Miers — Castanha-sapucaia, Sapucaia (AM)
Fam. Lecythidaceae
453. *Lecythis usitata* Miers var. *paraensis* (Ducke) R. Knuth. — Castanha-sapucaia (AM, PA); Sapucaia
Fam. Lecythidaceae
454. *Leopoldinia piassaba* Wall. — Piaçava (AM)
Fam. Palmae
455. *Licania kunthiana* Hook. f. — Carrapeta, Carrapeta-de-sangue, Goiti-cega-machado, Goiti-de-morcego, Goiticica, Mel-de-furo, Oiti-de-morcego, Oitizinho, Pau-facho, Pau-santo (AL); Cega-machado (AM, AL)
Fam. Chrysobalanaceae
456. *Licania kunthiana* Hook. f. vel aff. — Oiti-verdadeiro (AL)
Fam. Chrysobalanaceae
457. *Licania Puchury-major* (Mart.) Kosterm. — Puxuri (AM); Puxurim
Fam. Chrysobalanaceae
458. *Licania rigida* Benth. — Oiticica (CE)
Fam. Chrysobalanaceae
459. *Licania sp.* — Carrapeta, Goiti-de-morcego, Goiti-mel-de-furo, Oiticica, Oitizinho (AL); Jatobá (MA)
Fam. Chrysobalanaceae
460. *Lithraea brasiliensis* March. — Aroeira-braba, Aroeira-de-bugre, Aroeirinha, Pau-de-bugre (PR)
Fam. Anacardiaceae
461. *Lithraea molleoides* Engl. — Aroeira-brava, Aroeira-da-capoeira (PR)
Fam. Anacardiaceae
462. *Lonchocarpus guilleminianus* (Tul.) Malme var. *pubigerus* (Tul.) Burk. — Rabo-de-mico (SC)
Fam. Leguminosae Faboideae
463. *Lonchocarpus leucanthus* Burk. — Rabo-de-macaco (SC)
Fam. Leguminosae Faboideae
464. *Lonchocarpus sp.* — Rabo-de-bugiu (PR)
Fam. Leguminosae Faboideae
465. *Loxopterigium sp.* — Cupiúba, Cupiúba-vermelha (AL)
Fam. Anacardiaceae
466. *Lucuma fissilis* Fr. All. — Guaricica (PR)
Fam. Sapotaceae
467. *Lucuma gutta* Ducke — Abiurana-guta (AM)
Fam. Sapotaceae
468. *Lucuma procera* Mart. — Maçaranduba-branca (PR)
Fam. Sapotaceae
469. *Luehea divaricata* Mart. — Açoita-cavalo (CE, MG, MT, PI, RJ a RS); Caoueti, Estriveira, Ivitinga
Fam. Tiliaceae
470. *Luehea ochrophylla* Mart. — Ivitinga (BA); Açoita-cavalo, Pau-pereira, Pereira-da-mata (PE)
Fam. Tiliaceae
471. *Luehea ochrophylla* Mart. vel aff. — Açoita-cavalo (AL)
Fam. Tiliaceae
472. *Luehea paniculata* Mart. — Carne-de-vaca, Fruta-preta, Oiti, Pereiro, Sucupira-verdadeira (AL); Açoita-cavalo (MT, PI a SP)
Fam. Tiliaceae
473. *Luehea sp.* — Açoita-cavalo, Pau-d'arco-roxo, Sapucarana (AL); Mutumba (DF)
Fam. Tiliaceae

474. *Luehea speciosa* Willd. — Caouetí, Estriveira, Ivitinga (AM a SP); Açoita-cavalo (AM a SP, DF); Mutamba-preta (SP)
Fam. Tiliaceae
475. *Mabea* sp. — Canudeiro, Canudo-de-cachimbo (AL); Cachimbeira, Pitomba-de-guariba (MA)
Fam. Euphorbiaceae
476. *Machaerium acutifolium* Vog. — Jacarandá (DF, PA a CE); Bico-de-pato (MG, MT, PA a SP, RJ)
Fam. Leguminosae Faboideae
477. *Machaerium allemani* Benth. — Jacarandatã (PR)
Fam. Leguminosae Faboideae
478. *Machaerium angustifolium* Vog. — Camboatã (PR)
Fam. Leguminosae Faboideae
479. *Machaerium firmum* Benth. — Jacarandá-roxo, Jacarandá-violeta (PR)
Fam. Leguminosae Faboideae
480. *Machaerium heteroptenium* Fr. All. — Angelim (PR)
Fam. Leguminosae Faboideae
481. *Machaerium incorruptibile* Fr. All. — Jacarandá-rosa (PR)
Fam. Leguminosae Faboideae
482. *Machaerium leucopterum* Vog. — Jacarandá-de-espinho (PR)
Fam. Leguminosae Faboideae
483. *Machaerium scleroxylon* Tul. — Suca (GO); Pau-ferro (GO, MG); Candeia, Candeia-do-sertão, Caviúna-rajada, Penanguba, Violeta (MG); Caviúna-vermelha (PR); Caviúna (SP); Apu-ferro-do-cerrado, Jacarandá-bico-de-pato, Jacarandá-caviúna, Jacarandá-da-caatin-ga
Fam. Leguminosae Faboideae
484. *Machaerium stipitatum* Vog. — Sapuva (PR)
Fam. Leguminosae Faboideae
485. *Machaerium stipulatum* Vog. — Pau-de-malho (PR)
Fam. Leguminosae Faboideae
486. *Machaerium villosum* Vog. — Jacarandá-do-cerrado, Jacarandá-do-mato, Jacarandá-parado, Jacarandá-roxo, Jacarandatã (MG); Jacarandá-paulista (MG a PR); Araribá-rosa (SC); Jacarandá-amarelo, Jacarandá-escuro, Jacarandá-pedra
Fam. Leguminosae Faboideae
487. *Maclura affinis* Miq. — Tatajuba (PR)
Fam. Moraceae
488. *Macoubea guianensis* Aubl. — Piquiá (BA)
Fam. Apocynaceae
489. *Macrolobium acaciaefolium* Benth. — Arapari-da-várzea, Arapari-verdadeiro (AM); Arapari (AM, AP, MA); Raparigueira (AP); Ararapari, Fava-de-tambaqui, Faveira, Paracaxi (PA)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
490. *Magonia pubescens* St.-Hil. — Tingui (MG)
Fam. Sapindaceae
491. *Malouetia* sp. — Embiriba (MA)
Fam. Apocynaceae
492. *Manihot glaziovii* Muell. Arg. — Maniçoba (NE)
Fam. Euphorbiaceae
493. *Manilkara amazonica* Huber — Maparajuba (AM)
Fam. Sapotaceae
494. *Manilkara bidentada* (DC.) Chev. — Balata-verdadeira (AM)
Fam. Sapotaceae
495. *Manilkara elata* (Fr. All.) Monac. — Maçaranduba (AM, BA a RJ, ES); Aparaiú, Gararoba, Maçaranduba-da-marinha, Maçaranduba-de-leite, Maçaranduba-roxa, Maçaranduba-vermelha
Fam. Sapotaceae

496. *Manilkara Huberi* (Ducke) Standl. — Maçaranduba (AM a MA, MT); Maçaranduba-verdadeira (PA)
Fam. Sapotaceae
497. *Manilkara longifolia* (DC.) Dub. — Paraju (BA, ES, RJ); Arapaju, Maparaju
Fam. Sapotaceae
498. *Manilkara salzmännii* (A. DC.) Lam. — Fruta-preta, Leiteiro, Maçaranduba, Maçaranduba-branca, Maçaranduba-preta, Maçaranduba-vermelha (AL)
Fam. Sapotaceae
499. *Manilkara* sp. — Batinga, Jaboticaba-de-macaco, Leiteiro-preto, Maçaranduba, Maçaranduba-branca, Maçaranduba-de-igreja, Maçaranduba-verdadeira (AL)
Fam. Sapotaceae
500. *Manilkara subsericea* (Mart.) Dubard — Maçaranduba (SC)
Fam. Sapotaceae
501. *Manilkara surinamensis* (Miq.) Dub. — Maçaranduba (AM, MA, PA); Maparajuba (AM, PA); Muirajuba (MA)
Fam. Sapotaceae
502. *Marliera tomentosa* Camb. — Guaporanga, Guarapiranga, Guaraporanga (PR)
Fam. Myrtaceae
503. *Martiodendron* sp. — Rabo-de-guariba (AL)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
504. *Matayba* sp. — Brasa-apagada (AL); Cambotá (DF)
Fam. Sapindaceae
505. *Mauritia vinifera* Mart. — Buriti (DF)
Fam. Palmae
506. *Maytenus ilicifolia* Mart. — Erva-são-joão (PR); Espinheira-santa (S)
Fam. Celastraceae
507. *Maytenus rigida* Mart. — Bom-nome (PE); Pau-de-colher (PE, PR); Pau-de-arara
Fam. Celastraceae
508. *Maytenus* sp. — Batinga-branca, Bom-nome, Bom-nome-branco, Bom-nome-vermelho, Carrapatinho, Casca-dura, Castelo, Cumichá, Ingá, Jaguarana, Leiteiro-preto, Louro, Louro-pisco, Malhado, Moleque-duro, Murta, Murta-branca, Pau-santo (AL)
Fam. Celastraceae
509. *Melanoxylon brauna* Schott — Braúna (BA a SP, PR); Graúna (DF, RJ); Baraúna (RJ); Braúna-preta, Ibraúva, Maria-preta
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
510. *Melia azedarach* L. — Cinamomo (PR)
Fam. Meliaceae
511. *Mespilodaphne sassafras* Meiss. — Canela-sassafrás (PR)
Fam. Lauraceae
512. *Metrosideros vera* Lindl. — Guamirim (PR)
Fam. Myrtaceae
513. *Mezilaurus itauba* (Meiss.) Taub. — Louro-itaúba (AM); Lorê (MT); Itaúba (MT, PA); Itaúba-amarela (PA); Itaúba-abacate, Itaúba-preta
Fam. Lauraceae
514. *Mezilaurus lindaviana* Schwacke — Itaúba (AM); Itaúba-amarela, Itaúba-abacate
Fam. Lauraceae
515. *Mezilaurus navalium* (Fr. All.) Taub. — Tapinhoá (RJ, RS); Canela-marmelada, Canela-tapinhoá, Itapinhoá
Fam. Lauraceae
516. *Miconia* sp. — Gramundé (AL)
Fam. Melastomataceae
517. *Micrandra* sp. — Louro-pitisco (AL); Pé-de-boi (MA)
Fam. Euphorbiaceae
518. *Micropholis* sp. — Bucho-de-veado, Prijuf-preto (AL)
Fam. Sapotaceae

519. *Micropholis williamii* Aubr. et Pellegr. — Abiurana (AM)
Fam. Sapotaceae
520. *Mimosa bracaatinga* Hoehne — Bracaatinga (PR)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
521. *Mimosa caesalpiniaefolia* Benth. — Sabiá (MA a BA)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
522. *Mimosa sepiaria* Benth. — Espinheiro (PR)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
523. *Mimusops brasiliensis* Fr. All. — Maçaranduba-amarela (PR)
Fam. Sapotaceae
524. *Mimusops elata* Fr. All. — Maçaranduba-vermelha (PR)
Fam. Sapotaceae
525. *Mimusops salzmännii* A. DC. — Maçaranduba (PR)
Fam. Sapotaceae
526. *Minquartia guianensis* Aubl. — Acari, Acariquara (AM); Acariúba (AM, PA); Quari-quari (MA)
Fam. Olacaceae
527. *Minquartia* sp. — Facheiro (AL)
Fam. Olacaceae
528. *Monopterix uacu* Spruce — Uacu (AM)
Fam. Leguminosae Faboideae
529. *Moquinia polymorpha* DC. — Cambará (PR)
Fam. Compositae
530. *Mora paraensis* Ducke — Paracuuba (AM, PA); Paracuuba-branca, Paracuuba-vermelha (PA)
Fam. Moraceae
531. *Moronobea coccinea* Aubl. — Anani-da-terra-firme, Bacuri, Bacuri-bravo, Bacuri-de-anta, Marupá (AM)
Fam. Guttiferae
532. *Moronobea coccinea* Aubl. vel aff. — Pitomba-de-guariba (MA)
Fam. Guttiferae
533. *Moronobea pulchra* Ducke — Avani-da-terra-firme, Bacuri, Bacuri-de-paca, Marupá (AM)
Fam. Guttiferae
534. *Moronobea* sp. — Pitomba-da-mata (AL); Mangue, Taquipé (MA)
Fam. Guttiferae
535. *Mouriria* sp. — Pau-de-rego (MA)
Fam. Melastomataceae
536. *Myrcia* sp. — Guabiraba (AL)
Fam. Myrtaceae
537. *Myrciaria cauliflora* Berg. — Jaboticabeira (PR)
Fam. Myrtaceae
538. *Myrciaria trunciflora* Berg. — Jaboticabeira (PR)
Fam. Myrtaceae
539. *Myristica bicuhyba* Schott — Bicuíba (PR)
Fam. Myristicaceae
540. *Myrocarpus fastigiatus* Fr. All. — Cabriúva (PR); Óleo-pardo (RJ); Bálsamo, Bálsamo-caboriba, Caboreíba, Caboriba, Cabreúna, Cabriúna, Cabriúva-parda, Cabureíba, Jataúba, Miroé, Óleo-de-caboreíba
Fam. Leguminosae Faboideae
541. *Myrocarpus frondosus* Fr. All. — Óleo-pardo (BA a RJ); Cabreúva (PR, SC); Cabreúna (SC); Bálsamo, Bálsamo-caboriba, Caboreíba, Caboriba, Cabriúna, Cabriúva, Cabriúva-amarela, Cabriúva-parda, Cabureíba, Jataúba, Miroé, Óleo-de-caboreíba
Fam. Leguminosae Faboideae
542. *Myrocarpus* sp. — Bálsamo (AL)
Fam. Leguminosae Faboideae

543. *Myrospermum erythroxylon* Fr. All. — Óleo-vermelho, Pau-de-sangue (PR)
Fam. Leguminosae Faboideae
544. *Myroxylon balsamum* (L.) Harms — Cabreúva, Cabreúva-vermelha (AM); Óleo-vermelho (AM, BA a PR, MT); Bálsamo (AM, DF, RO); Bácimo, Bálsamo-caboriba, Caboriba-vermelha, Caboriba, Pau-vermelho (BA); Óleo-bálsamo, Pau-de-bálsamo, Puá, Sangue-de-gato (CE, PE, RB)
Fam. Leguminosae Faboideae
545. *Myroxylon peruiferum* L. f. — Bálsamo-de-tolu (BA); Bálsamo, Cabaíba (PE); Pau-vermelho (RJ, SP); Cabreúva (SP); Óleo-vermelho (S); Bálsamo-da-américa, Bálsamo-de-cartágena, Benjoim-do-norte, Coróiba, Quinaquina, Sangue-de-gato
Fam. Leguminosae Faboideae
546. *Myrsine floculosa* Mart. — Capororoca (PR)
Fam. Myrsinaceae
547. *Myrsine marginata* Hook. et Arn. — Capororoca (PR)
Fam. Myrsinaceae
548. *Myrsine umbellata* (Mart.) Mez — Capororocão (PR)
Fam. Myrsinaceae
549. *Nectandra amara* Mart. — Canela-parda (PR)
Fam. Lauraceae
550. *Nectandra elaiophora* B. Rodr. — Nhamuí (AM); Louro-nhamuí
Fam. Lauraceae
551. *Nectandra megapotamica* (Spr.) Hassler — Canela-preta (SP a RS); Canela-ferrugem, Canela-imbuia, Canela-loura
Fam. Lauraceae
552. *Nectandra mollis* Nees — Canela-preta (PR)
Fam. Lauraceae
553. *Nectandra myriantha* Meiss. — Canela-amarela (BA a GO, SC); Canela-capitão-mor (PR); Canela-fedorenta, Canela-fétida
Fam. Lauraceae
554. *Nectandra nitidula* Nees — Canela-amarela (PR)
Fam. Lauraceae
555. *Nectandra pichurim* (H.B.K.) Mez — Pixurim (AM a SC)
Fam. Lauraceae
556. *Nectandra puberula* Nees — Canela-amarela (AL a SC, GO, MT); Canela-amargosa, Canela-do-brejo, Canela-fedorenta, Canela-goiaba, Canela-parda, Louro-amargoso, Louro-preto
Fam. Lauraceae
557. *Nectandra reticulata* (R. et Pav.) Mez — Canela-preta (AM, BA a RS); Canela-de-cacho, Canela-jacu (RJ); Canela-ferrugem, Canela-parda, Canela-puante, Louro-preto
Fam. Lauraceae
558. *Nectandra rigida* Nees — Canela-amarela (AM a RS); Canela-branca (PR)
Fam. Lauraceae
559. *Nectandra robusta* Loeff. et Eve — Canela-batalha (PR)
Fam. Lauraceae
560. *Nectandra* sp. — Gitai-amarelo, Louro-amarelo, Louro-canela, Louro-cheiroso (AL); Canela-preta (DF); Canela (DF, PE, PR)
Fam. Lauraceae
561. *Nerium oleander* L. — Espirradeira (PR)
Fam. Apocynaceae
562. *Ochroma lagopus* Sw. — Pau-de-balsa (AM); Pata-de-lebre, Pau-de-jangada (PA)
Fam. Bombacaceae
563. *Ochroma pyramidale* (Cav.) Urb. — Pau-de-balsa (AM); Balsa, Pau-de-jangada
Fam. Bombacaceae
564. *Ocotea aciphylla* (Nees) Mez — Canela-amarela (ES, MG a SC); Canela-amarela-de-cheiro, Canela-poca, Louro-amarelo-de-cheiro (PR)
Fam. Lauraceae

565. *Ocotea acutifolia* (Nees) Benth. et Hook. – Louro-branco (PR)
Fam. Lauraceae
566. *Ocotea bicolor* Vattimo – Canela-bicolor (PR)
Fam. Lauraceae
567. *Ocotea catharinensis* Mez – Canela-preta (RS, SC); Canela-amarela, Canela-bicho, Canela-broto, Canela-coqueira, Canela-pinho
Fam. Lauraceae
568. *Ocotea cordata* (Meiss.) Mez – Canela (PR)
Fam. Lauraceae
569. *Ocotea cymbarum* H.B.K. – Louro-inamuí, Louro-inhamuí, Louro-mamorim, Pau-de-gasolina, Sassafrás (AM)
Fam. Lauraceae
570. *Ocotea grandis* Mez – Canela (PR)
Fam. Lauraceae
571. *Ocotea guianensis* Aubl. – Louro-branco (AM, AP, PA)
Fam. Lauraceae
572. *Ocotea gurgelii* Vattimo – Canela (PR)
Fam. Lauraceae
573. *Ocotea indecora* Schott – Canela, Canela-preta, Canela-sassafrás, Canela-sassafrás-da-serra, Pau-sassafrás, Sassafrás (PR)
Fam. Lauraceae
574. *Ocotea lanceolata* Nees – Louro-amarelo (PR)
Fam. Lauraceae
575. *Ocotea organensis* (Meiss.) Mez – Canela-goiaba, Canela-parda, Canela-preta (PR)
Fam. Lauraceae
576. *Ocotea porosa* (Nees et Mart. ex Nees) L. Barroso – Embuia (PR); Imbuia (PR, SC); Canela-imbuia, Imbuia-amarela, Imbuia-brasina, Imbuia-clara, Imbuia-parda, Imbuia-preta, Imbuia-rajada, Imbuia-zebrina
Fam. Lauraceae
577. *Ocotea pretiosa* (Nees) Mez – Canela-sassafrás (BA a RS); Preciosa (SC); Canela-funcho, Sassafrás, Sassafrás-amarelo, Sassafrás-preto, Sassafrás-rajado
Fam. Lauraceae
578. *Ocotea pulchella* Mart. – Canela-lajeana (ES a RS); Canela-preta, Canelinha (PR); Canela-do-brejo, Caneleira
Fam. Lauraceae
579. *Ocotea rubra* Mez – Louro-vermelho (AM, AP, PA)
Fam. Lauraceae
580. *Ocotea* sp. – Carrapatinho, Embiriba, Gitáí-amarelo, Louro-amarelo, Louro-branco, Louro-cedro, Louro-cheiroso, Louro-couro-de-sapo, Louro-da-folha-larga, Louro-ferro, Louro-malhado, Louro-manteiga, Louro-mascuaba, Louro-pau-ferro, Louro-pemba, Louro-pimenta, Louro-preto, Louro-sabiá, Louro-verdadeiro (AL); Louro-babão (AL, AM); Louro (AL, MA); Amescla, Cravo, Cravo-amarelo (MA)
Fam. Lauraceae
581. *Ocotea spectabilis* (Meiss.) Mez – Canela-amarela, Canela-baraúna, Canela-mescla, Canela-preta, Caneleiro (PR)
Fam. Lauraceae
582. *Ocotea spixiana* (Nees) Benth. et Hook. – Canelão (PR)
Fam. Lauraceae
583. *Ocotea teleiandra* (Meiss.) Mez – Canela-jacuí, Canela-limão, Canela-pimenta, Canelinha, Louro (PR)
Fam. Lauraceae
584. *Ocotea tristis* Mart. – Canelinha-de-folha-miúda (PR)
Fam. Lauraceae
585. *Olea europea* L. – Oliveira (MG, PR, RS, SP)
Fam. Oleaceae
586. *Olmedioperebea sclerophylla* Ducke – Muiratinga (AM, PA); Rapé-de-índio, Rapé-dos-

índios

Fam. Moraceae

587. *Ormosia arborea* Harms – Olho-de-cabra (DF)
Fam. Leguminosae Faboideae
588. *Ormosia glaziouviana* Harms – Pau-ripa (SC)
Fam. Leguminosae Faboideae
589. *Ormosia nitida* Vog. – Sucupira-baraquim (AL)
Fam. Leguminosae Faboideae
590. *Ormosia* sp. – Sucupira-baraquim, Sucupira-mulungu, Sucupira-rosa (AL)
Fam. Leguminosae Faboideae
591. *Osteophoeum platyspermum* (A. DC.) Wärb. – Ucuubarana (AM)
Fam. Myristicaceae
592. *Ouratea castanaefolia* Engl. – Farinha-seca (PR)
Fam. Ochnaceae
593. *Ouratea fieldingiana* Engl. – Batiputá (PE)
Fam. Ochnaceae
594. *Ouratea* sp. – Macaxeira (AL); Mangue (AL, MA)
Fam. Ochnaceae
595. *Pachyra aquatica* Aubl. – Mamorana (AM)
Fam. Bombacaceae
596. *Palicourea* sp. – Catinga-de-paca, Erva-de-rato (AL)
Fam. Rubiaceae
597. *Parahancornia amapa* (Hub.) Ducke – Amapá, Amapá-amargoso (AM)
Fam. Apocynaceae
598. *Paratecoma peroba* (Record) Kuhl. – Ipê (BA); Peroba-de-campos (BA, ES, MG); Ipê-rajado (MG); Ipê-peroba, Peroba, Peroba-amarela, Peroba-tigrina, Peroba-tremida
Fam. Bignoniaceae
599. *Paratecoma* sp. – Peroba, Peroba-branca (AL)
Fam. Bignoniaceae
600. *Parinari rodolphi* Hub. – Parinari (AM, PA); Farinha-seca
Fam. Chrysobalanaceae
601. *Parkia multijuga* Benth. – Cauré, Faveira (AM); Paricá-grande-da-terra-firme (PA)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
602. *Parkia oppositifolia* Spruce ex Benth. – Arara-tucupi, Benguê, Visgueiro-da-terra-firme (AM); Japacanim, Paricá, Visgueiro (PA)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
603. *Parkia pendula* Benth. ex Walp. – Bulandi, Jaguarana, Oitizinho, Visgueiro (AL); Fava-de-bolota (MA)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
604. *Parkia* sp. – Alho-brabo, Fava-de-curtume, Serrote (MA)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
605. *Patagonula americana* L. – Guajuvira (SP a RS); Guaiabira, Guajibira, Guarapuvira
Fam. Boraginaceae
606. *Pausandra* sp. – Guabiju (MA)
Fam. Euphorbiaceae
607. *Paypayrola blanchetiana* Tul. – Mangue-branco, Martelo (AL)
Fam. Violaceae
608. *Paypayrola blanchetiana* Tul. vel aff. – Cafezinho (AL)
Fam. Violaceae
609. *Peltogyne catingae* Ducke var. *glabra* B. Rodr. – Pau-roxo, Pau-roxo-da-catinga. Violeta (AM)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
610. *Peltogyne confertiflora* (Hayne) Benth. – Guarabu (BA, ES); Roxinho (MG, SP); Pau-roxo (MT, PI a SP); Barabu, Gurabu
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
611. *Peltogyne densiflora* Spruce ex Benth. – Pau-roxo (RO)

- Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
612. *Peltogyne lecontei* Ducke – Pau-roxo (PA); Amarante, Jataí-mondé, Pau-roxo-da-terra-firme
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
613. *Peltogyne paniculata* Benth. – Coatiquiçaua, Coraci, Mulateiro-da-terra-firme, Pau-mulato-da-terra-firme, Pau-roxo-da-catinga (AM); Pau-ferro (CE); Coatá-quiciçaua (PA)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
614. *Peltogyne recifensis* Ducke – Barabu (PE)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
615. *Peltogyne venosa* (Vahl) Benth. var. *densiflora* (Benth.) Amsh. – Pau-roxo (MA a MT); Pau-violeta
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
616. *Peltophorum* sp. – Canafístula (PR)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
617. *Pentaclethra filamentosa* Benth. – Pracaxi (AM)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
618. *Pera ferruginea* (Schott) Muell. Arg. – Carrapatinho, Gitaí-amarelo, Guajuru, Louro-guajuru, Louro-pisco, Malhado, Moleque-duro, Sete-cascos (AL)
Fam. Euphorbiaceae
619. *Perebea concinna* Standl. – Pana (AM)
Fam. Moraceae
620. *Persea cordata* (Vell.) Mez – Maçaranduba (MG a SC); Pau-andrade (SC); Abacate-domato, Canela-rosa
Fam. Lauraceae
621. *Persea racemosa* (Vell.) Mez – Maçaranduba (MG, RJ a SC)
Fam. Lauraceae
622. *Persea venosa* Nees – Pau-andrade (PR)
Fam. Lauraceae
623. *Phyllocalyx edulis* Berg. – Cerejeira (PR)
Fam. Myrtaceae
624. *Phytelephas microcarpa* Ruiz et Pav. – Marfim-vegetal (RO)
Fam. Palmae
625. *Phytolacca dioica* L. – Umbu (PR)
Fam. Phytolacaceae
626. *Piptadenia cobi* Rizz. et Matt. – Cobi (BA, ES); Faveira
Fam. Leguminosae Mimosoideae
627. *Piptadenia colubrina* Benth. – Angico-branco (PR)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
628. *Piptadenia communis* Benth. – Pau-jacaré (PR, SC)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
629. *Piptadenia falcata* Benth. – Angico-do-cerrado (PR, SP); Angico-do-campo
Fam. Leguminosae Mimosoideae
630. *Piptadenia gonoacantha* (Mart.) Macbr. – Jacaré (PI a SP)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
631. *Piptadenia macrocarpa* Benth. – Angico-do-campo (BA); Angico (DF, PE, RO); Angico-vermelho (GO, MA a SP, MT, PE); Angico-bravo (PE); Angico-fava, Angico-preto, Angico-rajado, Arapiraca, Cambuí-ferro, Curupaí, Guarapiraca
Fam. Leguminosae Mimosoideae
632. *Piptadenia peregrina* Benth. – Paricá (AM)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
633. *Piptadenia rigida* Benth. – Angico, Monjolo-liso (PR); Angico-vermelho (SC); Angico-amarelo (SP a RS); Angico-branco, Angico-cedro, Angico-de-curtume, Angico-do-banhado, Angico-dos-montes, Angico-rosa, Angico-sujo, Guaruaia
Fam. Leguminosae Mimosoideae
634. *Piptadenia* sp. – Cachorro-magro (DF); Angico (PR)
Fam. Leguminosae Mimosoideae

635. *Piptadenia suaveolens* Miq. vel aff. — Alho, Timborana (MA)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
636. *Piptocarpha axillaris* (Less.) Baker — Vassoura-preta (PR)
Fam. Compositae
637. *Piptocarpha axillaris* (Less.) Baker var. *minor* Baker — Oliveira-do-mato (PR)
Fam. Compositae
638. *Piranhea trifoliolata* Baill. — Piranheira (AM); Piranaúba (PA)
Fam. Euphorbiaceae
639. *Pisonia* sp. — Água-fria, Pau-manteiga, Piranha (AL); Pau-pirinha (AL, MA); Abacate-brabo, João-mole (MA)
Fam. Nyctaginaceae
640. *Pithecellobium avaremotemo* Mart. — Barbatenon, Pau-santo (AL); Barbatimão (AL, PE); Bordão-de-velho (CE); Avaremotemo (PI)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
641. *Pithecellobium foliosum* Benth. — Jurema (CE); Árvore-de-macaco, Esponjeira (PA); Arapiraca, Jurema-branca (PE)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
642. *Pithecellobium gummiferum* Mart. — Angico-vermelho (PR)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
643. *Pithecellobium parvifolium* Benth. — Arapiraca (PE)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
644. *Pithecellobium pedicellare* (DC.) Benth. — Canzenza, Carrapatinho, Favinha, Ingá-favo, Jaguarana, Louro-cheiroso, Visgueiro (AL)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
645. *Pithecellobium racemosum* Ducke — Angelim-rajado (AM); Ingarana-da-terra-firme, Uruburuzeiro (PA)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
646. *Pithecellobium saman* (Jacq.) Benth. var. *acutifolium* Benth. — Árvore-da-chuva, Feijão-cru, Mendobim-de-veado, Saman (AM); Pau-podre (CE); Bordão-de-velho (PE)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
647. *Pithecellobium saman* (Jacq.) Benth. vel aff. — Barrote (MA)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
648. *Pithecellobium sanguineum* Benth. — Caingá (PR)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
649. *Pithecellobium* sp. — Angelim-branco, Barbatenon, Canzenza, Ingá-caixão, Ingaí, Jaguarana, Tambor (AL); Farinha-seca (DF); Ameiju, Carrasco, Catinga-de-boi, Cravina, Cutiuba, Embirba, Ingá-de-alagadiço, Ingá-xixiba, Marfim, Pau-ponga, Pintadinho, Tamburi (MA)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
650. *Pityrocarpa pteroclada* Bernam. — Jurema, Paricá-rana (AM)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
651. *Plathymenia foliolosa* Benth. — Amarelo, Amarelo-vinhático (AL); Amarelo-gengibre (AM, PE); Paricazinho (AP); Vinhático-do-campo (BA); Acende-candeia (CE); Vinhático (ES, GO, MG, RJ); Pau-amarelo (GO); Oiteira, Pau-de-candeia (PA); Vinhático-amarelo, Vinhático-da-mata, Vinhático-rajado
Fam. Leguminosae Mimosoideae
652. *Plathymenia reticulata* Benth. — Paricazinho (AP); Vinhático-do-campo (AP a SP); Amarelo, Acende-candeia, Pau-candeia (CE, PE); Pau-amarelo, Vinhático (GO); Oiteira, Pau-de-candeia (PA); Amarelinho
Fam. Leguminosae Mimosoideae
653. *Plathymenia* sp. — Amarelo, Amarelo-flor-de-algodão (AL)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
654. *Platonia insignis* Mart. — Bacuri-açu (AM); Bacuri (AM, BA, PA, PR); Bacori, Bacuriúba, Ibacopari, Ibacori, Landirana, Pacori, Pacoru, Pacuri, Pacuriúva (BA)
Fam. Guttiferae
655. *Platycamus regnellii* Benth. — Pau-pereira (BA, GO, RJ, SP); Folha-de-bolo, Mangalô

- (RJ); Angelim-rosa, Camará-de-bilro, Cataguá, Pereira, Pereira-vermelha, Pereiro, Ubá-açu
Fam. Leguminosae Faboideae
656. *Platymiscium floribundum* Vog. — Sacambu (L, S); Jacarandá (PR, SC); Cabreúva-de-canudo (SP)
Fam. Leguminosae Faboideae
657. *Platymiscium piliferum* Taub. — Rabugem (CE); Rabugeira
Fam. Leguminosae Faboideae
658. *Platymiscium trinitatis* Benth. — Macacaúba (AM); Macacaúba-preta, Macacaúba-vermelha
Fam. Leguminosae Faboideae
659. *Platymiscium ulei* Harms — Macacaúba (AM, AP, PA); Jandiá (MA)
Fam. Leguminosae Faboideae
660. *Platypodium elegans* Vog. — Jacarandá-branco (PR)
Fam. Leguminosae Faboideae
661. *Plumeria bracteata* DC. — Angélica, Angélica-da-mata, Banana-de-papagaio (PE)
Fam. Apocynaceae
662. *Podocarpus lambertii* Klotz. — Pinheirinho (MG, RJ a RS); Pinho-bravo (PR); Pinheiro-bravo
Fam. Podocarpaceae
663. *Poecilanthus falcata* (Vell.) Ducke — Carrancuda (BA); Chorão (PB); Cabo-de-facão, Pau-falha (PE)
Fam. Leguminosae Faboideae
664. *Pogonophora schomburgkiana* Miers — Batinga-branca, Bom-nome-preto, Cafezinho, Cocão-amarelo, Cocão-branco, Erva-doce-da-mata, Louro-pitisco, Mangue-de-praia (AL); Cocão (AL, PE); Acopari (AM, PA)
Fam. Euphorbiaceae
665. *Porcelia macrocarpa* (Warm.) R. E. Fries — Banana-de-macaco (SC)
Fam. Annonaceae
666. *Posoqueria acutifolia* Mart. — Baga-de-macaco (PR)
Fam. Rubiaceae
667. *Poupartia amazonica* Ducke — Cedro-brabo (MA)
Fam. Anacardiaceae
668. *Pourouma lawrancei* Standl. — Imbaúba (AM)
Fam. Moraceae
669. *Pouteria obtusifolia* Baehni - Catuaba (MA)
Fam. Sapotaceae
670. *Pouteria* sp. — Amescla-de-cheiro, Angelim-amargoso, Batinga, Bucho-de-veado, Canela-de-veado, Carrapatinho, Carrapeta, Cumichá, Embiratã, Engasga-vaca, Fruta-preta, Guapeba, Ingá-de-suia, Leiteiro, Leiteiro-branco, Leiteiro-preto, Leiteiro-vermelho, Louro-camaçari, Louro-pisco, Maçaranduba-branca, Maçaranduba-de-igreja, Mangue-vermelho, Marmelo, Murta-preta, Pau-carniça, Pau-d'arco-branco, Sapucarana-verdadeira (AL); Abiurana (AM); Pau-de-remo (BA); Bacumixá, Grumixá (BA, RJ) Cabo-de-machado, Guapeva (DF); Cravo, Guabiju, Inharé, Jitó, Mamoninha, Mururé, Tatajuba, Taturubá (MA)
Fam. Sapotaceae
671. *Pradosia lactescens* (Vell.) Kuhlm. — Buranhém (AL, PE)
Fam. Sapotaceae
672. *Pradosia praealta* Ducke — Casca-doce, Pau-doce (AM, PA)
Fam. Sapotaceae
673. *Pradosia* sp. — Buranhém (AL)
Fam. Sapotaceae
674. *Priurella priurei* A. DC. — Abiurana, Abiurana-vermelha, Maçarandubarana (AM); Abiu-casca-fina (AP)
Fam. Sapotaceae

675. *Protium brasiliensis* Engl. — Amescla (DF); Alméciga (PR)
Fam. Burseraceae
676. *Protium guacayanum* Cuatr. — Amescla-de-cheiro (AL)
Fam. Burseraceae
677. *Protium heptaphyllum* (Aubl.) March. — Amescla-de-cheiro, Amescla-seca, Amesclão, Cabatã-de-leite, Louro-pisco (AL); Breu, Breu-branco, Ciantaáhiuá (AM); Breu-branco-do-campo (AM, PA); Amescla (CE, MA, PB, PE, RN); Alméciga (MG, PE); Almecegueira, Ciantaá-ilhuá, Pau-de-mosquito (PA); Incenso (RN); Alméciga-brava, Alméciga-cheirosa, Almescla, Árvore-do-incenso, Breu-alméciga, Elemi, Elemieira, Erva-feiticeira, Ibiracica, Icariba, Pau-de-breú, Tacaá-macá, Teí
Fam. Burseraceae
678. *Protium puncticulatum* Macbr. — Breu-vermelho (AM); Breu (AP)
Fam. Burseraceae
679. *Protium sagotianum* March. vel aff. — Breu (MA)
Fam. Burseraceae
680. *Protium* sp. — Amescla-branca, Amescla-de-cheiro, Amescla-seca, Amora, Batinga, Cabatã-de-leite, Carrapatinho, Cupiúba, Genipaparana, Leiteiro, Louro, Louro-cheiroso, Louro-pisco, Louro-preto, Murici (AL); Amesclão (AL, MA); Amesclinha, Mangue-branco, Papaúba-amarela, Pau-pombo (MA)
Fam. Burseraceae
681. *Prunus brasiliensis* (Cham. et Schl.) Dietr. — Pessegueiro-bravo (CE, RJ a PR, RS); Coração-de-negro, Marmelo-do-mato, Pessegueiro-do-mato
Fam. Rosaceae
682. *Prunus myrtifolia* (L.) Urb. — Pessegueiro-bravo (RJ a PR); Coração-de-negro, Marmelo-do-mato, Pessegueiro-do-mato
Fam. Rosaceae
683. *Prunus sellowii* Koehne — Pessegueiro-bravo (MG, MT, RJ a RS); Coração-de-negro, Marmelo-do-mato, Pessegueiro-do-mato
Fam. Rosaceae
684. *Prunus* sp. — Pessegueiro (DF)
Fam. Rosaceae
685. *Prunus sphaerocarpa* Sw. — Marmeleiro-bravo, Pêssego-bravo (PR)
Fam. Rosaceae
686. *Pseudima* sp. — Catuaba, Pitombinha, Sapucaia (AL)
Fam. Sapindaceae
687. *Pseudobombax munguba* Mart. et Zucc. — Munguba (AM); Embirité, Monguba
Fam. Bombacaceae
688. *Pseudomyrcianthes adamantium* (Camb.) Kausel — Uvaia (PR)
Fam. Myrtaceae
689. *Psidium acutangulum* Mart. — Araçá (PR)
Fam. Myrtaceae
690. *Psidium arboretum* Vell. — Araçá-preto (PR)
Fam. Myrtaceae
691. *Psidium cattleianum* Sab. — Araçá (PR)
Fam. Myrtaceae
692. *Psidium guajava* L. var. *piriferum* L. — Goiabeira-branca (PR)
Fam. Myrtaceae
693. *Psidium guajava* L. var. *pomiferum* L. — Goiabeira-vermelha (PR)
Fam. Myrtaceae
694. *Psidium litorale* Raddi — Araçá-da-prata (PR)
Fam. Myrtaceae
695. *Psidium* sp. — Araçá-vermelho (AL); Araçá (AL, DF, PE)
Fam. Myrtaceae
696. *Psychotria* sp. — Japaranduba (AL); Guabiju (MA)
Fam. Rubiaceae

697. *Pterocarpus amazonicus* Huber – Mututi (AM)
Fam. Leguminosae Faboideae
698. *Pterocarpus rohrii* Vahl – Mututi (AM)
Fam. Leguminosae Faboideae
699. *Pterocarpus* sp. – Envira-de-preguiça (MA)
Fam. Leguminosae Faboideae
700. *Pterocarpus violaceus* Vog. – Carrapatinho, Murta, Pau-sangue (AL)
Fam. Leguminosae Faboideae
701. *Pterodon pubescens* Benth. – Faveiro (CE a MT, SP); Sucupira branca (DF); Faveira, Sucupira-lisa
Fam. Leguminosae Faboideae
702. *Pterogyne nitens* Tul. – Madeira-nova (CE); Amendoim (CE a PR, MT); Bálsamo, Vitaró (MT); Amendoim-bravo, Carne-de-vaca, Jucutinga, Óleo-branco, Pau-fava (RJ)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
703. *Prychopetalum* sp. – Pimentinha (AL); Pau-de-rego (MA)
Fam. Olacaceae
704. *Qualea acuminata* Spruce ex Warm. – Mandioqueira, Mandioqueira-lisa (AM); Mirabau-da-várzea (PA)
Fam. Vochysiaceae
705. *Qualea dichotoma* Warm. – Pau-jacaré (DF)
Fam. Vochysiaceae
706. *Qualea grandiflora* Mart. – Pau-terra (RO)
Fam. Vochysiaceae
707. *Qualea homosepala* Ducke – Mandioqueira-escamosa (AM)
Fam. Vochysiaceae
708. *Qualea paraensis* Ducke – Mandioqueira-áspera (AM); Lacreiro (PA)
Fam. Vochysiaceae
709. *Qualea parviflora* Mart. – Pau-terra-pequeno (RO)
Fam. Vochysiaceae
710. *Quassia amara* L. – Quassia (PR)
Fam. Simarubaceae
711. *Rapanea ferruginea* (Ruiz et Pav.) Mez – Capororoca (PR)
Fam. Myrsinaceae
712. *Raputia alba* (Nees et Mart.) Engl. – Arapoca (MG, RJ)
Fam. Rutaceae
713. *Raputia magnifica* Engl. – Amarelinho, Arapoca-amarela, Arapoca-vermelha, Cocão (CE); Arapoca (CE a RJ, MG, PR); Guaiataia, Guarapoca, Guarataipoca, Mucamba, Pau-amarelo (L, S)
Fam. Rutaceae
714. *Raputia* sp. – Guabiju (MA)
Fam. Rutaceae
715. *Rauwolfia paraensis* Ducke – Gogó-de-guariba (AM)
Fam. Apocynaceae
716. *Rauwolfia* sp. – Grão-de-galo (AL)
Fam. Apocynaceae
717. *Rhamnidium glabrum* Reiss. – Sobrasil (MG a SP)
Fam. Rhamnaceae
718. *Rheedia gardneriana* Tr. et Pl. – Bacupari (AL)
Fam. Guttiferae
719. *Rheedia macrophylla* (Mart.) Planch. – Bacupari (PR)
Fam. Guttiferae
720. *Rheedia* sp. – Bacupari (AL, PE)
Fam. Guttiferae
721. *Rhus succedanea* L. – Charão (SP)
Fam. Anacardiaceae

722. *Richeria grandis* Vahl – Bulandi-jaca (PE)
Fam. Euphorbiaceae
723. *Rinorea* sp. – Cabatã-branca, Cafezinho, Camarão-preto (AL)
Fam. Violaceae
724. *Rizophora mangle* L. – Mangue-vermelho (NE)
Fam. Rizophoraceae
725. *Rollinia emarginata* Schl. – Araticum (PR)
Fam. Annonaceae
726. *Rollinia exalbida* Mart. – Araticum (PR)
Fam. Annonaceae
727. *Rollinia insignis* R. E. Fries var. *pallida* R. E. Fries – Envira-bobó (AM)
Fam. Annonaceae
728. *Rollinia salicifolia* Schl. – Araticum-folha-de-salgueiro, Araticum-santa-catarina (PR)
Fam. Annonaceae
729. *Rollinia silvatica* St.-Hil. vel aff. – Araticum (MA)
Fam. Annonaceae
730. *Rollinia* sp. – Envira-cheirosa (MA)
Fam. Annonaceae
731. *Roupala brasiliensis* Klotz. – Carne-de-vaca (BA a PR); Canjica, Carvalho, Carvalho-brasileiro, Carvalho-do-campo, Carvalho-rosa, Catinga-de-barrão, Catucaém, Catucaém-vermelho, Caxicaém, Cedro-faia, Cigarreira, Guaxica, Pau-de-concha, Tucagê
Fam. Proteaceae
732. *Roupala brasiliensis* Pohl – Carvalho-brasileiro, Catucanhê (PR)
Fam. Proteaceae
733. *Roupala brasiliensis* Sleum. – Caxicaém (AL)
Fam. Proteaceae
734. *Roupala cearensis* Sleum. – Aderno, Carvalho, Carvalho-catucaém, Caxicaém, Cochicahém, Cutucaém, Guajuru, Orelha-de-burro, Patuquiry, Pau-concha, Pororoca, Rins-de-boi (AL); Carne-de-vaca (AM, PE)
Fam. Proteaceae
735. *Roupala elegans* Schott – Carne-de-vaca (PR)
Fam. Proteaceae
736. *Roupala heterophylla* Pohl – Carvalho-grande (PR)
Fam. Proteaceae
737. *Roupala meissneri* Sleum. – Carne-de-vaca (SP a RS)
Fam. Proteaceae
738. *Rourea* sp. – Cabelo-de-cutia (AL)
Fam. Connaraceae
739. *Ryania acuminata* Eichl. – Mata-cachorro (AM); Mata-calado
Fam. Flacourtiaceae
740. *Ryania speciosa* Vahl – Mata-cachorro (AM); Mata-calado
Fam. Flacourtiaceae
741. *Saccoglottis guianensis* Benth. – Axuá (AM, GO, MT); Paururu (MA); Oiti-de-morcego, Oiticica-de-morcego (PE); Cumatê, Paruru, Uaxuá
Fam. Humiriaceae
742. *Saccoglottis mattogrossensis* Malme – Axuá (AM a SP)
Fam. Humiriaceae
743. *Saccoglottis* sp. – Mel-de-furo, Oitizinho (AL); Paururu-branco (MA)
Fam. Humiriaceae
744. *Sagottia racemosa* Baill. vel aff. – Cutiúba (MA)
Fam. Euphorbiaceae
745. *Salvertia convallariaeodora* St.-Hil. – Pau-de-colher-de-vaqueiro (RO)
Fam. Vochysiaceae
746. *Sapium* sp. – Burra-leiteira (AL, MA); Leiteiro (DF)
Fam. Euphorbiaceae

747. *Schefflera paraensis* Ducke vel aff. – Flexeiro (MA)
Fam. Araliaceae
748. *Schefflera* sp. – Mandioqueiro (DF)
Fam. Araliaceae
749. *Schinopsis brasiliensis* Engl. – Braúna (BA); Baraúna (CE, PE); Coração-de-negro, Gua-
raúna, Ibiráúna, Ipê-tarumã, Maria-preta-da-mata, Maria-preta-do-campo, Parova-preta,
Pau-preto, Perovaúna, Quebracho, Ubirarana
Fam. Anacardiaceae
750. *Schinopsis lorentzii* (Griseb.) Engl. – Quebracho-vermelho (MT); Quebracho-colorado
Fam. Anacardiaceae
751. *Schinus lentiscifolius* March. – Aroeira-do-campo (PR)
Fam. Anacardiaceae
752. *Schinus terebinthifolius* Raddi – Aroeira-comum (BA); Aroeira (MG, PE, PR, RJ, SP);
Aroeira-da-praia (PE); Abacaíba, Aguaraíba, Aroeira corneíba, Aroeira-do-campo,
Aroeira-de-minas, Aroeira-mansa, Aroeira-vermelha, Arundeúva, Coração-de-bugre, Fru-
ta-de-cutia, Fruta-de-raposa, Fruta-de-sabiá, Jejuíra, Lentisco, Pimenteira-do-peru
Fam. Anacardiaceae
753. *Schinus terebinthifolius* Raddi var. *acutifolia* Engl. – Aroeira-branca (PR)
Fam. Anacardiaceae
754. *Schinus terebinthifolius* Raddi var. *glaziouviana* Engl. – Aroeira-da-serra (PR)
Fam. Anacardiaceae
755. *Schinus terebinthifolius* Raddi var. *pohliana* Engl. – Aroeira-rajada (PR)
Fam. Anacardiaceae
756. *Schinus terebinthifolius* Raddi var. *raddiana* Engl. – Aroeira-da-capoeira (PR)
Fam. Anacardiaceae
757. *Schinus terebinthifolius* Raddi var. *rhoifolia* Mart. – Aroeira-vermelha (PR)
Fam. Anacardiaceae
758. *Schizolobium amazonicum* Ducke – Flexeiro (MA)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
759. *Schizolobium parahybum* (Vell.) Blake – Bacuruva, Biroasca, Faveira (MG); Bacuruvi,
Guarapuvu (PR); Bacurubu (PR, RJ); Bandarra (RJ); Guapuruvu (RJ a RS); Ficheiro
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
760. *Sclerolobium densiflorum* Benth. – Ingá-açu, Ingá-cipó, Ingá-da-mata, Ingá-de-porco,
Ingazeira, Tambor (AL); Ingá-porco (AM); Carvão-de-ferreiro (BA); Ingá-cavalo (PB)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
761. *Sclerolobium paniculatum* Vog. – Carvoeiro (DF)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
762. *Sclerolobium paraense* Huber vel aff. – Pau-de-formiga, Pau-ponga (MA)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
763. *Scleronema micranthum* Ducke – Cedro-bravo, Cordeiro, Cutia (AM)
Fam. Bombacaceae
764. *Scleronema praecox* Ducke – Castanha-branca, Castanha-de-paca, Castanha-de-paca-
vermelha, Envira-de-veado (AM)
Fam. Bombacaceae
765. *Scutia buxifolia* Reiss. – Coronilha (PR)
Fam. Rhamnaceae
766. *Sebastiania klotzschiana* Muell. Arg. – Branquilha (PR)
Fam. Euphorbiaceae
767. *Secondatia floribunda* DC. – Catuaba (CE)
Fam. Apocynaceae
768. *Sessea brasiliensis* Tol. – Peroba d'água (MG); Canela-de-veado
Fam. Solanaceae
769. *Sickingia glaziovii* K. Sch. -- Araribá (CE a MG)
Fam. Rubiaceae
770. *Sickingia sampaiona* Standl. – Maiate, Pau-novo (SC)
Fam. Rubiaceae

771. *Sideroxylon resiniferum* Ducke – Balata-rosada (AM)
Fam. Sapotaceae
772. *Sideroxylon* sp. – Fruta-preta, Guapeba, Leiteiro, Murta-preta (AL)
Fam. Sapotaceae
773. *Simaba cedron* Planch. vel aff. – Pau-para-tudo (MA)
Fam. Simarubaceae
774. *Simaba guianensis* (Aubl.) Engl. – Cajurana (AM); Mangarana, Pitomba, Pitombeira (PA)
Fam. Simarubaceae
775. *Simaba paraensis* Ducke – Paparaúba-amarela (AM)
Fam. Simarubaceae
776. *Simaba paraensis* Ducke vel aff. – Paparaúba-amarela (MA)
Fam. Simarubaceae
777. *Simaba* sp. – Bom-nome, Carrapatinho, Cocão-branco, Moleque-duro (AL)
Fam. Simarubaceae
778. *Simaruba amara* Aubl. – Cabatã-de-leite, Carrapatinho, Louro-pisco (AL); Praíba (AL, BA, PE); Tamanqueira (AM); Marupá (AM a BA); Craíba (CE); Paraíba (CE, BA, PE); Marupaíba, Paparaúba-branca, Papariúba, Paraparaíba (MA); Caixeta
Fam. Simarubaceae
779. *Simaruba versicolor* St.-Hil. – Praíba (AL); Caraiá (DF); Paraíba (GO, MG, MT, NE); Caixeta (PR); Mata-cachorro, Pé-de-perdiz
Fam. Simarubaceae
780. *Sloanea monsperma* Vell. – Sapopema (PR)
Fam. Elaeocarpaceae
781. *Sloanea obtusifolia* (Moric.) Schum. – Mamajuda-vermelha (AL); Mamajuda (AL, AM)
Fam. Elaeocarpaceae
782. *Sloanea* sp. – Mamajuda, Mamajuda-branca, Mamajuda-preta, Mulatinho, Ramela-de-velho (AL); Burangica-branca, Carne-seca, Pau-de-cuia, Pau-de-rego, Pipiranga (MA)
Fam. Elaeocarpaceae
783. *Solanum pseudoquina* (St.-Hil.) Spreng. – Falsa-quina (PR)
Fam. Solanaceae
784. *Sorocea ilicifolia* Miq. – Soroca (PR)
Fam. Moraceae
785. *Spathelia excelsa* (Krause) R. S. Cowan et Briz. – Surucucumirá (AM)
Fam. Rutaceae
786. *Spondias lutea* L. – Taperebá (AM); Cajá-azedo, Cajazeira, Já-caiu (PE); Cajamirim (S)
Fam. Anacardiaceae
787. *Spondias mombim* L. – Taperiba (AM)
Fam. Anacardiaceae
788. *Spondias* sp. – Cajá, Cajá-da-mata (AL); Cedro-brabo (MA)
Fam. Anacardiaceae
789. *Stenocalyx brasiliensis* (DC.) Berg. – Grumixameira (PR)
Fam. Myrtaceae
790. *Sterculia alata* Ducke vel aff. – Coco-pau (MA)
Fam. Sterculiaceae
791. *Sterculia* sp. – Envira-cheirosa, Pedanta (MA)
Fam. Sterculiaceae
792. *Strychnos pseudoquina* St.-Hil. – Casca-amarga (DF); Quineira-branca (RO)
Fam. Loganiaceae
793. *Stryphnodendron barbatimao* Mart. – Barbatimão (PR, RO)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
794. *Stryphnodendron pulcherrimum* (Willd.) Hochr. – Favinha, Tambaí-pé, Tambor (AL)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
795. *Stryphnodendron* sp. – Pau-viola, Tambor (AL)
Fam. Leguminosae Mimosoideae
796. *Styrax camporum* Pohl – Estoraque-do-campo (GO, MG, MT, PR); Beijoeiro, Estora-

- que (MG)
Fam. Styracaceae
797. *Styrax ferrugineus* Nees et Mart. — Estoraque-do-campo (GO, MG, MT); Beijoeiro, Estoraque (MG)
Fam. Styracaceae
798. *Styrax* sp. — Mangue (DF); Cega-machado (PE)
Fam. Styracaceae
799. *Swartzia euxylophora* Rizz. et Matt. — Arruda-vermelha (BA); Arruda-amarela, Arruda-preta
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
800. *Swartzia fasciata* Rizz. et Matt. — Arruda-rajada (BA)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
801. *Swartzia flaemingii* Raddi var. *psilonema* (Harms) Cowan — Jacarandá (MA)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
802. *Swartzia laevicarpa* Amsh. — Saboarana (AM, RO)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
803. *Swartzia pickelii* Killip. ex Ducke — Barbatimão, Cumichá, Fruta-preta, Jacarandá (AL)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
804. *Swartzia* sp. — Enxunda, Grão-de-galo, Jacarandá, Pau-santo (AL)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
805. *Sweetia fruticosa* Spreng. — Cabo-de-formação, Guaçara, Jiçara, Queixada (BA); Sucupira-amarela (BA a SP, MG); Angelim, Caiçara, Canjica, Sucupirana (MG)
Fam. Leguminosae Faboideae
806. *Sweetia nitens* (Vog.) Benth. — Itaubarana (AM); Arapichuna, Peroba-da-bahia, Perobinha-do-campo, Piranheira (BA); Darura (RR)
Fam. Leguminosae Faboideae
807. *Swietenia macrophylla* King. — Aguano (AC, AM, GO, MG, MT, PA, RO); Mogno (AM, RO); Cedro-rana (PA); Araputanga, Cedro, Mogno-brasileiro
Fam. Meliaceae
808. *Syagrus coronata* (Mart.) Becc. — Licuri (PE a MG); Uricuri, Urucuri
Fam. Palmae
809. *Symphonia globulifera* L. f. — Bulandi, Bulandi-piruma (AL); Bulandi-de-leite (AL, PE); Pitiá-de-lagos (AM); Anani (AM, PA); Canadi, Guananim-vermelho, Vanandi, Uanandi (BA, MA); Guanandi (MA); Canani, Oauaul, Uanani (PA); Pitiá-de-lagoa, Bulandi-amarelo (PE)
Fam. Guttiferae
810. *Symplocos parviflora* Benth. — Sete-sangrias (PR)
Fam. Symplocaceae
811. *Tabebuia avellanediae* Lor. ex Griseb. — Pau-d'arco-roxo (AL); Ipê-roxo (SC)
Fam. Bignoniaceae
812. *Tabebuia caraiba* (Mart.) Bur. — Caraúba-do-campo (AM); Carobeira (BA, PA); Caraúba (CE); Caraibeira, Craibeira, Para-tudo-do-campo (PE); Caraubeira, Cinco-em-rama, Cinco-folhas-do-campo, Guaraíba
Fam. Bignoniaceae
813. *Tabebuia cassinoides* DC. — Caixeta (PE a PR); Malacaxeta, Pau-caixeta, Pau-de-tamanco, Pau-de-violão, Tabebuia, Tabebuia-do-brejo, Tamanqueira
Fam. Bignoniaceae
814. *Tabebuia chrysotricha* (Mart.) Standl. — Ipê-roxo (DF); Ipê-do-morro (SC)
Fam. Bignoniaceae
815. *Tabebuia heptaphylla* (Vell.) Toledo — Ipê-roxo (BA a RJ); Ipê-rosa
Fam. Bignoniaceae
816. *Tabebuia impetiginosa* (Mart.) Standl. — Ipê-roxo (PI a SP); Ipê-preto, Ipê-una, Pau-d'arco-roxo
Fam. Bignoniaceae

817. *Tabebuia ipe* (Mart.) Standl. — Pau-d'arco-roxo (AM, NE); Piúva-roxa (MT); Ipê-preto, Ipê-roxo (RS)
Fam. Bignoniaceae
818. *Tabebuia longiflora* (Bur.) Steud. — Ipê, Pau-d'arco (PR)
Fam. Bignoniaceae
819. *Tabebuia obtusifolia* Bur. — Tabebuia (MG a SP); Pau-de-tamanco
Fam. Bignoniaceae
820. *Tabebuia serratifolia* (Vahl) Nichols. — Quinaquina (AL); Pau-d'arco-amarelo (AM, CE, MT, SP); Ipê-amarelo (MT, SP); Ipê-ovo-de-macuco, Opa, Piúva-amarela
Fam. Bignoniaceae
821. *Tabebuia* sp. — Açoitá-cavalo, Camarão, Embiratã, Folha-larga, Gitaí-pemba, Maçaran-duba-branca, Pau-d'arco-amarelo, Pau-d'arco-branco, Pau-d'arco-roxo, Peroba, Peroba-amarela, Peroba-branca, Peroba-canela (AL); Pau-d'arco (AL, AM, MA); Ipê-amarelo (DF); Pau-d'arco-taipoca, Pau-para-tudo (MA)
Fam. Bignoniaceae
822. *Tabebuia vellosi* Toledo — Pau-d'arco-amarelo (BA, MG a RJ); Ipê (BA a RJ); Ipê-ovo-de-macuco, Opa, Piúva-amarela
Fam. Bignoniaceae
823. *Tabernaemontana* sp. — Mangue (MA)
Fam. Apocynaceae
824. *Tachigalia myrmecophila* Ducke — Tachi-preto-da-mata (AM)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
825. *Tachigalia paniculata* Aubl. — Tachi-preto (AM); Louro-tachi (MA); Tachi, Tachi-bran-co (PA)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
826. *Tachigalia* sp. — Pau-ponga (MA)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
827. *Talauma dubia* Eichl. — Bagaçu, Pinheiro-do-brejo (PR)
Fam. Magnoliaceae
828. *Talauma ovata* A. St.-Hil. — Araticum, Fruta-de-urubu (DF)
Fam. Magnoliaceae
829. *Tapirira guianensis* Aubl. — Cabatã-de-leite, Cabatã-de-rego, Cupiúba, Cupiúba-branca, Cupiúba-vermelha, Embiratã, Embiriba, Guajuru, Jaguarana, Louro-cheiroso, Mangaba, Munguba, Murici, Pau-pombo, Pereiro, Sapucarana (AL); Tatapiririca (AM)
Fam. Anacardiaceae
830. *Tapirira* sp. — Pau-pombo (AL, DF); Amescla, Mangue (MA)
Fam. Anacardiaceae
831. *Tecoma araliacea* DC. — Piúna (PR)
Fam. Bignoniaceae
832. *Tecoma curialis* Fr. All. — Ipê-una (PR)
Fam. Bignoniaceae
833. *Tecoma insignis* Sald. Gam. — Ipê-açu (PR)
Fam. Bignoniaceae
834. *Terminalia acuminata* Fr. All. — Guarajuba (PR)
Fam. Combretaceae
835. *Terminalia jagifolia* Mart. et Zucc. — Capitão-da-mata (DF)
Fam. Combretaceae
836. *Terminalia* sp. — Mirindiba, Mirinduba, Miringuiba, Miringuiba-mirinduba (AL); Embiridiba (AM); Garrote (DF); Embiridiba-ajá (PE); Merindiba
Fam. Combretaceae
837. *Tetragastris* sp. — Amescla-de-cheiro (AL); Louro (MA)
Fam. Burseraceae
838. *Theobroma grandiflorum* (Willd. ex Spreng.) Schum. — Cupu, Cupu-açu (MA)
Fam. Sterculiaceae
839. *Theobroma* sp. — Cacau-da-mata (MA)
Fam. Sterculiaceae

840. *Theobroma speciosum* Spreng. – Cacaú-da-mata (MA)
Fam. Sterculiaceae
841. *Theobroma sylvestre* Mart. – Cabeça-de-urubu, Cacaú-bravo, Cacaú-da-mata, Cacaú-rana, Cacaú (AM); Cacaú-azul, Cacaú (AM, PA); Oriximiná (PA)
Fam. Sterculiaceae
842. *Thyrsodium schomburgkianum* Benth. – Amesclão, Batinga-branca, Cabatã-da-mata, Cabatã-de-leite, Cabatã-de-rego, Cabatã-preta, Caboatã-de-leite, Catuaba, Leiteiro, Louro-pisco, Munguba, Murta-branca, Murta-preta, Pau-pombo (AL)
Fam. Anacardiaceae
843. *Thyrsodium* sp. – Caboatã-de-leite (PE)
Fam. Anacardiaceae
844. *Tibouchina* sp. – Quaresmeira (DF)
Fam. Melastomataceae
845. *Tipuana speciosa* Benth. – Tipuana (PR)
Fam. Leguminosae Faboideae
846. *Tocoyena formosa* (Cham. et Schl.) K. Sch. – Genipapo (DF)
Fam. Rubiaceae
847. *Tocoyena* sp. – Genipapinho (AL)
Fam. Rubiaceae
848. *Torresea acreana* Ducke – Amburana-de-cheiro, Imburana-de-cheiro (AC, AM); Cumaru-de-cheiro (RO)
Fam. Leguminosae Faboideae
849. *Torresea cearensis* Fr. All. – Cerejeira (CE, ES, GO, MG, MT, PI); Amburana, Amburana-de-cheiro, Cerejeira-rajada, Cumaru-das-caatingas, Cumaru-de-cheiro, Imburana, Umburana
Fam. Leguminosae Faboideae
850. *Tovomita* sp. – Mangue, Mangue-branco, Mangue-preto, Mangue-vermelho (AL)
Fam. Guttiferae
851. *Tovomitopsis* sp. – Mangue (AL)
Fam. Guttiferae
852. *Trichilia cangerana* Vell. – Canjerana (PR)
Fam. Meliaceae
853. *Trichilia catigua* A. Juss. – Catiguá, Catiguá-guaçu (PR)
Fam. Meliaceae
854. *Trichilia elegans* A. Juss. – Catiguá (PR)
Fam. Meliaceae
855. *Trichilia hieronymi* Griseb. – Catiguá, Catiguá-branco, Catiguá-colorado, Guatambu (PR)
Fam. Meliaceae
856. *Trichilia lecointei* Ducke – Cedro-brabo (MA)
Fam. Meliaceae
857. *Trichilia mollis* C. DC. – Cedro-grande (PR)
Fam. Meliaceae
858. *Trichilia* sp. – Cafezinho-branco, Louro-camaçari (AL); Catuaba (BA); Amesclão, Amesclinha, Andiroba, Cedro-brabo (MA)
Fam. Meliaceae
859. *Triplaris* sp. – Pau-de-arapuça (MA)
Fam. Polygonaceae
860. *Trithrinax brasiliensis* Mart. – Carandá (PR)
Fam. Palmae
861. *Unonopsis guatteroides* (A. DC.) R. E. Fries – Envira, Envira-surucucu (AM)
Fam. Annonaceae
862. *Vanillosmopsis erythropappa* (DC.) Schultz. – Candeia (BA a SP); Cambará
Fam. Compositae
863. *Vantanea micrantha* Ducke – Quebra-machado (AM)
Fam. Humiriaceae

864. *Vatairea guianensis* Aubl. – Fava (AM); Fava-de-bolacha, Faveira, Faveira-de-impingem (PA)
Fam. Leguminosae Faboideae
865. *Vatairea paraensis* Ducke – Faveira-bolacha (AM); Faveira (PA)
Fam. Leguminosae Faboideae
866. *Vataireopsis araroba* (Aguiar) Ducke – Angelim-araroba (BA, ES, MG, RJ); Angelim-amarelo, Angelim-amargoso, Angelim-pedra, Araroba (MG); Moina
Fam. Leguminosae Faboideae
867. *Vataireopsis iglesiassii* Ducke – Faveira, Faveira-amarela (AM)
Fam. Leguminosae Faboideae
868. *Vernonia diffusa* Less. – Casca-preta (PR)
Fam. Compositae
869. *Vernonia polyanthes* (Spreng.) Less. – Cambará-assa-peixe (PR)
Fam. Compositae
870. *Vernonia puberula* Less. – Cambará-branco (PR)
Fam. Compositae
871. *Vernonia scorpioides* (Lam.) Pers. – Pau-cinza (PR)
Fam. Compositae
872. *Villaresia mucronata* Ruiz et Pav. – Congonha (PR)
Fam. Icacinaceae
873. *Villaresia* sp. – Cega-machado, Cocão-amarelo, Ingá, Ingá-de-suia, Manuel-gonçalves, Pau-piranha, Pinho-brabo, Pinho-falha, Sapucarana (AL)
Fam. Icacinaceae
874. *Virola bicuhyba* (Schott) Warb. – Bicuíba (BA a RS)
Fam. Myristicaceae
875. *Virola gardneri* (DC.) Warb. – Mamajuda, Prijuf (AL); Urucuba (AL, PE); Bicuíba-vermelha (BA); Bicuíba (PE a RJ)
Fam. Myristicaceae
876. *Virola officinalis* (Mart.) Warb. – Bicuíba-branca (BA a MG); Bicuíba
Fam. Myristicaceae
877. *Virola oleifera* (Schott) A. C. Smith. – Bicuíba (BA a RS); Bicuíba-branca
Fam. Myristicaceae
878. *Virola sebifera* Aubl. – Ucuuba-vermelha (AM, GO, MT); Catiná (DF)
Fam. Myristicaceae
879. *Virola* sp. – Ucuuba (AM)
Fam. Myristicaceae
880. *Virola surinamensis* (Rol.) Warb. – Ucuuba (AM, AP, PA); Ucuuba-branca (AM, MA, PA, PE); Andiroba (CE); Bicuíba (PA)
Fam. Myristicaceae
881. *Virola venosa* Benth. – Ucuuba, Ucuuba-branca (AM); Ucuuba-da-mata (PA)
Fam. Myristicaceae
882. *Vismia cayenensis* (Jacq.) Pers. – Cupiúba-branca (AL); Lacre (AL, AM); Caaópia, Pau-de-lacre
Fam. Guttiferae
883. *Vismia* sp. – Lacre (AL)
Fam. Guttiferae
884. *Vitex megapota mica* (Spreng.) Mold. – Tarumã, Tarumã-preto (PR)
Fam. Verbenaceae
885. *Vitex polygama* Cham. – Baraúna (PR)
Fam. Verbenaceae
886. *Vochysia guianensis* Aubl. – Quaruba-branca (AM); Quaruba (AP, PA)
Fam. Vochysiaceae
887. *Vochysia maxima* Ducke – Quaruba (AM); Cedrorana, Quaruba-verdadeira (PA)
Fam. Vochysiaceae
888. *Vochysia oblongifolia* Warm. – Bulandi (AL, PE)
Fam. Vochysiaceae

889. *Vochysia* sp. – Bulandi (AL); Agrião-cedro (BA); Marinheiro (DF)
Fam. Vochysiaceae
890. *Vochysia thyrsoidea* Pohl – Pau-de-goma (GO, MG); Gomeira
Fam. Vochysiaceae
891. *Vochysia vismiaefolia* Spruce ex Warm. – Dima-verdadeira, Dima-vermelha, Quaruba-vermelha (AM); Quaruba, Quaruba-branca (PA)
Fam. Vochysiaceae
892. *Vouacapoua americana* Aubl. – Acapu (AM a MA); Ritangueira (PA); Angelim-da-folha-larga
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
893. *Vouacapoua pallidior* Ducke – Acapu (AM)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
894. *Weinmannia hirta* Sw. – Guarapari (PR)
Fam. Cunoniaceae
895. *Xanthoxylum rhoifolium* Lam. – Juvevê (PR)
Fam. Rutaceae
896. *Ximenia americana* L. – Ameixa-da-bahia (BA); Ameixa (CE, PB, PE, RN); Ameixa-de-espinho (PE, RN); Ameixa-do-brasil (SP)
Fam. Olacaceae
897. *Xylopia aromatica* Baill. – Envireira (AM); Pimenta-dos-negros (AP); Pimenta-de-macaco (BA); Pindaíba (MT)
Fam. Annonaceae
898. *Xylopia brasiliensis* Spreng. – Imbira (PR); Pindaíba (PR, SC)
Fam. Annonaceae
899. *Xylopia sericea* St.-Hil. – Pindaíba (PR)
Fam. Annonaceae
900. *Xylopia* sp. – Embira-preta, Embira-vermelha, Embiriba-preta, Mium, Paxinho (AL); Pindaíba-folha-miúda, Pindaíba-vermelha, Xilopia (DF)
Fam. Annonaceae
901. *Zeyheria tuberculosa* (Vell.) Bur. – Bolsa-de-pastor (BA); Bucho-de-boi (BA, MG); Bordão-de-velho, Pau-d'arco (PE); Bucho, Chá-de-frade, Ipê-cabeludo, Ipê-preto, Mandioquinha, Marfim, Velame-do-mato, Velaminho-do-mato, Verga-de-anta
Fam. Bignoniaceae
902. *Zollernia falcata* Nees – Mucitaíba (MG, RJ)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
903. *Zollernia ilicifolia* Vog. – Mucitaíba (BA a RS); Carapicica (RS); Orelha-de-onça
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
904. *Zollernia paraensis* Hub. – Angélica, Casca-dura, Ingá-de-suia (AL); Pau-santo (AL, CE, MA, PA, PB, PE); Coração-de-negro (CE); Muirapinima-preta
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
905. *Zollernia* sp. – Pau-santo (AL)
Fam. Leguminosae Caesalpinoideae
906. *Zschokkea* sp. – Batinga-preta (AL)
Fam. Apocynaceae

ÍNDICE ALFABÉTICO DOS NOMES VULGARES

Abacaíba – 752
 Abacate-brabo – 424, 639
 Abacate-do-mato – 620
 Abati – 411
 Abati-copal-do-brasil – 411
 Abati-timbaí – 411
 Abiu-casca-fina – 674

Abiurana — 519, 670, 674
 Abiurana-guta — 467
 Abiurana-vermelha — 674
 Aboridan — 156
 Abrió-de-macaco — 257
 Aca — 140
 Acacia — 2
 Acacia-dourada — 174
 Acacia-negra — 2
 Açacu — 213, 410
 Açafroa — 380
 Acaju — 26
 Acaju-catinga — 188
 Acamoçu — 171
 Acapu — 152, 892, 893
 Acapurana — 152
 Acapurana-vermelha — 152
 Acari — 526
 Acari-rana — 362
 Acariquara — 526
 Acariquara-branca — 362
 Acariúba — 526
 Acariúba-rana — 362
 Acende-candeia — 651, 652
 Açoita-cavalo — 172, 305, 451, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 821
 Acopari — 664
 Acuparana — 152
 Acuparana-da-várzea — 152
 Acuparana-do-igapó — 152
 Aderno — 82, 84, 734
 Aderno-preto — 87
 Agrião-cedro — 889
 Água-fria — 639
 Aguano — 807
 Aguarafba — 752
 Aguay — 211
 Airi — 79
 Aju — 25
 Ajuí — 245
 Alecrim — 403
 Alecrim-bravo — 419
 Alecrim-de-campinas — 402
 Algodão — 107
 Algodão-brabo — 224
 Algodão-da-praia — 393
 Algodão-de-seda — 143
 Algodão-de-velho — 215
 Algodão-verdão — 374
 Algodãozinho — 224
 Algodoeiro — 224
 Alho — 635
 Alho-brabo — 431, 604
 Almécega — 675, 677
 Almécega-brava — 677
 Almécega-cheirosa — 677
 Almecegueira — 677

Almescla - 677
 Amapá - 122, 597
 Amapá-amargoso - 597
 Amapá-doce - 120, 122, 123
 Amapá-rana - 96, 122
 Amarante - 612
 Amarelão - 14, 71
 Amarelinho - 55, 175, 652, 713
 Amarelo - 352, 651, 652, 653
 Amarelo-cetim - 352
 Amarelo-flor-de-algodão - 653
 Amarelo-gengibre - 651
 Amarelo-vinhático - 651
 Ambafba - 183
 Ambafba-tinga - 183
 Amburana - 849
 Amburana-de-cheiro - 848, 849
 Ameiju - 305, 649
 Ameiju-branco - 78, 305
 Ameiju-preto - 305
 Ameixa - 896
 Ameixa-da-bahia - 896
 Ameixa-de-espinho - 896
 Ameixa-do-brasil - 896
 Amêndoa-de-espinho - 170
 Amêndoa-do-peru - 170
 Amendoim - 702
 Amendoim-bravo - 702
 Amescla - 244, 247, 580, 675, 677, 830
 Amescla-branca - 680
 Amescla-de-cheiro - 128, 267, 670, 676, 677, 680, 837
 Amescla-seca - 401, 677, 680
 Amesclão - 10, 271, 677, 680, 842, 858
 Amesclinha - 88, 267, 311, 680, 858
 Amoeira - 207
 Amoeira-brava - 207
 Amoeira-de-espinho - 207
 Amora - 124, 267, 388, 389, 680
 Amora-da-mata - 389
 Amora-do-mato - 14
 Amoreira - 207
 Anani - 809
 Anani-da-terra-firme - 531
 Andaçu - 444
 Andiroba - 156, 157, 858, 880
 Andiroba-do-igapó - 156
 Andiroba-saruda - 156
 Andiroba-vermelha - 156
 Andirobeira - 156
 Andirova - 156
 Angélica - 283, 382, 396, 661, 904
 Angélica-braba - 382
 Angélica-da-mata - 661
 Angélica-do-pará - 283
 Angelim - 28, 29, 31, 33, 291, 416, 418, 480, 805
 Angelim-amarelo - 866

Angelim-amargoso – 33, 111, 418, 670, 866
 Angelim-araroba – 29, 866
 Angelim-branco – 33, 649
 Angelim-coco – 30
 Angelim-da-folha-larga – 892
 Angelim-da-mata – 416
 Angelim-de-morcego – 31
 Angelim-do-mato – 29
 Angelim-doce – 29, 33, 418
 Angelim-falso – 291
 Angelim-pedra – 291, 416, 417, 866
 Angelim-preto – 33
 Angelim-rajado – 645
 Angelim-rosa – 655
 Angelim-roxo – 30
 Angico – 631, 633, 634
 Angico-amarelo – 633
 Angico-branco – 627, 633
 Angico-bravo – 631
 Angico-cedro – 633
 Angico-de-curtume – 633
 Angico-do-banhado – 633
 Angico-do-campo – 629, 631
 Angico-do-cerrado – 629
 Angico-dos-montes – 633
 Angico-fava – 631
 Angico-preto – 631
 Angico-rajado – 631
 Angico-rosa – 633
 Angico-sujo – 633
 Angico-vermelho – 631, 633, 642
 Angiroba – 156
 Antã-forte – 339
 Aparaiú – 495
 Apiá – 171
 Apu-de-mamona-do-mato – 29
 Apu-ferro-do-cerrado – 483
 Araçá – 345, 689, 691, 695
 Araçá-birro – 345
 Araçá-branco – 21, 343, 345
 Araçá-da-prata – 694
 Araçá-mulato – 343
 Araçá-preto – 690
 Araçá-vermelho – 345, 695
 Arapaju – 497
 Arapari – 489
 Arapari-da-várzea – 489
 Arapari-verdadeiro – 489
 Arapati – 59
 Arapichuna – 806
 Arapiraca – 631, 641, 643
 Arapoca – 712, 713
 Arapoca-amarela – 713
 Arapoca-vermelha – 713
 Araputanga – 807
 Arara-tucupi – 602

Araracanga — 63, 65
 Araraíba — 63, 65
 Ararapari — 489
 Araraúba — 63, 65
 Arariba — 203
 Araribá — 203, 204, 769
 Araribá-rosa — 204, 486
 Araribá-vermelho — 204
 Araroba — 67, 866
 Araruva — 204
 Araticum — 42, 47, 725, 726, 729, 828
 Araticum-alvadio — 41
 Araticum-apé — 45, 47
 Araticum-bravo — 45
 Araticum-cagão — 42, 46
 Araticum-cortiça — 44
 Araticum-da-lagoa — 43
 Araticum-da-mata — 41, 46
 Araticum-de-boi — 43
 Araticum-do-brejo — 44, 47
 Araticum-dos-lisos — 45
 Araticum-folha-de-salgueiro — 728
 Araticum-grande — 40
 Araticum-liso — 45, 828
 Araticum-ponhé — 42
 Araticum-santa-catarina — 41, 728
 Arco-de-pipa — 327
 Areeiro — 410
 Aricirana — 55
 Aricurana — 394
 Arindeúva — 89
 Aritu — 7
 Aroeira — 85, 89, 752
 Aroeira-braba — 460
 Aroeira-branca — 753
 Aroeira-brava — 461
 Aroeira-comum — 752
 Aroeira-corneiba — 752
 Aroeira-da-capoeira — 461, 756
 Aroeira-da-praia — 752
 Aroeira-da-serra — 89, 754
 Aroeira-de-bugre — 460
 Aroeira-de-minas — 752
 Aroeira-do-campo — 62, 89, 751, 752
 Aroeira-do-sertão — 89
 Aroeira-mansa — 752
 Aroeira-preta — 89
 Aroeira-rajada — 755
 Aroeira-vermelha — 83, 752, 757
 Aroeirinha — 460
 Arruda — 355
 Arruda-amarela — 799
 Arruda-preta — 799
 Arruda-rajada — 800
 Arruda-vermelha — 799
 Arundeúva — 752

Árvore-carrapeta — 380
 Árvore-copal — 411
 Árvore-da-chuva — 646
 Árvore-da-preguiça — 183
 Árvore-de-caçamba — 450
 Árvore-de-cambuca — 450
 Árvore-de-macaco — 641
 Árvore-de-vida — 238
 Árvore-de-incenso — 677
 Árvore-providência — 238
 Asascu — 410
 Assa-peixe — 172
 Assaçu — 410
 Assacurana — 325
 Ata — 40
 Aticum — 305
 Aticum-apé — 45, 305
 Aticum-branco — 47
 Aticum-de-paca — 47
 Aticum-pinha — 47
 Aticum-talha — 47, 305
 Avani-da-terra-firme — 533
 Avaremotemo — 640
 Avelós — 348
 Axuá — 741, 742
 Azeitona-do-mato — 400
 Baba-de-boi — 124, 177
 Bácimo — 544
 Bacori — 654
 Bacumixá — 670
 Bacupari — 155, 220, 399, 718, 719, 720
 Bacuri — 531, 533, 654
 Bacuri-açu — 654
 Bacuri-bravo — 531
 Bacuri-de-paca — 533
 Bacuri-de-anta — 531
 Bacuriúba — 654
 Bacurubu — 759
 Bacuruva — 759
 Bacuruvi — 759
 Baga-de-macaco — 666
 Bagaceira — 96
 Baguaçu — 827
 Balata-rosada — 307, 771
 Balata-verdadeira — 494
 Balsa — 563
 Bálsamo — 540, 541, 542, 544, 545, 702
 Bálsamo-caboriba — 540, 541, 544
 Bálsamo-da-américa — 545
 Bálsamo-de-cartágena — 545
 Bálsamo-de-tapume — 114
 Bálsamo-de-tolu — 545
 Bálsamo-jacareúba — 140
 Banana-de-macaco — 665
 Banana-de-papagaio — 396, 397, 661
 Bandarra — 759

Banha-de-galinha – 305, 436
 Barabu – 610, 614
 Baracatiara – 86
 Baracutiara – 204
 Barajuba – 55, 56
 Baraúna – 509, 749, 885
 Barbatenon – 33, 640, 649
 Barbatimão – 33, 128, 640, 793, 803
 Barbatimão-de-folha-miúda – 290
 Barbatimão-folha-miúda – 290
 Barriguda – 198
 Barrote – 647
 Baru – 298
 Bastião-de-arruda – 273
 Batinga – 35, 345, 499, 670, 680
 Batinga-branca – 33, 35, 124, 211, 300, 345, 508, 664, 842
 Batinga-preta – 345, 906
 Batinga-roxa – 345
 Batiputá – 593
 Beijoeiro – 796, 797
 Beiju-de-coco – 280
 Benguê – 602
 Benjoim-do-norte – 545
 Bico-de-papagaio – 323
 Bico-de-pato – 476
 Bicuiba – 539, 874, 875, 876, 877, 880
 Bicuiba-branca – 876, 877
 Bicuiba-vermelha – 875
 Bilreiro – 380
 Biroasca – 759
 Birreira – 380
 Boizinho – 316
 Bolsa-de-pastor – 901
 Bom-nome – 295, 507, 508, 777
 Bom-nome-branco – 37, 171, 508
 Bom-nome-preto – 247, 664
 Bom-nome-vermelho – 508
 Bordão-de-velho – 640, 646, 901
 Bordãozinho – 124, 216
 Bracaatinga – 520
 Branquilha – 766
 Braúna – 509, 749
 Braúna-preta – 509
 Brasa-apagada – 504
 Breu – 677, 678, 679
 Breu-almécega – 677
 Breu-branco – 677
 Breu-branco-do-campo – 677
 Breu-vermelho – 678
 Bruto – 322
 Bucho – 901
 Bucho-de-boi – 901
 Bucho-de-veado – 518, 670
 Bulandi – 603, 809, 888, 889
 Bulandi-amarelo – 809
 Bulandi-de-leite – 809

Bulandi-jaca – 722
 Bulandi-piruma – 809
 Burajuba – 55
 Burandã – 415
 Burangica – 337, 428
 Burangica-branca – 382
 Buranhém – 671, 673
 Burici – 128
 Buriti – 505
 Burra-leiteira – 746
 Butiá – 127, 225
 Caaópia – 882
 Cabaçu – 222, 223
 Cabatã – 267
 Cabatã-branca – 723
 Cabatã-cega-machado – 247
 Cabatã-da-mata – 842
 Cabatã-de-leite – 173, 334, 677, 680, 778, 829, 842
 Cabatã-de-rego – 223, 267, 829, 842
 Cabatã-de-sua – 267
 Cabatã-lisa – 267
 Cabatã-preta – 267, 842
 Cabeça-de-urubu – 841
 Cabelo-de-cutia – 447, 738
 Cabelo-de-negro – 229
 Cabiúna – 275
 Cabiúna-do-cerrado – 278
 Caboatã-de-leite – 842, 843
 Caboatã-de-rego – 267
 Caboatã-preta – 267
 Cabo-de-facão – 663
 Cabo-de-formão – 805
 Cabo-de-machado – 66, 670
 Caboreíba – 540, 541
 Caboreíba-vermelha – 544
 Caboriba – 540, 541, 544
 Cabraíba – 545
 Cabreúna – 540, 541
 Cabreúva – 541, 544, 545
 Cabreúva-de-canudo – 656
 Cabreúva-vermelha – 544
 Cabriúna – 540, 541
 Cabriúva – 540, 541
 Cabriúva-amarela – 541
 Cabriúva-parda – 540, 541
 Cabureíba – 540, 541
 Caçador – 157, 255
 Caçamba-do-mato – 450
 Cacau-azul – 841
 Cacau-bravo – 841
 Cacau-da-mata – 839, 840, 841
 Cacau-rana – 841
 Cacaú – 841
 Cacaú – 841
 Cachimbeira – 255, 475
 Cachorro-magro – 634

Caçoca - 227
 Café-do-diabo - 171
 Café-do-mato - 171
 Cafeeira-do-mato - 313
 Cafezeiro-do-mato - 171
 Cafezinho - 172, 608, 664, 723
 Cafezinho-branco - 858
 Caiçara - 805
 Caimbé - 269
 Caingá - 648
 Caiteté - 9
 Caiubim - 171
 Caixeta - 778, 779, 813
 Cajá - 788
 Cajá-açu - 25
 Cajá-azedo - 786
 Cajá-catinga - 134, 389
 Cajá-da-mata - 788
 Cajamirim - 786
 Cajarana - 378
 Cajazeira - 786
 Caju-brabo - 25
 Caju-da-mata - 25
 Cajuaçu - 25, 27
 Cajueiro - 26
 Cajueiro-brabo - 269
 Cajuí - 25
 Cajurana - 774
 Calcanhar-de-cutia - 380
 Camaçari - 155, 219
 Camaçari-da-bahia - 155
 Camaçari-do-caruncho - 155
 Camaçari-vermelho - 155
 Camará-de-bilro - 655
 Camará-de-folha-miúda - 371
 Camará-do-campo - 370
 Camarão - 821
 Camarão-preto - 723
 Cambará - 529, 862
 Cambará-assa-peixe - 869
 Cambará-branco - 870
 Camboatá - 380, 478
 Camboatã - 268
 Camboim - 345
 Cambotá - 504
 Cambuca-de-macaco - 450
 Cambuí - 342
 Cambuí-ferro - 631
 Camucá - 345
 Canadi - 809
 Canafístula - 174, 175, 177, 178, 616
 Canafístula-da-mata - 111
 Canafístula-preta - 174
 Canani - 809
 Candeia - 177, 483, 862
 Candeia-do-sertão - 483

Candieiro – 372
 Canela – 560, 568, 570, 572, 573
 Canela-amarela – 553, 554, 556, 558, 564, 567, 581
 Canela-amarela-de-cheiro – 564
 Canela-amargosa – 556
 Canela-baraúna – 581
 Canela-batalha – 559
 Canela-bicho – 567
 Canela-bicolor – 566
 Canela-branca – 313, 558
 Canela-broto – 567
 Canela-capitão-mor – 553
 Canela-caroba – 313
 Canela-cernuta -- 313
 Canela-cheirosa – 313
 Canela-coqueira – 567
 Canela-de-cacho – 557
 Canela-de-cantagalo – 313
 Canela-de-folha-miúda – 313
 Canela-de-papagaio – 313
 Canela-de-veado – 8, 66, 153, 670, 768
 Canela-do-brejo – 556, 578
 Canela-fedorenta – 553, 556
 Canela-ferrugem – 551, 557
 Canela-fétida – 553
 Canela-funcho – 577
 Canela-goiaba – 556, 575
 Canela-guajaba – 313
 Canela-imbuia – 551, 576
 Canela-jacu – 557
 Canela-jacuí – 583
 Canela-lajeana – 578
 Canela-limão – 583
 Canela-loura – 551
 Canela-marmelada – 515
 Canela-mescla – 581
 Canela-parda – 549, 556, 557, 575
 Canela-peluda – 313
 Canela-pimenta – 583
 Canela-pinho – 567
 Canela-poca – 564
 Canela-preta – 313, 551, 552, 557, 560, 567, 573, 575, 578, 581
 Canela-puante – 557
 Canela-rosa – 620
 Canela-sassafrás – 511, 573, 577
 Canela-sassafrás-da-serra – 573
 Canela-tapinhoã – 515
 Canelão – 582
 Caneleira – 578
 Caneleiro – 78, 153, 331, 581
 Canelinha – 66, 578, 583
 Canelinha-de-folha-miúda – 584
 Gangaieiro – 154
 Canjarana – 131
 Canjerana – 130, 132, 133, 134, 852
 Canjerana-miúda – 380

Canjerana-vermelha - 132
 Canjica - 731, 805
 Canjiquinha - 174
 Cansação - 443
 Canudeiro - 475
 Canudo-de-cachimbo - 475
 Canzenza - 644, 649
 Caoueti - 469, 474
 Capitão-da-mata - 835
 Capoeira - 152
 Capoeira-branca - 13
 Capororoca - 546, 547, 711
 Capororocão - 548
 Caraíba - 779
 Caraibeira - 812
 Caranaíba - 238
 Caranaúba - 439
 Carandá - 237, 860
 Carandaí - 238
 Carandataí - 238
 Carapá - 156
 Carapanaúba - 69
 Carapicica - 903
 Carapinha - 156
 Carauaçu - 312
 Caráuba - 812
 Caráuba-do-campo - 812
 Carabeira - 812
 Carnaíba - 238
 Carnaúba - 238, 239
 Carnaubeira - 238
 Carne-d'anta - 124
 Carne-de-cobra - 11
 Carne-de-vaca - 217, 350, 472, 702, 731, 734, 735, 737
 Carne-seca - 782
 Caroba - 437, 438, 439, 440, 441
 Caroba-do-mato - 439
 Caroba-manacá - 439
 Carobeira - 812
 Carolina - 107
 Caropá - 156
 Carrancuda - 663
 Carrapatinho - 171, 345, 508, 580, 618, 644, 670, 680, 700, 777, 778
 Carrapeta - 247, 334, 345, 380, 455, 459, 670
 Carrapeta-amarela - 401
 Carrapeta-de-sangue - 455
 Carrapeta-tataburá - 247
 Carrapeta-verdadeira - 380
 Carrasco - 649
 Carvalho - 731, 734
 Carvalho-brasileiro - 731, 732
 Carvalho-catucaém - 734
 Carvalho-da-serra - 349
 Carvalho-do-campo - 731
 Carvalho-grande - 736
 Carvalho-paulista - 350

Carvalho-rosa - 731
 Carvão-de-ferreiro - 760
 Carvoeiro - 761
 Casca-amarga - 792
 Casca-d'anta - 140, 302
 Casca-doce - 672
 Casca-dura - 247, 267, 389, 401, 409, 508, 904
 Casca-preciosa - 38
 Casca-preta - 868
 Cascudinho - 112, 245
 Cascudo - 267
 Castanha - 103
 Castanha-branca - 764
 Castanha-curupira - 270
 Castanha-de-galinha - 246
 Castanha-de-macaco - 161, 257
 Castanha-de-paca - 764
 Castanha-de-paca-vermelha - 764
 Castanha-do-brasil - 103
 Castanha-do-pará - 103
 Castanha-pêndula - 246
 Castanha-sapucaia - 450, 452, 453
 Castanha-verdadeira - 103
 Castanheira - 103
 Castanheiro - 103, 137
 Castelo - 508
 Cataguá - 655
 Cataquí-iamani - 411
 Catiguá - 853, 854, 855
 Catiguá-branco - 855
 Catiguá-colorado - 855
 Catiguá-guaçu - 853
 Catiná - 878
 Catinga-de-barrão - 731
 Catinga-de-boi - 253, 649
 Catinga-de-paca - 596
 Catingueiro - 78
 Catiúba - 295
 Catruz - 216
 Catuaba - 34, 35, 36, 37, 409, 669, 686, 767, 842, 858
 Catuaba-branca - 37, 107
 Catucaém - 731
 Catucaém-vermelho - 731
 Catucanhé - 732
 Cauaçu - 223
 Caucho - 179
 Cauna - 421, 422, 423, 425, 427
 Cauré - 601
 Caviúna - 275, 276, 483
 Caviúna-rajada - 483
 Caviúna-vermelha - 483
 Caxicaém - 731, 733, 734
 Cedraão - 380
 Cedrinho - 191
 Cedro - 186, 188, 191, 192, 194, 195, 196, 379, 431
 Cedro-amarelo - 188, 431

Cedro-baio - 190
 Cedro-batata - 188
 Cedro-brabo - 157, 667, 788, 856, 858
 Cedro-branco - 185, 187, 188, 189, 190, 196, 380
 Cedro-bravo - 763
 Cedro-cheiroso - 189, 192
 Cedro-colorado - 196
 Cedro-da-bahia - 188
 Cedro-da-várzea - 188
 Cedro-de-carangola - 188
 Cedro-do-brejo - 193
 Cedro-do-pântano - 140
 Cedro-do-rio - 188
 Cedro-faia - 731
 Cedro-fêmea - 189, 192
 Cedro-fofo - 196
 Cedro-grande - 377, 857
 Cedro-macho - 133
 Cedro-peludo - 190
 Cedro-rana - 380, 807
 Cedro-rosa - 185, 188, 189, 192, 194
 Cedro-rosado - 186, 196
 Cedro-vermelho - 185, 188, 189, 192
 Cedroí - 380, 807
 Cedrorama - 197
 Cedrorana - 380, 887
 Cega-machado - 401, 431, 455, 798, 873
 Cerejeira - 623, 849
 Cerejeira-rajada - 849
 Cerveja-de-pobre - 14
 Cetim - 352
 Chá-de-bugre - 171
 Chá-de-frade - 901
 Chamarrão - 446
 Chapéu-de-sol - 450
 Charão - 721
 Chibata - 83
 Chilca - 347
 Chocopires - 111
 Chorão - 174, 663
 Chuva-de-ouro - 174
 Ciantaáhiuá - 677
 Cicantaá-ilhuá - 677
 Cigarreira - 731
 Cinamomo - 510
 Cinco-em-rama - 812
 Cinco-folhas-do-campo - 812
 Cipó-violeta - 274
 Coatá-quicaua - 613
 Coatiquicaua - 613
 Cobi - 626
 Cocão - 24, 129, 328, 664, 713
 Cocão-amarelo - 664, 873
 Cocão-branco - 664, 777
 Cochicahém - 734
 Coco - 61

Coco-pau – 247, 790
 Coentrilho – 353
 Comaçari – 156
 Comandá – 152
 Comandá-açu – 152
 Combuca-de-macaco – 450
 Comer-de-arara – 411
 Conduru – 121, 124, 389
 Conduru-de-sangue – 121
 Congonha – 872
 Copaíba – 230, 231, 232, 233, 234, 236, 301
 Copaíba-angelim – 232
 Copaíba-jacaré – 320
 Copaíba-marimari – 232
 Copal – 411
 Copal-americano – 411
 Coqueiro – 226
 Coqueiro-comum – 61
 Coquirana – 306
 Coração – 173
 Coração-de-bugre – 752
 Coração-de-negro – 16, 173, 176, 177, 253, 267, 681, 682, 683, 749, 904
 Coraci – 613
 Cordão-de-frade – 78
 Cordeiro – 206, 763
 Cori – 60
 Corofba – 545
 Coronel – 406
 Coronilha – 765
 Corticeira – 316, 323
 Craíba – 778
 Craibeira – 812
 Crauassú – 222
 Cravina – 649
 Cravo – 580, 670
 Cravo-amarelo – 284, 580
 Cravo-do-maranhão – 284
 Criúva – 218
 Cuia-de-macaco – 257
 Cumarú – 253, 299
 Cumarú-amarelo – 24
 Cumarú-da-folha-grande – 299
 Cumarú-das-caatingas – 849
 Cumarú-de-cheiro – 848, 849
 Cumarú-rana – 55
 Cumarú-roxo – 299
 Cumaruzinho – 254
 Cumatê – 741
 Cumbari – 299
 Cumichá – 66, 67, 78, 101, 508, 670, 803
 Cumichá-pimenta – 67
 Cunã-açu – 249
 Cupia – 140
 Cupiúba – 128, 334, 375, 376, 465, 680, 829
 Cupiúba-branca – 829, 882
 Cupiúba-vermelha – 465, 829

Cupu - 838
 Cupuaçu - 838
 Curi - 60
 Curupaí - 631
 Cururu - 280
 Cutia - 763
 Cutiúba - 49, 111, 649, 744
 Cutiubeira - 295
 Cutucaém - 734
 Darura - 806
 Dendezeiro - 309
 Dima-verdadeira - 891
 Dima-vermelha - 891
 Durinho - 280
 Ébano - 292
 Elemi - 677
 Elemieira - 677
 Embaúba - 181, 182, 183, 184
 Embaúba-branca - 184
 Embaúba-da-mata - 184, 431, 432
 Embaúba-de-capoeira - 184
 Embira-de-jacuibá - 450
 Embira-preta - 47, 900
 Embira-vermelha - 900
 Embiratã - 47, 450, 451, 670, 821, 829
 Embiratanha - 107
 Embiriba - 112, 334, 345, 491, 580, 649, 829
 Embiriba-açu - 337
 Embiriba-preta - 900
 Embirindiba - 836
 Embirindiba-ajá - 836
 Embirité - 687
 Embuia - 576
 Engasga-vaca - 670
 Envira - 861
 Envira-bobó - 727
 Envira-cheirosa - 256, 730, 791
 Envira-de-preguiça - 699
 Envira-de-veado - 764
 Envira-dura - 358
 Envira-preta - 358
 Envira-surucucu - 861
 Envireira - 897
 Enxunda - 804
 Erva-caúna - 425
 Erva-de-bugre - 171
 Erva-de-pontada - 171
 Erva-de-rato - 596
 Erva-doce-da-mata - 664
 Erva-feiticeira - 677
 Erva-mate - 420, 426
 Erva-são-joão - 506
 Espinheira-santa - 506
 Espinheiro - 522
 Espinho-de-agulha - 212
 Espinilha - 1

Espinilho — 369
 Espirradeira — 561
 Esponjeira — 3, 641
 Espora-de-galo — 201
 Estalador — 401
 Estopeira — 159
 Estopeiro — 47, 162
 Estoraque — 796, 797
 Estoraque-do-campo — 796, 797
 Estralador — 78
 Estriveira — 469, 474
 Facheiro — 247, 527
 Falsa-quina — 783
 Falso-pau-brasil — 227
 Farinha-seca — 98, 592, 600, 649
 Farinheira — 415
 Fava — 864
 Fava-de-bolacha — 864
 Fava-de-bolota — 603
 Fava-de-curtume — 604
 Fava-de-rosca — 317
 Fava-de-sucupira — 111
 Fava-de-tambiqui — 489
 Fava-tonca — 299
 Faveca-vermelha — 59
 Faveira — 289, 290, 489, 601, 626, 701, 759, 864, 865, 867
 Faveira-amarela — 867
 Faveira-bolacha — 865
 Faveira-de-empingem — 864
 Faveira-dura — 317
 Faveira-grande — 291
 Faveira-uing — 317
 Faveiro — 152, 701
 Favela — 221
 Favinha — 314, 431, 644, 794
 Feijão-cru — 646
 Ferrerinho — 142
 Ficheiro — 759
 Figueira — 356
 Figueira-mata-pau — 258
 Flexeiro — 747, 758
 Folha-de-bolo — 655
 Folha-larga — 171, 431, 441, 821
 Folha-lisa — 821
 Frei-jorge — 241, 244, 245
 Freijó — 241, 245
 Fruta-de-babado — 163
 Fruta-de-conde — 48
 Fruta-de-conde-pequena — 41
 Fruta-de-cutia — 752
 Fruta-de-macaco — 450
 Fruta-de-perdiz — 128
 Fruta-de-pombo — 23, 329
 Fruta-de-raposa — 752
 Fruta-de-sabiá — 752
 Fruta-de-urubu — 828

Fruta-preta — 172, 334, 472, 498, 670, 772, 803
 Fruto-de-caçamba — 450
 Fuguitião — 128
 Fustic — 207
 Gameleira — 53
 Gameleiro — 216, 357
 Gameleiro-branco — 357
 Gameleiro-preto — 357
 Gapo — 152
 Garajuba — 126
 Garapa — 55, 56
 Garapa-amarela — 55
 Garapa-branca — 55
 Gararoba — 67, 78, 495
 Gargaúba — 209
 Gargaúba-preta — 209
 Garrote — 836
 Gema-de-ovo — 55
 Gendiroba — 156
 Genipaparana — 146, 680
 Genipapinho — 847
 Genipapo — 364, 365, 366, 846
 Geniparana — 384
 Gerivá — 61
 Gibarão-rajado — 87
 Gibata — 87
 Gibata-preto — 87
 Gibatão — 84
 Gibatão-rajado — 87
 Gitaí-amarelo — 55, 177, 560, 580, 618
 Gitaí-dourado — 177
 Gitaí-pemba — 821
 Gitaí-preto — 177
 Gogó-de-guariba — 715
 Goiabeira — 151, 339
 Goiabeira-branca — 692
 Goiabeira-vermelha — 693
 Goiti — 247
 Goiti-cega-machado — 455
 Goiti-de-morcego — 455, 459
 Goiti-mel-de-furo — 459
 Goiticica — 455
 Gotizinho — 129
 Golandi — 140
 Gomável — 83
 Gomeira — 890
 Gonçalves-alves — 9, 82, 83, 87, 88
 Gramixinga — 98
 Gramundé — 516
 Grão-de-cavalo — 170
 Grão-de-galo — 716, 804
 Grapia — 55
 Grapiá — 55
 Grapiapunha — 55, 57
 Graúna — 509
 Grumixameira — 789

Grumuxá – 670
 Guabiju – 112, 146, 172, 606, 670, 696, 714
 Guabiraba – 345, 536
 Guabiroba – 149, 150, 151
 Guaçatunga – 171, 172
 Guaiabira – 605
 Guajataia – 713
 Guaiçara – 805
 Guaiubim – 171
 Guajibira – 605
 Guajuru – 618, 734, 829
 Guajuvira – 605
 Guamirim – 512
 Guamixinga – 360
 Guanambi – 140
 Guanambi-carvalho – 140
 Guanambi-cedro – 140
 Guanambi-de-leite – 140
 Guanambi-landium – 140
 Guanambi-vermelho – 140
 Guanandi – 140, 809
 Guanandi-carvalho – 140
 Guanandi-cedro – 140
 Guanandi-piolho – 140
 Guanandi-rosa – 140
 Guananim-vermelho – 809
 Guanantium – 140
 Guapeba – 211, 670, 772
 Guapeva – 670
 Guaporanga – 502
 Guapuruvu – 759
 Guarabu – 373, 610
 Guarabu-amarelo – 373
 Guarabu-branco – 83
 Guarabu-marcineiro – 87
 Guarabu-rajado – 83, 87
 Guarafba – 812
 Guaraitá – 210
 Guarajuba – 834
 Guarandi-carvalho – 140
 Guarantã – 339
 Guarapari – 894
 Guarapiraca – 631
 Guarapiranga – 502
 Guarapoca – 359, 713
 Guaraporanga – 502
 Guarapuvira – 605
 Guarapuvu – 759
 Guararoba – 204
 Guarataia – 339
 Guarataipoca – 713
 Guaraúna – 749
 Guaraúva – 180
 Guaré – 380
 Guaribu-preto – 87
 Guaricana – 367, 368

Guaricica – 466
 Guariúba – 216
 Guariúba-amarela – 216
 Guaruaia – 174, 633
 Guataia – 98
 Guatambu – 71, 74, 76, 77, 78, 98, 855
 Guatambu-amarelo – 71, 76
 Guatambu-branco – 71
 Guatambu-grande – 76
 Guatambu-legítimo – 71
 Guatambu-preto – 82
 Guatambu-rosa – 71, 74
 Guatambu-vermelho – 74
 Guaxica – 731
 Guaxumbo – 227
 Gulande – 140
 Gulandi – 140
 Gulandium – 140
 Gurabu – 610
 Hortência – 143
 Iandiroba – 156
 Iandirova – 156
 Ibacopari – 654
 Ibacori – 654
 Ibiracica – 677
 Ibirapitanga – 135
 Ibirauína – 749
 Ibirauva – 509
 Ibiúva – 411
 Içara – 351
 Icariba – 677
 Imbabaúba-da-mata – 183
 Imbaúba – 183, 668
 Imbaúba-da-mata – 183
 Imbaúba-roxa – 183
 Imbaúba-verde – 183
 Imbaubão – 183
 Imbira – 898
 Imbiúva – 415
 Imbu-d'anta – 14
 Imbuia – 576
 Imbuia-amarela – 576
 Imbuia-brasina – 576
 Imbuia-clara – 576
 Imbuia-parda – 576
 Imbuia-preta – 576
 Imbuia-rajada – 576
 Imbuia-zebrina – 576
 Imburana – 849
 Imburana-de-cheiro – 848
 Inaíba – 336
 Incenso – 677
 Indaiuçú – 444
 Ingá – 124, 171, 195, 429, 431, 432, 508, 873
 Ingá-açu – 431, 760
 Ingá-branco – 431, 432

Ingá-cabeludo — 431, 432
 Ingá-caixão — 431, 432, 649
 Ingá-cavalo — 760
 Ingá-cipó — 431, 760
 Ingá-da-mata — 431, 760
 Ingá-de-alagadiço — 432, 649
 Ingá-de-macaco — 431
 Ingá-de-porco — 431, 760
 Ingá-de-suia — 431, 670, 873, 904
 Ingá-favo — 644
 Ingá-mole — 432
 Ingá-porco — 760
 Ingá-roxo — 431
 Ingá-xixiba — 432, 649
 Ingaí — 280, 431, 649
 Ingarana-da-terra-firme — 645
 Ingaxixi — 35, 430
 Ingazeira — 431, 432, 760
 Inglês — 140
 Inhaíba — 336
 Inhaíba-de-rego — 336
 Inharé — 97, 116, 387, 670
 Ipê — 598, 818, 822
 Ipê-amarelo — 820, 821
 Ipê-açu — 833
 Ipê-cabeludo — 901
 Ipê-do-morro — 814
 Ipê-ôvo-de-macuco — 820, 822
 Ipê-peroba — 598
 Ipê-preto — 816, 817, 901
 Ipê-rajado — 598
 Ipê-rosa — 815
 Ipê-roxo — 811, 814, 815, 816, 817
 Ipê-tarumã — 749
 Ipê-una — 816, 832
 Ipecacuanha — 205
 Ipu — 280
 Irairandira — 140
 Irari — 173
 Itapicuru — 373
 Itapinhoã — 515
 Itaúba — 380, 513, 514
 Itaúba-abacate — 513, 514
 Itaúba-amarela — 513, 514
 Itaúba-preta — 513
 Itaubarana — 380, 806
 Itó — 380
 Itu — 280
 Ivitinga — 469, 470, 474
 Jaboti — 322
 Jaboti-da-terra-firme — 322
 Jaboticaba-de-macaco — 499
 Jaboticabeira — 537, 538
 Já-caiu — 786
 Jaçapucaia — 450
 Jaçapucam — 450

Jaçapucari - 450
 Jacarandá - 275, 277, 476, 656, 801, 803, 804
 Jacarandá-amarelo - 486
 Jacarandá-bico-de-pato - 483
 Jacarandá-branco - 660
 Jacarandá-caviúna - 275, 483
 Jacarandá-da-baía - 275
 Jacarandá-da-caatinga - 483
 Jacarandá-de-espinho - 482
 Jacarandá-do-cerrado - 278, 486
 Jacarandá-do-mato - 486
 Jacarandá-do-pará - 277
 Jacarandá-escuro - 486
 Jacarandá-pardo - 486
 Jacarandá-paulista - 486
 Jacarandá-pedra - 486
 Jacarandá-preto - 275, 277
 Jacarandá-rajado - 275
 Jacarandá-rosa - 481
 Jacarandá-roxo - 275, 479, 486
 Jacarandatã - 477, 486
 Jacarandá-violeta - 272, 479
 Jacaré - 630
 Jacareúba - 139, 140, 141
 Jacareúba-guanandiladium - 140
 Jacarioba - 140
 Jacurandi - 140
 Jaguarana - 431, 508, 603, 644, 649, 829
 Jalapa - 431
 Janaúba - 398
 Jandiá - 345, 659
 Jangada - 50, 52, 53, 355
 Jangada-fêmea - 52, 53
 Jangada-macho - 52, 53
 Janitá - 216
 Japacanim - 602
 Japaranduba - 696
 Jaracatiá - 107
 Jarana - 404, 405
 Jassai - 411
 Jataí - 55, 411, 415
 Jataí-açu - 411
 Jataí-amarelo - 415
 Jataí-grande - 411
 Jataí-mirim - 280
 Jataí-mondé - 411, 612
 Jataí-peba - 411, 415
 Jataí-uba - 411
 Jataí-uva - 411
 Jataí-vermelho - 415
 Jataíba - 411, 415
 Jataizinho - 411
 Jataúba - 411, 540, 541
 Jateí - 411
 Jatel - 411
 Jatioba - 411

Jatobá — 33, 55, 111, 223, 267, 411, 413, 414, 415, 459
 Jatobá-branco — 413
 Jatobá-capão — 414
 Jatobá-da-folha-larga — 413
 Jatobá-de-anta — 411
 Jatobá-de-casca-fina — 414
 Jatobá-de-porco — 411
 Jatobá-do-cerrado — 414
 Jatobá-do-lago — 247, 412
 Jatobá-miúdo — 415
 Jatobá-roxo — 411
 Jatobá-trapuça — 411
 Jatobá-verdadeiro — 411
 Jatobeiro — 411
 Jatuaúba — 380
 Jatuaúba-branca — 380
 Jatubá — 411
 Jatuba — 411
 Jecuibá — 450
 Jejuíra — 83, 752
 Jequitibá — 22, 158, 159, 160, 162, 450
 Jequitibá-branco — 160
 Jequitibá-rei — 159
 Jequitibá-rosa — 159
 Jequitibá-vermelho — 160
 Jetaí — 411
 Jetaí-de-pernambuco — 411
 Jetaí-peba — 411
 Jetaíba — 411
 Jetaíbo — 411
 Jetaici — 411
 Jetaiúba — 411
 Jiçara — 805
 Jitaí — 55, 280
 Jitaí-preto — 173
 Jité — 380
 Jitó — 345, 378, 380, 670
 João-mole — 639
 Jorgelim — 29, 31
 Juçara — 351
 Jucuruju — 227
 Jucutinga — 702
 Jupati — 411
 Juquetibá — 450
 Jurema — 641, 650
 Jurema-branca — 641
 Jutaí — 55, 280, 411
 Jutaí-açu — 411
 Jutaí-branco — 411
 Jutaí-café — 411
 Jutaí-catinga — 411
 Jutaí-da-várzea — 411
 Jutaí-do-campo — 411
 Jutaí-do-igapó — 411
 Jutaí-grande — 411
 Jutaí-mirim — 411

Jutai-peba - 280, 411
 Jutai-poca - 280
 Jutai-pororoca - 280, 411
 Jutai-rana - 280
 Jutai-roxo - 411
 Juvevê - 895
 Lacre - 882, 883
 Lacreiro - 708
 Landi - 140
 Landim - 140
 Landinho - 140
 Landirana - 654
 Landium - 140
 Landium-do-brejo - 140
 Landium-jacareiba - 140
 Lantim - 140
 Laranja-do-mato - 243
 Laranjinha - 406
 Leiteiro - 78, 408, 498, 670, 680, 746, 772, 842
 Leiteiro-branco - 670
 Leiteiro-preto - 345, 499, 508, 670
 Leiteiro-vermelho - 211, 670
 Lentisco - 752
 Lenturana - 394
 Licuri - 808
 Limão-rana - 207, 352
 Limão-rana-amarelo - 207
 Limãozinho - 355
 Língua-de-tiu - 171
 Lixa - 269
 Lixeira - 269
 Lorê - 513
 Louro - 55, 242, 245, 247, 261, 313, 408, 508, 580, 583, 680, 837
 Louro-amarelo - 245, 263, 285, 286, 560, 574, 580
 Louro-amarelo-de-cheiro - 564
 Louro-amargoso - 556
 Louro-aritu - 7
 Louro-babão - 580
 Louro-batata - 245
 Louro-branco - 565, 571, 580
 Louro-camaçari - 670, 858
 Louro-canela - 560
 Louro-cascudo - 334
 Louro-cedro - 580
 Louro-cheiroso - 124, 386, 560, 580, 644, 680, 829
 Louro-couro-de-sapo - 580
 Louro-da-folha-larga - 580
 Louro-da-serra - 245
 Louro-do-sul - 245
 Louro-ferro - 580
 Louro-guajuru - 618
 Louro-inamui - 569
 Louro-inhamui - 569
 Louro-itaúba - 513
 Louro-malhado - 128, 580
 Louro-mamorim - 569

Louro-manteiga — 580
 Louro-mascuaba — 580
 Louro-mutamba — 245
 Louro-nhamuí — 550
 Louro-pardo — 240, 245
 Louro-pau-ferro — 580
 Louro-pemba — 580
 Louro-pimenta — 408, 580
 Louro-pisco — 35, 78, 431, 508, 618, 670, 677, 680, 778, 842
 Louro-pitisco — 517, 664
 Louro-preto — 313, 556, 557, 580, 680
 Louro-sabiá — 580
 Louro-sambaquim — 287
 Louro-tachi — 825
 Louro-verdadeiro — 305, 580
 Louro-vermelho — 579
 Macacaúba — 658, 659
 Macacaúba-preta — 658
 Macacaúba-vermelha — 658
 Macanaíba — 110
 Macaqueiro — 380
 Maçaranduba — 33, 495, 496, 498, 499, 500, 501, 525, 620, 621
 Maçaranduba-amarela — 523
 Maçaranduba-branca — 468, 498, 499, 670, 821
 Maçaranduba-da-marinha — 495
 Maçaranduba-de-igreja — 107, 499, 670
 Maçaranduba-de-leite — 495
 Maçaranduba-preta — 498
 Maçaranduba-roxa — 495
 Maçaranduba-verdadeira — 496, 499
 Maçaranduba-vermelha — 495, 498, 524
 Maçarandubarana — 674
 Macaxeira — 267, 594
 Macuco — 400
 Macucu — 18
 Macucu-de-catinga — 18
 Macucu-de-paca — 18
 Macucurana — 400
 Macuqueiro — 380
 Madeira-de-rei — 313
 Madeira-nova — 702
 Magonçalo — 394
 Maíate — 770
 Malacaxeta — 813
 Malhado — 247, 508, 618
 Malva — 445
 Mama-cadela — 117
 Mamajuda — 781, 782, 875
 Mamajuda-branca — 782
 Mamajuda-preta — 782
 Mamajuda-vermelha — 781
 Mamaluco — 345
 Mameluco — 345
 Mamica-de-cadela — 354
 Mamica-de-porca — 354
 Mamoeiro-do-mato — 442

Mamoninha – 355, 670
 Mamorana – 595
 Manaira – 152
 Mandioca – 287
 Mandioqueira – 287, 704
 Mandioqueira-áspera – 708
 Mandioqueira-escamosa – 707
 Mandioqueira-lisa – 704
 Mandioqueiro – 748
 Mandioquinha – 901
 Mandiroba – 156
 Mangaba – 829
 Mangabeira – 385
 Mangalô – 655
 Mangarana – 774
 Mangue – 78, 140, 154, 247, 337, 534, 594, 798, 823, 830, 850, 851
 Mangue-branco – 88, 448, 607, 680, 850
 Mangue-de-praia – 664
 Mangue-preto – 850
 Mangue-vermelho – 670, 724, 850
 Maniçoba – 492
 Manuel-gonçalves – 873
 Mantimento-de-pobre – 128
 Maparaju – 497
 Maparajuba – 493, 501
 Mapatjirana – 183
 Maracatiara – 85
 Marachimbé – 312
 Marfim – 14, 15, 98, 649, 901
 Marfim-amarelinho – 78
 Marfim-vegetal – 624
 Marfim-verdadeiro – 78
 Margonçalo – 394
 Maria-preta – 102, 245, 281, 509
 Maria-preta-da-mata – 749
 Maria-preta-do-campo – 749
 Marinheiro – 380, 889
 Marinheiro-do-mato – 380
 Marmelada – 24
 Marmelada-vermelha – 171
 Marmeleiro – 265
 Marmeleiro-bravo – 685
 Marmelinho-do-campo – 171
 Marmelo – 670
 Marmelo-do-mato – 681, 682, 683
 Marmita-de-macaco – 450
 Marolino – 40
 Martelo – 607
 Marupá – 213, 531, 533, 778
 Marupá-falso – 439
 Marupaúba – 778
 Marupaúba-falso – 287
 Mata-baratas – 29
 Mata-cachorro – 228, 739, 740, 779
 Mata-calado – 739, 740
 Matamatá – 332, 335

Matamatá-brando – 335
 Matambu – 76
 Matataúba – 287
 Mate – 420, 426
 Mel-de-furo – 247, 455, 743
 Memby – 173
 Mendobim-de-veado – 646
 Merindiba – 836
 Mirabau-várzea – 704
 Mirindiba – 147, 836
 Mirinduba – 836
 Miringuiba – 125, 836
 Miringuiba-mirinduba – 836
 Miroé – 540, 541
 Miroró – 101
 Mirueira – 87
 Mium – 47, 305, 900
 Mium-branco – 45, 305
 Mium-preto – 47, 305
 Mogno – 807
 Mogno-brasileiro – 807
 Moína – 866
 Moleque-duro – 508, 618, 777
 Monguba – 687
 Monjolo-liso – 633
 Moratana – 207
 Mororó – 101
 Morototó – 287
 Morrão-vermelho – 335
 Mucamba – 713
 Mucitaíba – 902, 903
 Mucugê – 251
 Mucuri – 129
 Mucututu – 287
 Muiracatiara – 85
 Muiragonçalo – 394
 Muirajuba – 55, 56, 501
 Muirapinima – 118
 Muirapinima-preta – 904
 Muirapiranga – 115, 119, 121, 321
 Muirapixuna – 176
 Muiraquatiara – 85
 Muiraruíra – 55
 Muiratauí – 55, 56, 352
 Muiratinga – 586
 Muiraximbé – 312
 Mulateiro-da-terra-firme – 613
 Mulatinho – 782
 Mulugu – 326
 Mulungu – 325
 Munguba – 106, 107, 687, 829, 842
 Murarena – 417
 Murici – 128, 129, 247, 345, 680, 829
 Murici-acari – 128
 Murici-boi – 129
 Murici-branco – 128

Murici-da-folha-miúda – 128
 Murici-das-capoeiras – 128
 Murici-pinima – 128
 Murici-vermelho – 129
 Muriti – 128
 Muriúba – 128
 Murixi – 128
 Murta – 78, 343, 345, 408, 508, 700
 Murta-branca – 305, 345, 508, 842
 Murta-cabocla – 345
 Murta-preta – 345, 670, 772, 842
 Murta-roxa – 345
 Murumuru – 80
 Mururé – 670
 Mururé-branco – 88, 113
 Mururé-preto – 390
 Mururé-rana – 122
 Mutamba – 245, 381
 Mutamba-preta – 474
 Mutumba – 473
 Mutuqueira – 324
 Mututi – 697, 698
 Nhamuí – 550
 Nogueira – 19, 20
 Nogueira-de-iguape – 20
 Nogueira-do-mato – 380
 Noz-moscada-do-brasil – 262
 Oacaju – 26
 Oauaul – 809
 Oiteira – 651, 652
 Oiti – 472
 Oiti-de-morcego – 247, 455, 741
 Oiti-verdadeiro – 247, 456
 Oiticica – 216, 247, 458, 459
 Oiticica-amarela – 216
 Oiticica-da-mata – 216
 Oiticica-de-morcego – 741
 Oitizinho – 129, 247, 401, 409, 455, 459, 603, 743
 Olandi – 140
 Olandi-carvalho – 140
 Olandim – 140
 Óleo – 236
 Óleo-amarelo – 204
 Óleo-bálsamo – 544
 Óleo-branco – 702
 Óleo-de-caboreíba – 540, 541
 Óleo-de-copaíba – 231
 Óleo-de-jataí – 411
 Óleo-jutaí – 411
 Óleo-pardo – 540, 541
 Óleo-vermelho – 543, 544, 545
 Olho-de-cabra – 587
 Oliveira – 585
 Oliveira-do-mato – 637
 Opa – 820, 822
 Orabutã – 135

Orelha-de-burro – 219, 734
 Orelha-de-gato – 317
 Orelha-de-negro – 314, 316, 317
 Orelha-de-onça – 903
 Oriximiná – 841
 Pacori – 654
 Pacoru – 654
 Pacuri – 654
 Pacuriúva – 654
 Paineira – 198, 208
 Palheira – 368
 Palmeira-caiaué – 310
 Palmeira-comum – 61
 Palmeira-de-cera – 238
 Palmito – 351
 Pana – 619
 Pau-duro – 339
 Paparaúba-amarela – 775, 776
 Paparaúba-branca – 778
 Papariúba – 778
 Papaúba-amarela – 680
 Papo-de-anjo – 163
 Paracarana – 111
 Paracaxi – 489
 Paracuuba – 449, 530
 Paracuuba-branca – 530
 Paracuuba-cheirosa-da-várzea – 449
 Paracuuba-vermelha – 530
 Paraiiba – 778, 779
 Paraju – 497
 Parajuba – 280
 Parapará – 287, 439
 Paraparaiba – 778
 Paratudo – 406
 Para-tudo-do-campo – 812
 Paricá – 602, 632
 Paricá-grande-da-terra-firme – 601
 Paricá-rana – 111, 650
 Paricana – 317
 Paricarana – 111, 295, 317
 Paricazinho – 651, 652
 Parinari – 600
 Parova-preta – 749
 Paruru – 741
 Pata-de-lebre – 562
 Patuquiry – 734
 Pau-amarelo – 207, 352, 651, 652, 713
 Pau-andrade – 620, 622
 Pau-angelim – 28
 Pau-bala – 380
 Pau-birro – 334
 Pau-branco – 93
 Pau-branco-louro – 92
 Pau-branco-preto – 93
 Pau-brasil – 135
 Pau-caixeta – 813

Pau-candeia — 652
 Pau-carga — 158, 160, 450
 Pau-carniça — 670
 Pau-cetim — 55, 352
 Pau-cinza — 871
 Pau-concha — 734
 Pau-cuia — 124
 Pau-d'alho — 260
 Pau-d'alho-do-campo — 14
 Pau-d'arco — 818, 821, 822
 Pau-d'arco-amarelo — 820, 821, 822
 Pau-d'arco-branco — 450, 670, 821
 Pau-d'arco-roxo — 33, 413, 473, 811, 816, 817, 821
 Pau-d'arco-taipoca — 821
 Pau-de-arapuça — 267, 859
 Pau-de-arara — 507
 Pau-de-azeite — 140
 Pau-de-balsa — 562, 563
 Pau-de-bálsamo — 544
 Pau-de-breu — 677
 Pau-de-bugre — 460
 Pau-de-caixão — 450
 Pau-de-candeia — 651, 652
 Pau-de-colher — 507
 Pau-de-colher-de-vaqueiro — 745
 Pau-de-concha — 731
 Pau-de-cuia — 782
 Pau-de-curtir — 128
 Pau-de-estribo — 274
 Pau-de-formiga — 433, 762
 Pau-de-gaiola — 13
 Pau-de-gasolina — 569
 Pau-de-goma — 890
 Pau-de-jangada — 562, 563
 Pau-de-lacre — 882
 Pau-de-lagarto — 171
 Pau-de-macaco — 100
 Pau-de-malho — 485
 Pau-de-mosquito — 677
 Pau-de-padre — 338
 Pau-de-rego — 267, 535, 703, 782
 Pau-de-remo — 312, 670
 Pau-de-sabão — 380
 Pau-de-sangue — 543
 Pau-de-santa-maria — 140
 Pau-de-santo — 132
 Pau-de-semana — 128
 Pau-de-tamanco — 813, 819
 Pau-de-veado — 171
 Pau-de-viola — 213, 813
 Pau-doce — 672
 Pau-duro — 339
 Pau-facho — 455
 Pau-falha — 66, 78, 663
 Pau-fava — 702
 Pau-ferro — 54, 173, 280, 483, 613

Pau-forquilha – 362
 Pau-gonçalo – 83
 Pau-jacaré – 628, 705
 Pau-liso – 98
 Pau-manteiga – 280, 639
 Pau-marfim – 14, 98, 99, 147, 363
 Pau-marfim-do-campo – 14
 Pau-marfim-do-cerrado – 14
 Pau-marfim-verdadeiro – 14
 Pau-mulato – 55, 147
 Pau-mulato-da-terra-firme – 144, 613
 Pau-mulato-da-várzea – 145, 147
 Pau-novo – 770
 Pau-para-tudo – 363, 773, 821
 Pau-pereira – 78, 361, 362, 470, 655
 Pau-pernambuco – 135
 Pau-piranha – 639, 873
 Pau-podre – 646
 Pau-pombo – 680, 829, 830, 842
 Pau-ponga – 431, 433, 649, 762, 826
 Pau-preto – 749
 Pau-quina-vermelha – 394
 Pau-rainha – 121, 202
 Pau-ripa – 588
 Pau-rosa – 39
 Pau-roxo – 609, 610, 611, 612, 615
 Pau-roxo-da-catinga – 609, 613
 Pau-roxo-da-terra-firme – 612
 Pau-sândalo – 140, 380
 Pau-sangue – 700
 Pau-santo – 33, 455, 508, 640, 804, 904, 905
 Pau-sassafrás – 573
 Pau-terra – 108, 706
 Pau-terra-pequeno – 709
 Pau-vermelho – 544, 545
 Pau-viola – 795
 Pau-violeta – 272, 615
 Paururu – 78, 741
 Paururu-branco – 743
 Paxinho – 900
 Pedanta – 791
 Pé-de-boi – 517
 Pé-de-galinha – 428
 Pé-de-perdiz – 779
 Penaíba – 156
 Penanguba – 483
 Pente-de-macaco – 51, 53, 107
 Pequi – 164, 165, 166, 170
 Pequi-de-zoada – 394
 Pequi-do-cerrado – 165
 Pequi-merindiba – 164
 Pequiá – 76, 170
 Pequiá-bravo – 170
 Pequiá-cetim – 352
 Pequiá-da-restinga – 75
 Pequiá-etê – 170

Pequiá-marfim – 63
 Pequiá-rana – 169
 Pequizeiro – 165, 166
 Pereira – 362, 655
 Pereira-da-mata – 470
 Pereira-vermelha – 655
 Pereiro – 74, 451, 472, 655, 829
 Pereiro-amarelo – 68
 Pereiro-bravo – 68
 Pereiro-vermelho – 74
 Peroba – 64, 71, 73, 74, 78, 598, 599, 821
 Peroba-açu – 73
 Peroba-amarela – 72, 76, 598, 821
 Peroba-amargosa – 73
 Peroba-branca – 599, 821
 Peroba-café – 76
 Peroba-canela – 821
 Peroba-da-bahia – 806
 Peroba-d'água – 768
 Peroba-de-campos – 598
 Peroba-paulista – 74
 Peroba-rajada – 73
 Peroba-rosa – 73, 74
 Peroba-tigrina – 598
 Peroba-tremida – 598
 Peroba-vermelha – 75
 Perobinha-do-campo – 806
 Perovaúna – 749
 Pêssego-bravo – 685
 Pessegueiro – 684
 Pessegueiro-bravo – 681, 682, 683
 Pessegueiro-do-mato – 681, 682, 683
 Petiá – 170
 Petimba – 171
 Piaca – 279
 Piaçava – 91, 454
 Pimenta-de-macaco – 897
 Pimenta-dos-negros – 897
 Pimenteira – 214
 Pimenteira-do-peru – 752
 Pimentinha – 703
 Pindabuna – 304
 Pincel-de-macaco – 303
 Pindaíba – 304, 305, 897, 898, 899
 Pindaíba-branca – 78
 Pindaíba-folha-miúda – 900
 Pindaíba-preta – 305
 Pindaíba-vermelha – 900
 Pinga-orvalho – 396
 Pinha – 40
 Pinhão-do-mato – 29
 Pinheirinho – 662
 Pinheiro – 60
 Pinheiro-bravo – 662
 Pinheiro-do-brasil – 60
 Pinheiro-do-brejo – 827

Pinheiro-do-paraná - 60
 Pinho - 60
 Pinho-brabo - 873
 Pinho-brasileiro - 60
 Pinho-bravo - 662
 Pinho-do-paraná - 60
 Pinho-falha - 873
 Pininga - 451
 Pintadinho - 649
 Pioya - 171
 Pipiranga - 782
 Piqui - 170
 Piquiá - 170, 488
 Piquiá-marfim - 70
 Piquiá-marfim-do-roxo - 70
 Piquiarana - 167, 170
 Piquiarana-da-terra - 167
 Piquiarana-vermelha - 167
 Piquirana - 168, 345
 Piracuí - 436
 Piranaúba - 638
 Piranha - 639
 Piranheira - 638, 806
 Pitanga - 344
 Pitanga-de-cachorro - 148
 Pitiá - 78
 Pitiá-araroba - 67
 Pitiá-de-lagoa - 809
 Pitiá-de-lagos - 809
 Pitiá-gararoba - 78
 Pitiá-mandioca - 67, 78
 Pitiá-marfim - 78
 Pitomba - 774
 Pitomba-da-mata - 534
 Pitomba-de-guariba - 475, 532
 Pitombeira - 345, 774
 Pitombinha - 686
 Piúna - 831
 Piúva - 104
 Piúva-amareia - 820, 822
 Piúva-roxa - 817
 Pixixica - 287
 Pixuneirana - 173
 Pixurim - 555
 Poaia - 205
 Pombeira - 213
 Pororoca - 220, 280, 734
 Pracaxi - 617
 Praíba - 778, 779
 Preciosa - 38, 577
 Prijuí - 875
 Prijuí-preto - 518
 Puá - 544
 Pupunharana - 303
 Purga-de-santo-inácio - 156
 Putumuju - 203

Puxuri - 457
 Puxurim - 457
 Quaresmeira - 844
 Quari-quari - 526
 Quariúba - 216
 Quaruba - 322, 886, 887, 891
 Quaruba-branca - 886, 891
 Quaruba-de-flores-roxas - 322
 Quaruba-verdadeira - 887
 Quaruba-vermelha - 322, 891
 Quarubarana - 322
 Quassia - 710
 Quebra-foice - 138
 Quebra-machado - 280, 411, 863
 Quebracho - 749
 Quebracho-colorado - 750
 Quebracho-vermelho - 750
 Queixada - 805
 Quetelê - 450
 Quina-de-veado - 14
 Quina-rana - 362
 Quinaquina - 259, 545, 820
 Quineira-branca - 792
 Quiri - 124
 Quiri-de-leite - 124
 Quiri-preto - 124
 Quiri-verdadeiro - 124
 Quiriba - 337
 Rabo-de-bugiu - 464
 Rabo-de-guariba - 503
 Rabo-de-macaco - 463
 Rabo-de-mico - 462
 Rabugeira - 657
 Rabugem - 657
 Rajadeira - 31
 Rameia-de-velho - 782
 Raparigueira - 489
 Rapé-de-índio - 586
 Rapé-dos-índios - 586
 Rins-de-boi - 58, 734
 Riqueza - 374
 Ritangueira - 892
 Rogé - 345
 Rompe-letras - 374
 Roxinho - 610
 Ruchuchu - 450
 Runa - 207
 Sabiá - 521
 Sabiá-da-mata - 227
 Saboarana - 277, 802
 Saboeiro - 316
 Sacambu - 656
 Sacupembinha - 253, 280
 Sacupira - 111
 Sagaraci - 227
 Sagaraji - 227

Saguari — 227
 Saguessugueira — 85
 Salgueiro — 12
 Salgueiro-do-mato — 102
 Saman — 646
 Sambacuí — 287
 Sambacuí-branco — 288
 Sambaíba — 269
 Sambaquim — 287, 288
 Sambaquim-branco — 288
 Sangra-d'água — 265
 Sangue-de-drago — 264
 Sangue-de-gato — 544, 545
 Santa-maria — 265
 São-gançalinho — 171
 Sapopema — 780
 Sapoti — 6
 Sapucaí — 450
 Sapucaia — 22, 253, 450, 451, 452, 453, 686
 Sapucaia-açu — 450
 Sapucaia-de-apito — 160
 Sapucaia-de-castanha — 450
 Sapucaia-de-pilão — 450, 451
 Sapucaia-grande — 450
 Sapucaia-verdadeira — 450
 Sapucainha — 163
 Sapucarana — 22, 396, 450, 451, 473, 829, 873
 Sapucarana-verdadeira — 451, 670
 Sapupira — 111, 294, 295
 Sapupira-da-mata — 109, 295
 Sapupira-da-várzea — 294, 295
 Sapupira-do-campo — 111, 295
 Sapupira-do-igapó — 294
 Sapupira-preta — 294, 295
 Sapuva — 484
 Saritan — 171
 Sassafrás — 569, 573, 577
 Sassafrás-amarelo — 577
 Sassafrás-preto — 577
 Sassafrás-rajado — 577
 Sebapira — 111
 Sebastião-de-arruda — 273
 Sebepera — 109
 Sebipira — 111
 Sebipira-sicupira — 295
 Sebutira — 111
 Seda — 143
 Sepipira — 111
 Sepipiraúna — 111
 Sepopira — 111
 Sepupira-acari — 111
 Seringa-amarela — 392
 Seringa-da-terra-firme — 392
 Seringa-itaúba — 392
 Seringa-mangue — 392
 Seringa-maúba — 392

Seringa-rana – 392
 Seringa-vermelha – 392
 Seringueira – 391
 Serrote – 247, 604
 Sete-cascas – 83
 Sete-cascos – 618
 Sete-sangrias – 810
 Sibipiruna – 136
 Siriúba – 94
 Sobraji – 227, 330
 Sobrasil – 227, 717
 Sobro – 73
 Socurujuva – 227
 Sombra-de-touro – 5
 Soroca – 784
 Sorva – 248, 249
 Sorva-grande – 249
 Sorceira – 252
 Suca – 483
 Sucuba – 395
 Sucupira – 108, 111, 253, 293, 294, 297
 Sucupira-acari – 111
 Sucupira-açu – 111, 295, 296
 Sucupira-amarela – 111, 295, 317, 805
 Sucupira-baraquim – 589, 590
 Sucupira-branca – 701
 Sucupira-da-terra-firme – 295
 Sucupira-do-cerrado – 111
 Sucupira-lisa – 701
 Sucupira-mirim – 110, 111, 253
 Sucupira-miúda – 111
 Sucupira-mulungu – 590
 Sucupira-parda – 111
 Sucupira-preta – 111, 294, 295
 Sucupira-rosa – 590
 Sucupira-verdadeira – 110, 111, 472
 Sucupira-vermelha – 32
 Sucupirana – 805
 Sucurujuba – 227
 Suinã – 325
 Sumaúma – 199, 200
 Sumaúma-da-várzea – 199
 Supupira – 109
 Surucucumirá – 785
 Taanuari – 161
 Tabebuia – 813, 819
 Tabebuia-do-brejo – 813
 Tacaá-macá – 677
 Tachi – 825
 Tachi-branco – 825
 Tachi-preto – 825
 Tachi-preto-da-mata – 824
 Taíci – 411
 Taiúva – 207
 Tajava – 207
 Tajuba – 207

Tajuva - 207
 Tamanqueira - 778, 813
 Tamaquaré - 155
 Tamaquarembo - 155
 Tambaf-pé - 794
 Tambetaru - 340
 Tambor - 314, 649, 760, 794, 795
 Tamboril - 314, 319
 Tambu - 71, 76, 78
 Tamburi - 315, 649
 Tanari - 161
 Tapaiuna - 282
 Taperebá - 786
 Taperiba - 787
 Tapiaguaçu - 17
 Tapicuru - 373
 Tapinhoã - 515
 Tapirira-coiana - 174
 Taquipé - 24, 247, 534
 Tarumã - 214, 884
 Tarumã-preto - 884
 Tataiba - 207
 Tatajiba - 207
 Tatajuba - 96, 207, 487, 670
 Tatajuba-amarela - 216
 Tatajuba-de-espinho - 207
 Tatapiririca - 829
 Tatayba - 207
 Tatayuba - 207
 Tatayuva - 207
 Tatu - 14
 Tauari - 161, 247, 333
 Tauari-branco - 250, 333
 Tauari-preto - 333
 Taúba - 207
 Taúva - 380
 Taxaúva - 207
 Tef - 677
 Timbaíba - 314
 Timbaúba - 317, 318
 Timbaúva - 318
 Timbé - 90
 Timbó-da-mata - 317
 Timbó-rana - 317
 Timboíba - 317
 Timborana - 635
 Timbouva - 314
 Tingui - 490
 Tipuana - 845
 Trapuca - 411
 Trepadeira - 357
 Tucagê - 731
 Tucaneiro - 214
 Tucum - 81, 95
 Tungue - 19
 Tuturubá - 670

Uacá - 210
 Uacu - 528
 Uaiandi - 140
 Uanandi - 809
 Uanani - 809
 Uaxuá - 741
 Ubá-açu - 655
 Ubaia - 345
 Ubatã - 83
 Ubirarana - 749
 Ucubarana - 435
 Ucuquirana - 306
 Ucuquirana-branca - 308
 Ucuquirana-brava - 308
 Ucuuba - 879, 880, 881
 Ucuuba-branca - 213, 880, 881
 Ucuuba-da-mata - 881
 Ucuuba-vermelha - 878
 Ucuubarana - 434, 591
 Umbu - 615
 Umburana - 849
 Umiri - 407
 Unha-de-gato - 4
 Urandi - 140
 Uricurana - 394
 Uricuri - 808
 Urindeúva - 89
 Uruburuzeiro - 645
 Urucu - 105
 Urucuba - 107, 875
 Urucurana - 266, 394
 Urucurana-de-leite - 394
 Urucurana-mirim - 394
 Urucurana-parda - 394
 Urucurana-preta - 265
 Urucurana-roxa - 394
 Uricuri - 808
 Urundeúva - 89
 Urundeva - 89
 Utu-ambe - 380
 Uvaia - 341, 688
 Uvaja - 346
 Vanandi - 809
 Vassatonga - 171
 Vassoura-preta - 636
 Velame-do-mato - 901
 Velaminho-do-mato - 901
 Veludinha - 383
 Verde-grande - 374
 Verga-de-anta - 901
 Vermelhinho - 345
 Vinhático - 651, 652
 Vinhático-amarelo - 651
 Vinhático-cabeleira - 317
 Vinhático-da-mata - 651
 Vinhático-do-campo - 651, 652

Vinhático-rajado – 651
Violeta – 272, 483, 609
Violete – 272
Viraró – 702
Visgueiro – 602, 603, 644
Visgueiro-da-terra-firme – 602
Xilopia – 900
Yandirola – 156
Yatayba – 411
Yutahi – 411

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Dr. Jorge Fontella Pereira pela orientação dada a esse trabalho e à colaboração de Cordélia Luiz Benevides de Abreu, bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGELY, J. 1957. Árvores do Paraná. Rev. Inst. Paran. Bot. 11: 1-31.
- CENTRO DE PESQUISAS FLORESTAIS DA U.S.P. EM CONVÊNIO COM O F.Z.D.F. 1972. Inventário Florestal do Distrito Federal. Secretaria de Agricultura e Produção do Governo do Distrito Federal: 204 pag.
- KLEIN, R.M. 1966. Árvores nativas indicadas para o reflorestamento no sul do Brasil. Sellowia 18: 29-39.
- LOUREIRO, A. et M.F. da SILVA. 1968. Catálogo das madeiras da Amazônia 1: 433 pag., 64 fig.
- LOUREIRO, A. et M.F. da SILVA. 1968. Catálogo das madeiras da Amazônia 2: 410 pag., 60 fig.
- MAINIERI, C. 1962. Madeiras leves da Amazônia empregadas em caixotaria. Estudo anatômico macro e microscópico. Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo, Publ. 686: 1-3, 20 fig.
- MULLER, A.C. 1973. Informe preliminar sobre o Parque Nacional do Iguaçu. Centro de Pesquisas Florestais da Faculdade de Florestas da U.F.P. Rev. Floresta 4 (2): 18-29, 3 fig.
- RIZZINI, C.T. 1971. Árvores e madeiras úteis do Brasil. Manual de Dendrologia Brasileira: 244 pág., 62 fig.
- RIZZINI, C.T. et W.B. MORS. 1976. Botânica Econômica Brasileira: 207 pág., 37 fig.

- TAVARES, S. 1967. As florestas do Nordeste 1. As florestas do Nordeste. Instituto Tecnológico do Estado de Pernambuco. Secretaria de Viação e Obras Públicas, Publ. 10: 3-11.
- TAVARES, S. et al. 1970. Inventário Florestal de Pernambuco. Bol. Recursos Naturais, SUDENE 8(1/2): 144-193.
- TAVARES, S. et al. 1971. Inventário Florestal de Alagoas. Nova contribuição para o estudo preliminar das matas remanescentes do Estado de Alagoas. Bol. Recursos Naturais, SUDENE 9(1/2): 5-122.
- TAVARES, S. et al. 1971. Inventário Florestal de Alagoas. Contribuição para a determinação do potencial madeireiro dos municípios de São Miguel dos Campos. Chão do Pilar, Colonia de Leopoldina e União dos Palmares. Bol. Recursos Naturais, SUDENE 9(1/2): 123-224.

ABSTRACT

In this work the authors present a catalogue of scientific and common names indicating its regional localization and the family of each species.

ANEXO N.º I

**PLANTA COM A LOCALIZAÇÃO DOS PROBLEMAS FÍSICOS
DO MUSEU KUHLMANN**

Jardim Botânico do Rio de Janeiro

PLANTA DO MUSEU BOTÂNICO KUHLMANN

(DECRETO Nº 49.577 DE 22 DE DEZEMBRO DE 1960)

LEVANTAMENTO E DESENHO REALIZADO EM JUNHO DE 1971

ESCALA DE 1:200 POR ALBERTO S. SCHULTZ

ÁREA TOTAL: 241,50m²

ESTUFA DE
GERMINAÇÃO
7,83m²



GOTEIRA



REDELO CAÍDO



TERMITAS



JANELA QUEBRADA



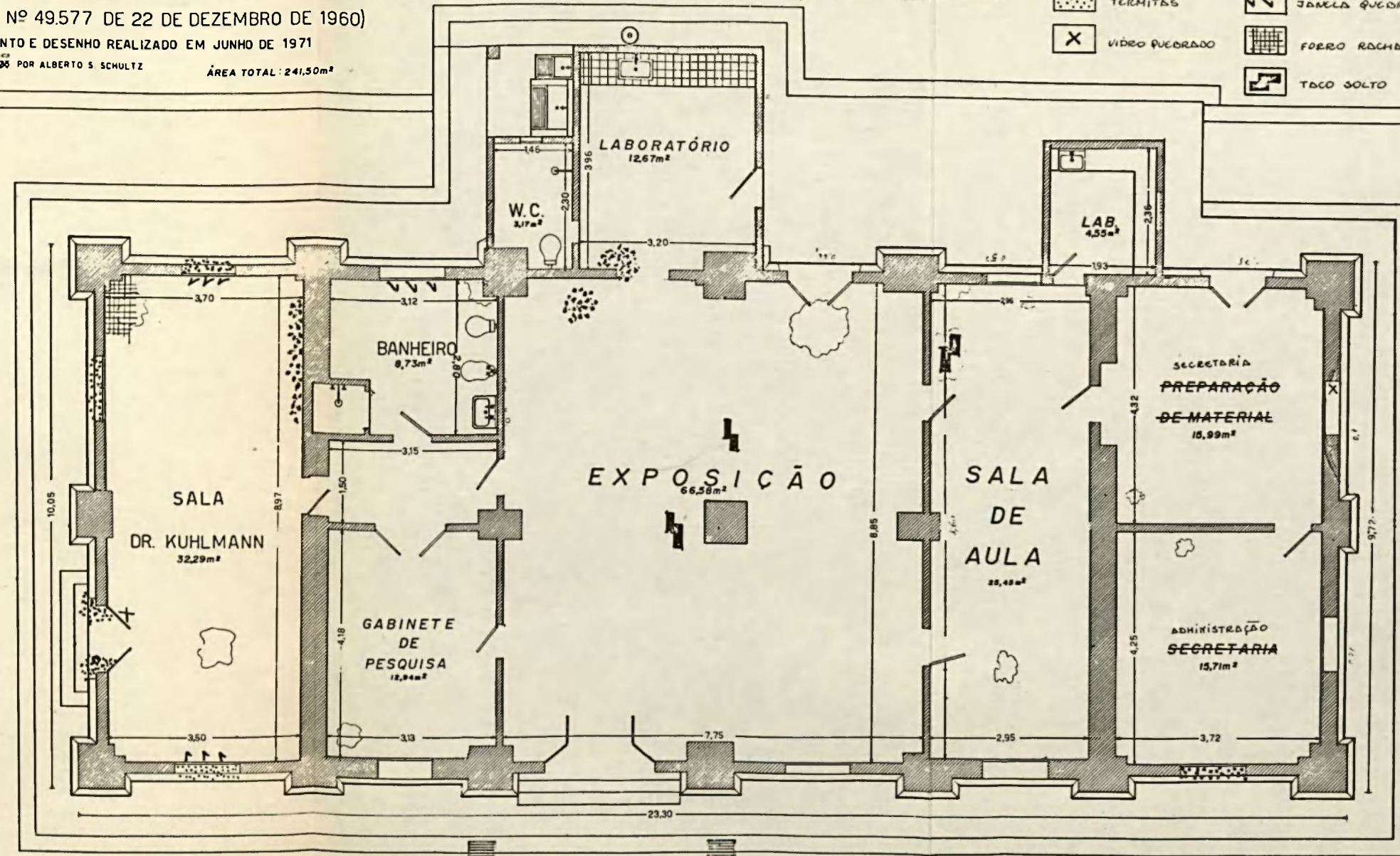
VIDRO QUEBRADO



FERRO RACHADO



TACO SOLTO



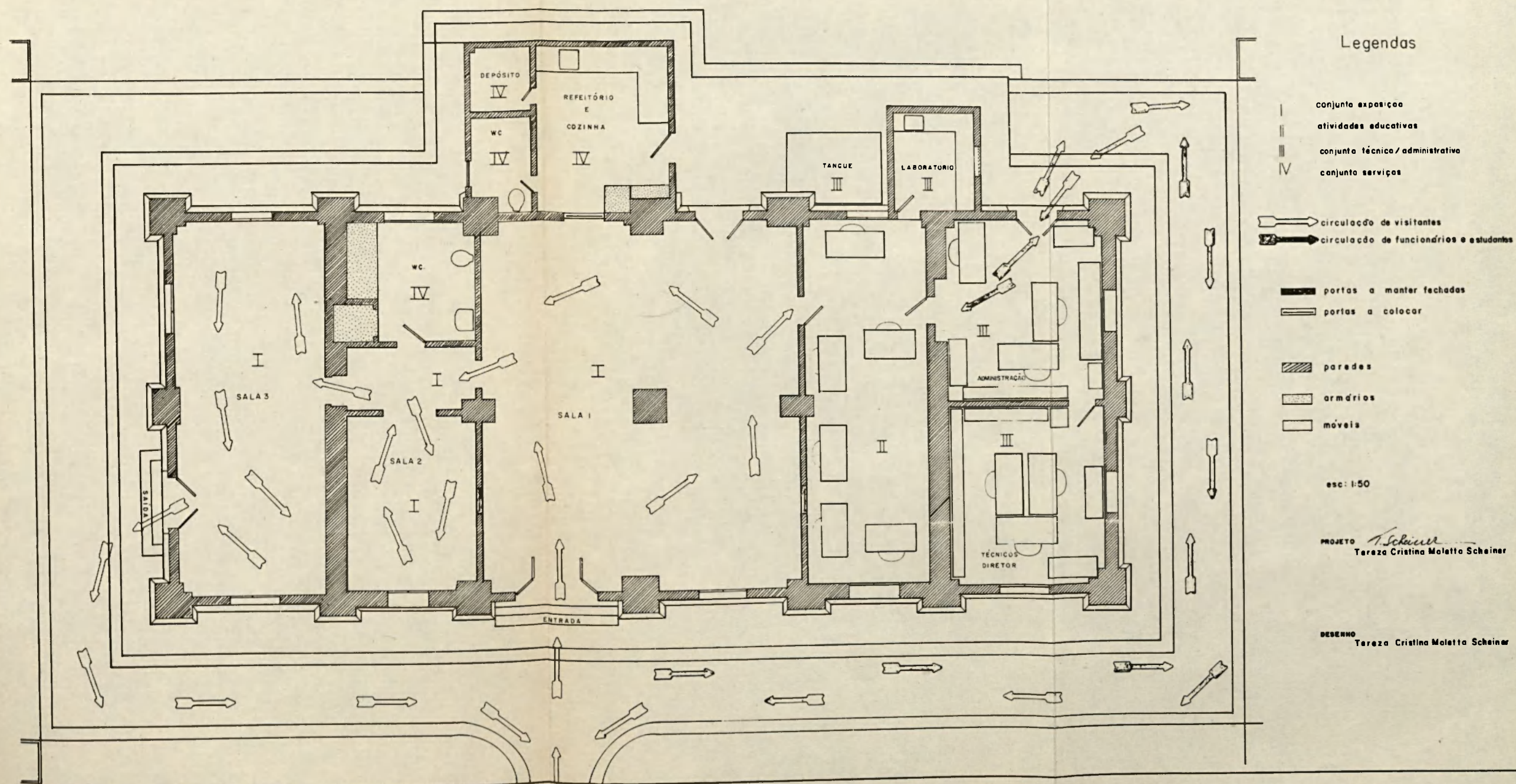
ANEXO N.º II

**PROJETO DE REAPROVEITAMENTO DO ESPAÇO ÚTIL
DO MUSEU KUHLMANN**

Jardim Botânico do Rio de Janeiro

Museu Botânico Kuhlmann

projeto de reaproveitamento da área útil do museu



Diagramação, Composição, Arte-finalização e Fotolitos de
RESER – Artes Gráficas S. A.
Rua Visconde da Gávea, 144 – tel.: 223-8506
Rio de Janeiro, RJ – BRASIL